



Eterna mente Cecilia

Um romance de época de
ELYSANNA LOUZADA





Eterna mente Cecilia

Um romance de época de
ELYSANNA LOUZADA

Eterna mente Cecilia

Um romance de época de

ELYSANNA LOUZADA

Copyright © 2017 Elysanna Louzada

Capa: Marina Avila

Revisão: Vânia Nunes

Diagramação Digital: Carla Santos

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Epílogo



Capítulo

1

*“Dalla Italia noi siamo partiti
Siamo partiti col nostro onore
Trentasei giorni di macchina e vapore,
e nella Merica noi siamo arriva”*
(Folclore Italiano, Merica-Merica)

Cecilia segurou firme a mão do seu irmão mais novo, Eustaquio, e agarrou-se à mala que guardava todas as suas memórias. Um xale que pertenceu à sua avó, uma bíblia gasta e marcada por infindáveis promessas, um retrato de seus pais desenhado no dia em que se casaram e um colar de ouro com uma medalha de São Francisco de Assis, seu principal bem, que ela escondeu dentro de um lenço de renda temendo ser roubada durante a viagem. Angelo, seu irmão mais velho, alguns passos à frente, amparava o pai, Antonio, que sofrera com os revezes da viagem de navio. A própria Cecilia havia emagrecido alguns quilos devido às náuseas que limitaram sua alimentação na primeira semana no mar. E, agora, após ter se acostumado ao

balanço ininterrupto da embarcação, sentia o chão movendo-se sob os pés provocando uma vertigem que a deixava zozna mesmo estando há algumas horas no porto de Vitória.

— Cecilia! — Angelo apontou na direção do Sr. Joaquim Prado, provavelmente imaginando que ela não havia notado o sujeito, que naquele instante, acenava com um lenço encardido sobre a cabeça sufocada pelas pessoas que exalavam os odores de uma viagem na terceira classe de um vapor proveniente da Europa. O que, certamente, não era novidade para o homem, que trazia sua oitava leva de italianos, daí a justificável presença do lenço.

— Por aqui. *Andiamo!* — Sr. Prado levou-os para uma área menos conturbada e pediu o passaporte de todos. Falava uma mistura de português e italiano que era compreendida pelos recém-chegados.

Cecilia soltou Eustaquio por um momento e enfiou a mão no bolso da saia. Entregou seu documento e o do seu irmão mais novo ao agente enquanto Angelo, seu pai e os outros italianos faziam o mesmo.

Eustaquio e outras crianças reclamaram pedindo comida.

— Quando chegarmos à hospedaria Pedra D'Água todos serão alimentados. — O Sr. Prado percebeu que falou a frase em português, por isso a repetiu em seu dialeto próprio alternando palavras das duas línguas em uma mesma sentença. Secou a testa molhada com o lenço de linho amarelado e saiu. Voltou cerca de meia hora mais tarde com os papéis de registro e os passaportes devidamente carimbados pelo governo brasileiro. Entregou-os aos italianos e pediu que os acompanhasse.

Atravessavam a área portuária, dividindo espaço com as cargas que começavam a ser desembarcadas e com os passageiros que vinham da primeira classe. Cecilia esbarrou em uma dessas pessoas saídas de alguma cabine de luxo.

— *Scusa, signore.* — Encolheu os ombros envergonhada. O homem sorriu e as rugas ao redor de seus olhos acentuaram-se de maneira afável. Cecilia considerou o rosto mais amigável que tinha visto desde o seu desembarque.

Ele abriu caminho e Cecilia avançou com Eustaquio agarrado à sua saia marcada com a sujeira do betume usado para selar as tábuas das áreas frequentadas pelos passageiros da terceira classe.

— Mas que Diabos! — Cecilia ouviu o Sr. Prado gritar na saída do porto. Ela aproximou-se e parou ao lado do irmão e do pai.

Homens uniformizados e montados em cavalos cercavam a área. Cecilia concluiu que eram policiais. No meio deles, pessoas, em sua maioria homens, dividiam-se em dois grupos. Ambos os lados carregavam cartazes e gesticulavam uns para os outros. Gritos e frases de ordem rasgavam o ar formando num coro agressivo.

— Malditos monarquistas! Por que não aceitam que somos uma República agora? — Sr. Pardo esbravejou, porém, não foi compreendido pelos italianos.

Angelo puxou Eustaquio e jogou-o nos ombros largos. O menino franzino agarrou-se com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos.

— *Andiamo*. — O Sr. Prado indicou uma passagem relativamente segura por entre os manifestantes.

Cecilia não se descuidou de sua mala e seguiu atrás de seu pai. Não era assim que esperava chegar ao solo brasileiro, a tão sonhada terra prometida aos italianos, onde contaram-lhe que havia ampla oferta de empregos e terras de cultivo.

O som de uma explosão fez a multidão se agitar ainda mais. Alguns cavalos perderam o controle e avançaram sobre os imigrantes que passavam às margens do enfrentamento popular. Outras explosões seguiram-se à primeira e o caos tomou conta da situação.

Cecilia não desgrudava os olhos de sua família enquanto desviava-se dos empurrões e cotoveladas dos manifestantes que haviam rompido o cordão de isolamento formado pela polícia. Em vão, gritou o nome de seu pai quando o viu se afastar demais. Era impossível projetar a voz acima da balbúrdia daqueles que se enfrentavam e o som do atrito dos cascos dos cavalos no calçamento de pedra. Segundos depois, percebeu que os havia perdido de vista. Sua respiração acelerou e ela desatou a correr. Arfava enquanto abria espaço entre o amontoado de pessoas que se assomavam sobre ela.

Sem prestar atenção em nada além de seguir os rastros do caminho tomado por sua família e os outros imigrantes, avançou quase que às cegas, o que a jogou em meio a uma rua movimentada pelo trânsito de carruagens.

Cecilia ouviu o relinchar indignado de dois cavalos antes de sentir o baque da cabeça do animal em seu corpo. Um zunido agudo entrou pelo seu ouvido direito e tomou sua cabeça antes que ela caísse no chão.

— Senhorita! Senhorita!

Atordoada, Cecilia levantou com dificuldade e percebeu que havia se formado um círculo de curiosos ao seu redor.

— Com licença. Por favor, abram espaço. — Um homem bem vestido aproximou-se. — Perdoe-me, senhorita. Meu cocheiro não a viu.

Cecilia pouco entendeu o que ele disse, mas reconheceu-o como o homem gentil do porto, o que não foi suficiente para deixá-la menos agitada ou impedir que lágrimas brotassem em seus olhos desesperados. Estava prestes a se perder de sua família naquela terra estrangeira.

— *Mio papà!* — Cecilia quis sair correndo, mas as mãos do homem se fecharam em seu braço. Ela tentou se desvencilhar. O senhor, no entanto, a impediu.

— Seu pai está a caminho da Hospedaria Pedra d'Água. Todos os imigrantes vão para lá. Posso levá-la até o local.

Cecilia encarou-o reticente, zozna e enjoada como se estivesse revivendo os primeiros dias no vapor. Seus olhos escureceram por breve instante. Alheia ao que estava acontecendo, ela foi conduzida até a carruagem do desconhecido.

Em italiano, o homem explicou que a levaria até onde os imigrantes ficavam hospedados.

— *Dove è la mia valigia?* — Cecilia desesperou-se ao perceber a ausência

de sua mala.

— Aqui está. — O condutor da carruagem apareceu trazendo a bagagem desviando-se dos curiosos que começavam a se dispersar do local do quase atropelamento. Para azar dele, no entanto, a instantes de trazer a valise em segurança, tropeçou e a bagagem acabou caindo de suas mãos. O objeto bateu na poltrona da carruagem para, em seguida, aterrissar com violência no chão.

Horrorizada, Cecilia viu suas coisas se espalharem no assoalho do veículo. Imediatamente, abaixou-se e começou a recolher seus poucos pertences.

— Perdão, senhorita. — O motorista se aproximou, mas seu patrão pediu que ele desse partida rumo à Hospedaria Pedra d'Água.

Cecilia sentiu o solavanco da carruagem quando os cavalos começaram a andar. Enquanto recolhia seus objetos pessoais, pedia mentalmente para que sua família estivesse segura. Em meio àquela confusão, eles também poderiam ter se perdido. Um nó se formou em sua garganta. Sentiu vontade de chorar. Desejou estar em casa e não em uma terra desconhecida sendo amparada por um estranho. Porém, como não podia se dar ao luxo de esmorecer naquele momento, reprimiu as lágrimas e encarou sua sina tentando encontrar dentro dela a coragem para tal feito.

— Não se preocupe, chegaremos logo — o homem falou, depois, corrigiu-se e repetiu a frase em italiano.

Cecilia pouco falou durante o tempo que levaram até a estalagem. Limitou-se a acenar com a cabeça e a responder sim ou não. Apesar de a companhia daquele senhor ser agradável e, de certo modo, tranquilizadora,

Cecilia estava inquieta.

Quando chegaram à hospedaria, Cecilia segurou as saias erguendo-as até a altura dos tornozelos e, sem contar com a ajuda do condutor que apressou em se aproximar, desceu e pegou sua desgastada mala de viagem.

O Sr. Luiz Eugênio perguntou se ela gostaria que ele a acompanhasse.

— *No, signore, grazie.* — Ela já tinha visto o Sr. Prado nas proximidades do portão de entrada.

O Sr. Luiz Eugênio tirou o chapéu expondo os cabelos brancos, despediu-se de Cecilia e partiu em seguida.



Capítulo

2

Cecilia atravessou o alojamento para imigrantes. O Sr. Prado a guiava de perto com uma obstinada disposição de entregá-la ao pai. Seguiu praguejando baixo alguns impropérios a respeito de Angelo, imaginando que Cecilia não era capaz de compreender uma única vírgula em Português. Ao que tudo indicava, Angelo havia tentado agredir o agente ameaçando-o de maneira acintosa, caso o sujeito não encontrasse sua irmã. Cecilia agradeceu mentalmente por não ser uma completa ignorante na língua. Lembrou-se do velho Joaquim, um português amigo de sua mãe que costumava lhe dar aulas informais enquanto a menina perambulava pela mercearia dele. Fato que, por vezes, rendia boas brigas entre D. Luigia e o Sr. Joaquim, já que ele era um tanto desbocado e acabou por ensinar Cecilia alguns palavrões. “*Maledetto portoghese*”, D. Luigia costumava dizer. A raiva, entretanto, durava pouco. Dois dias se passavam e eles voltavam a conversar como se nada tivesse acontecido.

As lembranças dessa época, de quando sua mãe ainda estava viva e não lhes faltava comida, deram um nó na garganta de Cecilia. Ela caminhou calada tentando se distrair com a visão das famílias que se acomodavam nos beliches do alojamento. Mas quando viu seu pai e este a abraçou e pronunciou um sofrido “*Grazie a Dio*”, o bolo em sua garganta transformou-se em choro. Deitou a cabeça no ombro dele como se ainda tivesse oito anos e a função de educar o irmão mais novo e cuidar da saúde do Sr. Antonio não fossem dela.

Instantes depois, eles se afastaram e Cecilia percebeu o pai tentar esconder uma careta de dor, não fosse o declarado rosto contorcido.

— *Ti senti tutto bene, papà?*

O Sr. Antonio garantiu que estava bem. Discretamente, apontou a cabeça em direção ao Sr. Prado, que esticava as orelhas, atento. Parecia bastante interessado na informação sobre a saúde do imigrante. Cecilia lembrou-se do aviso que o sujeito lhes dera ainda na Itália: “Somente pessoas saudáveis vão para as fazendas de café”.

Angelo apareceu naquele momento desviando a atenção do Sr. Prado, que, intimidado, deu dois passos para trás quando o italiano se prostrou em sua frente.

— Angelo! — Cecilia o chamou ao perceber que ele ainda não havia notado sua presença. Seu irmão deu meia volta, e em um arroubo de felicidade, tomou-a nos braços fazendo a mala dela tombar. Por cima dos ombros dele, Cecilia observou o Sr. Prado desaparecer em meio ao burburinho e ao choro das crianças de colo. O pequeno Eustaquio surgiu em

seguida equilibrando algumas roscas em suas mãos. Pela sua reação ao vê-la, Cecilia deduziu que o irmãozinho não desconfiava de que ela havia se perdido na cidade.

Cecilia foi com o irmão mais novo até as camas destinadas à sua família. Os beliches eram unidos de dois a dois, de modo que os colchões, tanto embaixo quanto em cima, eram separados por um espaço mínimo. Cecilia e Eustaquio dormiriam na parte superior, ao passo que o Sr. Antonio e Angelo ficariam com as camas próximas ao piso.

Eustaquio deixou as roscas com Cecilia e voltou para o refeitório onde, segundo informou-a, havia se formado um enorme fila para distribuição do desjejum e de água.

Cecilia tirou as botas, colocou-as sob a cama e avaliou os lençóis puídos onde dormiriam durante a quarentena exigida pelo governo. Não eram muito diferentes daqueles sobre os quais repousavam em sua casa em Treviso. A roupa de cama da terra natal, no entanto, estava sempre limpa e não encardida como aquela. Colocou a mala em cima do seu colchão, apoiou o pé no estrado do beliche e subiu para ocupar seu diminuto espaço.

Ansiosa por tomar um banho, abriu a bagagem para pegar a única saia que trouxera, uma blusa e sua roupa de baixo. Aproveitou para arrumar os pertences recolocados às pressas na valise quando ela se abriu na carruagem do Sr. Luiz Eugênio.

Pegou a imagem dos pais desenhada no dia do casamento e demorou-se alguns segundos analisando-a. Pensou em como Angelo lembrava o Sr. Antonio na juventude: o mesmo queixo anguloso, o cabelo castanho-escuro

penteadado para o lado e a orelha avantajada. Riu sozinha ao se recordar de como os colegas costumavam caçoar de Angelo por conta do tamanho de suas orelhas. Talvez por ter aprendido a se defender da língua maldosa dos amigos, o irmão começou a brigar cedo.

Cecilia, por sua vez, teve a sorte de herdar os traços de D. Luigia: rosto angelical, nariz levemente empinado e cabelos castanhos fartos.

Lembrar-se da mãe trouxe à memória a medalha de São Francisco de Assis. Procurou-a com o intuito de fazer uma oração.

— *Dio mio*. — Trêmula, percebeu que o lenço que mantinha a corrente de ouro presa por uma fita de cetim, estava vazio.

Sem conseguir acreditar no que estava acontecendo, conferiu novamente as peças de roupa. A joia poderia ter se prendido em outro tecido. Frenética, tateou todas as vestimentas uma, duas, três, quatro vezes seguidas. Nada. Nenhum sinal do cordão com a medalha de São Francisco de Assis.

O desespero começou no peito lançando espasmos em seu corpo até se transformar em lágrimas propriamente ditas. Ela deixou o tronco cair sobre seus pertences e abraçou-os trazendo-os para junto de si. Um vazio tragou seu corpo engolindo-o como se um buraco negro tivesse se aberto dentro dela. Mais que um bem material, o colar foi o último presente que D. Luigia lhe dera em seu leito de morte. A joia, que havia atravessado quatro gerações de sua família e vencido a necessidade de ser vendida para amenizar a fome dos Agrizzi, estava, agora, desaparecida para sempre.

Cecilia foi tragada por um silêncio sombrio que escondia uma luta interna:

contar ou não ao pai que ela perdera a joia? Ele ficaria decepcionado, ela sabia. Talvez até levasse mais tempo para se recuperar do insistente cansaço que se abateu sobre ele.

Decidiu esperar o fim da quarentena. O início do trabalho na fazenda de café traria a esperança de uma vida nova. O Sr. Antonio teria a perspectiva do recomeço para se firmar e, dessa forma, talvez superar a perda do objeto de valor sentimental.

Nas semanas seguintes, por mais complicado que fosse, Cecilia tentou não pensar em seu colar. Dedicou-se a aprender o maior número de palavras e sentenças da Língua Portuguesa. Empenhada em substituir a perda da joia pelo conhecimento à nova cultura, fez amizade com uma brasileira, funcionária do governo do Estado que, esporadicamente, trazia-lhe um exemplar de jornal e dava-lhe algumas aulas gratuitas.

As horas de dedicação ao estudo deixaram os dias mais curtos e ajudaram a amenizar a saudade da Itália.



Capítulo

3

Em uma terça-feira, Sr. Prado surgiu na hospedaria às sete horas da manhã para levá-los ao novo lar. Depois de muitas horas de caminhada, Cecilia atravessou a porteira onde uma placa de cedro cuidadosamente talhada indicava: “Fazenda Bela Vista”. Pela milésima vez, Eustaquio cutucou a irmã. Depois de sacolejar por mais de três horas seguidas em cima de um carro de boi que ela acompanhava por todo o trajeto, o menino parecia saturado com o balanço ininterrupto da estrada repleta de buracos.

— Não reclame, *bambino*. — Cecilia adiantou-se. Esforçava-se para pronunciar o maior número possível de palavras em Português. Ainda que os irmãos e o pai reclamassem, ela insistia para que aprendessem mais rapidamente o idioma. — Você veio sentado. — Eustaquio bufou e cruzou os braços na altura do peito.

O carro de boi era, na verdade, um luxo concedido às crianças e ao Sr. Prado, se comparado às canoas que utilizaram para navegar pelo rio que os

trouxeram ao porto mais próximo dali. Isso sem falar nas manchas produzidas pelas picadas de mosquito cravadas na pele branca dos imigrantes.

Andaram por mais de duas horas depois cruzarem o portal que sinalizava o território da família Dias.

O Sr. Prado utilizou o tempo de uma maneira quase didática, elucidando alguns detalhes sobre aquelas terras. Tratava-se de uma fazenda de café, como já sabiam, uma das maiores do Espírito Santo. O Coronel Feliciano Dias havia utilizado mão de obra escrava até a abolição da escravatura, em 1888. Agora, quem administrava a propriedade era D. Estela de Souza Dias, a viúva dele.

Os italianos foram recebidos em um pátio distante alguns metros do casarão da fazenda. Cecilia reparou que o lugar era cercado por construções baixas que deveriam funcionar para armazenagem de grãos e depósitos de ferramentas. Organizados pelo Sr. Prado, eles se aglomeraram ocupando mais de dois terços do espaço.

Uma mulher alta e de cabelos arrumados em um coque dirigiu-se a eles para recepcioná-los. De forma nada simpática, apresentou o encarregado da fazenda, Mathias Carvalho, como sendo a pessoa responsável pela instalação e orientação do trabalho na lavoura. Saiu da presença deles tão rápido quanto alguém foge de uma doença contagiosa.

O Sr. Prado seguiu-a como um cachorro adestrado murmurando-lhe algumas palavras pelo caminho. Depois, voltou para ajudar na comunicação entre o encarregado e os imigrantes. Dali, foram para a colônia onde seriam

instalados. No trajeto, descobriram que, ao contrário do que pensavam, não teriam direito a um pedaço de terra para fazer sua própria horta ou plantar milho. Deveriam comprar tudo o que precisassem para seu sustento em uma venda local e, posteriormente, efetuar o pagamento, acrescido de juros, quando fizessem o acerto da primeira colheita.

Cecilia se empertigou com a informação e percebeu que Angelo e outros italianos ficaram tão insatisfeitos quanto ela.

Angelo quis reclamar em voz alta, mas Cecilia o deteve.

— Vamos ver nossas casas primeiro. Essas crianças não aguentam mais andar.

— *Va bene* — concordou num tom irritado.

Embora Cecilia pensasse o mesmo que o irmão, tinha receio de contestar a posição deles naquele momento, quando haviam acabado de chegar. Talvez, se esperassem um pouco, poderiam contornar a situação e conseguir fazer valer o contrato.

A visão da colônia não arrefeceu os ânimos. As moradias prometidas no contrato não passavam de casebres de aparência suja e abandonada.

Cecilia entrou em sua nova casa e acomodou sua mala no chão da cozinha. Encontrou algumas frutas e tratou de alimentar Eustaquio. Depois procurou seu pai em um dos dois quartos da habitação. Encontrou-o sobre um colchão que lembrava um depósito de pulgas. A cama de madeira gemeu quando ela sentou-se ao lado dele.

— Está bem, *papà*?

Ele fez que sim dizendo que tudo o que precisava era descansar um pouco.

Cecilia deixou-o com a promessa de que retornaria com comida e água fresca. Voltou para a cozinha onde, pensou, encontraria Eustaquio, mas o menino estava brincando de pique ao redor da bica de água que ficava no meio exato da colônia, cujas casas eram dispostas a formar um enorme círculo. Perto deles, Angelo e outros homens conversavam gesticulando de maneira exagerada. Pelas suas feições, Cecilia deduziu que deveria participar do assunto antes que uma confusão se formasse.

— *Questo non è giusto.*

— O que não é justo, Angelo? — A serenidade de Cecilia contrastou com o tom exaltado do irmão.

— *Tutto. Dove sono le nostre terre? E queste case? Noi non siamo animali.*

Mathias Carvalho aproximou-se atraído pelas vozes.

— Qual o problema? — perguntou.

Percebendo pelos olhares dos italianos que havia sido eleita porta voz, Cecilia tomou a frente.

— No contrato, a gente teria a *nostra* terra para plantar.

— Isso vocês têm que acertar com a patroa. Mas vou logo avisando, ela

não gosta de conversa.

— Mas é nosso direito.

— Se eu fosse você, italiana, diria pra sua gente ficar quieta. A patroa não tolera agitadores.

— Nem *noi* gostamo de mentira.

— Olha, italiana... — Mathias iniciou.

— Cecilia. *Io* me chamo Cecilia.

— Que seja! Por que você não acalma seu povo? Vou tentar conseguir leite para as crianças e trazer alguma coisa para fazerem a comida de vocês. É pegar ou largar.

Mesmo a contragosto, Cecilia fez o que ele disse. Convenceu seu irmão e os outros a aceitarem a incômoda situação, ao menos por enquanto. Reclamações surgiram de toda parte, mas a verdade era que ninguém tinha dinheiro para pagar por suas passagens, de modo que voltar para a capital do Estado não era uma opção enquanto não saldassem sua dívida.

Envolvidos com sua instalação, aos poucos, os italianos organizaram-se para preparar uma boa refeição com os legumes e a pouca carne que receberam de Mathias. Cantavam para chamar a esperança. Cecilia, no entanto, não acompanhava a música, apenas repetia para si mesma:

— *Noi* não *somo* bicho para ser tratado assim.



Capítulo

4

Francisco Dias empertigou-se na sela ao se aproximar da casa. A sólida sede da fazenda apresentava-se como um reflexo da sua família. O casarão principal do complexo construído em forma de U era um prédio quadrilátero que ostentava mais de vinte janelas no andar superior. Uma varanda ornava a parte da frente por onde se tinha acesso à entrada principal. Palmeiras imperiais, presentes do próprio Imperador do Brasil ao pai do Coronel Feliciano, ladeavam o prédio e consolidavam a visão majestosa do casarão.

Filho único do Coronel, Francisco tornou-se o oposto do que seus pais esperavam: abolicionista e republicano. Chegou a ser mencionado em um artigo da gazeta da capital compondo o grupo de manifestantes que lotavam o Paço onde a Princesa Regente Dona Isabel havia assinado a Lei Áurea. Fato que lhe rendeu uma carta exaltada do pai com ameaças de suspender o envio de dinheiro que custeava a Faculdade de Direito, além de outras regalias. Aquela havia sido a última correspondência que o pai lhe enviou antes de

morrer. O sonoro “*hipócrita!*” grafado na inconfundível caligrafia inclinada do coronel Dias ainda o incomodava.

As memórias tornavam-se mais insistentes à medida que atravessava a alameda que dava para os pés da escadaria do casarão. Seu cavalo balançou a cabeça aborrecido com uma mosca empenhada em irritá-lo.

— Seja bem-vindo ao lar! — Otávio alfinetou o amigo com uma precisa dose de ironia.

Francisco o encarou com um semblante hostil.

— Essa fazenda deixou de ser o meu lar desde que Estela me mandou para o internato.

— Não seja rancoroso, Francisco.

— Por que não cala a boca, Otávio? — o mau humor de Francisco provocou uma gargalhada no amigo que se mostrava particularmente disposto a aborrecê-lo.

Antes de pisar naquelas terras, Francisco relutou ao máximo em voltar à Fazenda Bela Vista. A última vez que esteve ali foi no enterro do seu pai, há pouco menos de um ano. Desde então, Estela havia começado uma cruzada na intenção de obrigá-lo a abandonar o Rio de Janeiro e voltar para o Espírito Santo. “*Você já terminou a faculdade. Seu lugar é aqui.*”, ela repetiu incontáveis vezes. Esse, entretanto, não havia sido o argumento que motivou seu retorno, e sim o inventário do Coronel Dias. Depois de prorrogar por meses essa pendência burocrática, Francisco ficou sem alternativas e, agora,

precisava dar um fim a toda papelada.

Estela apareceu na varanda do segundo andar do casarão. Francisco evitou olhá-la por mais tempo que o necessário.

Francisco e Otávio desmontaram de seus cavalos. Havia um empregado a postos para levar os animais para as baias.

— Dona Estela — Otávio cumprimentou-a com um tom elegante. Ela respondeu com um discreto sorriso e um sutil aceno de cabeça. — Espero que minha presença não lhe cause nenhum transtorno.

— De modo algum. Só gostaria de ter recebido uma carta informando sobre a chegada de vocês. Talvez Francisco estivesse muito ocupado no Rio de Janeiro para perder tempo escrevendo para sua mãe. Uns ingratos, é isso que vocês se tornam depois de adultos. — Estela referiu-se aos dois, mas virou-se para o filho antes de concluir a frase.

— Como vai, Estela?

— Estaria melhor se mostrasse alguns modos e me chamasse de mãe. — Aproximou-se e o abraçou. Desconfortável, ele retribuiu o gesto. — Fizeram boa viagem?

— Sim, mas tivemos um pequeno problema com as malas — Otávio respondeu, embora a pergunta fosse para Francisco.

— Problema? — Estela arqueou as sobrancelhas.

— Esqueci de colocar a etiqueta de identificação e elas acabaram

extraviando. De qualquer forma, chegarão até o fim da tarde. — Podemos entrar? — Indicou a porta.

— Claro, vou mandar trazer uma limonada.

— Isso seria ótimo, senhora. O calor está insuportável. — Otávio ofereceu o braço para Estela que sorriu diante do cavalheirismo.

Entraram na sala de visitas e o barulho das botas sobre o piso de cedro cessou quando pisaram no tapete que cobria boa parte do chão. Francisco se acomodou na cadeira de três lugares sem se preocupar com excessos de formalidades. Tirou o casaco, o chapéu e colocou-os sobre o móvel de jacarandá impecavelmente envernizado.

Sobre a mesa de centro havia uma sineta que Estela tocou para chamar uma de suas empregadas. Segundos depois, uma moça aparentando vinte anos apareceu secando a mão no avental. Estela pediu que ela trouxesse o refresco e que providenciasse para que o quarto de Francisco e o de hóspedes fossem limpos com rapidez.

— Precisamos viajar até Vitória para resolvermos de uma vez por todas as pendências do inventário.

— Mal chegou e já quer partir — Estela repreendeu o filho.

— Não pretendo ficar por muito tempo.

— Terá que ficar para o meu aniversário. Certamente veio agora para passá-lo comigo, certo?

Francisco pensou em responder que a escolha da data havia sido determinada pelo advogado que cuidava das questões jurídicas originadas da morte do Coronel Dias. Contudo, preferiu omitir o fato para não ser deselegante com Estela na presença de Otávio.

— Farei uma pequena recepção para alguns amigos... — Estela começou, porém, foi interrompida pela empregada que voltava equilibrando uma bandeja com uma jarra e três copos. A moça apoiou os utensílios sobre a mesa de centro e serviu o suco nos copos. Abaixada, deixou parte de seu colo exposto aos olhares masculinos, especialmente o de Francisco. *Um belo par de peitos.*

Sua atenção fixou-se por mais tempo do que o necessário no decote da garota. Ato que, infelizmente, não passou despercebido por Estela.

— Fique longe da serviçal — sua mãe disse depois que a funcionária desapareceu de sua vista.

— Ora, Estela, por quem me tomas?

— Conheço bem sua popularidade no Rio de Janeiro.

— Deve estar se referindo ao malfadado renome que trago dos tempos da faculdade. Contudo, posso lhe assegurar que isso é passado.

— Espero que sim. De qualquer forma, o aviso está mantido. Quanto a você, Otávio — Estela virou-se para a cadeira em que ele estava sentado —, faço votos de que tenha mais juízo que seu amigo.

— Creio que sim, senhora — Otávio respondeu segurando visivelmente o riso, enquanto Francisco bufou contradizendo-o, já que os dois, como o próprio amigo costumava definir, eram “farinha do mesmo saco” no quesito mulheres.

— Seu pai disse que pretende se estabelecer na capital do Estado e assumir uma posição no banco.

— Tenho considerado essa hipótese... — Otávio disse e tomou um gole do seu suco.

Desse ponto em diante, Francisco deixou de prestar atenção na conversa limitando-se a, vez ou outra, assentir. Só voltou a escutar quando Otávio seguiu para o quarto de hóspedes e Estela o convocou para uma conversa no escritório. Embora quisesse protelar o momento, decidiu encarar as cobranças antes de entregar-se a um merecido descanso.

Estela o colocou a par da situação na fazenda informando sobre a chegada dos italianos há pouco mais de três semanas. Apesar do vago interesse pela rotina rural, ele não demonstrou impaciência, pois, seria inútil tentar dissuadi-la a ser mais sucinta.

— A situação financeira é ruim e nosso café está prestes a apodrecer...

— Achei que a chegada dos italianos tivesse resolvido esse problema.

— Eles nunca viram um pé de café. Ainda estão se acostumando com a lavoura. Preciso de alguém para me ajudar a lidar com essa gente.

— Com certeza essa pessoa não sou eu. Você sabe que entendo tanto de café quanto eles.

— Não estou falando de pegar em uma enxada, mas de contornar alguns problemas. Mathias está com dificuldades para se entender com os italianos. Ah, nunca pensei que diria isso, mas sinto falta daqueles malditos negros.

Francisco trincou o maxilar para não travar uma discussão com Estela acerca da cultura escravista dela. Seria desgastante falar de igualdade e respeito pelo ser humano para uma narcisista escravocrata.

— Não serei seu diplomata, Estela. Sugiro que aprenda a ser mais tolerante e lide você mesma com seus colonos.

— Acho que não entendeu a gravidade de nossa situação, temos uma dívida e sem café para vender, não haverá dinheiro para pagá-la. Também não haverá recursos para você voltar para o Rio de Janeiro e continuar brincando de advogado.

— Não vou discutir a natureza do meu trabalho com você.

— Nem precisa, pois eu sei quais tipos de clientes você costuma atender: negros e gente pobre que não têm onde cair morta.

— Estela, se isso era tudo que tinha para me dizer, acho que terminamos por aqui. — Francisco levantou-se, mas a mãe o deteve.

— Existe uma maneira mais simples de solucionar nossos problemas. Pagamos nossa dívida e você continua advogando para, digamos, a classe

proletária.

Francisco encarou-a com cautela. Provavelmente tudo o que haviam conversado até então era apenas um engodo para que ela falasse o que gostaria desde o princípio.

— Receberei o Presidente do nosso Estado, o Sr. Afonso Cláudio, para a celebração do meu aniversário. Ele trará a sobrinha, Catarina de Andrade, herdeira de uma das maiores fortunas de Minas Gerais.

— E? — Francisco sabia exatamente o que ela estava insinuando. Precisava, no entanto, ouvir com todas as letras até onde ia a sordidez de Estela.

— Ora, não finja ser estúpido. Um bom casamento sanaria nossas dívidas e traria estabilidade financeira para o resto de sua vida.

Demorou alguns segundos para Francisco processar a informação. Era radicalmente contra a instituição matrimônio. Casar-se com uma herdeira rica o livraria da mãe para sempre. Mas isso o deixaria no mesmo patamar que ela transformando-o em um crápula caçador de dotes. Além disso, incomodava-lhe o fato de que aquela conversa sem sentido impedia-o de subir até o aposento e se lavar para tirar o misto de suor e cheiro de cavalo que exalava.

— Você não tem limites, não é? — Francisco ergueu-se da cadeira e apoiou as mãos sobre a mesa de mogno projetando o tronco de modo que ficasse alguns centímetros acima de sua mãe. — Agradeço sua oferta, mas eu não estou à venda.

Francisco deixou o escritório disposto a evitar a companhia de sua mãe a qualquer custo. Trancou-se no quarto e ali ficaria por um bom tempo antes de se arriscar a encontrar com ela em algum cômodo do casarão. Jogou as botas sujas em um canto, tirou a roupa e enfiou-se na banheira. Encarou as telhas de barro do teto.

Por alguns instantes, a conversa de minutos atrás insistiu em permanecer em sua cabeça.



Capítulo

5

*“Tanti amici lasciati in italia
Tante speranze portatte nel cuore
Siamo imigranti italiani da vero
Cercando la pace.”*
(Folclore Italiano - Amici Lasciati)

O suor brotava na testa de Cecilia e escorria por sua pele rosada. Removeu o lenço da cabeça na esperança de que a brisa diminuísse o calor. Inútil. Recolocou o tecido que mantinha seus longos cabelos pretos a salvo da poeira enquanto tentava se acostumar com as roupas de baixo grudando em sua carne. Havia calor na Itália, mas nada que se comparasse à umidade brasileira que fazia seus poros gotejarem feito um cano furado.

Estavam perto de terminarem a limpeza daquela rua. Pensou na estranheza do termo assim que ele lhe veio à mente. Rua era o nome dado aos espaços

entre as fileiras de pés de café. Perto dela, Eustaquio lutava contra a aspereza do cabo do rastelo que torturava suas mãos de criança.

Pobre bambino. Cecilia sofria com sua impotência diante do sofrimento do irmão. Queria ser capaz de livrá-lo do trabalho pesado, mas tudo que poderia fazer era tratá-lo com as pomadas medicinais que sua nona lhe ensinara a fazer.

— Queria ir pra casa mais cedo. — Exausto, o menino descansou o rastelo por alguns minutos e lançou um olhar suplicante para a irmã.

Cecilia apoiou sua enxada em um dos galhos de café e puxou o menino para si. Abraçou-o e depois pegou um pouco de água fresca na moringa. Ele tomou um gole enquanto Cecilia contabilizava os ferimentos nas mãos dele provocados pelos galhos secos de café.

— Descanse um pouco. Hoje vou fazer o pão que *nostra mamà* fazia na Itália.

— Promete, Cecilia?

— Prometo, *mio* anjo. — Cecilia beijou-lhe a testa.

A alguns metros deles, um grupo de italianas começou uma cantoria com músicas da terra natal. As canções animavam o espírito e diminuía o cansaço.

Cecilia voltou ao trabalho e acompanhou a melodia. Era uma composição folclórica que sua mãe costumava cantarolar enquanto cozinhava. Vez ou

outra, olhava para Eustaquio que se encolhia para que seu corpo miúdo coubesse embaixo da sombra que as carreiras de café projetavam no solo.

— Cecilia! *Grazie a Dio*. — Uma voz aflita soou interrompendo o cantarolar. Era Giustina, sua vizinha na colônia.

— O que houve?

— *È tuo padre* — a moça falou quase sem fôlego.

Cecilia sentiu o sangue fugir do seu rosto.

— Vem comigo. Ele *non si sente bene*.

— *Dio santo!* — Cecilia levou a mão ao pescoço para agarrar a medalha de São Francisco de Assis que deveria estar ali, mas seus dedos se fecharam no vazio deixado pela perda.

Encontrou o Sr. Antonio deitado no chão com a cabeça apoiada em uma camisa dobrada e colocada ali para lhe servir de travesseiro.

— *Papà!* — Ela se ajoelhou ao seu lado e perguntou o que ele estava sentindo.

— *Non é nada. Perchè* te chamaram?

Cecilia olhou para Giustina e, pela expressão da amiga, percebeu que seu pai estava mentindo para não causar problemas.

— O senhor necessita de um médico.

— *Non* exagere. Desde quando virei *vecchio* pra *non* saber o que tenho?

Cecilia ignorou a reclamação de seu pai e pediu que Giustina cuidasse dele até que ela voltasse. Deixou-os decidida a encontrar o encarregado da fazenda, o Sr. Mathias Carvalho, e pedir ajuda para conseguir um médico.

Percorreu quase metade do cafezal para encontrar o homem próximo a estrada. Ele organizava o carregamento de um carro de boi prestes as zarpar para a sede da fazenda carregado de mandioca, bananas e batata doce.

— Sr. Mathias.

— O que foi, italiana? — Ele mostrou-se indiferente com a aflição dela.

— Como faço para conseguir um médico? — perguntou sem rodeios.

— E para que precisa de um?

— *Mio* pai *non* está bem.

— Médicos não trabalham de graça. Se puder pagar pelo serviço de um, envio uma mensagem até a vila mais próxima. Dentro de uns cinco dias, talvez ele venha.

— Eu não tenho dinheiro.

— Então, aconselho que volte ao trabalho — respondeu e, em seguida, voltou sua atenção para as pencas de banana que estavam sendo carregadas no carro de boi.

Cecilia segurou-lhe o braço com força, obrigando-o a se virar para ela.

— Será que a patroa não poderia pagar o médico e descontar da nossa parte na colheita? — O desespero era tangível em seu rosto lívido. O senhor fitou-a em um misto de irritação e pesar.

— Olhe, italiana, se quer um conselho, não leve esse assunto para dona Estela. É provável que ela despache sua família de volta para a capital. O que eu posso fazer para ajudar é deixar que leve seu pai de volta para a colônia no carro de boi.

O encarregado tinha razão. O Sr. Prado havia lhe prevenido quanto aos fazendeiros rejeitarem pessoas que não estivessem em perfeitas condições de saúde. Sua cabeça deu voltas tentando encontrar uma solução, mas tudo o que vinha em sua mente era o medo de perder o pouco que haviam conquistado: o direito de trabalhar como colonos. Por isso, mesmo inconformada com a situação, Cecilia aceitou a oferta.

À noite, já em casa, fez com que o pai repousasse e o proibiu de trabalhar no dia seguinte. O Sr. Antonio, que costumava não acatar nada que lhe era imposto, não contestou as ordens da filha, o que deixou Cecilia ainda mais preocupada.

Depois que Angelo chegou da lavoura, Cecilia saiu em busca de ervas para preparar um chá que, de acordo com sua nona, era capaz de diminuir o cansaço e aliviar as dores no peito. Apelar para o conhecimento ancestral de sua família era sua última esperança para tratar o pai sem a ajuda de um médico.



Capítulo

6

A filha da mãe sabe provocar como poucas, Francisco concluiu depois de afastar-se da moça. Haviam se encontrado no corredor que levava ao quarto de hóspedes. Ela, que chamou sua atenção desde que ele havia colocado os pés na fazenda, materializava-se ao seu lado todas as vezes que estava sozinho. Daquela vez, no entanto, ele não conseguiu resistir ao decote que transformava os seios dela em duas mangas rosas prontas para serem colhidas.

Encurralou-a na passagem esperando que a empregada revelasse suas intenções: fugir ou entregar-se à luxúria. Conforme esperado, ela não o decepcionou. Aceitou o beijo e permitiu que ele apalpassse sua carne preservando apenas os lugares mais íntimos. E teriam continuado sabe-se lá até que ponto, mas foram interrompidos por um pigarro vindo de algum ponto distante no corredor.

Enrubescida, a moça saiu correndo em direção ao andar de baixo enquanto

Otávio se aproximava de Francisco.

— Fique longe dela, foi o que sua mãe disse.

— E desde quando eu obedeço às ordens de Estela?

— Você é um patife incurável — Otávio provocou-o.

— E você é o quê, meu amigo? Um santo?

Uma gargalhada sonora acompanhou-os até as escadas do casarão. Dariam uma volta nas terras da Bela Vista. A ideia havia sido de Francisco. Percorrer a propriedade a cavalo parecia um excelente passatempo, além disso, poderia manter-se longe de Estela por um dia inteiro.

A noite já havia caído quando retornaram da cavalgada. Francisco e Otávio deixaram o cavalo na estrebaria e entraram pelos fundos da casa. Dona Joaquina, a cozinheira que trabalhava para os Dias havia mais de trinta anos, esperava o patrãozinho, como costumava se referir a Francisco, com a comida sobre o fogão à lenha.

— Quer que eu ponha a mesa na sala de jantar?

— Vamos comer aqui mesmo. — Francisco tirou as pesadas botas e colocou ao lado do banco de madeira maciça onde acabara de se acomodar. Otávio fez o mesmo, mas sentou no lado oposto da mesa.

— Vossa mãe não gostou da ausência no jantar. — D. Joaquina colocou o

arroz branco, o feijão, a galinha caipira ensopada com quiabo e as batatas doce cozidas sobre a mesa que ficava na cozinha, onde os empregados da casa faziam a refeição. Francisco balançou os ombros pouco se importando com o desagrado de Estela.

— Por que não tenta conviver de maneira pacífica com sua mãe? — Otávio perguntou.

— Porque não vale a pena — Francisco respondeu e, em seguida, concentrou-se em sua refeição.

Mais tarde, em seu quarto, depois que se lavou e colocou a roupa de dormir, acendeu um lampião para leitura. Dependurou o objeto pouco acima da escrivaninha e retirou da gaveta *Espumas Flutuantes*, um livro do escritor Castro Alves, um grande poeta brasileiro que infelizmente havia morrido cedo demais. Abriu o exemplar na página que transcrevia o poema “O Livro e a América”.

— “*Oh! bendito o que semeia*

livros... livros à mão cheia.

E manda o povo pensar.” — Francisco leu em voz alta. O som da própria voz e a concentração nos versos impediu-o de notar que a porta do seu quarto era aberta. Quando a madeira encostou no batente ao ser fechada, no entanto, produziu um leve ruído que chamou sua atenção. A princípio, Francisco pensou que fosse Otávio, porém surpreendeu-se ao se virar para a porta.

— O que você está fazendo aqui? — Fechou o exemplar e encarou a moça

que ele havia beijado no corredor aquela manhã.

— Os empregados já estão se recolhendo... — Ela hesitou por um segundo. Quando voltou a falar, sua voz estava quase trêmula. — Vim saber se o senhor precisa de alguma coisa. — Encarou o chão e suas bochechas coraram.

Ele sabia que se tratava de uma mentira, mas decidiu fazer o jogo da garota. Deixou o livro sobre a escrivaninha e caminhou na direção dela, parando a dois passos de distância.

— Estou bem, obrigado. — Sorriu com uma expressão maliciosa.

— Talvez queira tomar um chá antes de dormir — ela disse e, pelo som das suas palavras, Francisco percebeu a respiração entrecortada.

— Você não veio aqui para me oferecer chazinho, não é mesmo? — Ele se aproximou de modo que seu corpo roçou no dela. Inclinou a cabeça e sorveu o cheiro de rosas que exalava do pescoço dela levando-o a concluir que ela havia se preparado para o encontro. Francisco sentiu a moça estremecer ao toque do hálito quente na pele dela. — Você quer se deitar comigo? — ele sussurrou e mordiscou o lóbulo de sua orelha. Ela soltou um ligeiro gemido em resposta.

Francisco travou suas mãos na cintura dela e a trouxe para si, demonstrando fisicamente que estava pronto para avançar todos os limites do pudor.

— Não vou levá-la para cama até que afirme com todas as letras que é

isso que você deseja. — Beijou-a sorvendo cada gota de excitação que emanava de sua acompanhante. Ela o correspondeu com a volúpia de uma mulher que sabe o que está fazendo.

Eu não serei o primeiro. O pensamento eximiu Francisco de qualquer culpa.

— Eu quero — ela disse num tom suplicante.

Francisco a tomou nos braços e jogou-a sobre os lençóis de linho imaculadamente brancos. Abriu-lhe o vestido expondo os seios róseos e maduros como uma fruta succulenta prestes a ser colhida por mãos experientes. Ela gemeu quando sua boca afundou-se na exploração de cada centímetro da carne dela.

Francisco esqueceu-se de que não estava em seu sobrado no Rio de Janeiro, onde costumava receber suas amantes, e entregou-se aos instintos primitivos sem se preocupar com os sons que o movimento de seu corpo provocou.

A garota tampouco foi silenciosa. Os sons brotavam de seu peito como se ela estivesse experimentando o prazer pela primeira vez.

O barulho carnal espalhou-se pelos enormes vãos entre as paredes e o telhado invadindo outros cômodos da casa. Estavam no ápice do desejo quando foram interrompidos pela porta que se abria outra vez.

Trêmulo, ele saltou de cima da moça batendo no outro lado da cama. Desnortado, puxou os lençóis para cobrir sua intimidade enquanto seus

olhos arregalados encaravam a figura plantada no meio do seu quarto.

— Estela!

A amante, antes corada pelo prazer, ficou branca e paralisada.

— O que está fazendo no meu quarto?

— O que eu estou fazendo aqui?! — Estela repetiu a pergunta num tom autoritário. — Não tem vergonha? O barulho que você e essa égua no cio estavam produzindo deve ter chegado à colônia dos italianos. Será que não é capaz de respeitar sua própria casa?

— Quem deita ou deixa de deitar na minha cama é problema meu — revidou, embora soubesse que havia excedido alguns limites da compostura ao se deixar levar pelo prazer momentâneo. Deveria ter sido, no mínimo, discreto, o que certamente não fora, já que Estela o havia flagrado.

— Quanto a você — Estela ignorou o filho e lançou um olhar furioso para a empregada que, naquele momento, começava a procurar suas roupas perdidas entre os tecidos emaranhados da cama —, arrume suas coisas. Sairá da minha casa amanhã bem cedo.

— Isso é um exagero! — Francisco advogou, culpando-se mentalmente por sua falta de cautela.

— O que eu faço ou deixo de fazer com minhas empregadas também é problema meu! — Estela o encarou com ares de desafio.

Descomposta e aos prantos, a moça desapareceu dali.

— Tinha esperanças de que você não tivesse puxado seu pai. Mas, pelo que vi, você herdou o gosto por empregadas. Parabéns, você acabou de desempregar uma jovem promissora da cozinha. — Estela bateu a porta deixando uma atmosfera de repulsa e ódio.

Francisco socou o colchão irritado consigo mesmo. Pensou em interceder em favor da moça. Mas sabia que impedir a demissão seria o mesmo que transformar a vida da garota em um inferno. Estela se vingaria da pobre coitada até ela sucumbir e pedir para ser mandada embora.

Francisco vestiu um roupão, pegou algum dinheiro na carteira, colocou-o dentro de um envelope e foi até a dependência dos empregados. Não pretendia tratar a moça como uma prostituta, mas aquela era a única maneira de ajudá-la a começar de novo em outro lugar.



Capítulo

7

A fofoca se multiplicava como a poeira que vinha do chão proveniente da varrição do café. O burburinho sobre a serviçal encontrada na cama do tal Francisco Dias pouco interessava a Cecilia. A única parte do falatório que merecia sua atenção era a oportunidade de emprego para a vaga que havia acabado de ficar aberta. Trabalhar no casarão lhe proporcionaria um salário a curto prazo que poderia custear as despesas médicas de seu pai. Embora o Sr. Antonio tivesse apresentado uma ligeira melhora, Cecilia sabia que ele não estava completamente recuperado. E isso a preocupava.

— Acho que vou me candidatar para a vaga na cozinha — Cecilia comentou com Giustina depois que elas terminaram de recolher as folhas da rua do cafezal que estavam limpando.

— Perdeu o juízo? A patroa é o demônio em pessoa — a amiga reagiu de maneira veemente.

A demissão da empregada em situação desonrosa foi somente o chamariz para que dois empregados antigos, que permaneceram na fazenda depois da abolição, falassem da vida no casarão. Histórias sussurradas ao pé do ouvido correram o cafezal como se fossem o vento cuja ausência era representada pelos insetos que zuniam no ouvido dos meeiros italianos.

O folclore envolvendo a família Dias mostrou-se bastante vasto. Tornava-se, no entanto, indigesto quando se relatavam os castigos impelidos aos escravos e repugnante ao se referir às negras que eram amantes do coronel.

Os detalhes relatados por Giustina fizeram Cecilia desejar manter distância de Estela Dias e do casarão. Sua vida na fazenda se restringiria à colônia e ao cafezal.

O entardecer trouxe consigo o anúncio do fim de mais um dia na roça. Enfileirados em pares ou trios, os italianos voltaram para a colônia acompanhados da cantoria que amenizava a saudade da Itália.

— *Papà!* — Cecilia alarmou-se ao entrar em casa e encontrar o Sr. Antonio debruçado sobre a diminuta mesa da cozinha. Ele ofegava e seu rosto estava branco feito cera de vela.

— *Non é nada. Estou bene.* — Ele afastou a filha que tentou ampará-lo.

— Vou chamar Angelo.

— *Non.*

— Mas...

— *Non!* — Ele bateu a mão sobre a mesa de madeira fazendo os pés do móvel gemerem com a pancada. Cecilia sobressaltou. — Só quero chá e *voglio riposare* — emendou parecendo um pouco sem fôlego.

Inconformada com a teimosia de seu pai, Cecilia acendeu o fogão e preparou-lhe a bebida.

O Sr. Antonio sentou-se no banco. Cecilia ajudou-o a se livrar das botas de segunda mão que haviam comprado na venda local. Em seguida, voltou para pegar a chaleira com água fervente. Despejou algumas ervas dentro da vasilha e esperou que a infusão se tornasse chá. Vez ou outra, com o canto dos olhos, observava seu pai. Custava a reconhecer naquela figura cansada o homem forte e bem-disposto que seu pai costumava ser. As costas dele, que permaneciam sempre elevadas, estavam, agora, encurvadas como se pesassem uma tonelada. O rosto anguloso e corado apresentava-se pálido e sem vida. Até mesmo a alegria que antes brilhava nos olhos dele estava embaçada.

Encheu a xícara com o chá e entregou-a ao pai. Ele sorveu o líquido marrom em pequenos goles. Enquanto isso, ela pensava em sua mãe e na maneira como foi obrigada a vê-la definhando. A dor dos dias que passou sentada ao lado do leito de dona Luigia voltaram atingindo Cecilia como uma punhalada nas costas. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela trincou os dentes recusando-se a chorar. Não, isso não aconteceria de novo.

Preciso conseguir um médico para mio papà.

Constatar esse fato significava também voltar a cogitar a proposta de emprego no casarão. Um calafrio percorreu sua espinha como se fosse um

mau agouro. Fez uma oração mental pedindo a proteção divina.

Colocou a polenta no fogo e fritou a linguiça. Disse ao pai que iria até a casa de Giustina e voltaria logo.

Deixou a colônia e rumou para o casarão. Estava disposta a conseguir a vaga de ajudante de cozinha, ainda que a patroa fosse a personificação do mal, como a amiga havia comentado.



Capítulo

8

— Menos de cinco dias em casa e você já conseguiu causar um alvoroço e tanto, hein?!

— Do que está falando, Otávio?

— Não se faça de desentendido. Sinceramente, não pensei que tivesse coragem de se deitar com aquela moça debaixo do mesmo teto que sua mãe. Tanto lugar fora do casarão para se esfregar com aquela uma... — Otávio colocou o chapéu na cabeça amassando os fios pretos cuidadosamente penteados para trás.

— Não foi planejado. Ela praticamente se jogou na minha cama. — Francisco ajustou o cano das botas certificando-se de que estavam bem afiveladas. Desceram as escadarias do casarão e contornaram o prédio passando pelo pátio interno da casa.

— A gente tem que pensar com a cabeça e não com a bolas. — Otávio riu e deu alguns tapas nas costas do amigo ironizando um ato de consolo.

— Eu sei, eu sei....

— Mas o pior foi dona Estela que invadiu seu quarto...

— Por isso não consigo passar muito tempo aqui. Ela acha que pode me controlar.

— Quanto a isso eu não sei, mas que eu pagaria alguns contos de réis para ver sua cara quando ela abriu a porta, ah, isso eu faria. — Otávio parecia divertir-se com a desgraça alheia como fazem fofoqueiros de plantão.

— Você é um filho da mãe, mesmo. — Francisco deu um soco de leve no braço do amigo.

Passaram por duas arrumadeiras que estendiam lençóis no varal. Elas cochicharam alguma coisa e, imediatamente, viraram-se para a direção oposta de Francisco. Atravessaram o espaço ladeado pelos prédios do complexo do casarão e rumaram para a área onde ficavam as tulhas. Embora tivesse deixado clara sua postura quanto ao não envolvimento com a rotina da fazenda, Francisco precisava se inteirar de algumas questões sobre a próxima colheita. Seu pai havia contraído uma dívida bancária que deveria ser quitada com o lucro das próximas sacas de café.

Mathias Carvalho esperava por Francisco no depósito de ferramentas. Tão empoeirado quanto os próprios instrumentos usados no dia anterior, o homem estava encurvado amolando a lâmina de uma enxada. Ao notar a

aproximação, parou sua atividade e aprumou-se.

— Bom dia, *seu* Francisco. *Seu* Otávio. — Mathias meneou com a cabeça tirando e recolocando seu chapéu castigado pelos anos de uso.

Eles devolveram o cumprimento.

— Tudo em ordem, Mathias?

— Sim, patrão.

— E como os italianos estão se saindo?

— Melhor que o esperado, para dizer a verdade.

— Como assim?

— Esse povo é muito diferente dos negros. Eles não têm medo de serviço. Não fazem corpo mole, sabe. E aprendem rápido.

— Os negros também não teriam medo se não fossem castigados nas fazendas e recebessem um salário por seu trabalho.

Desconcertado, Mathias pigarreou.

— Então, os imigrantes estão contentes? Quero dizer, não têm queixas? — Intrigado com o que Estela havia dito sobre haver problemas de entendimento entre Mathias e os imigrantes, Francisco insistiu na sondagem.

— Bem, os italianos reclamaram das casas e do preço que tão pagando

pelos produtos vendidos na mercearia. Também tão pedindo um pedaço de terra pra fazer horta.

— E eles têm razão de estarem reclamando?

— Isso, o senhor tem que ver com vossa mãe.

— Entendo.

— O patrão veio ver as tulhas, não foi? — Mathias não conseguiu esconder que estava incomodado com a presença de Francisco, mas, sobretudo, com seu interrogatório.

Francisco assentiu. Ele e Otávio seguiram o encarregado até os armazéns onde ficavam estocados o milho e o feijão excedentes da produção na propriedade.

— Pensei que não entendesse nada da rotina rural — Otávio comentou com Francisco, tomando o cuidado para não ser ouvido pelo empregado.

— Posso não entender da produção, mas entendo de vender. — Eles pararam por um instante enquanto Mathias destrancava a porta da tulha.

— Com sua lábia, tenho certeza de que venderia leite para um fazendeiro de gado de Minas Gerais.

— O assunto é sério. Se não conseguir levantar dinheiro suficiente, precisarei pleitear uma renegociação de nossa dívida no banco.

— A situação está tão feia assim? Posso interceder por vocês junto ao meu

pai.

— Agradeço a oferta. Se chegarmos a esse ponto, não hesitarei em pedir sua ajuda.

O galpão retangular era arejado e iluminado o suficiente com a luz natural para que fosse possível enxergar adequadamente sem o uso do lampião durante o dia. Francisco inspecionou a quantidade de feijão, milho e de alguns tubérculos, que seriam plantados em breve.

— Por que não vendemos o excedente da produção? — Francisco virou-se para o Sr. Mathias.

— Alguma coisa já tá sendo vendida pra mercearia que abastece os colonos.

— Mesmo assim, temos feijão e milho para três anos de consumo. Metade disso vai estragar antes que se consiga consumir. — Francisco pegou várias amostras de grãos de diferentes locais para inspecioná-las de perto.

— O que está fazendo? — Otávio olhou-o com curiosidade.

— Procurando sinais de caruncho. Uma larva que corrói o grão — explicou em seguida diante da expressão interrogativa do amigo.

— Para quem diz que não conhece de fazendas, você está muito entendedor. — Otávio comentou baixo o bastante para sua voz não alcançar Mathias, distante alguns metros.

— Eu peguei uma causa de um agricultor e precisei me inteirar no

assunto. — Francisco virou-se para Mathias. — Não podemos vender para as fazendas vizinhas?

— Todo mundo produz feijão e milho... Por isso tá tudo aí parado.

— E os tropeiros? Não podemos fazer uma permuta?

— Poder, até que pode. Mas isso o senhor tem que acertar com a patroa. Se ela autorizar, eu faço.

O sol começava a se pôr lançando algumas sombras escuras sobre o terreiro de café. Francisco encarou o imenso pátio vazio onde, em breve, milhares de grãos seriam esparramados para secar. Ele havia saído para caminhar sozinho para pensar um pouco. A conversa com o encarregado revelou um surpreendente panorama da fazenda Bela Vista: ela estava sendo mal administrada. Mathias, pelo que Francisco percebeu, era fiel como um cão vira-lata. Faltava-lhe, no entanto, iniciativa ou o “tino” para negócios. Ou, talvez, Estela não lhe desse liberdade suficiente para agir.

A má administração da Bela Vista apareceu como uma situação inesperada. Estela havia dito explicitamente que o queria ali para casá-lo com uma herdeira rica, ou seja, para conseguir um dote gordo o bastante para saldar as dívidas bancária. Suas habilidades administrativas, apesar de mencionadas, nunca foram a razão fundamental de sua presença. Isso o levava a concluir que, se quisesse se livrar de um casamento arranjado, precisaria acompanhar a colheita e a venda das sacas de café. O que significaria ficar na fazenda por, pelo menos, mais três meses.

Francisco puxou o ar respirando fundo, soltando-o em seguida de maneira

irritada. Chutou um tufo de grama que havia se soltado do solo por conta do atrito dos cascos dos cavalos.

Estava preso. E detestava sentir-se daquela forma, sem escolhas.

O sol desapareceu completamente e a lua ainda lançava uma tímida claridade sobre a superfície da terra quando Francisco decidiu voltar para o casarão. Algumas horas ouvindo apenas o coaxar dos sapos nos muitos brejos que haviam por ali, deram-lhe uma clareza sobre o que deveria fazer. Ficaria na fazenda porque era inevitável. Porém, imporiam algumas regras e limites a Estela.



Capítulo 9

Desde às cinco da manhã, Cecilia seguia de perto D. Joaquina. Havia conhecido a despensa do casarão onde estocavam legumes, verduras, ovos, cereais e outros perecíveis que seriam usados a curto prazo. Mas, apesar da variedade de alimentos guardados, o cheiro predominante do local era de alecrim. Cecilia notou molhos da planta dependurados em diversos pontos. Havia um segundo cômodo, semelhante ao primeiro, usado para o mesmo fim. Esse, no entanto, ficava distante do prédio principal do casarão e abrigava também uma adega composta por vinhos, licor e cachaça.

— D. Estela toma seu café da manhã às oito em ponto. O almoço é às 11h30. Às três servimos chá com torradas e o jantar é posto à mesa às seis e meia. — Cecilia fazia anotações mentais acerca do cronograma a cumprir. — Você deverá servir as refeições. Esteja sempre com o cabelo preso. — D. Joaquina avaliou as mechas escuras bem arrumadas sob um lenço azul claro. — Assim está bom. Não se enfeite muito, não queremos que chame atenção.

Se bem que, no seu caso, será difícil. Com esse rosto de boneca e esses olhos verdes... Duvido que alguém deixe de reparar em você. — Cecilia sentiu o rosto corar. Quando era mais nova, chegou a pensar na própria beleza, porém, depois que ela precisou assumir o lugar de sua mãe na casa cuidando do pai e dos irmãos, o assunto desapareceu de sua mente. Sequer sobrava tempo para ficar diante de um espelho por mais que cinco minutos.

Chegaram à sala de jantar onde uma mesa de mogno com espaço para dez lugares ocupava boa parte do ambiente. Uma arca ficava em um canto e uma cristaleira no outro. As paredes que não eram ocupadas por móveis tinham pratos de porcelana dependurados como um refinado ornamento. Cecilia encarou as mãos, grosseiras e calejadas. Por um momento questionou sua capacidade de tocar as peças delicadas dispostas na cristaleira sem quebrá-las.

— As louças usadas no dia a dia ficam na arca. Ali estão também as toalhas e os guardanapos de linho. Os talheres são esses. — A cozinheira abriu a gaveta do imenso móvel retangular.

Cecilia espantou-se com a quantidade e variedade das peças, sobretudo, quando D. Joaquina abriu as outras gavetas onde ficavam os utensílios de prata.

— *Io non* sei pra que serve tudo isso — confessou um pouco desconcertada.

— Não se preocupe, minha querida, se for esperta vai aprender rápido. — D. Joaquina sorriu, tranquilizando-a. — Se você seguir minhas orientações, não terá problemas nessa casa.

— Eu agradeço, senhora.

— Venha. — D. Joaquina escolheu uma toalha bordada em *richelieu* e estendeu-a sobre a mesa. Com mãos ágeis e movimentos precisos, preparou três lugares. — A patroa é detalhista. Não gosta de talheres tortos e guardanapos amassados. Quando servir a mesa, nunca preste atenção na conversa dos patrões. Faça o possível para não ser notada na sala de jantar ou em qualquer canto da casa, especialmente no quarto do patrão. — As bochechas rosadas de Cecilia imediatamente ganharam um tom escarlate.

— *Io* sou uma moça de família.

— Todas são, meu anjo, até colocarem os olhos em Francisco. — Cecilia sentiu-se insultada com o comentário, preferiu, entretanto, guardar a indignação para si mesma. — Outra coisa, menina, cuidado com o que fala, onde fala e, principalmente, com quem conversa. A patroa tem olhos e ouvidos em todos os lugares dessa fazenda. Nada acontece sem que ela fique sabendo — alertou, por fim.

Cecilia fez que sim, de repente, assustada pela possibilidade de ser vigiada o tempo inteiro.

D. Joaquina disse que levaria o bule de café quente para a mesa e que serviria a patroa e seu hóspede. Cecilia sentiu-se aliviada, pois, ainda estava insegura quanto às regras e protocolos da casa. Ficou na cozinha descascando inhames que seriam cozidos para o almoço dos empregados.

Começou a cantarolar uma música da sua terra enquanto distraía-se com os tubérculos. Terminada a tarefa, colocou as cascas em uma bacia e virou-se

para jogá-las no balde de lavagem dos porcos que ficava ao lado da porta dos fundos.

— *Dio Santo!* — Ela sobressaltou e quase deixou a vasilha cair no chão. Não tinha percebido que alguém havia entrado na cozinha e sentado à mesa.

— Desculpe. Não era minha intenção assustá-la, mas não quis interromper sua canção. Por favor, não interrompa seu trabalho por minha causa. A propósito, eu sou Francisco Dias. E você?

— Cecilia — ela respondeu fitando-o como se estivesse diante de um fantasma ou coisa pior. Precisou respirar fundo para acalmar o coração disparado pelo susto. Seu rosto deve ter denunciado a aflição, porque ele disse em seguida:

— Fique tranquila, eu não mordo. — Francisco riu de maneira graciosa e terminou a xícara de café com leite, que ele provavelmente serviu dos bules que estavam sobre a mesa onde os funcionários haviam feito o desjejum horas antes. Levantou-se, colocou o chapéu na cabeça, acenou de maneira elegante e despediu-se — Tenha um bom-dia. — Desapareceu tão silenciosamente que, por alguns minutos, Cecilia pensou que ele sequer esteve ali. Não fosse o perfume impregnado no ar, ela juraria que tudo não havia passado de uma alucinação.

Ainda com a bacia nas mãos, Cecilia demorou mais tempo do que deveria para se lembrar de que as cascas de inhame precisavam ser colocadas no balde para alimentarem os porcos mais tarde.

Voltou para a pia da cozinha e começou a picar os legumes descascados.

Em seguida, pegou as batatas, previamente selecionadas por D. Joaquina, lavou-as e colocou-as para cozinhar com a casca. Selecionou algumas leiteiras e despejou o leite que ainda estava no balde vindo do curral para, depois, colocá-lo para ferver.

Enquanto desempenhava essas tarefas, percebeu que a imagem de Francisco insistia em permanecer em sua mente. O jeito tranquilo. O elogio desprovido de preconceito. A simpatia natural. Na verdade, por tudo que haviam dito sobre ele no cafezal, imaginava-o com uma aparência arrogante e superior, muito parecido com sua mãe. Porém, o homem que esteve ali mostrava-se o oposto daquilo. Seus olhos eram ternos, seu sorriso acolhedor e seus modos eram pura simplicidade. Exatamente o oposto de sua patroa, ou do que disseram dela. Seria possível que o filho fosse um lobo em pele de cordeiro?

Sentiu-se uma menina estúpida que se derrete diante do primeiro sorriso sedutor. A água onde estavam mergulhadas as batatas começou a borbulhar espirrando gotículas sobre a chapa do fogão. O barulho despertou Cecilia de seu devaneio. Ela colocou uma tampa sobre a panela de ferro e, perplexa com o teor dos próprios pensamentos, censurou a si mesma por ter se permitido tal façanha.

Daquele momento em diante, pensaria em Francisco como o fantasma que ela imaginou que fosse quando se deparou com ele na cozinha. Não deveria especular sobre sua vida, mas, sobretudo, deveria manter distância. Somente assim preservaria o emprego e seria capaz de pagar um médico para seu pai.

Nesse momento, viu que Francisco havia esquecido o chapéu na cozinha. Pegou-o e ia saindo para devolvê-lo quando foi surpreendida pela cozinheira.

— Onde está indo, Cecilia?

— O *signore* Francisco esqueceu isso aqui. Vou entregar a ele.

— Não se preocupe, eu faço isso. — D. Joaquina não se mostrou satisfeita.

Cecilia voltou ao trabalho reprimindo-se mentalmente. Deveria ter deixado o chapéu onde estava.



Capítulo

10

Três dias depois, Francisco sentou-se na cadeira de mogno da sala de jantar e cumprimentou a italiana que ele havia conhecido na cozinha do casarão. A moça, Cecilia, se não lhe falhava a memória, sequer ergueu o rosto para murmurar um inaudível *bom dia*. O que Francisco considerou uma pena, pois estava curioso para saber se os olhos dela eram azuis ou verdes. A atitude, contudo, levou-o a concluir que, depois do episódio com a empregada demitida, as funcionárias da casa provavelmente o elegeram a patife do ano.

Quando Cecilia serviu-lhe o café, a curiosidade se desfez.

Verdes. Definitivamente são verdes.

— Bom dia. — Estela sentou-se no lugar de costume e colocou o guardanapo de linho sobre a perna.

Francisco respondeu ao cumprimento.

— E Otávio?

— Saiu bem cedo. Foi a Vitória.

— Quando volta? Certamente não vai perder meu aniversário.

— Ele deve chegar em dois ou três dias, no máximo — Francisco respondeu em meio à distração causada por Cecilia, que colocava o bule de leite quente sobre a mesa. Ela parecia um pouco nervosa e ligeiramente assustada. Francisco não soube discernir se era a presença dele ou a de Estela que causava o desconforto. Serviu-se de uma fatia de bolo e depois que Cecilia saiu de seu campo de visão, anunciou:

— Ficarei à frente da administração da fazenda até a colheita do café.

— É bom saber que reconsiderou sua decisão. — Estela esboçou um modesto sorriso enquanto levava sua xícara de leite à boca.

— Reconsiderarei, mas tenho algumas exigências.

— Imagino que sim. — Pousou a xícara no pires de porcelana.

— Quero total autonomia para lidar com todos os assuntos. Inclusive com a questão dos italianos. — Sua mãe olhou-o com uma expressão interrogativa. Do outro lado da mesa, Francisco percebeu que Cecilia, embora discretamente, também voltou sua atenção para ele. — Eu analisei os contratos. Estamos em dívida com eles.

— Não diga bobagens!

— Prometemos moradia decente e terras para um cultivo de subsistência.

— Eles têm casas. Quanto às terras, receberão depois que tirarem nosso café dos pés.

— É muita gentileza da senhora chamar os casebres que providenciou de um lugar decente para morar. Mas já que isso não pode ser alterado, separarei uma fração de terreno para que eles tenham o próprio cultivo.

Estela fitou-o com uma expressão tensa. Ele encarou-a de volta, desafiando-a.

— Peça à Joaquina para me preparar um chá de limão. — A mãe acenou para Cecília deixando clara sua intenção de tirar a moça dali.

A italiana saiu parecendo um bicho acuado.

— O que deu em você para tratar desse assunto na frente da empregada?

— Ela mal deve entender o português — Francisco ignorou a reclamação.
— Isso não vem ao caso. A questão é que darei a ordem ao Mathias e não quero que me desautorize.

— Não posso concordar com isso.

— Não pode, mas vai. Temos uma dívida para ser quitada e isso só vai acontecer se eu estiver à frente da Bela Vista, que, pelo que percebi, está sendo muito mal administrada.

— A fazenda pagou suas contas até hoje. Não seja ingrato!

— Ou você aceita meus termos, ou vou para a capital para resolver as pendências do inventário. E como você bem ouviu na leitura do testamento, eu sou o herdeiro de meu pai. Portanto, posso fazer o que bem entender com essa fazenda, inclusive vendê-la — ameaçou-a, embora soubesse que desfazer-se da propriedade seria um péssimo negócio em virtude da baixa que o mercado atravessava depois da abolição.

— Você não ousaria! — A voz dela subiu alguns tons fazendo Cecília estremecer a bandeja de prata onde equilibrava a louça com o chá que lhe fora requisitado. Ao notar a volta da empregada, Estela respirou fundo algumas vezes na tentativa de recuperar a sobriedade.

A moça pediu licença e colocou a xícara sobre a mesa. Depois posicionou-se ao lado da cristaleira, tão estática quanto o próprio móvel.

Estela tomou um gole do seu chá e quando voltou a falar, trocou radicalmente de assunto. O que, Francisco sabia, significava que ela havia aceitado sua proposta, mas não admitiria o fato, especialmente diante de Cecília.

— Todos os convidados já confirmaram presença. Eles chegam em cinco dias. Espero que esteja ao meu lado para recebê-los.

— Vou ver o que posso fazer — Francisco respondeu com desdém e divertiu-se ao ver o quanto sua mãe se mostrou transtornada.

— Você não me faria uma desfeita dessas — disse de maneira ríspida.

— Tenho muita coisa para resolver. Não sei se terei tempo suficiente para determinadas cortesias. Isso é um fato, não uma provocação. — Francisco constatou com uma dose de indiferença.

— Pois, muito bem. Se quer fatos, vamos a eles: você vai precisar da boa vontade de muita gente que estará aqui para escoar e vender nossa produção em tempo recorde. Ou acha que temos transporte suficiente para tirar nossas sacas de café daqui antes — ela baixou o tom de voz para um sussurro de modo a evitar ser ouvida por Cecília — que nossa dívida seja cobrada? Aliás — ela voltou ao tom natural de sua voz —, o tio de Catarina de Andrade...

— O presidente do Estado, você quer dizer — Francisco interrompeu-a. Detestava que a conversa tomasse o rumo que poderia envolver dotes e casamento.

— Sim, o senhor Afonso Cláudio tem excelentes ligações com exportadores de leite e café. Você poderia se valer disso.

Francisco ficou em silêncio e ponderou a validade do argumento. A questão do rápido escoamento do café era um fator que ele ainda não havia considerado. Infelizmente, sua falta de experiência administrativa de cafezais o havia impedido de pensar nesse processo que, na verdade, ele pouco conhecia. Tudo o que sabia era que poderiam utilizar os carros de bois e o serviço dos tropeiros, mas os detalhes sobre o tempo que as sacas levariam para chegar à capital era incógnita.

Por outro lado, Estela usaria essa necessidade de estreitar os laços com as pessoas influentes que estariam na Bela Vista para jogar a tal Catarina em seus braços. Sentiu-se fazendo um jogo de gato e rato com Estela. E, naquele

momento, ele era o rato.

Não havia para onde correr. Ou aceitava bancar o anfitrião que sua mãe queria que ele fosse, ou perderia uma importante oportunidade de estreitar laços comerciais que poderiam se tornar significativos em breve.

— Tudo bem, Estela. Receberei seus convidados, mas não tente jogar Catarina de Andrade em meus braços. Está cansada de saber que não pretendo me casar nem agora, nem no futuro.

Francisco se levantou da mesa, sem ver sequer a expressão no rosto da mãe. Antes de sair, não conteve uma última espiadela em Cecília.

Olhos verdes.



Capítulo

11

Uma súbita alegria aqueceu o coração de Cecilia naquela manhã. Pela primeira vez em muitos dias, viu seu pai acordar mais corado. Preparou-lhe o café, cortou um pedaço de pão e entregou-lhe juntamente com um beijo estalado na bochecha. Em seguida, aprontou as três marmitas que Angelo, Eustaquio e Sr. Antonio levariam para a roça. Por último, jogou o xale de lã nas costas, abriu a porta de casa e encarou o dia gelado. Ainda não havia amanhecido por completo. Uma forte neblina trazia umidade deixando o ar repleto de gotículas de água. Cecilia agarrou-se ao tecido grosso que cobria seus ombros e rumou para o casarão.

— Bom dia. — D. Joaquina recebeu-a com um sorriso caloroso que lembrava o de sua nona.

Cecilia respondeu com igual ternura. Pegou alguns gravetos e três peças de madeiras mais grossas para acender o fogão. Enquanto soprava para aumentar a pequena chama que se formou na lenha, D. Joaquina começou a

enumerar em voz alta a própria lista de afazeres. Deveria preparar diferentes doces em compota. Temperar e cozinhar, pelo menos, quatro variedades de carnes. Tarefas que tomariam por completo seu dia.

— Consegue fazer o almoço sozinha, hoje? — a cozinheira perguntou.

— *Si*, claro. Hum... D. Joaquina, será que posso fazer uma polenta para os empregados. Acho que vão gostar.

— Tudo bem, italiana. Estou mesmo curiosa para provar essa tal polenta de que tanto fala.

— E o *mio* pão, posso fazer também?

— Gosta de cozinhar, hein? — D. Joaquina mostrou-se satisfeita com a iniciativa de Cecília.

O trânsito na cozinha foi intenso. Balaies com laranjas, jaca, banana e maracujá chegavam e quase eram atropelados pelos baldes de leite que eram derrubados em um imenso tacho de cobre. Estela havia pedido atenção especial para o doce de leite, pois, era um dos preferidos do Presidente do Estado, Afonso Cláudio, e de sua sobrinha, Catarina de Andrade.

— Se a patroa acha que vai conseguir casar o menino Francisco com essa tal Catarina, hã, está muito enganada. — Cecília já havia notado que a cozinheira tinha o hábito de falar sozinha, principalmente quando estava muito atarefada. Em geral, falava da rotina da casa ou dos erros das arrumadeiras. Naquele dia, em especial, já era a terceira vez que mencionava o nome de Francisco. O que incomodou um pouco Cecília, pois, mesmo a

contragosto, seus pensamentos a levavam de volta para cinco dias atrás quando viu Francisco enfrentar sua mãe em favor dos italianos.

Começou a sovar o pão e o barulho da massa batendo na mesa abafou o monólogo de dona Joaquina. Havia acabado de colocar a massa para crescer, quando uma voz trêmula tirou Cecilia dos afazeres.

Eustaquio havia surgido do lado de fora da cozinha equilibrando-se em uma perna só. Seu rosto miúdo estava sujo de terra e sua blusa manchada de sangue.

Cecilia arfou e correu até o menino.

— Furei o pé com uma lasca de madeira — Eustaquio choramingou e mostrou o pé erguido de onde pingavam gotas de sangue. Como não tinha calçado para trabalhar na roça, o menino, a exemplo das outras crianças italianas, ia para a lavoura descalço.— Tá doendo muito. — Seu rosto se contorceu em uma careta. Nesse momento, dona Joaquina apareceu trazendo um enorme tacho contendo bananas amassadas misturadas com açúcar mascavo. Cecilia surpreendeu-se com a força da mulher que, a se considerar os cabelos brancos, já estava em seus sessenta e tantos anos. Pensou em ajudar a tutora, contudo, a cozinheira já havia apoiado a vasilha de cobre no chão e se aproximava.

— O que houve com o menino?

Cecilia explicou enquanto sentava Eustaquio na calçada de pedra afastando-o da porta da cozinha.

O garoto apoiou o pé ferido sobre a perna da irmã, movimento que o obrigou a apoiar as costas na fria camada de pedras.

Sentada, Cecilia ergueu o joelho para aproximar o ferimento de seus olhos. Ela e a cozinheira examinaram com cuidado, mas pouco conseguiram concluir diante da mistura de sangue e terra que cobriam o machucado.

D. Joaquina pegou uma caneca de água e lavou o pé do garoto que reclamou bastante.

— Tá ardendo!

Atraídos pelos apelos nada sutis do menino, Zé, o moleque que ajudava na ordenha do leite e mais dois empregados aproximaram-se curiosos.

— Vamos precisar de um alicate para puxar isso aí — D. Joaquina opinou vendo que a lasca de madeira havia se afundado na carne. — Ei! — chamou o moleque que espreitava por ali. — Vá pegar um alicate no paiol. — O garoto saiu em disparada. Suas pernas finas e compridas lhe conferiam uma agilidade ímpar. — Vou ferver uma água para não inflamar o ferimento.

— Ela vai jogar água quente no *mio* pé? — Eustaquio arregalou os dois olhos de medo.

— *Non*, querido — Cecilia riu. — A água é para limpar o alicate. — Eustaquio encolheu-se como um filhote de cachorro com frio.

Momentos depois, o moleque estava de volta e D. Joaquina mergulhava a ferramenta na água borbulhante.

— Preciso que seja forte agora — Cecilia apertou a mão de Eustaquio encorajando-o. Em seguida, pegou o alicate e pressionou-o contra o corte de modo a pinçar a madeira.

Eustaquio trincou os dentes enquanto D. Joaquina esforçava-se para manter o pé do garoto imóvel. Mas quando Cecilia agarrou a farpa gigante com os dentes do alicate, os gemidos de dor começaram a brotar no pobre menino.

— Está quase acabando — Cecilia acenou para D. Joaquina e puxou o pedaço de madeira de uma só vez.

Eustaquio arfou. Por mais que estivesse se esforçando para não chorar na frente de estranhos, foi impossível conter as lágrimas que saíram involuntariamente de seus olhos.

Cecilia lavou novamente a ferida examinando-a para se certificar de que não havia nenhum pedaço remanescente.

— O moleque disse que alguém havia se machucado na lavoura. — Francisco materializou-se ao lado dos envolvidos com Eustaquio surpreendendo a todos, sobretudo, Cecilia. Não era comum que um patrão se preocupasse com os empregados a ponto de interromper os próprios afazeres.

— É o irmão de Cecilia — D. Joaquina apressou-se em responder. — Mas não é nada. Já resolvemos.

— Agora, só falta desinfetar — Cecilia falou com Eustaquio deixando que a cozinheira respondesse as perguntas de Francisco.

— Vou ter que mijar no balde?

— E colocar o pé de molho nele para matar os germes — ela completou.

— O menino vai fazer o quê? — Francisco perguntou num tom perplexo.

Cecilia não gostou da intromissão do patrão, porém, ao desviar os olhos do irmão para as pessoas que a cercavam, percebeu que todos estavam igualmente espantados.

— Era assim que *nostra* nona fazia na Itália. A urina mata os germes.

— Mas você está no Brasil agora! Não pode tratar o menino de uma forma tão medieval.

— O senhor tá me chamando de ignorante? — Cecilia indignou-se com o tom de insulto. Ergueu-se e encarou Francisco esquecendo-se por um minuto de que ele era seu patrão. — O menino é *mio* irmão e eu faço como bem entender. *Noi* nunca *morremo* na Itália por mergulhar o pé na urina. Não vai ser agora que isso vai acontecer.

— O menino já está bem. Cada um pode voltar para o trabalho. — D. Joaquina dispersou os curiosos interessados no impasse entre Cecilia e Francisco.

— Por favor, não se ofenda. Eu só gostaria de oferecer uma opção mais eficaz. — Ele pareceu sincero.

— Ela não está ofendida — temendo um prolongamento da pequena desavença, a cozinheira respondeu por Cecilia.

— Então, aceita minha ajuda?

Ela manteve-se calada.

— Ora, é só um remédio — Francisco insistiu. O rosto branco e suave enfeitado com cílios longos e negros conferia-lhe as mesmas feições dos belos anjos pintados nas igrejas de Treviso, sua terra natal, o que o deixava ainda mais perigoso.

Mas Cecilia não queria nada dele. Nem mesmo ajuda. Primeiro, ele havia se materializado diante dela na cozinha como um verdadeiro fantasma. Depois, cumprimentou-a na primeira vez que lhe serviu o café da manhã. Atitude que vinha repetindo desde então. Aliás, Cecilia, acabava de se dar conta, Francisco sempre chegava à mesa antes da patroa o que lhe dava algum tempo a sós com ela. *Ele já deve tá pensando em me levar para cama. Disgraziato. Mas io non sou qualquer uma.* Pensou e sua expressão deve tê-la denunciado. Conteve-se e, como uma flecha em arco descendente, caiu-lhe a lembrança do dia que ele se indispôs com a mãe dele e defendeu os direitos do povo italiano. Talvez Francisco não fosse o monstro que haviam pintado. Nesse caso, Cecilia poderia aceitar a oferta do medicamento, pois, considerando-se o tamanho e a profundidade do ferimento de Eustaquio, havia o risco de infecção se ele fosse tratado apenas com urina.

Non. Francisco continuava sendo o mesmo canalha que tinha seduzido uma das empregadas da casa.

Enquanto isso, Eustaquio gemia baixinho esperando o desfecho do embate.

— Cecilia, o patrão só tá querendo ajudar. Não faça desfeita — a cozinheira interveio de maneira veemente.

Sem alternativas, mas com o aval da cozinheira, Cecilia aceitou o medicamento. Porém, continuou armada, como se a qualquer momento fosse recuar e se defender.

— *Grazie*, senhor Francisco — Eustaquio falou. Cecilia virou-se para o menino com uma expressão que poderia ser traduzida como: cala a boca! O rapaz, no entanto, não se mostrou disposto a obedecer. — *Io non* gosto de mijar no balde.

A ingênua sinceridade do garoto provocou uma gargalhada em Francisco, que foi replicada por D. Joaquina. Cecilia, no entanto, preferiu reprimir o riso.

— Venha, Eustaquio. — Mancando, o menino seguiu Cecilia que o deixou em casa e depois voltou para o serviço na sede da fazenda.



Capítulo

12

*“Quando si pianta la bella polenta,
la bella polenta si pianta così,
si pianta così, si pianta così.”*
(Folclore Italiano - La bella polenta)

Francisco atravessou a noite morna, uma das últimas da estação, e caminhou para a Colônia dos Italianos. Sua intenção era conversar sobre o terreno pleiteado para o cultivo da horta, além de explicar a questão dos juros cobrados na mercearia. No dia anterior, pediu a Mathias que arrumasse o encontro. Pela primeira vez estaria frente a frente com os meeiros. Para mostrar boa vontade, mandou dois garrafões de vinho e costelas de porco. Esperava que o agrado ajudasse a conquistar a simpatia dos imigrantes e acabasse com o mal-estar causado pelo descumprimento do contrato por parte da Bela Vista.

Lampiões estavam acesos e as chamas lançavam luz sobre as figuras altas dos italianos. Eles se aglomeravam em um espaço onde estavam dispostos vários bancos rústicos de madeira que, Francisco deduziu, haviam sido construídos pelos próprios colonos. Os garrações de vinho, já abertos, encontravam-se sobre um enorme tronco cortado horizontalmente e transformado em uma mesa redonda e alta.

Ao aproximar-se, Francisco reparou que os homens o encaravam hesitantes. Cumprimentou-os com um cordial “boa noite”, mas a insegurança quanto à sua presença não se dissipou.

— Que bom que gostaram do vinho. Será que me dariam um copo? — Demonstrou simplicidade na tentativa de amenizar as expressões vacilantes. Eles lhe entregaram a bebida e Francisco tomou um grande gole. — Obrigado. Posso? — apontou para um dos bancos vazios, mais uma vez quebrando o gelo.

Além dos assentos, Francisco notou que eles haviam construído um forno e um fogão à lenha que estavam alojados em um espaço vago entre duas casas. Uma cobertura rústica de folhas secas acomodadas sobre uma armação de madeira conferia à diminuta cozinha um aspecto de choupana. Ao redor do fogão, três mulheres retiravam as costelas, conservadas previamente cozidas pelas cozinheiras da fazenda em latas contendo banha de porco, e as colocavam em uma panela de ferro aquecida. Rapidamente o cheiro da carne espalhou-se e atraiu várias crianças como se fossem abelhas correndo para o mel. Em uma avaliação prévia, Francisco diria se tratar de um povo trabalhador, mas, sobretudo, determinado.

— E, então, *signore Francesco*, o que tem para falar com *noi*? — um

homem de porte avantajado e rosto traçado em ângulos bem definidos perguntou.

— E o senhor é?

— Agrizzi. Angelo Agrizzi.

— Pois bem, Sr. Angelo, tenho boas notícias. A partir de amanhã, vocês terão um terreno para começar a cultivar sua horta.

— Mas isso já tava no *nostro* contrato. — Embora alguns meeiros sorrissem e comemorassem a notícia com um farto gole de bebida, Angelo manteve-se impassível. Seu tom estava no limite entre uma cortesia forçada e a agressividade. Esvaziou o copo de vinho tinto que estava pela metade e o colocou sobre a mesa em um gesto de desafio.

— Tem toda razão, Sr. Angelo. Por isso estou aqui. Para desfazer alguns mal-entendidos e garantir que o contrato seja cumprido. Vocês terão um terreno fértil para plantio e eu terei meu café colhido em tempo hábil. — Sem se intimidar, Francisco respondeu num tom elegante, porém firme.

— *Noi* nunca *pensamo* em fazer diferente.

— Então, vejo que não teremos problemas.

— Mas *noi* ainda não *falamo* do preço dos *produto* vendido na mercearia. Os *juro* que vão cobrar é um roubo! — Angelo trouxe Francisco de volta ao ponto em que haviam parado na negociação.

De fato, os juros sobre os produtos eram altos, mas não havia o que fazer

quanto a isso. Francisco explicou um pouco da política econômica discorrendo sobre a inflação e outras questões que contribuíam para o valor das alíquotas.

— Espero que entenda. O sistema de juros é o mesmo para todos os colonos em qualquer fazenda do Estado. — Francisco esforçou-se para convencer o italiano.

— Tá certo, então. — Apesar de não se mostrar plenamente satisfeito com a manutenção dos valores, Angelo acabou aceitando os argumentos.

Angelo encheu novamente seu copo enquanto duas italianas traziam uma grande panela de asa onde haviam fritado algumas costelas. Crianças corriam atrás delas e uma algazarra se espalhou em comemoração à fartura de carne. De repente, a tensão dos negócios foi substituída por risos e um falatório geral. A comoção em torno da panela mexeu com Francisco. *Há quanto tempo esse povo não tem uma refeição decente?* Bebericou mais do vinho e aceitou uma porção de carne ofertada por uma das cozinheiras.

O líquido dos garrafões de bebida secou como água evaporando sob o sol escaldante do deserto. Francisco pediu que mandassem vir mais dois recipientes da mercearia. Atitude que foi comemorada com vivas.

— Quem está na sanfona? — Depois de alguns minutos, Francisco apontou para um senhor que acabava de puxar uma música animada.

— *Mio* pai, Antonio.

— Tudo isso é novo para mim — justificou o interesse sinalizando para os

meeiros que se divertiam dançando.

— Sua gente *non* festeja?

— Sim, fazemos festas. Muitas, até. Mas sempre há um interesse envolvido que nada tem a ver com divertimento. — Francisco lembrou-se de todas as recepções tediosas das quais havia participado no Rio de Janeiro e do aniversário de Estela que se aproximava.

Nesse instante, uma garota, de no máximo 15 anos, passou na frente deles. Ela segurava um pedaço plano de madeira de uns 80 centímetros de comprimento e gritava algumas palavras em italiano, que Francisco sabia não se tratar de frases cordiais. A menina em questão corria atrás de um garoto franzino de pouco mais de um metro de altura que portava em uma das mãos um avental de algodão cru. Rapidamente, outros moleques se juntaram ao primeiro de modo que a garota ficou no meio deles. O avental começou a ser jogado de um lado para o outro. Cada vez mais irritada, a menina ameaçou-os:

— *Io* acerto vocês com o pau da polenta!

— Eliza! — chamou uma das mulheres que estavam cozinhando. — Traz o pau da polenta.

Francisco riu divertindo-se com a pequena confusão que logo foi dissipada pela mãe das crianças.

Embora sua missão estivesse concluída, Francisco aceitou mais um copo de vinho. Dizia para si mesmo que continuava na colônia por curiosidade em

relação à cultura daquele povo. Mas, em seu íntimo, sabia que o motivo era outro. Um sorriso desenhou-se no canto de sua boca. Não conseguia parar de pensar na única italiana ausente naquela festa: Cecilia. A estranheza da situação em que se encontraram quando o irmão dela furou o pé, veio em sua mente.

Mulher de opinião, aquela italiana. Refletiu sobre a maneira que ela o afrontou recusando sua ajuda. *Preferia que o irmão mergulhasse o pé na urina. Veja só!*

Cecilia era diferente das mulheres que conheceu. O episódio envolvendo o balde, a urina e sua crítica em relação às práticas medievais dela revelaram alguém completamente diferente da pessoa escondida nos modos contidos e no olhar assustado que ela mantinha ao servir a mesa. Isso o fascinava. Fosse outra, não discutiria, aceitaria a ajuda e ainda ficaria lisonjeada pela atenção que lhe fora dirigida. Cecilia, ao contrário, além de recusar a oferta, mostrou-se ofendida. Além disso, considerou, irremediavelmente hipnotizado pela imagem em sua memória, que a italiana era linda. Mesmo oculta pelas roupas surradas, sua beleza era algo tão forte e marcante que parecia o nascer do sol: impossível de não ser notada.

— Mais, *signore Francesco*? — um italiano ofereceu vinho.

— Obrigado. Já estou satisfeito. — Arrancado de seus devaneios poéticos, Francisco percebeu que estava tarde. — Sabe onde está a italiana Cecilia? — perguntou em um ímpeto, mas se arrependeu em seguida diante da expressão duvidosa do seu interlocutor.

— *Non, signore.* Pergunte para *suo fratello*, Angelo — o homem

respondeu e, pelo seu tom, pareceu estranhar, ou até mesmo, não gostar da indagação.

Francisco desejou se explicar, porém, era como diziam: “às vezes a emenda sai pior do que o soneto”. Preferiu calar a boca a cometer outra indiscrição pudesse prejudicá-lo.

Despediu-se dos colonos questionando-se por que, afinal de contas, havia perdido a noção do tempo.

A resposta, é claro, ele já possuía antes mesmo de se fazer a pergunta. Cecilia.

Rumou para o casarão agradecendo mentalmente por não ter encontrado a moça. Caso contrário, corria o risco de cair em tentação e ficar com a imagem dela na cabeça a noite inteira.



Capítulo

13

Três dias depois, o casarão amanheceu agitado. O enorme relógio de pêndulo que ficava na sala principal ainda não havia marcado dez horas da manhã e Cecilia já tinha percorrido vários cômodos da casa dúzias de vezes. Lírios brancos para o quarto do Presidente do Estado. Rosas para os aposentos dos deputados federais e estaduais. Copos de leite para os cômodos dos demais convidados representados pelo primo de um barão, por um jornalista e por Catarina de Andrade, cujo quarto Estela inspecionava naquele momento.

Cecilia entrou segurando uma chaleira fumegante que exalava um aroma de alecrim, limão e laranja combinados.

— Você — Estela apontou para Joana, uma senhora corpulenta de rosto redondo e cabelos crespos — ficará responsável por esse quarto e pelos aposentos do Presidente do Estado. Quero os lençóis trocados todos os dias. Flores murchas são inaceitáveis. Cuide para que os ambientes sejam

aromatizados de manhã e ao entardecer. Quero que tudo seja perfeito. Não aceitarei erros. Coloque ali. — Finalmente notou a presença de Cecilia que ainda tinha em suas mãos a vasilha escaldante. Cecilia colocou a chaleira aromatizadora no chão, ao lado da cama, sobre um pano previamente depositado ali para este fim.

Os convidados apareceram no início da tarde. A comitiva composta por doze pessoas, mais empregados e condutores de animais, abarrotou o pátio. As palmeiras imperiais, cujas sombras se desenhavam no chão, foram as primeiras a dar as boas-vindas aos visitantes. Em seguida, vieram Estela, Francisco e Otávio, que havia retornado da capital na tarde anterior. Por último, apareceram os empregados.

Cecilia esperou que as senhoras elegantes desembarcassem de suas liteiras enquanto seus lacaios mantinham imóveis as mulas às quais os transportes estavam atrelados. Depois, discretamente, passou esquivando-se do grupo recém-chegado que exibia sorrisos para a dona da casa e seu filho.

As malas foram desembarcadas das charretes pelos próprios condutores. Cecilia encarregou-se de uma valise de couro marrom. Alguns convidados começaram a subir as escadarias do casarão. O amigo de Francisco, Otávio, parecia se esmerar em sorrir como um perfeito cavalheiro para impressionar uma moça que Cecilia imaginou ser a tal Catarina de Andrade. Muito bem vestida, trajava uma blusa num tom de rosa bebê ornada por rendas que formavam um triângulo invertido começando nos ombros e terminando no cós da saia de mesma cor. O cabelo amendoado estava solto, porém, parcialmente coberto com um chapéu redondo enfeitado com flores lilases. As mãos enluvadas carregaram uma discreta bolsa de tafetá bege. A garota, Cecilia pensou, parecia ter saído de um quadro renascentista: tinha graça e

uma leveza natural que a destacava entre os demais. De fato, uma bela candidata a ser nora de Estela Dias.

Mas embora Cecilia soubesse que a tal Catarina estivesse na fazenda para conquistar o disputado Francisco, ele não se mostrou interessado na moça. Ao contrário, cercou-se dos deputados e sequer perdeu mais do que alguns segundos a cumprimentando.

Como não poderiam passar com as bagagens pela porta principal, Cecilia e o outros empregados fizeram o mais longo e cansativo trajeto. Deram a volta no casarão e entraram pela cozinha. Subiram as escadas e acessaram os corredores leste e oeste que davam para os quartos de hóspedes. A quantidade de bagagem fez Cecilia se lembrar de quando chegou ao Brasil, muito distintamente. Carregava uma única mala contendo todos os bens que possuía na vida. Concluiu que aquelas pessoas nunca haviam conhecido a fome ou a pobreza.

Em meio ao trânsito de bolsas, Cecilia descobriu que transportava a valise de Catarina de Andrade, por isso, tratou de ser duas vezes mais cuidadosa do que seria em uma situação normal. Entrou no quarto da hóspede e colocou o objeto em segurança sobre uma penteadeira que ficava no lado oposto da cama. Passou por Estela e sua ilustre convidada enquanto atravessava o comprido corredor, mas olhou para o chão evitando ser notada pela patroa.

Chegou à cozinha e sentiu o cansaço ameaçando tomar conta de seu corpo. Antes, porém, que conseguisse sentar por alguns minutos, Joana apareceu ofegante ao seu lado.

— D. Estela está te chamando no quarto da D. Catarina.

Imediatamente, Cecilia deu meia volta e retornou pelo caminho que a trouxera até ali.

— A senhora mandou me chamar? — falou ao entrar no cômodo. Notou a valise, que havia deixado na penteadeira, aberta sobre a colcha de renda que cobria a cama.

— Foi você que trouxe a valise da D. Catarina para o quarto? — Estela perguntou enquanto Catarina de Andrade retirava o imaculado chapéu de flores, descalçava suas luvas de seda e colocava os itens sobre uma cômoda de jacarandá.

Cecilia fez que sim.

— Seu descuido provocou um enorme transtorno. Há um vidro de perfume quebrado. Tem ideia do que fez? — A patroa repreendeu-a.

Confusa com a acusação, Cecilia aproximou-se do objeto sobre a cama. De fato, havia um recipiente danificado.

— *Io non* entendo, senhora. *Non* deixei a mala cair no chão. Apenas trouxe e coloquei na penteadeira — respondeu. — Será que *non* quebrou na viagem?

— Claro que não! Foi a própria Catarina que o embalou — Estela devolveu como se a italiana tivesse proferido um sacrilégio.

— Mas é que tem muito buraco na estrada. Pode ter acontecido — por impulso, Cecilia insistiu. Arrependeu-se no minuto seguinte.

— Você tem ideia de quanto custa um perfume francês comprado na *Champs Elysées*? É lógico que não sabe! Eu embalei esse perfume para sobreviver a um terremoto. É impossível que ele tenha se quebrado no caminho para cá — Catarina manifestou-se em um arrogante arroubo de deselegância e descompostura.

— Acalme-se, querida. Nós vamos resolver isso. — Estela apressou-se em consolar sua hóspede.

Um escândalo por causa de um vidro de perfume quebrado. Cecília irritou-se enquanto mantinha-se imóvel. Tinha plena convicção de que levava a valise como se ela fosse um cristal, o que deixava apenas uma alternativa para o impasse: Catarina havia sido descuidada com o vidro, ao contrário do que falou. Se antes a hóspede lembrava uma figura renascentista, agora parecia a medusa barroca idealizada pelo pintor *Caravaggio*. O olhar venenoso da garota seria capaz de transformar-lhe em pedra se Catarina fosse o verdadeiro monstro mitológico.

Lágrimas vieram aos olhos de Cecília. Queria chorar e, ao mesmo tempo, gritar em reação a tamanha injustiça. Revidar, no entanto, não era uma alternativa viável. As palavras chegaram a nascer, mas foram sufocadas em sua garganta como se a própria condição de subalterna lhe apertasse o pescoço comprimindo suas cordas vocais quase ao ponto de deixá-la sem ar.

O chlique de Catarina persistiu por alguns minutos até que Estela finalmente a acalmou.

— Não pode deixar que a estupidez de uma empregada a descomponha dessa maneira. Tenho vários perfumes franceses, você pode escolher um para

impressionar Francisco. — Estela deu alguns tapinhas consoladores na mão de Catarina colocando um fim à questão. — Quanto a você — virou-se para Cecilia —, se cometer mais um deslize, será despedida.

Cecilia se perguntou se paciência demonstrada pela patroa era verdadeira ou motivada pelo fato de a menina ser uma rica pretendente ao cargo de sua nora. E se a bronca que havia levado fazia parte do jogo.

— Isso *non* vai acontecer de novo, *signora* Estela.

— Assim eu espero, italiana.

Humilhada, Cecilia voltou para a cozinha para se esconder entre as panelas e as comidas que deveriam ser preparadas para o jantar.



Capítulo

14

Francisco subiu as escadas que davam para a entrada do casarão sem perceber que suas botas deixavam marcas de capim e estrume de cavalo pelo caminho. Quando percebeu o deslize, já havia deixado um belo rastro malcheiroso atrás de si. Bateu os calçados nas tábuas da varanda e, em seguida, limpou as solas no tapete posicionado estrategicamente do lado de fora da porta para cobrir esses inconvenientes. Os convidados de sua mãe haviam chegado no dia anterior, mas ele já estava se sentindo sufocado, especialmente em virtude da presença de Catarina de Andrade.

Os hóspedes estavam reunidos na sala de visitas anexa à sala de jantar. Francisco não os havia acompanhado no desjejum. Precisava dar algumas ordens a Mathias, já que ficaria ocupado com a distração da tediosa comitiva pelos próximos três dias.

— Junte-se a nós, Francisco. Sentimos sua ausência no café. — O Presidente do Estado, o Sr. Afonso Cláudio, disse ao vê-lo chegar. Ele estava

ladeado por Estela e sua sobrinha, Catarina. Ao lado da moça, sua tia, D. Maria Espíndola. Próximo a uma janela que oferecia uma bela visão do pomar, encontravam-se as esposas dos deputados. Falavam sobre compotas de frutas. Seus maridos, por sua vez, conversavam animadamente com Otávio na parte mais distante do ambiente.

— Precisei resolver algumas pendências com nosso encarregado — falou depois de cumprimentar os presentes com um “bom dia”.

— Sua mãe disse que decidiu assumir a Bela Vista.

Francisco aproximou-se do Sr. Afonso Cláudio e sentou-se em uma cadeira com estofado de seda.

— Ficarei aqui até vendermos as sacas apuradas nessa colheita.

— Desistiu da carreira de advogado no Rio de Janeiro?

— De forma alguma, senhor. Pretendo retornar à capital assim que terminarem as burocracias do inventário de meu pai e da venda do café.

— Tenho buscado convencê-lo do contrário, mas os filhos às vezes são resistentes aos conselhos dos pais. Talvez o senhor consiga demovê-lo. — Estela encenou uma fragilidade materna que, Francisco sabia, tratava-se de puro cinismo.

— Imagino que Vitória esteja muito aquém da capital brasileira, mas temos excelentes escritórios de advocacia por aqui. Você pode fazer uma carreira brilhante. Tornar-se um magistrado, desembargador, quem sabe até

Presidente do Tribunal de Justiça do nosso Estado. — Enquanto o Sr. Afonso Cláudio argumentava, Francisco percebeu os olhares de Catarina recaírem sobre ele. Também notou o indiscreto comentário ao pé do ouvido feito pela tia da garota, o que o deixou bastante desconfortável.

— Ainda não pensei em fazer carreira na magistratura. Gosto de causas sociais.

— Meu filho é um tanto utópico.

— O que a senhora chama de utopia, eu nomeio como engajamento sócio-político.

— Vejo que temos ideais em comum. — O Sr. Afonso Cláudio mostrou-se interessado. — O idealismo na juventude é louvável, D. Estela. Eu mesmo fui e acho que ainda sou um idealista. Pelo menos era assim que meus amigos me chamavam quando liam meus artigos sobre a causa abolicionista.

— Ora, Afonso, dizer que o nomeavam idealista é ser condescendente com os fatos. Seus colegas bacharéis o chamavam de louco. — O Presidente do Estado não conteve o riso diante do descontraído comentário de sua esposa.

— É verdade — concordou divertindo-se com as lembranças.

— Pelo visto perdemos uma conversa animada — disse o Sr. Luiz Eugênio Barbosa que chegava acompanhado do amigo jornalista que escrevia para o jornal *O Cachoeirano*, de Cachoeiro do Itapemirim.

— Falávamos de sonhos e utopias, meu amigo — o Sr. Afonso Cláudio encarregou-se de responder.

— Muito interessante, mas se formos enveredar por esse caminho, temo que perderemos o passeio a cavalo que o jovem Francisco nos prometeu ontem — respondeu o Sr. Eugênio.

— Tem razão. De qualquer forma, podemos continuar o assunto enquanto percorremos as terras da Bela Vista. Tenho certeza de que nosso jornalista ganhará um bom tema para sua próxima crônica.

— Estou contanto com isso. — O jovem repórter confirmou parecendo empolgado.

— Andei pensando, acho que Catarina poderia acompanhá-los. D. Maria Espíndola me disse que sua sobrinha é uma excelente amazona. — Estela sugeriu com falsa naturalidade.

Francisco fulminou-a com os olhos.

— Seria ótimo testar os conhecimentos da moça, mas estamos sem montarias disponíveis. — Simulou o pesar diante do olhar ansioso de Catarina.

— Que lástima. Mas talvez Otávio, que conhece a Bela Vista do início ao fim, poderia ceder seu cavalo para ela. Otávio! — Estela acenou para o rapaz entretido com o grupo de deputados. Ele pediu licença aos amigos e aproximou-se da sua anfitriã. — Estamos com uma pequena dificuldade com relação às montarias. Francisco gostaria de levar Catarina no passeio dessa

manhã, mas estamos sem cavalos suficientes. — Enquanto Estela fazia sua argumentação, Francisco fez um discreto sinal para o amigo implorando que ele negasse o pedido. — Será que poderia ceder seu lugar para a nossa bela Catarina? Temo que ela se sentirá extremamente entediada se ficar aqui.

— Por favor, eu não quero ser um incômodo. — Catarina pareceu ligeiramente envergonhada, já que, naquele ponto, estava claro o desejo de Estela: empurrar a jovem para os braços do filho.

— Incômodo algum. — Otávio se pronunciou antes que Francisco agisse para alterar o rumo dos acontecimentos. — Tenho certeza de que Francisco desfrutará mais do passeio estando ao seu lado do que ao meu — Otávio completou dando um tiro de misericórdia no amigo.

As bochechas de Catarina ganharam um tom escarlate.

Agora, sim. Todos vão acreditar nessa mentira!

Francisco desejou esbofetear Otávio que, deliberadamente, havia-o colocado em maus lençóis. Francisco precisou de toda sua força de vontade para esconder a irritação que crescia dentro dele. Não fazia 24 horas que aquelas pessoas haviam chegado e Estela já estava jogando. E jogando sujo! Não esperava que o passeio idealizado para estreitar os laços de negócios pudesse ser transformado em um pretenso encontro amoroso.

Sentiu a musculatura dos ombros ficar tensa. Mudou sua postura na cadeira evitando encarar Estela que sorria feito uma serpente que acabou de dar um bote. Em breve, Francisco ponderou, todos imaginariam que ele estava de fato interessado em Catarina. Precisava fazer algo para que essa

falsa impressão não fosse comprada pelos demais. Contudo, diante da situação não havia outra atitude a ser tomada além de render-se ao jogo de Estela.

Concluiu, por fim:

— Se estamos todos em concordância, melhor nos apressarmos.

— Ótimo! Só peço que não se cansem. Afinal, temos uma festa hoje à noite. — Estela soou triunfante.



Capítulo

15

Cecilia pisava na relva, incomodada com os sapatos justos que comprimiam seus dedos. Já deveria ter chegado ao casarão. Naquele momento, todos os empregados que trabalhariam na festa de aniversário de Estela já deveriam estar prontos para receberem as primeiras instruções da noite. Aquele calçado irritante, contudo, a impedia de andar mais rápido. Não poderia calçar suas botas porque a patroa a proibira de usar “*seus trapos de imigrante*”. Para aumentar o desconforto, usava uma saia preta e uma blusa de linho que a deixava semelhante a um pinguim. Pelo menos pôde pentear o cabelo ao seu gosto. Fez uma tiara com uma trança embutida terminando em um coque baixo que lhe conferia um aspecto de camponesa. E não de uma ave marinha.

Vestir aquelas roupas, retiradas de uma velha arca, só fez aumentar o sentimento de humilhação vivido no dia anterior quando havia sido culpada de quebrar o perfume da esnobe Catarina.

O fim da tarde começava a ganhar o tom acinzentado que precede o anoitecer à medida que Cecilia se aproximava do casarão. O ar tinha o aroma marcante exalado pelas flores de uma planta de nome curioso: dama da noite. O cheiro a seguiu até ser sobrepujado por um forte odor de tabaco trazido pela brisa. Alguns passos adiante, Cecilia notou uma silhueta quase oculta pela penumbra. Pensou em desviar e tomar outro rumo para evitar o encontro com um dos convidados de sua patroa. Alterar sua rota, entretanto, a atrasaria ainda mais. Concentrou-se no coaxar dos sapos que tomavam os brejos próximos e seguiu resolvida a passar pelo transeunte de maneira imperceptível. Seus sapatos, porém, não concordaram com essa decisão. Determinados a envergonhá-la, enroscaram-se na renda do forro de sua saia, desequilibrando-a.

Cecilia cambaleou alguns passos imaginando que cairia feito uma banana podre que se solta do cacho. Mas amparou-se em uma árvore livrando-se do vexame.

— Você se machucou? — Francisco segurou o braço dela, surpreendendo-a. A mão quente provocou uma onda de calor na pele de Cecilia. Eles ficaram imóveis por alguns segundos como se unidos por um ímã invisível.

— *Non.* — Cecilia afastou-se alguns centímetros livrando-se do contato físico com ele. Abaixou e soltou a parte do forro que estava presa na fivela do sapato.

Ele apagou o cigarro e jogou-o no chão interessado em concentrar toda sua atenção nela. Examinou-a por alguns momentos e, de repente, sorriu parecendo se divertir com algo. Cecilia pensou que estivesse rindo do que lhe havia acontecido e não gostou da demonstração espontânea de estupidez.

— A última vez que vi essa roupa foi quando minha avó a usou no velório do meu avô.

Cecilia levou apenas alguns segundos para entender o motivo da graça. Estela havia lhe dado o conjunto porque, talvez, a odiasse tanto quanto detestava a própria sogra.

— O *signore* pode me dar licença. *Io tô* atrasada. — Cecilia falou sem se preocupar em esconder seu tom mal-humorado.

— Desculpe, eu não quis ofendê-la.

— Mas ofendeu.

— Só achei graça pela coincidência. É claro que a roupa fica muito melhor em você do que na minha finada avó.

— *Non* diga. — Cecilia devolveu com ironia.

— Olha, realmente não era minha intenção parecer grosseiro.

— De boas intenções o inferno *tá* cheio. *Non* é isso que dizem? — Cecilia aumentou o sarcasmo.

— Agora, é você que está sendo indelicada. Permita ao menos que me explique.

— *Signore* Francisco, guarde suas explicações para quem tem tempo para ouvi-las. No momento *io tô* atrasada e *non* quero perder *mio* emprego.

Ignorando que deveria chegar ao casarão com a roupa impecável e sem um único amassado, ergueu a saia até a altura dos tornozelos e saiu correndo. Se é que se pode chamar aquele bater de pernas, dificultado pelo desajuste dos sapatos, de corrida.

— Onde você se meteu, Cecilia? — D. Joaquina surpreendeu-a na porta da cozinha.

— *Io* num tava conseguindo andar direito com esse sapato. — Ofegante, soltou a saia e percebeu o estrago na roupa. Seus dedos haviam comprimido o tecido de tal forma que deixaram duas enormes marcas, uma ao lado da outra, como se fossem bolas irradiando pontos amarrotados em todas as direções.

— Vem cá. Vamos dar um jeito nisso. — A cozinheira correu até onde ficava guardado o ferro de passar roupa e o trouxe para a cozinha. Encheu o objeto com algumas brasas do fogão e esperou que ele esquentasse. As duas foram para outro cômodo e Cecilia despiu-se da saia. D. Joaquina passou a peça deixando-a novamente imaculada. — Pronto! Agora você está apresentável.

Cecilia seguiu para o salão da festa segurando uma bandeja de prata onde estavam dispostos canapés finos de massa folhada preparados pelas mãos habilidosas de D. Joaquina. O cheiro dos salgados provocou uma reclamação por parte de seu estômago vazio. Pisou no enorme tapete que cobria o piso de madeira quase por completo e surpreendeu-se com a delicadeza da peça bordada com fios dourados que pareciam ser de ouro. O som de uma melodia romântica tocada por um quarteto de cordas contratado especialmente para o requintado jantar conferia uma atmosfera idílica ao local. Os lustres de bronze derramavam uma luz cintilante sobre os convidados que coloriam o

espaço com seus vestidos glamorosos e seus trajes de gala.

Entreteve-se com a visão até ser abordada por um dos presentes. Cecilia inclinou a bandeja e ofereceu um canapé.

— Obrigado. — Ele serviu-se e levou o quitute à boca logo em seguida.
— Muito bom. Foi você que os fez?

— *Non, signore.* Foi D. Joaquina.

— Chegou recentemente ao Brasil...? Qual é mesmo seu nome?

— Cecilia. *Si*, faz *poco* tempo que chegamos.

— A propósito, eu me chamo Luiz Eugênio.

— *Piacere... Scusa*, mas *io non* posso conversar com os convidados da patroa. — Cecilia sentiu-se desconfortável com o estranho interrogatório.

— Tenho certeza de que D. Estela não se importaria com dois dedos de prosa. Além disso, você está apenas sendo gentil com um convidado. — Serviu-se de mais um canapé. — Diga-me, Cecilia, você e sua família... Certamente veio para o Brasil com seus pais, não é? — Cecilia mal ouviu a pergunta porque Francisco havia acabado de chegar ao salão e não tirava os olhos dela.

— Vim com *mio* pai e dois irmãos. *Mia* mãe já morreu. — Confessou, subitamente entristecida.

— Sinto muito.

— Faz algum tempo. Mas ainda sinto muita falta da *mia mamma*.

— É sempre assim quando perdemos uma pessoa importante. Faz dez anos que sou viúvo e, todos os dias, acordo com saudade da minha esposa. — Ele pareceu abalado, mas recuperou-se em seguida. — Diga-me, estou curioso para saber o nome do vapor que os trouxe ao Brasil.

— *Io non* me lembro — Cecilia mentiu para não prolongar a estranha conversa.

— Sr. Luiz Eugênio! Estava me perguntando por que ainda não o havia visto no salão. — Estela materializou-se ao lado de seu convidado e, apesar do tom casual do comentário, Cecilia sentiu-se repreendida por uma perturbadora expressão de raiva escondida no olhar dissimulado da dona da casa. Ficou feliz por saber que olhares não são capazes de matar.

— Estava perguntando à jovem Cecilia em qual vapor sua família chegou ao porto de Vitória.

— Provavelmente temos essa informação nos registros da Bela Vista. Francisco poderá esclarecer essa dúvida. — Estela demonstrou um parco interesse. Cecilia encarou a bandeja de prata evitando qualquer gesto que pudesse significar uma afronta à patroa. — Gostaria de apresentá-lo aos fazendeiros da região, eles acabaram de chegar.

O Sr. Luiz Eugênio cedeu ao convite e ofereceu o braço para acompanhar sua anfitriã.

Cecilia sentiu-se grata por se livrar da inconveniente situação. Encarou o

quadro da família imperial brasileira destituída de seu cargo. Sentiu-se observada de modo condescendente pela figura do então imperador, D. Pedro II, e sua ilustre esposa, D. Tereza Cristina. Talvez, se pudessem falar, diriam: continue atraindo atenções e acabará como nós, expulsa dessa casa no meio de uma madrugada fria e chuvosa.

Um arrepio de mau agouro percorreu sua espinha dorsal.

As mórbidas figuras dependuradas na parede tinham razão. Não restavam dúvidas de que Estela seria capaz de despedi-la. Depois do incidente com o perfume de Catarina, Cecilia sabia que estava pisando em ovos com a patroa. Observou o Sr. Luiz Eugênio que sorria para os prósperos amigos de Estela e tentou imaginar por que o homem havia cismado em importuná-la daquela maneira. Por que desejava saber o nome do vapor? Talvez a curiosidade fosse apenas uma desculpa para manter a aproximação. Sim, só poderia ser isso. Por outro lado, contrariando a maneira com a qual a abordou, o homem não fazia o tipo cafajeste. Bem, pelo menos, Cecilia não o enxergava dessa maneira. De qualquer forma, manteria distância do cavalheiro. Se Estela os pegasse conversando de novo não hesitaria em mandar Cecilia de volta para a lavoura.

Cecilia misturou-se aos convidados preocupando-se em fazer seu trabalho. Tão discreta quanto uma lua minguante oculta pelas nuvens, vagou entre as pessoas tomando o cuidado de esquivar-se do Sr. Luiz Eugênio com quem não pretendia trocar uma única palavra, nem naquela festa, nem em momento algum durante a permanência dele na fazenda.

Os músicos alteraram o ritmo para uma valsa. Casais se formaram e tomaram o centro do salão. Cecilia viu quando Francisco tirou Catarina para

dançar. Ela estendeu-lhe o braço com a leveza de uma pluma, mas ele sequer pareceu notar o gesto delicado. Cecilia era capaz de apostar que a atenção dele estava em qualquer lugar, menos na mulher ao seu lado.



Capítulo

16

Cecilia voltou para a cozinha na intenção de pegar mais quatro garrafas de espumante. Os convidados estavam reunidos no salão em torno de um requintado bolo de aniversário e, em breve, fariam um brinde. Ela ficou aliviada em afastar-se da festa por alguns minutos. Pensou em Catarina e em suas inúmeras investidas para chamar atenção de Francisco. Não fosse o fato de ter sido alvo da raiva desmedida da garota, Cecilia teria sentido pena dela. Francisco parecia ignorá-la de propósito, limitando-se a responder às suas tentativas de conversa com um “sim”, “não” e “Hu-hum”.

Localizou as garrafas de champanhe separadas sobre a mesa onde estavam também as bandejas com alguns petiscos refugados antes do jantar. Seu estômago emitiu um som nada elegante reclamando a falta de alimento. Experimentou um folhado de provolone com damasco e ervas finas.

— *Dio santo!* — Comeu mais meia dúzia sem pensar duas vezes. Imaginou se D. Joaquina permitiria que levasse as sobras da iguaria para

casa. Certamente seu pai, que gostava de tudo que tivesse queijo em sua concepção, adoraria comer algo tão gostoso.

Terminou de mastigar os quitutes e concentrou-se em sua tarefa. Embora seu estômago não concordasse inteiramente com essa decisão, parou de reclamar de maneira acintosa e aceitou ficar quieto, pelo menos, pelas próximas horas.

Segurou uma das garrafas e percebeu que deveria ter pedido ajuda para levá-las ao salão. Provavelmente não seria capaz de acomodar os quatro pesados recipientes em seus braços.

Decidiu fazer duas viagens.

Levou dois espumantes e os entregou ao garçom responsável por estourar a rolha para o brinde à aniversariante. Reparou que alguns convidados, depois de cumprirem as formalidades do jantar, já haviam se entregado ao descarado desfrute do álcool. A altura das vozes estava vários decibéis mais alta. Cecília viu Francisco esquivar-se de Otávio que insistia em fazer comentários acompanhados de risadas sonoras que visivelmente desagradavam o herdeiro. De fato, Otávio era um dos que haviam bebido além da conta. Ela mesma tinha lhe servido inúmeras taças de vinho ainda antes do jantar.

Voltou à cozinha, apanhou as duas garrafas pendentes, aninhou-as em seus braços e tomou o caminho para o salão, onde a música havia silenciado para o tão esperado momento de homenagem à anfitriã. Ao se preparar, no entanto, para dobrar o último corredor que a levaria à festa, deparou-se com Otávio, que parecia, ligeiramente desnortado.

Tentou passar como se ele fosse um dos móveis decorativos do ambiente. Não desejava protelar o encontro por dois motivos: o primeiro era óbvio, ele estava bêbado. O segundo, residia no fato de o inconveniente amigo de Francisco ter feito alguns elogios enquanto ela lhe servia mais cedo. Comentários a respeito dos olhos dela lembrarem joias raras. Se anteriormente Cecilia havia escutado as ridículas sentenças de maneira impassível, agora pensava em correr para desviar-se dele. O que não foi possível, pois, Otávio se posicionou de forma a interromper sua passagem.

Não desejando ser grosseira, perguntou:

— Precisa de ajuda, *signore*?

— Eu é que deveria estar lhe oferecendo meus préstimos. É muito peso para carregar sozinha. — Otávio sinalizou para as garrafas.

— É *mio* trabalho.

— Outro erro que deveria ser corrigido. Você é muito bonita para estar em uma cozinha.

Cecilia fingiu não compreender a insinuação. Isso, somado ao olhar indecoroso que percorria cada centímetro do corpo dela, causou-lhe uma perigosa sensação de repulsa.

— Não seja tão arredia.

— Por favor, *signore*. Peço que *non* me atrapalhe. — Cecilia deu um passo para trás evitando que Otávio tocasse em seu braço. Não conseguiu

impedir, no entanto, que o bafo de bebida a atingisse em cheio. O canapé que ela havia ingerido há pouco ameaçou causar-lhe náuseas. Otávio desequilibrou-se um pouco em função do deslocamento inesperado, mas aprumou-se em seguida.

Afinal de contas, o que havia de errado com aquela gente?

As histórias de abuso cometido pelo pai de Francisco em relação às escravas lhe vieram à memória. Será que os homens em posição de poder não eram capazes de respeitar uma mulher, especialmente se ela fosse uma empregada?

Cecilia sentiu-se tentada a acertá-lo com uma das garrafas que estavam em suas mãos. Se tivesse segura de que ele não se lembraria de nada no dia seguinte, certamente cumpriria seu desejo. Porém, a dúvida a fez considerar que a atitude passional lhe acarretaria em um enorme prejuízo. A demissão, no mínimo. Provavelmente seria obrigada a pagar pela bebida que, a se contar pelo rótulo escrito em francês, deveria custar todo o ordenado de trabalho até o momento.

— Cecilia! — a salvadora voz de D. Joaquina soou a alguns passos de distância. — Por que demorou? — perguntou ao se aproximar, embora sua expressão revelasse um entendimento bem maior da situação. — Sr. Otávio, precisa de alguma coisa?

— Um copo de água, mas eu sei o caminho da cozinha. Não se preocupe.

Acompanhada de D. Joaquina, Cecilia desapareceu da vista de Otávio desejando não cruzar o caminho dele quando estivesse sozinha.

— Tome cuidado com esse amigo de Francisco — a amiga alertou num tom sério. — Ele não me parece o tipo de pessoa que pede autorização para nada, se é que me entende.

— *Sì, signora.*



Capítulo

17

A festa avançou madrugada afora. O bolo e os brindes regados ao champanhe deram novo fôlego à comemoração. Inúmeras valsas foram tocadas pelo já exausto quarteto de cordas até que o último convidado deixasse a fazenda e os hóspedes decidissem que era o momento de se recolher.

Cecilia já estaria em casa se não precisasse organizar a cozinha. Deveria deixá-la pronta para ser utilizada no preparo do café da manhã que viria dali a algumas horas. Havia insistido com D. Joaquina para que ela se recolhesse, pois, cortava o coração ver a senhora lutando contra o cansaço do velho corpo já castigado por anos de trabalho intenso. Ela mesma estava com dificuldades para espantar o sono que ameaçava lhe derrubar a qualquer instante. Cantarolava baixinho uma canção para romper o silêncio da cozinha deserta. Arrumou as garrafas vazias de vinho dentro de um balaio de palha grande o suficiente para comportar vários vasilhames. Poderia tê-los deixado

ali para serem guardados quando o sol raiasse, mas preferiu levá-los consigo já que a despensa que comportava a adega era no caminho da colônia.

Trancou a porta da cozinha e seguiu equilibrando o cesto com auxílio dos ossos do quadril. Os vidros tilintaram em resposta ao movimento fazendo coro aos grilos que entoavam uma de suas canções noturnas. Respirou fundo e lembrou-se do cheiro do seu travesseiro, que exalava o perfume de camomila e calêndula, duas ervas com as quais ela havia preenchido o forro da peça. Embora seus poucos itens de roupa de cama não fossem luxuosos e caros semelhantes aos do enxoval do casarão, eram limpos e conquistados a duras penas.

A noite ficava mais escura à medida que se afastava dos lampiões acesos no pátio nos arredores da cozinha. Arrependeu-se de não ter trazido um daqueles consigo. Teria de pegar o que ficava na despensa e devolvê-lo quando voltasse ao amanhecer. Apoiou no chão a enorme cesta e abriu a porta do cômodo. Foi quando escutou um pigarrear atrás de si. Sobressaltada, virou-se e deu de cara com a desagradável figura de Otávio avaliando-a como se ela fosse um item em uma mercearia.

— Talvez agora aceite minha ajuda. — Suas palavras soavam gentis, mas seus modos eram sombrios, refletindo sua aparência que se destacava mesmo naquela penumbra. Não vestia o paletó que havia usado na festa. A camisa estava amassada e com os dois primeiros botões abertos. A calça igualmente amarrotada e o cabelo despenteado lhe conferiam um aspecto desleixado dando a impressão de que ele havia cochilado e acordado pouco tempo depois.

Todos os instintos de defesa de Cecilia se colocaram em alerta. Se tentasse

correr, precisaria tirar aqueles sapatos idiotas que a faziam tropeçar nas próprias pernas. Gritar também não era uma opção, pois, estava a meio caminho do dormitório dos empregados e dos corredores que abrigavam os quartos da casa. Se bem que, se o acusasse de algo naquelas circunstâncias, em que nada havia acontecido — ainda! —, provavelmente seria tomada como uma interesseira disposta a tirar proveito dos patrões. A única opção seria permitir que ele carregasse o cesto com as garrafas de vinho. Enquanto isso, poderia desafivelar os sapatos e desaparecer da vista daquele sujeito horrível.

— Se o *signore* puder levar o balaio para dentro... — Cecilia simulou um ar inocente na tentativa de convencê-lo de que havia caído em sua lábia.

Otávio pareceu gostar da suavidade da resposta e abaixou-se para apanhar o objeto ficando de costas para Cecilia. Aproveitando-se do momento de distração, ela se preparou para desafivelar o sapato. Mas ele a surpreendeu novamente. Deixou o cesto e, voltando-se para ela, disse:

— Acho que podemos deixar isso para depois. — As linhas de seu rosto estavam obscuras e não se importaram em esconder a excitação que as alimentava.

De repente, a noite parecia ter mergulhado no silêncio em resposta à tensão do momento. Como se compartilhassem da aflição de Cecilia, os grilos cantores emudeceram e os vaga-lumes apagaram suas luzes esverdeadas.

Cecilia sentiu o sangue fugir de seu rosto. O coração deu um solavanco no peito indicando que era o momento de correr, com ou sem sapatos. Suas

pernas a impeliram para frente em um desesperado ato de fuga.

Correu por poucos metros antes de ser abatida por Otávio, que a agarrou pela cintura girando-a no ar de maneira bruta.

— Por que está fugindo de mim? Eu só quero lhe dar um pouco de amor.

O bafo nauseante da bebida atingiu-a. Cecilia se agitou na tentativa de se libertar das garras que lhe aprisionavam os braços com a força de um urso assassino. Vendo que seu esforço era inútil, gritou por socorro. Uma. Duas. Três vezes, até que a mão dele sufocou seu pedido de ajuda.

Otávio arrastou-a para a despensa como se ela fosse um saco de abóboras que seria jogado aos porcos. Uma vez dentro do cômodo, ele a empurrou no chão.

Cecilia chocou-se contra o piso de terra batida e sua cabeça colidiu com alguns troncos de madeira empilhados ali. Um forte zunido tomou conta de sua mente deixando-a ligeiramente atordoada. Com o que lhe restava dos sentidos, percebeu que Otávio havia acendido o lampião e se preparava para trancar a porta. Levantou-se e pulou nas costas de seu raptor na tentativa de impedir seu intento.

Mesmo alcoolizado, a capacidade de manter-se de pé e a força de Otávio pareciam inabaláveis. Ele retirou Cecilia de seus ombros e a pressionou contra uma prateleira abarrotada de garrações de bebida. Os vidros gemeram quando os ossos de Cecilia foram comprimidos de maneira rude. Ela sentiu o ar escapar dos pulmões com a força do impacto.

— Se continuar resistindo, terei que usar de mais força.

— Por favor, me deixa ir embora.

— Só depois que eu provar um pouco de você, italiana. — Otávio afundou o rosto na nuca de Cecilia sorvendo o perfume da raiz dos seus cabelos, agora, completamente desgrenhados.

Cecilia sentiu a pele encolher quando a língua dele descreveu uma rota ascendente partindo da base do pescoço à parte de trás de sua orelha.

— Temos muito pano aqui. — Mantendo-a imóvel com a pressão do corpo, Otávio botou as mãos na gola da blusa de Cecilia e rasgou-a expondo seu colo e boa parte dos seios.

— Não! — Lágrimas de raiva e medo tomaram os olhos de Cecilia. Seus apelos misturaram-se ao choro incontrolável.

— Por que não cala a boca, sua vadiazinha? Até parece que é a primeira vez que vai fazer isso. Pensa que eu não vi o jeito que Francisco olha para você? Já se deitou com ele no cafezal... Pode confessar. Estamos só nós dois aqui. Qual é o problema? Não sou tão bom quanto o dono da fazenda? Não sou tão rico? Se for essa a questão, saiba que tenho muito mais dinheiro que os Dias. Para dizer a verdade, queridinha, eles estão à beira da falência.

Cecilia tentava empurrá-lo enquanto as garras cavavam sua saia para erguer o tecido acima dos joelhos. Percebendo a inutilidade do seu esforço, tentou alcançar uma garrafa. Apesar do limitado campo de ação, seus dedos tatearam o vão da prateleira e agarraram o vidro. Sacou o objeto e

arremessou-o contra Otávio. O golpe atingiu-lhe na base do crânio, mas não foi forte o suficiente para detê-lo. Ao contrário, a pancada apenas aumentou sua ira e sua fome de violência.

— Você não devia ter feito isso! — Tomado pela raiva, Otávio ergueu-a alguns centímetros no ar e jogou-a no chão fazendo seu corpo deslizar sobre o barro socado.

Cecilia sentiu a pancada nas costelas levar o pouco de ar que restava em seu sistema respiratório. Seus olhos lacrimejaram vigorosamente.

Otávio montou sobre ela, sentando em suas coxas para desafivelar o cinto e abrir a calças. Tentou beijá-la, mas Cecilia mordeu-lhe o lábio arrancando sangue da boca imunda que a sufocava.

Otávio desferiu uma bofetada que a atingiu na lateral do rosto, próximo ao ouvido.

Mesmo machucada, Cecilia continuou resistindo. Debateu-se recusando-se a parar de lutar, porque a outra opção era amarga demais para ser considerada. Embora, naquele instante, sua concretização mostrava-se praticamente um caminho sem volta.

Sim, ela estava prestes a ser violada por aquele monstro e não havia nada que pudesse fazer para evitar. Preferia morrer a imaginá-lo dilacerando sua carne por dentro. Sabia, no entanto, que, infelizmente, sairia viva daquele ato nojento.

O tecido de sua roupa íntima foi rasgado e suas entranhas se contorceram

quando o agressivo dedo de Otávio explorou sua intimidade. Alternou sua posição e deitou sobre Cecilia apoiando o peso de seu corpo sobre o dela.

Cecilia preparou-se para o pior.



Capítulo

18

Francisco acendeu um cigarro enquanto descia as escadarias desejando espremer. Contornou a entrada principal e se colocou em um ponto do terreno onde costumava se esconder quando era criança. Depois de tantos anos longe da Bela Vista, imaginou que houvesse adquirido imunidade em relação à Estela. Hipótese que havia se provado falsa. Em pouco menos de três semanas de convivência diária, ele já estava farto da hipocrisia, de frases dissimuladas e de gestos calculados. Sua mãe era daquelas pessoas que “não davam ponto sem nó”. Tudo em seu comportamento soava falso. E o fato de Francisco conhecer de perto suas artimanhas só o fazia sentir mais repulsa.

Deu a última tragada no cigarro, jogou o que restou dele no chão e amassou a guimba com o solado do sapato.

Preparava-se para retornar ao casarão, quando escutou ruídos que vinham da parte dos fundos da construção. Virou o ouvido na direção do barulho para se certificar de que não se tratava de uma balbúrdia de gatos vadios atrás de

ratos.

Outro som, dessa vez semelhante a um grito feminino, e então, o silêncio.

Intrigado, Francisco caminhou na direção ao vozerio. Passou pelas tulhas e conferiu suas portas. Todas devidamente fechadas. Ouviu o barulho de vozes abafadas e o tilintar distante de garrafas de vidro, o que o levou para a despensa que abrigava a adega da fazenda.

Abrir a porta daquele depósito e deparar-se com um ato de brutalidade disparou toda a sua indignação. Como um cavalo no cio, Otávio estava montado sobre Cecilia que tentava a todo custo livrar-se dele. Mas, apesar dos seus esforços, Otávio, o mais forte daquela equação, levava vantagem.

Sem pensar duas vezes, Francisco partiu para cima do amigo, cravou suas mãos nos ombros dele e o puxou para trás atirando-o no chão.

Cecilia contraiu o corpo como um bicho indefeso. Sua roupa estava rasgada. Havia arranhões no seu rosto e os seios expostos apresentavam marcas de mordidas. Descendo um pouco mais, Francisco viu a saia erguida até a cintura e a roupa de baixo reduzida a trapos.

Envergonhada, Cecilia encolheu as pernas na tentativa de tapar suas partes íntimas. Francisco retirou o paletó e cobriu-a.

— O que deu em você? — Otávio perguntou já de pé enquanto fechava a braguilha de sua calça.

— O que deu em *mim*? — Francisco encarou-o surpreso e completamente

transtornado. — Será que não percebe o absurdo dessa pergunta? Por acaso você é um animal para pegar uma mulher à força?

— Olha quem fala! E por acaso a empregadinha que sua mãe encontrou no seu quarto foi até lá com as próprias pernas? — Otávio acusou-o e o cheiro do seu bafo de bebida espalhou-se pelo ambiente.

— Você sabe muito bem que sim! O que está querendo insinuar? Olha, você está bêbado demais. Acho melhor não continuarmos essa conversa. — Francisco apontou a direção da porta pedindo com o gesto que Otávio saísse dali.

— Ah, faça-me o favor, Francisco. Só está zangado desse jeito porque eu cheguei na italiana antes de você. Vai bancar o cavalheiro, agora? Eu o conheço há muito tempo para saber que de bom moço, não tem nada.

— Nenhuma mulher foi para minha cama à força. Nunca! — Francisco pensou estar diante de um estranho. Otávio estava completamente fora de si. Como alguém que havia defendido o direito à liberdade e o fim da opressão era capaz de um gesto tão desumano e cruel? Não conseguia reconhecer naquele homem o seu amigo. Nenhuma bebida do mundo era capaz de transformar o caráter de uma pessoa, mas aflorar seus aspectos mais sombrios, geralmente escondidos sob a máscara da sobriedade. Era difícil constatar que a pessoa mais próxima dele, a quem Francisco considerava um irmão, fosse, na verdade, um sádico semelhante a tantos proprietários de escravos que estupravam as negras da casa para satisfazer seus irrefreáveis instintos sexuais.

— Você é o homem perfeito, não?! — Otávio continuou com os insultos.

— Sugiro que mantenha sua boca fechada, Otávio, senão...

— Senão o quê? Vai sujar suas mãos por causa dessa vadiazinha? — Otávio soltou uma risada e olhou com um desdém mortal para Cecilia.

Antes que o som grave do riso alcoolizado terminasse, Francisco acertou um soco no maxilar de Otávio.

Cecilia emitiu um gemido indefinido que lembrava um ganido. Francisco olhou-a com o canto dos olhos. O corpo dela estava tenso e os braços comprimiam com força suas pernas encolhidas na altura do peito.

Otávio cambaleou com a força do impacto. Passou a mão no rosto e parou tateando a boca. Examinou os dedos sujos de sangue e, depois, numa expressão que era um misto de incredulidade e ódio, voltou-se para Francisco.

— Há quanto tempo somos amigos, hein? Éramos irmãos. Essa aí vale tudo isso? — Otávio apontou com desprezo para Cecilia. Francisco se colocou entre os dois impedindo que ela fosse obrigada a olhar para seu agressor.

— Nenhuma mulher merece o que você estava fazendo. Esse Otávio que está diante de mim não é o mesmo que costumava ser meu amigo, mas um bicho violento que não sabe respeitar um ser humano. Volte para o casarão antes que eu perca o pouco controle que me resta e te ensine a lição que merece.

— Você vai se arrepender por isso. — Otávio passou por Francisco e lhe

deu um tranco com o ombro direito.

Francisco precisou de todo seu autocontrole para suprimir o desejo de esmurrar Otávio até que ele ficasse tão machucado por fora quanto Cecilia deveria estar por dentro. Depois que ele saiu, Francisco abaixou ao lado de Cecilia com o intuito de ajudá-la.

— Não vou te fazer nenhum mal. Não precisa ter medo — ele disse ao perceber que corpo dela se encolheu ainda mais ante a aproximação. Porém, foi perceptível por parte dela que nenhum mal sobreporia ao que ela havia acabado de sofrer.

Cecilia ergueu o rosto e permitiu que Francisco ajeitasse-lhe o casaco e a acolhesse nos braços.



Capítulo

19

Cecilia sentiu-se grata pelo gesto acolhedor que lhe trouxe um pouco de proteção. A segurança, no entanto, apesar de bem-vinda e reconfortante, provocou-lhe uma nova onda de choro. Não um choro de medo, mas de alívio, de agradecimento. Afundou o rosto no peito de Francisco aninhando-se na tentativa de se esconder do mundo. E conseguiu fazer isso, pelo menos por alguns momentos. Acostumou-se rapidamente com o balançar suave do corpo provocado pelo movimento dos passos dele. Sentiu a tensão dos músculos sob a camisa e o calor que emanava deles. A quentura ajudou a diminuir os tremores que percorriam seu corpo. Devagar, Cecilia foi capaz de controlar os espasmos de medo e suprimir o choro. Quando deu por si já estavam a caminho da colônia.

Dio, como vou chegar em casa nesse estado?

Empertigou-se nos braços de Francisco.

— O que foi? — Subitamente, ele interrompeu os passos.

— *Io num* posso ir para casa assim. — Embora fosse pouco provável que seu pai ou Angelo estivessem acordados, preferia ser cautelosa e evitar qualquer risco.

Francisco ficou imóvel e em silêncio como se cogitasse o que fazer.

— Pode me colocar no chão. Acho que minhas pernas vão me segurar dessa vez.

Francisco pendurou o lampião em um galho de árvore, depois flexionou os joelhos e ajudou Cecília a aprumar-se.

Um pouco tonta pela mudança de perspectiva, levou alguns segundos para deixar de ver as coisas dançando ao seu redor.

— Tudo bem? — Francisco ainda segurava seus cotovelos.

Cecília fez que sim.

Ele deu um passo para trás, pegou o lampião e examinou-a sob a luz.

— Sua pele está suja de barro. Talvez, se pudesse soltar o cabelo para esconder um pouco o inchaço dos olhos... — Ele ergueu a mão para tocá-la, mas parou a meio caminho. — Tem água aqui perto. Você pode lavar o rosto e se ajeitar. — Você está muito machucada?

Cecília notou a hesitação de Francisco em terminar a pergunta e percebeu o que ele queria dizer com a pergunta.

— Ele não chegou até o fim. Você chegou antes — Cecilia disse num sussurro quase inaudível, envergonhada.

— Eu me alivio com o fato.

— *Non* precisa ficar aqui. *Io* consigo me virar sozinha.

— O caso é que eu quero ficar. Isso, se você permitir, é claro.

Cecilia assentiu novamente. Não podia ignorar que a possibilidade de ficar sozinha naquele momento era assustadora.

O diminuto riacho ficava a alguns metros de distância de onde estavam. Era cercado de plantas, copos de leite, taioba e agrião, além de sapos que coaxavam a plenos pulmões. O córrego, percebeu ao chegar mais perto, era, na verdade, uma das nascentes que alimentavam o denso rio que atravessava vários hectares da Bela Vista.

— Espere aqui — Francisco pediu indicando uma pedra alta o suficiente para servir de assento para Cecilia. — Pode segurá-lo no alto para mim? — Entregou-lhe o lampião.

Francisco aproximou-se da água e Cecilia percebeu que os sapatos dele afundaram vários centímetros na lama do brejo. Observou-o pegar o lenço do bolso, afastar as plantas para encontrar a água limpa e umedecer o tecido. Ele parecia empenhado em sua tarefa como se fosse um médico e ela, sua paciente. Apesar de estarem ali por causa do quase estupro, era reconfortante sentir que ele se esforçava para vê-la bem novamente.

— Posso? — Francisco pediu depois de se colocar ao lado dela. Estavam próximos o suficiente para Cecília sentir sua respiração tocar-lhe o rosto.

Sem esperar por um consentimento verbal, Francisco encostou o tecido de linho no rosto de Cecília. Ela deu um leve sobressalto em reação ao contato da água fria em sua pele.

— O que foi? Doeu?

— *Non.*

A expressão de Francisco, de repente tensa, atenuou-se e ele continuou limpando suas bochechas e testa com movimentos ternos e sutis. Minutos mais tarde, ele voltou ao brejo, lavou o lenço e trouxe um pouco de água dentro de uma enorme folha de taioba. Cecília lavou as mãos e o rosto, que embora estivesse limpo graças ao empenho de Francisco, ainda parecia impregnado do cheiro de Otávio. Começou a desfazer o que havia restado de sua trança. Felizmente, o volumoso cabelo caiu acomodando-se de modo a ocultar boa parte do hematoma que começava a se formar onde Otávio lhe havia atingido.

Francisco jogou fora a folha de taioba e sugeriu parecendo ter deliberado mentalmente sobre a melhor forma de abordar o assunto:

— Você deveria denunciá-lo... Posso ajudar... com os meios legais. Sou advogado, quero dizer.

Sim, seria ótimo que Otávio fosse entregue à polícia e pagasse pelo seu crime. Isso até poderia acontecer em um mundo ideal. Mas, na prática, as

coisas não funcionariam dessa forma. Se houvesse uma denúncia, no fim das contas, ela seria a maior prejudicada. Ficaria exposta à vergonha e seria mandada embora da fazenda. E isso não era o pior que poderia acontecer. Se Angelo descobrisse o que houve, tudo estaria perdido. O sangue quente dele falaria mais alto e ele seria capaz de matar Otávio, sem pensar duas vezes.

— *Non!* — Cecilia respondeu com veemência reagindo ao dilema interior.

— Por que não? O que Otávio fez foi indigno. Imperdoável.

— *Io non* quero.

— Qual é o problema? Está com medo do que possa acontecer?

— *Io non* quero e pronto!

— Eu estou do seu lado — ele insistiu.

— O *signore* é surdo? Esse assunto termina aqui — Cecilia falou num tom irritado, calando-o em sua obstinação quanto à denúncia.

— Tudo bem. Se não quer se expor, eu entendo.

— *Io* peço que não fale disso para ninguém.

— Fique tranquila. Não pretendo envergonhá-la. Seu segredo está guardado comigo. Mas, se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, não hesite em pedir. — Francisco fitou-a e, por um momento, Cecilia desejou abraçá-lo e agradecer pelo que estava disposto a fazer por ela: acabar com uma amizade de anos para defendê-la. Conteve-se, no entanto, e limitou-se

apenas a um “obrigada”.

Despediram-se nas proximidades da colônia. Francisco disse que ficaria ali observando-a até que entrasse em casa para ter a certeza de que estaria segura.



Capítulo

20

Depois de deixar Cecília na colônia, Francisco voltou para o casarão. Era incapaz de tirar a italiana da cabeça. E o pior, sem conseguir arrancar de sua memória a maldita cena que havia presenciado no depósito de vinhos.

A primeira vez que presenciou uma cena de violência foi aos cinco anos quando viu o feitor castigar uma escrava. Sua mãe havia colocado a moça no tronco por um dia inteiro e ao anoitecer ela foi chicoteada até desmaiar de dor. Francisco havia fugido pela janela do seu quarto e acompanhado o movimento da chibata. Naquela época achava que a penitência era por sua culpa. Mais cedo a mulher, que havia sido sua ama de leite, o livrara de um corretivo escondendo-o debaixo da pia da cozinha.

Em sua inocência, Francisco imaginou que Estela havia descoberto o feito e mandado punir sua salvadora. Naquela noite, ele chorou até raiar o dia. Sentiu-se covarde por não ter sido capaz de ajudar a pobre escrava da mesma forma que ela o havia ajudado.

Anos mais tarde, no entanto, soube que a escrava era uma das amantes do coronel, aquelas que seu pai obrigava a se deitar com ele. E a punição nada tinha a ver com Francisco.

Porém, diferente daquele dia, hoje ele pôde agir a tempo. Socou a madeira maciça da escrivaninha do seu quarto. Os nós dos seus dedos reclamaram a estupidez do ato. Arrancou o sapato encharcado de lama seca da nascente onde havia pegado água para lavar o rosto de Cecília, tirou a calça, a camisa, vestiu o pijama e deitou-se na cama de barriga para cima. Pensou em Cecília e quis voltar à colônia para ter certeza de que ela estava bem. Imaginou o que teria acontecido se não tivesse chegado a tempo para salvá-la.

Virou-se de lado e apagou o lampião que havia deixado aceso no criado-mudo. Em algum momento, adormeceu. O sono foi marcado por imagens de Cecília machucada gritando por socorro e durou até o primeiro cantar do galo.

Cansado, mas impaciente demais para ignorar a vontade de levantar, Francisco se enfiou em uma roupa e foi fazer o que desejava desde que se despediu de Cecília.

Entrou sem bater no quarto de Otávio e não se importou em acordá-lo. Na verdade, sentiu até um certo prazer em vê-lo pular como se houvesse sido despertado com uma martelada na cabeça.

— Maldição, Francisco! O que está fazendo no meu quarto? — Se a ressaca fosse menos intensa, Francisco tinha certeza de que Otávio faria mais do que reclamar.

— Só vim me certificar de que vai deixar a fazenda assim que conseguir ficar de pé.

— Você vai levar isso adiante? — Surpreso, Otávio sentou-se na cama. Fechou os olhos ao terminar o movimento e fez uma careta de dor. Francisco reparou que o soco que lhe deu durante a madrugada havia deixado um hematoma no lado esquerdo do maxilar de Otávio. — Não percebe que está exagerando? Eu estava bêbado. Passei dos limites, sim. Mas você pode ficar tranquilo, não vou chegar perto daquela italiana de novo.

— Passou dos limites? É muita condescendência da sua parte pensar assim. — As mãos de Francisco se fecharam em punho. — O que fez foi criminoso. Você quase violentou uma mulher.

— Como se isso nunca houvesse acontecido nessa casa.

— Um erro não justifica outro e sempre soube o que eu pensava disso. O tempo da violência acabou. Sabe o que me espanta? É que eu nunca consegui enxergar quem você realmente era. Nunca vi o canalha por trás da máscara de bom moço.

— Ah, eu sou o canalha! Falou o homem que foi amante de uma mulher casada por quase um ano. O marido dela era seu professor! Se isso não é canalhice, é o quê? Retidão?

— Não me orgulho do que fiz. Mas nossas atitudes sequer podem ser comparáveis. Minha amante, como você diz, nunca foi forçada a se deitar comigo. — Francisco aumentou o som da voz sob o risco de atrair atenção de alguém que estivesse hospedado no quarto vizinho, embora isso fosse difícil

dada a hora em que os convidados foram dormir.

Mesmo parecendo ligeiramente tonto, Otávio pôs-se de pé. Suas mãos pousaram na cabeça, segurando-a como se ela fosse cair. Franziu a sobrancelha externando os efeitos do que deveria ser uma terrível dor de cabeça. Pelo menos a ressaca o estava repreendendo, já que a consciência sequer se importava com suas atitudes da madrugada.

— Quero você longe da minha fazenda! — Francisco disse num tom de ameaça.

— Tem certeza de que vai jogar nossa amizade fora por causa de uma italiana qualquer?

— Pensei que tinha deixado isso bem claro quando tirei você de cima de Cecília.

— Você sempre foi ingênuo, mas nunca pensei que fosse estúpido. Ela não vale tudo isso. E depois que levá-la para cama? O que vai fazer, casar-se? Ora, faça-me o favor! Vai se arrepender.

— Você já me falou isso. Estou ciente da sua ameaça.

— Pois muito bem, irei embora, sim, mas primeiro vou explicar à sua mãe o motivo da minha partida. Duvido que, depois de saber que seu filho está apaixonado por uma imigrante, ela permitirá que essa tal Cecília e a família dela continuem na Bela Vista.

— Se fizer isso, eu mesmo o denunciarei à polícia por tentativa de estupro

— Francisco devolveu.

— Você não seria capaz! — Incrédulo, Otávio arregalou os olhos.

— Experimente tentar prejudicar Cecilia e verá do que eu sou *capaz*. — Francisco intimidou-o desejando que o ódio que sentia fosse capaz de atingir Otávio de alguma forma.

Sabia que Cecilia desejava evitar o processo a qualquer custo, mas a ameaça era a única alternativa para frear Otávio. Além disso, tinha certeza de que ele recuaria ante a possibilidade de ver seu nome envolvido em um processo. Mesmo que o dinheiro pudesse comprar uma absolvição, sua reputação ficaria manchada, o que prejudicaria seus planos de assumir o lugar de seu pai no banco.

Os dois avaliaram-se por vários segundos. Francisco esperando o inimigo recuar e Otávio, possivelmente, considerando as implicações que um processo traria à sua carreira.

— Pois muito bem. Você ganhou essa, mas não pense que terá tanta sorte quando nos encontrarmos novamente — Otávio, finalmente, cedeu.

— Espero que deixe essa fazenda de maneira discreta, antes que os hóspedes de Estela acordem.

— Não se preocupe com isso, Sr. Francisco Dias, essa será a última vez que me verá em suas terras. Peço apenas que me ceda um cavalo, que, é claro, eu mandarei de volta assim que possível.

Francisco assentiu e saiu do quarto de Otávio desejando não ser obrigado a olhar para o calhorda tão cedo. Sabia, contudo, que isso não aconteceria. Provavelmente teria o desprazer de revê-lo quando fosse ao banco, que o pai dele geria, renegociar as dívidas da fazenda.



Capítulo

21

— O que é isso no seu rosto? — D. Joaquina perguntou ao se deparar com Cecília que exibía uma marca vermelha na maçã do rosto, próxima à base do cabelo. Embora, antes de sair de casa, tivesse obtido sucesso em esconder da família o ponto avermelhado com ajuda dos cabelos fartos, agora, na cozinha, onde precisava prender as mechas, Cecília acabou exposta à observação direta.

— *Non* foi nada — respondeu e, num gesto involuntário, tocou a bochecha com a ponta dos dedos.

— Nada não deixa uma marca. Isso foi um tapa? — A cozinheira aproximou-se para examinar Cecília. — Foi o seu pai que fez isso? Ou seu irmão?

— *Non*. *Io* bati o rosto na madeira da janela — Cecília virou-se de costas e encarou o vapor que saía da chaleira sobre o fogão. Por um momento

pensou em contar o que havia acontecido, mas preferiu manter o segredo, ou melhor, a vergonha, para si mesma. Voltou-se para D. Joaquina. — A senhora pode me ajudar a esconder?

— Podemos tentar. Tem certeza de que não quer me dizer o que houve?

— *Si*.

Discretamente D. Joaquina buscou um pouco de pó-de-arroz no lavabo do andar de cima, onde uma das visitas o havia esquecido, e Cecilia conseguiu amenizar o estrago em sua pele.

— A *signora* acha que alguém vai notar? — Encolheu os ombros ao se olhar no espelho que ficava no fundo da cristaleira da sala de jantar. Ela e D. Joaquina estavam terminando de separar a louça do café que, naquela manhã, seria servido excepcionalmente uma hora mais tarde do que o habitual.

— Com sorte, nenhum dos hóspedes ou mesmo a patroa vai prestar atenção em uma empregada depois da festa de ontem.

Cecilia agarrou-se a essa possibilidade e concentrou-se em suas tarefas. Trouxe para a mesa a broa que havia acabado de sair do forno. Colocou o recipiente de vidro com os pedaços de bolo cortados em quadrados perfeitos sobre a toalha de renda e virou-se para voltar para a cozinha quando foi surpreendida pela chegada de Francisco. Envergonhada, encarou o chão desejando que, por um milagre, tivesse a capacidade de se tornar invisível para não ser notada.

— Como você está? — Francisco perguntou ao se aproximar. Sua

expressão era terna, mas os vincos na testa denunciavam preocupação.

— Bem. *Non* precisa se preocupar comigo. — Cecilia finalmente foi capaz de responder.

— Não é questão de precisar, mas de querer. — Ele ergueu o braço e acariciou-lhe o rosto com as costas da mão. Seus dedos percorreram o limite do ponto avermelhado parcialmente oculto pela maquiagem. — Dói?

— Um *poco*.

Ele continuou com o gesto de carinho tocando-a com a delicadeza de uma pluma. Cecilia estremeceu. Seu corpo ansiava por proteção. Desejava estar novamente amparada. Francisco aproximou-se mais alguns centímetros e ela sentiu a respiração quente dele encostar em sua pele.

— *Io tô* bem, *signore*. *Per favore*, fique longe. — Cecilia esquivou-se.

— Desculpe. Eu não queria parecer invasivo.

— O *signore* vai querer o café agora ou vai esperar pelos outros?

— Aceito o café.

Cecilia assentiu e voltou para a cozinha, apressada, perguntando-se o que estava acontecendo com ela. Francisco havia sido um cavalheiro na noite anterior. Defendeu-a como poucos em sua posição seriam capazes de fazer. Mas a ligação entre os dois terminava ali. Ele continuava sendo seu patrão e ela, a empregada.

Estava pensando nisso quando percebeu que havia deixado entornar um pouco do café que estava transferindo para o bule.

— O que você tem hoje? Quero dizer, além desse machucado no rosto. Está muito distraída... — D. Joaquina inquiriu.

— *Non* foi nada. — Cecilia limpou o líquido derramado enquanto a cozinheira arrumava o bolo de cenoura sobre um requintado prato de vidro. Pegou um descanso de panela pequeno e redondo e, em seguida, ergueu pela alça o vasilhame com o café e apoiou o fundo no tecido em sua outra mão.

— Vou levar o café para o patrão.

— Vou com você. — D. Joaquina colocou-se ao lado de Cecilia e as duas voltaram para a sala de jantar.

Estela já estava sentada na cabeceira da mesa quando as duas apareceram e depositaram os objetos que traziam nos devidos lugares.

— Onde está Catarina? — Estela perguntou para Francisco.

— Provavelmente dormindo. — Ele respondeu de má vontade enquanto observava Cecilia se aproximar.

— Café?

— Sim, por favor. — Ele chegou um pouco para trás encostando a coluna na cadeira para dar mais espaço para Cecilia servi-lo.

— D. Estela, queria saber qual é o cardápio do almoço. — D. Joaquina se

colocou ao lado da patroa numa postura submissa. As mãos encolhidas na altura do abdômen, a cabeça baixa e um ligeiro receio no olhar que Cecilia não conseguiu deixar de observar com censura.

— Catarina já se levantou. Passei por ela dando uma volta na varanda ainda há pouco.

— Então, por que a senhora não a trouxe para tomar café, afinal de contas?

— Pensei que você pudesse ir até lá e acompanhá-la.

Francisco respirou sorvendo o ar e soltando-o, em seguida, de maneira ruidosa.

— Você precisa ser mais gentil com a moça — Estela repreendeu-o.

— Ora, não estamos à beira da ruína para eu precisar me rastejar por uma herdeira rica. E, mesmo que estivéssemos, eu não me sujeitaria a esse tipo de papel. — Francisco respondeu sem se importar com o fato de que ele e sua mãe não estavam sozinhos. Cecilia encolheu-se em um canto no pequeno espaço entre a arca e a cristaleira na esperança de que Estela esquecesse sua presença ali. Sabia que a patroa odiava ser contrariada pelo filho, sobretudo na frente de uma empregada.

— Também não estamos mais vivendo no luxo. — Ela devolveu aparentemente ignorando a presença de Cecilia, contradizendo sua habitual discrição no que tangia a condição financeira de sua família.

— E o que é luxo para você, Estela?

— Ainda não fui a Paris nesse ano. Sabe como eu...

— Pois trate de se acostumar, porque se depender de mim, ficará um bom tempo sem pisar por lá.

Cecilia percebeu os dedos de Estela se fecharem apertando o tecido do guardanapo que ela colocou sobre a perna. Depois de alguns instantes, a patroa voltou a falar retomando ao seu principal interesse na conversa.

— Vai acabar perdendo Catarina para Otávio.

Cecilia não esperava escutar o nome de Otávio tão cedo. Levou a mão ao pescoço tentando inutilmente se agarrar à medalha de São Francisco de Assis, mas ela havia desaparecido no dia em que chegou ao Brasil. Olhou para Francisco que carregava o mesmo nome do seu santo de devoção. Ele parecia perturbado. Uma veia em sua testa pulsava como se estivesse prestes a explodir e seu maxilar estava rígido contrastando com a displicência de minutos atrás. Será que ele havia cumprido sua promessa e expulsado Otávio dali? Se fosse esse o caso, o canalha já teria ido embora? Cecilia nem queria cogitar a possibilidade de ser obrigada a olhar para aquele homem nojento outra vez. Se ele pisasse ali naquele instante, ela sairia correndo. Não teria autocontrole o suficiente para ficar no mesmo ambiente que o patife. Mas se isso acontecesse, Estela descobriria a verdade e a mandaria embora da fazenda.

— Não se preocupe com essa possibilidade, Otávio já voltou para a capital. — Francisco fez questão de lançar um discreto olhar tranquilizador

para Cecília que retribuiu com um sorriso quase imperceptível.

— Voltou? Por quê? — Estela mostrou-se perturbada.

— Resolver algumas pendências. Só estava esperando sua festa acontecer para ir para a capital.

— Ele poderia, ao menos, ter tomado o café da manhã conosco.

Francisco bufou e o assunto terminou ali, pois, os hóspedes começaram a aparecer.

Cecília serviu café, leite e chá a todos e, em seguida, pediu licença para retornar à cozinha. Francisco seguiu-a com os olhos enquanto ela recolhia os bules vazios que estavam sobre o aparador. Cecília desejou retribuir a expressão gentil com um sorriso, mas conteve-se no momento em que Catarina pousou a mão enluvada sobre o braço de Francisco e lhe disse algo em segredo.



Capítulo

22

Cecilia carregou toda a lenha seca que mantinham nos fundos do casarão para dentro da cozinha. Já havia pedido reposição, mas Zé, o moleque que ajudava na ordenha do leite e realizava pequenos mandados para as empregadas da casa, ainda não havia aparecido com a madeira.

— A lenha acabou — Cecilia falou para D. Joaquina ao depositar os últimos tocos na abertura embaixo do fogão, onde ficavam para serem usados durante o dia.

— Vou arrancar as orelhas daquele menino! — D. Joaquina estava nervosa, pois, ela e Cecilia precisavam preparar uma lista de receitas que dependeriam do uso contínuo do forno e fogão.

— Posso ir ao curral atrás dele...

— Não, é melhor ficar e começar a ralar a mandioca para prepararmos o

bolo. Vou pedir a Joana para fazer isso.

Cecilia concordou com um aceno de cabeça e começou a separar as raízes do tubérculo. Descascou, lavou, partiu, acomodou tudo em uma bacia e colocou sobre a mesa auxiliar. Retirou alguns tabuleiros do forno, substituindo-os por outros, que estavam na fila de espera, e mexeu o doce de leite que cozinhava em fogo brando. Só então começou a ralar a matéria-prima da receita que fariam em seguida. Já estava quase na metade quando D. Joaquina apareceu falando sozinha, para variar.

— A sorte dele é que não choveu... Se a lenha estivesse molhada, aquele moleque ia se ver comigo! — A cozinheira lavou as mãos, secou-as no avental e pegou dois cocos previamente abertos. Com algum esforço e com uma faca amolada, removeu a polpa grossa da casca e descascou-a retirando a pele marrom da parte branca da fruta. Pôs-se ao lado de Cecilia com o outro ralador disponível.

— Ainda preciso fazer os bolinhos de chuva. Francisco adora!

— D. Joaquina, desculpe a intromissão, mas o filho da patroa *non* parece ser muito ligado a ela... *Non* é da minha conta... É só que já vi os dois conversando e nem parecia mãe e filho.

— Você é bem observadora, Cecilia. Espero que esteja só prestando atenção nisso e não em Francisco.

— Quero distância do patrão. — Cecilia apressou-se em dizer apesar de a palavra “distância” ter passado longe da sua relação com Francisco Dias. Por sorte, D. Joaquina pareceu não notar o traço de nervosismo que deixou a voz

de Cecilia esganiçada como a de um marreco gritando à beira da lagoa.

Um breve silêncio seguiu-se até ser interrompido pelo som do ralador sendo batido na borda da bacia anunciando o término do serviço de Cecilia. D. Joaquina pegou o vasilhame, despejou o coco e foi buscar os ovos, o leite e a manteiga de nata que usaria no preparo do bolo. Incorporou os demais ingredientes à massa e mexeu com vigor. Em seguida, começou a falar com uma expressão vaga nos olhos, como se estivesse assistindo a uma encenação teatral que passava somente dentro de sua cabeça:

— Francisco nunca teve uma boa relação com a mãe. E isso começou logo que ele nasceu. Ela se recusou a amamentar o bebê. Uma escrava, que também tinha acabado de dar à luz, foi a ama de leite do menino. Acho que a patroa não foi feita para ser mãe. Tem gente que é assim, sabe?

— Ainda bem que *non* teve mais nenhum *bambino*.

— Não teve porque ela e o coronel Dias não dormiam junto. O casamento foi arranjado. D. Estela veio pra cá forçada pelo pai dela. Não fazia questão de esconder que não gostava do marido. Dizia que o coronel já possuía o que queria, o dote dela e um herdeiro, não tinha o direito de exigir mais nada. Eu acho até que, no começo, ele gostava dela, mas depois, acabou deixando ela de lado. Dormiam em quartos diferentes. Isso transformou a vida das escravas num inferno — concluiu. — Me dá uma pitada de sal.

Cecilia pegou o saleiro e jogou a quantidade pedida sobre a massa. D. Joaquina provou a mistura certificando-se do sabor. Depois despejou tudo em um enorme tabuleiro e o levou ao forno. Enquanto isso, Cecilia começou a bater os ovos para a massa de bolo de chuva.

— O *signore* Dias pegava as escravas à força? — Cecilia perguntou quando D. Joaquina voltou a manipular outra receita.

— Algumas, sim, outras não. O coronel precisava de alguém que lhe servisse como mulher, se é que me entende. Ele era um homem fogoso.

— A patroa *non* ligava?

— Só quando descobria que a escrava estava se dando bem demais com o coronel. Quando ele gostava de uma preta, dava presente pra ela.

— Isso deixava a patroa com raiva.

— Raiva? Ela virava um bicho. Mandava até botar a negra no tronco. Tudo escondido do coronel.

— Essas escravas *non* ficaram de barriga?

— Ah, sim, mas quando a patroa descobria, tratava de vender a mãe e o filho antes que alguém botasse o olho na criança e percebesse que ela era branca demais para ser filho de pai e mãe pretos.

— Então, Francisco tem *fratelli*?

— Ter, até que tem. Mas são filho bastardo de escrava. Deve tá tudo perdido no mundo. Se é que tão vivo.

— D. Joaquina, por que a senhora não foi embora depois que ganhou sua liberdade. — Embora tivesse ganhado uma Carta de Alforria da avó de Francisco anos antes da Lei Áurea, D. Joaquina pediu para continuar na

fazenda.

— Quem daria emprego para uma negra velha e sem serventia? — D. Joaquina respondeu num tom amargo.

— Mas a *signora* é livre, deveria, pelo menos, receber um salário. — Cecilia já havia reparado que todas as vezes que a cozinheira estava perto de Estela, agia como se ainda fosse escrava e vivesse à sombra do medo de ser castigada no tronco por algum deslize. Talvez, considerou em seguida, ela nunca tivesse deixado de ser cativa, de fato.

— Terminou? — D. Joaquina ignorou a sugestão e apontou para as claras que Cecilia ainda estava batendo, apesar de elas, visivelmente, estarem firmes o suficiente para serem incorporados à massa.

— A *signora* poderia falar com o patrão. — Cecilia entregou os ovos para a cozinheira e foi para o fogão colocar a banha para esquentar.

— Você está muito cheia de opiniões hoje, italiana. Quando achar que preciso de conselho, eu peço.

— *Perdonami*, D. Joaquina. *Io non* falei por mal.

A cozinheira ficou em silêncio e não voltou a conversar com Cecilia até que todos os preparativos do piquenique estivessem prontos.



Capítulo

23

Cecilia acomodou as últimas cestas de mantimentos dentro da carroça e esperou que D. Joaquina terminasse de dar as instruções para duas arrumadeiras que ficariam responsáveis por terminar a limpeza da cozinha. Cecilia subiu no transporte e sentou-se, de costas para o condutor, no banco estreito de tábua. Recostou na lateral alta do veículo projetado para levar pequenas cargas, latões de leite e algumas frutas, em sua maioria, e acomodar, no máximo, duas pessoas de maneira rudimentar em um assento rústico. Com a ajuda de Zé, D. Joaquina tomou seu lugar na pequena charrete. Em seguida, o moleque sentou no estreito espaço reservado ao condutor e deu partida na mula. As duas rodas do veículo rangeram antes de se colocarem a caminho.

A estrada, parcialmente esburacada, levava a uma espécie de berçário de aves tomando como base a quantidade de ninhos que Cecilia observou pendurados nas árvores. No Brasil havia muitas espécies que ela nunca

tinha visto na Itália. Uma das mais belas, sem dúvida, era um exemplar miúdo de peito amarelo, asas e cauda cinza-oliva. Canário-da-terra, ou simplesmente, canarinho como era apelidado. Seu canto era reconfortante e lhe trazia uma inexplicável sensação de paz. Cecília se concentrou na canção das aves e, rapidamente, adaptou-se ao sacolejar da carroça durante o vagaroso deslocamento de mais de uma hora.

Uma enorme mesa, construída especialmente para a ocasião com pranchas de madeira montadas em cavaletes, pousava sobre uma área gramada e protegida pela sombra de duas mangueiras centenárias. Ao entorno, via-se também uma dúzia de Ipês e algumas Paineiras que providenciavam mais áreas de refúgio contra o sol.

— Cuidado com essas cadeiras! — D. Joaquina acenou com vigor para dois empregados que descarregavam a mobília e a louça trazida do casarão no carro de boi.

Cecília desceu e ajudou a cozinheira a sair da charrete. As duas cobriram a mesa com um tecido grosso de algodão cru que ocultava as imperfeições da madeira e escondia os cavaletes que sustentavam o tampo de tábuas. Depois, puseram a toalha de renda cor creme que deu o ar sofisticado ao conjunto.

— Traga para cá — D. Joaquina falou com o Zé que começava a retirar as cestas da carroceria da charrete. — Ótimo. Pode voltar para o casarão. Venha nos buscar ao entardecer. — O rapaz assentiu e pareceu agradecido por não precisar ficar ali a tarde inteira. Pegou o arreio em suas mãos e sacudiu-o batendo-o no dorso da mula.

Cecília arrumou os pratos, as xícaras de porcelana e os talheres sobre a

mesa enquanto D. Joaquina dispunha as baixelas de prata onde seriam acomodados os bolos, biscoitos, pães e outras iguarias.

Cecilia havia acabado de colocar o último item na mesa: um elegante arranjo de lírios cor de rosa, quando o grupo que desfrutaria do requintado piquenique chegou. Catarina caminhava de braços dados com Francisco. As flores de seu chapéu eram do mesmo tom dos lírios decorativos e acentuavam suas delicadas bochechas que haviam ganhado um tom róseo. Cecilia reparou que ela sorria de maneira um pouco mecânica deixando sua expressão levemente artificial, embora isso não fosse um problema, pois, sua beleza era evidente o bastante para ofuscar esse ar afetado.

A quantidade de pessoas reunidas naquela tarde estava menor em relação aos dias anteriores. Apesar de haver quatro novos integrantes — o Sr. Fonseca e sua esposa, donos da fazenda vizinha, uma prima do casal e o vigário da paróquia local —, o Sr. Afonso Cláudio e os deputados, bem como suas esposas, já haviam retornado à capital. Somente ficaram na Bela Vista D. Maria Espíndola, para acompanhar a sobrinha, o jornalista que escrevia para *O Cachoeirano* e o Sr. Luiz Eugênio. Os dois últimos participariam da inauguração da capela construída nas terras do Sr. Fonseca. Os dois eram católicos muito devotos e aproveitaram para acompanhar a missa reservada a poucos.

Estela tomou seu lugar de anfitriã na cabeceira da mesa ladeada pelo Sr. Luiz Eugênio e o vigário. Francisco puxou a cadeira para Catarina e sua tia se sentarem e acomodou-se ao lado de D. Maria Espíndola evitando claramente a proximidade com a jovem que mal conseguiu ocultar seu desgosto quando o jornalista ocupou o assento vazio ao lado dela. Dirigiu-lhe um sorriso forçado que lembrava uma expressão de penitência.

Cecilia pegou a jarra com o suco de laranja e começou a servir os convidados. Percebeu o olhar de Francisco acompanhar alguns de seus movimentos, mas evitou fitá-lo por mais do que alguns segundos.

— Esses bolinhos de chuva estão exatamente iguais aos que você fazia quando eu era criança. — Francisco sorriu para D. Joaquina depois de praticamente devorar três bolinhos de uma só vez.

— São especialmente para o senhor.

— Agradeço por ter se lembrado.

— Não fiz mais do que minha obrigação.

— A senhora é modesta, sempre fez muito mais do que sua obrigação nessa casa.

O elogio chamou a atenção de Estela, que, provavelmente, não ficou satisfeita com o comentário do filho.

— Ora, Francisco, desse jeito nossos convidados vão imaginar que exploramos os empregados da Bela Vista.

— Talvez pensariam de maneira diferente se tivéssemos alforriado nossos escravos antes da Lei Áurea, a exemplo da família Monjardim.

— *Talvez*, meu filho, se tivesse ficado conosco teríamos conseguido realizar o que sugeriu, mas como você estava no Rio de Janeiro, creio que tenha pouco a opinar sobre o passado da fazenda. — Estela respondeu com o tom ligeiramente alterado pela irritação. — De fato, seu pai pensou nessa

possibilidade, mas sozinho e adoentado não conseguiu implementar tais mudanças. — Voltando-se para o Sr. Luiz Eugênio, primo do Barão de Monjardim, acrescentou com um ar de fragilidade — Os últimos anos de vida do meu falecido esposo foram difíceis para nós. Ele já não conseguia andar pela fazenda... Como sabem, nos últimos meses, ele mal se erguia da cama.

— Ficar viúva tão jovem deve ter sido um choque terrível... — D. Maria Espíndola se mostrou solidária e Estela encolheu os ombros para aumentar seu sentimento de tristeza.

— Ah, sim. A viuvez é uma condição muito solitária.

— Pensou em se casar novamente? — a esposa do Sr. Fonseca perguntou.

— Não. Pelo menos não ainda. Tudo é muito recente.

— Acho que deveria cogitar a possibilidade. A senhora é muito nova para ficar sozinha. — D. Maria Espíndola opinou depois de se servir com uma fatia de bolo de cenoura.

— Talvez tenha razão. Não sei o que será de mim quando Francisco deixar a Bela Vista — Estela concordou num tom de pesar.

— Pensei que estivesse reconsiderando a carreira na capital do país — O Sr. Fonseca voltou-se para Francisco com um ar de sincera curiosidade.

— Não, senhor. Pretendo ficar aqui só até o fim da colheita. — Encarou sua mãe de maneira resoluta.

— A vida no Rio de Janeiro deve ser muito divertida — Catarina

manifestou seu interesse.

— Sim, de fato. — Francisco economizou palavras.

— Ora, não seja tão curto em sua descrição. Tenho certeza de que é do interesse de todos saber um pouco da vida fluminense. — Estela escondeu sua insatisfação com a resposta do filho em suas palavras de incentivo.

— Bem, se é assim. Antes de vir para cá, tive o prazer de assistir a uma excelente peça, *O Crime do Padre Amaro* — a menção do nome empertigou alguns convidados, especialmente o vigário, que tossiu parecendo engasgado com um pedaço de bolo. — Ela estreou no dia vinte e cinco de abril, no teatro Lucinda, depois de ter sido recusada em algumas casas de espetáculo.

— Eu li o romance homônimo — o jornalista do jornal *O Cachoeirano* falou. — Um tanto agressivo, se me permite dizer.

— Agressivo? É uma ofensa à Igreja! — O vigário fez questão de mostrar sua repulsa.

— Imagino que a Igreja não esteja feliz com *O Crime do Padre Amaro* porque expõe um assunto um tanto delicado para a Santa Sé. Mas, surpreende-me ouvir um homem das letras descrever a obra da maneira como o senhor o fez. Não aprecia os escritores que deixam o romantismo exacerbado de lado e enveredam-se pelos caminhos do realismo? — Francisco virou-se para o jornalista demonstrando um interesse genuíno.

Atenta à conversa, apesar de não conhecer a referida narrativa, Cecília ficou curiosa para saber por que o assunto, de repente, tornou-se tão

polêmico.

— Aprecio o realismo, mas não o romance do Sr. Eça de Queiroz.

— Talvez sua devoção à Igreja esteja prejudicando seu julgamento de crítico literário. — Cecilia percebeu um leve indício de ironia no tom de Francisco. Também notou que o padre, sentado ao lado de Estela, incomodou-se novamente com o comentário.

— É uma possibilidade que não descarto. Felizmente, não me cabe analisar esse tipo de texto de modo profissional. Sou um colunista político, e não crítico literário.

— Tenho curiosidade para ler o romance, embora o tema não seja dos mais agradáveis — o Sr. Luiz Eugênio falou.

— Vejo que sou um voto vencido na defesa do título.

— Receio que sim, meu amigo. E acredito que não seja conveniente continuarmos com tais análises, pois, as damas podem ficar entediadas com nossa pequena elocução literária.

— Tem toda razão, Sr. Luiz Eugênio — o vigário concordou parecendo muito feliz pela mudança nos rumos da conversa.

— O que nos diz sobre a rua do Ouvidor? Aposto que em nenhuma confeitaria pode-se encontrar algo assim. — O Sr. Luiz Eugênio mostrou o pãozinho que estava em sua mão.

— Ainda não provei esse, mas certamente lá não encontraremos os

bolinhos de D. Joaquina. — Francisco esboçou um largo sorriso.

— Que pão curioso! Parece uma pomba pequenina — a esposa do Sr. Fonseca sugeriu.

— Uma receita nova? — Estela perguntou à cozinheira.

— Sim. Foi Cecília que fez. São da terra dela.

— Que interessante. Existe uma razão especial para o formato? — o Sr. Luiz Eugênio perguntou a Cecília.

— *Sì*. Na Itália *nostra nonna* fazia as colombina, pombinha como dizem, com a sobra da massa do pão e dava para *noi*. O trigo era *poco*. Esse era um jeito de deixar os *bambini felice*.

— É difícil entender o que ela fala — Catarina comentou com sua tia, mas sua voz saiu mais alta do que deveria. Todos acabaram escutando e percebendo o tom de desdém em suas palavras.

— Eu não sou uma criança e fiquei feliz com a colombina. Acho que o método da sua avó funciona. Temos muito o que aprender com a cultura italiana. — O Sr. Luiz Eugênio fez questão de enfatizar o elogio. Em seguida, voltou-se para Catarina e disse — Sugiro que a senhorita pegue a receita com a cozinheira Cecília. Tenho certeza de que essa iguaria vai agradar qualquer pretendente. E aproveite para aprender algumas palavras em italiano.

Francisco reprimiu um sorriso tomando um gole do seu suco. Provavelmente divertiu-se muito com a resposta dada à falta de gentileza de

Catarina. Estela, por sua vez, pareceu bastante insatisfeita. Cecilia percebeu o rosto da patroa se contorcer em uma expressão de desagrado e teve medo de sua reação. Com raiva, Estela poderia despedi-la por conta do incidente. Ainda que Cecilia não fosse culpada pela alfinetada que Catarina levou do Sr. Luiz Eugênio, ela havia sido o pivô do embate, o que fazia dela a responsável indireta pelo acontecido. Sem saber como agir, limitou-se a olhar para o chão numa atitude submissa pedindo mentalmente para que alguém mudasse o rumo da conversa.

— Não imagino que seja necessário. — D. Maria Espíndola apressou-se em defender a sobrinha e, pelo seu tom, também parecia irritada com o que ouviu do Sr. Luiz Eugênio. — Catarina possui inúmeras habilidades. Além disso, ela já tem uma fila de pretendentes. Todos interessados em sua beleza e graciosidade. Se seu futuro marido gostar de pão italiano, ela pode contratar uma empregada que o faça. Afinal de contas, Catarina não foi educada para passar seus dias na cozinha.

— Tem toda razão, senhora. Espero que não tome meu comentário anterior como uma ofensa. Foi apenas uma sugestão despretensiosa. — O Sr. Luiz Eugênio desculpou-se, embora não parecesse arrependido por suas palavras.

— De modo algum — D. Maria Espíndola assentiu, apesar de seu rosto aparentar exatamente o contrário do que disse.

Felizmente, Francisco teve uma boa presença de espírito e mudou o rumo da conversa fazendo que tudo retornasse ao patamar descontraído de antes. Os convidados voltaram a sorrir e a falar trivialidades. Ainda assim, Cecilia continuou tensa. Só dissipou sua preocupação quando conseguiu a

autorização de D. Joaquina para regressar ao casarão antes do tempo previsto.



Capítulo

24

Francisco caminhava em uma lenta procissão de volta à sede da fazenda, aliviado por cumprir as últimas obrigações de anfitrião: participar da missa na fazenda do Sr. Fonseca, cujas terras faziam divisa com a Bela Vista em vários hectares, e do piquenique. No dia seguinte, a comitiva remanescente de hóspedes iria, finalmente, retornar à capital. Ele poderia se concentrar na lavoura e passar mais tempo em busca de alternativas para tornar a Bela Vista mais lucrativa evitando o desperdício de grãos que havia encontrado há alguns dias nas tulhas da fazenda.

Enquanto seguiam para o casarão, Francisco aproveitou para conversar de maneira reservada com o Sr. Fonseca. O interesse, embora fosse puramente mercantil, serviu ao propósito de mantê-lo afastado de Catarina que acabou ladeada por sua tia e pela esposa do Sr. Fonseca. Estela, por sua vez, pareceu muito contente em desfrutar da atenção do Sr. Luiz Eugênio. Contentamento esse que se traduzia em sorrisos e olhares doces, ações que, evidentemente,

não combinavam com sua personalidade. A surpresa na observação, contudo, foi reparar o Sr. Luiz Eugênio, discretamente, retirar uma caixinha de veludo do bolso e entregar a Estela. Há cinco minutos sequer cogitava a existência de um flerte entre os dois. Agora, via o homem oferecer um presente — que, tudo levava a crer, era uma joia — a Estela? Do ponto onde estava, Francisco não foi capaz de observar a reação dela ao abrir o pequeno objeto, mas conseguiu enxergar o item que retirou da embalagem: um colar de ouro ornado com um pingente oval. Estela fechou a caixa, guardou-a em sua bolsa de mão e os dois continuaram a conversa privada.

Francisco parou de prestar atenção no suposto casal e dedicou-se com exclusividade ao Sr. Fonseca, que falava sobre a dificuldade na transição da mão de obra na cafeicultura do Estado. Argumentou:

— A maioria de nós não se preparou para a abolição. Alguns fazendeiros de São Paulo já previam essa mudança e hoje estão em melhores condições.

— Eu fui um desses — concordou o Sr. Fonseca mantendo seus olhos voltados ao terreno coberto de capim. Alguns tufos mais proeminentes ofereciam certa dificuldade para o homem apoiar sua bengala.

— O senhor pretende mesmo vender uma parte da fazenda?

— Só uma parte, não, meu caro. Minha intenção é me desfazer de mais da metade dela. Já estou velho demais para me adaptar a mudanças.

— Por que não espera, então, o mercado voltar a se aquecer? O valor das terras caiu muito.

— Eu não tenho herdeiros e, mesmo que consiga viver por mais trinta anos, o que eu acho improvável, não serei capaz de gastar toda minha fortuna. Então, vou vender os meus pés de café e manter somente a sede e alguns pomares intactos. Diminuir preocupações e aproveitar o que me resta da vida é o meu objetivo.

— Está certo. Pelo que sei, o senhor já está providenciando a realização dessa meta. Vai para a Inglaterra em breve, certo?

— Sim, partiremos tão logo resolva a questão da fazenda.

— Já tem algum comprador em vista?

— Um, para dizer a verdade. Na próxima semana vou a Vitória para terminar as negociações.

— Espero conhecer meu novo vizinho em breve — declarou. — Passe por aqui, o capim às vezes esconde buracos traiçoeiros. — Francisco indicou o trecho onde havia uma trilha com pouca cobertura vegetal feita do pisoteio dos animais.

— Obrigado. Uma queda na minha idade... — O Sr. Fonseca não conseguiu terminar a frase, pois, os tais buracos mencionados por Francisco haviam feito uma vítima. Catarina de Andrade tinha acabado de cair sentada depois de pisar em falso no desnível do solo.

Francisco e os outros apressaram-se para socorrê-la. Catarina emitia um gemido agudo e ligeiramente esganiçado. Seu rosto exprimia uma careta de dor que não combinava com a definição “graciosa” ou “bela”. Francisco

achou a expressão engraçada e reprimiu a vontade de rir para não parecer grosseiro.

— Acho que quebrei. — A mão enluvada envolvia o cano da bota que cobria seu tornozelo.

D. Maria Espíndola abaixou-se ao lado da sobrinha e tirou seu calçado. Em seguida, correu os dedos por cima da meia examinando os ossos de Catarina.

— Acho que foi uma torção — ergueu a cabeça e falou para os presentes que haviam formado um círculo em torno da moça ferida.

— Está doendo demais para ser apenas uma torção, titia — Catarina reclamou.

Algumas exclamações do tipo “pobrezinha”, “coitada” foram ditas pelas senhoras que acompanhavam o desenrolar da cena.

— Precisamos de uma charrete — a esposa do Sr. Fonseca sugeriu.

— Eu vou buscar uma. — Francisco se ofereceu e seguiu a passos largos até a sede da Bela Vista. Livrou-se do casaco na metade do caminho, mas isso não foi suficiente para evitar que sua camisa, tomada de suor, colasse em seu corpo. Encontrou a charrete no pátio dos fundos da casa. O transporte ainda estava atrelado à mula, o que adiantou muito o processo. Francisco retornou ao local do incidente pouco mais de uma hora depois de ter partido.

— Consegue ficar de pé, querida? — D. Maria Espíndola perguntou à

sobrinha.

— Acho que não. — Catarina lançou um olhar de súplica na direção de Francisco que prontamente ofereceu-se para colocá-la na pequena charrete.

D. Maria Espíndola subiu primeiro e acomodou-se no chão da carroceria.

— Com licença — Francisco ergueu Catarina nos braços para colocá-la sob a proteção da tia.

Francisco conduziu o veículo por um caminho diferente ao tomado pelos outros que continuaram o trajeto a pé. Chegou ao casarão bem antes da comitiva que precisava seguir o ritmo lento ditado pelo mais velho do grupo, no caso o Sr. Fonseca.

D. Maria Espíndola fitou a sobrinha cujo tornozelo, agora, começava a apresentar sinais claros de inchaço e fitou as escadarias da entrada da casa.

— Francisco, se não for pedir muito, será que poderia fazer a gentileza de levá-la para cima?

— Claro.

— Não quero incomodar. Quer dizer, se ela for muito pesada podemos pedir ajuda.

— Titia! Desse jeito fico me sentindo um saco de batatas.

Francisco foi obrigado a rir. Era a primeira vez que ouvia Catarina dizer uma frase espirituosa, talvez o sofrimento estivesse lhe fazendo um bem.

— Permita-me. — Novamente, Francisco tomou Catarina nos braços. Ela fechou as mãos ao redor do pescoço dele buscando estabilidade e fez questão de pousar a cabeça em seu peito deixando o pescoço livre para uma observação. Uma mecha marrom despendeu-se do seu coque e caiu sobre a nuca conferindo-lhe um charme que Francisco não pôde deixar de notar.

Lentamente, Francisco venceu os degraus até a sala de estar. Estava ofegante quando pisou dentro de casa, mas, mesmo assim não cedeu ao impulso de deixar Catarina na primeira poltrona que encontrasse. Seguiu para o corredor que levava aos quartos, onde encontrou Cecilia que vinha na direção oposta.

— Abra a porta do quarto de Catarina, por favor.

Cecilia fez o que ele pediu enquanto Catarina se mantinha imóvel como um anjo adormecido no colo de Francisco. Depois, puxou a colcha da cama e Francisco colocou Catarina sobre o lençol recém trocado.

— Ela vai precisar de compressas.

— *Sì, signore.*

D. Maria Espíndola apareceu em seguida.

— Vou deixá-la aos cuidados de sua tia — Francisco despediu-se, mas não conseguiu sair porque Catarina segurou sua mão. Ele sentiu a luva de seda mover-se em sua pele acariciando-o de maneira sutil, quase imperceptível. — Precisa de mais alguma coisa?

— Queria agradecer por ter cuidado de mim. — Olhou-o parecendo vulnerável.

— Só fiz minha obrigação de cavalheiro. — Desejou afastar-se, mas Catarina não demonstrou estar disposta a soltar a mão dele. Francisco não havia reparado antes, mas D. Maria Espíndola estava com o rosto vermelho e demonstrava um cansaço maior do que o esperado pelo esforço. — A senhora está bem?

— Descanse um pouco, tia. A charrete deve ter prejudicado sua coluna.

— Não quero deixá-la sozinha.

— Francisco pode me fazer companhia, quero dizer, se não for um incômodo, é claro.

— Isso não seria adequado para uma moça solteira e... — D. Maria Espíndola parou de falar ao ver Cecília se materializar na porta do quarto trazendo chaleira, toalha e uma bacia.

— Pronto, não ficarei mais *sozinha* com Francisco.

— Pois bem. Vou, mas é só o tempo de trocar essas roupas formais e lavar o rosto. E — virou-se para Cecília —, não saia daqui até eu voltar.

Cecília entrou no quarto e colocou os itens que havia trazido no chão, aos pés da cama de Catarina. Francisco notou que ela estava tensa pelo modo como segurava a alça da chaleira. Afastou-se um pouco da cama e sentou-se na cadeira ao lado do criado-mudo. Cecília despejou a água na pequena bacia

e retirou do avental algumas ervas e as mergulhou no líquido fumegante. Rapidamente um cheiro de cânfora e arnica invadiu o ambiente. Em seguida, mergulhou o tecido na mistura.

— *Io* devo fazer a compressa?

— Sim — Catarina respondeu sem se dar ao trabalho de olhar para ela. Sua atenção estava voltada para seu tornozelo que havia ganhado o formato de uma bola. A meia de seda que o envolvia estava esticada ao limite. — Cuidado! — Ela sobressaltou ao toque. Cecilia desculpou-se com um olhar baixo e concentrado no que estava fazendo: retirar a meia para começar o tratamento. Um hematoma de aspecto arroxeadado e de tamanho considerável revelou-se com a ausência do tecido. — Ah, meu Deus! — Catarina alarmou-se.

Cecilia pousou a toalha quente sobre o ferimento e Catarina agarrou-se aos lençóis emitindo gemidos e reclamações de dor, o que Francisco considerou um pouco de exagero.

— Quer me queimar, italiana? — Catarina empurrou Cecilia com o outro pé e acabou acertando o rosto dela. A pancada atingiu o nariz de Cecilia, que se afastou com os olhos lacrimejando.

— Que comportamento é esse? — Francisco interveio. — Você está bem?

— *Sì* — Cecilia sussurrou com a voz engastada.

— O pano estava muito quente. Ela queimou o meu pé. Minha reação foi instintiva. — Lívida, Catarina tentou justificar a grosseria.

Francisco pegou o tecido que havia caído no chão para conferir a temperatura. Ele não estava quente. Catarina estava mentindo. Francisco encarou-a avaliando se deveria dizer o que estava pensando. Ela precisava ouvir que era uma garota mimada, estúpida e acostumada a ser servida. Se ela não estava satisfeita com o desempenho de Cecilia, deveria fazer a compressa sozinha, ora bolas. Porém, respirou fundo e ateve-se aos pensamentos. Embora a possibilidade de falar alguns desaforos para ela lhe parecesse tentadora, não seria educado.

— Cecilia, por favor, vá cuidar dessa pancada.

— Quem fará minha compressa?

— Sua tia... quando ela voltar.

— E você?

— Vou lhe arranjar um médico.

Francisco deixou o quarto sem olhar para trás ou responder ao protesto de Catarina quanto ao fato de estar com muita dor. Ela que superasse. Não morreria por conta de uma torção no tornozelo. Ademais, um pouco de sofrimento lhe cairia muito bem.



Capítulo

25

Cecilia subiu as escadas equilibrando uma bandeja de madeira com diversos itens para o desjejum de Catarina. Depois de quatro dias de intensa convivência com a hóspede, já sofria por antecedência antes de se colocar no mesmo cômodo que ela.

Venceu os degraus tomando cuidado para não deixar a bandeja tombar o bule e a xícara de porcelana. No dia anterior, havia uma gota marrom no linho branco da bandeja e Catarina reclamou chamando-a de descuidada. Na verdade, Catarina reclamava de tudo e sempre arrumava uma maneira de culpar Cecilia por qualquer acontecimento. Se o quarto estivesse abafado, foi porque Cecilia não havia aberto as janelas o suficiente. Se o contrário acontecesse e o vento entrasse trazendo o ar frio do inverno, também era culpa de Cecilia que havia deixado as janelas escancaradas por tempo demais.

Quando a patroa informou que Catarina permaneceria em Bela Vista em razão do tornozelo lesionado, Cecilia pensou que D. Joana seria encarregada

dos cuidados com a hóspede. Contudo, surpreendeu-se ao ser designada para tal. A princípio não entendeu a escolha, porém, logo descobriu o motivo: Catarina desejava humilhá-la.

Deu uma leve batida na porta do quarto e entrou. Catarina estava em uma cadeira posicionada perto da janela. O sol da manhã estendia-se sobre ela como uma manta cintilante deixando-a parecida com uma figura etérea, cujo ombro apoiava a mão de Estela.

— Por que demorou tanto? — Catarina perguntou empinando o nariz ao se dirigir a Cecília.

— Coloque aqui. — Estela apontou uma mesa redonda que havia sido colocada no cômodo para servir de apoio para as refeições, já que Catarina não saía do aposento.

— Não aguento mais ficar trancada nesse quarto. Quase não vi Francisco desde quando torci o tornozelo. — Catarina reclamou num tom infantil enquanto Cecília lhe entregava uma xícara de café. — Está amargo. — Entregou o objeto a Cecília, que recebeu a xícara e providenciou uma dose a mais de açúcar, devolvendo-o.

— Está bom agora, *signora*?

— Doce demais.

— Quer que eu troque?

— Não, se for até a cozinha de novo, é provável que só volte na hora do

almoço. — Cecilia travou os dentes para não devolver a ironia e desejou que seu rosto não denunciasse a raiva e a vontade de arrancar cada fio do cabelo daquela infeliz. — Todos os italianos são assim? Lerdos para aprender? — Catarina dirigiu-se a Estela. — Pobre Francisco. Deve ser extenuante lidar com essa gente na fazenda. Com certeza esse deve ser o motivo de sua ausência. Sequer deve ter tempo para me visitar.

— Francisco está realmente atarefado, mas garanto que todos os dias me pergunta sobre como tem passado. Se ele chegar mais cedo hoje, imagino que desejará vê-la.

— Pode ir agora — Catarina acenou com a mão como se enxotasse Cecilia do quarto.

Cecilia pediu licença e saiu. Desceu as escadas e foi para a cozinha agradecendo por ter sido dispensada da companhia da patroa e da esnobe Catarina.

A água estava fervendo na enorme chaleira que D. Joaquina mantinha sempre à mão. Cecilia pegou uma panela de ferro e colocou-a sobre a pia batendo o objeto com força desnecessária. O metal tilintou reclamando da violência. Cecilia bufou. Pegou o alho previamente descascado e colocou-o no recipiente de madeira que imitava o formato de um pilão. Com uma haste de pau, socou o tempero usando mais força do que o necessário. Alguns dentes foram arremessados para fora deixando-a ainda mais irritada. Colocou o alho macerado com sal na panela, acrescentou banha de porco e levou tudo ao fogo. Por fim, após fritar o tempero acrescentou o arroz, refogou-o e jogou água fervente. Tapou o objeto deixando apenas uma greta de respiro. Enquanto fazia tudo isso, reclamou o tempo inteiro da humilhação que vinha

sofrendo.

— Ah, se *mio papà non* tivesse doente e *io* pudesse voltar para a lavoura, ia dizer umas verdades para aquela *donna*. Dizer quem é lerdo pra aprender.... Uma estúpida, isso que ela é... *Non* sabe fazer *niente*, só reclamar. E aquele tornozelo? Até parece que ainda está doendo... Uma fingida, é isso que ela é. “Oh, por que Francisco ainda *non* veio me ver?” — Cecilia imitou a voz de Catarina empregando um tom infantil na voz. Virou-se para selecionar os legumes do ensopado e, para sua surpresa, deparou-se com Francisco. — *Dio santo!* — Sobressaltou-se como quando o viu pela primeira vez em uma situação semelhante àquela. Será que ele havia escutado a reclamação?

— Eu não queria assustar — Francisco arqueou a sobrancelha direita com uma expressão curiosa.

Cecilia concluiu que o patrão ouviu cada palavra que ela havia dito em relação à Catarina. Repreendeu-se por sua falta de discrição e por ter adquirido o péssimo hábito de D. Joaquina: falar sozinha, especialmente, quando estava com raiva. Por alguns segundos, observou atentamente o rosto de Francisco esperando que sua expressão revelasse o que viria a seguir: ele a repreenderia por desacatar a visita ou seria gentil o suficiente para fingir que as reclamações haviam passado despercebidas? Nada, porém, mostrava o que ele estava pensando, exceto um ligeiro ar zombeteiro que começava a se revelar num sorriso no canto de sua boca.

— Imagino que Catarina esteja testando sua paciência nos últimos dias — ele disse e Cecilia não soube distinguir se o seu tom era de solidariedade ou de ironia.

— Desculpe os meus modos, *signore* Francisco — decidiu justificar-se para evitar uma reprimenda. No entanto, ele começou a rir. Cecilia fechou a cara. — *Non* vejo graça.

— Nem eu. Quero dizer, desculpe. Mas é muito difícil imaginar Catarina reclamando de tudo com aquele nariz empinado e não rir.

— Diz isso porque *non* é o *signore* que recebe as ordens dela. — Cecilia foi incapaz de esconder o tom magoado.

— Sim, tem toda razão. Peço desculpas pela minha falta de tato. — Francisco concordou, de repente, sério. Deu alguns passos aproximando-se do fogão onde Cecilia estava.

— O *signore non* tem que pedir desculpas. *Io* sou só uma empregada. *Mio* serviço é obedecer.

— Mas é nossa obrigação tratar qualquer pessoa nessa casa com respeito. Eu sei que Catarina anda falando mal dos italianos. Joaquina me contou — justificou a informação. — Peço que não dê atenção aos impropérios de Catarina. Em breve ela estará de volta à capital.

— *Non* é isso que sua *mammà* deseja.

— O que Estela quer ou deixa de querer pouco me interessa. Eu só me importo com aquilo que *eu* quero.

— *Io* tenho muito serviço. Acho melhor o *signore* me deixar trabalhar — Cecilia desviou os olhos para o fogão com medo de se deixar levar pelo

inegável poder de atração que Francisco exercia sobre ela.

— Só queria que soubesse que...

— Por favor, *signore*. *Non* continue com essa conversa. — Cecilia virou-se de costas e concentrou-se nos legumes que estavam sobre a pia. Mesmo sem conseguir olhar para Francisco, era possível sentir sua hesitação em deixá-la. Ele levou vários segundos para se afastar e sair da cozinha.

Horas mais tarde, Cecilia recordou-se do seu encontro com Francisco e achou graça do modo como ele se referiu à Catarina dando a entender que desaprovava os modos da garota. Estava terminando de dobrar os lençóis que haviam sido passados por outra empregada da casa quando se lembrou disso. Riu sozinha e acomodou as roupas nos dois braços. Uma pilha tão grande que ocultava parcialmente sua visão.

Subiu a escada e, no último degrau, quase caiu para trás de susto ao se deparar com a figura de Francisco.

— *Dio Santo!* O *signore* precisa parar de me assustar desse jeito.

— Convenhamos que, dessa vez, a culpa não foi minha. Eu só estava esperando você terminar de subir. — Francisco respondeu num tom bem-humorado.

— *Sì*, desculpe.

— Deixe-me ajudá-la. — Francisco pegou os lençóis da mão de Cecilia que reagiu em protesto. Mas ele continuou andando até entrar no cômodo

mais próximo. Inconformada, Cecilia seguiu-o. Ele colocou as peças sobre a cama vazia e, sem rodeios, virou-se para ela, surpreendendo-a:

— Por que você foge de mim? Por acaso sou assim tão repulsivo?

— *Non* é repulsivo.

— Então, por que se afasta sempre que me aproximo?

— Porque conheço sua fama.

— Minha fama? De quê?

— O *signore* sabe muito bem.

— Gostaria de ouvir da sua boca.

— Isso *non* é assunto para empregada discutir com patrão.

— Você começou, agora termine. — Os olhos de Francisco se estreitaram desafiando-a a prosseguir.

— Fama de mulherengo, como os brasileiros dizem.

— Bem, não sou um santo, se é que entende, mas também não sou o demônio que pintam por aí.

— Isso *non* me interessa, *signore*. Sou só uma empregada. — Cecilia tentou alcançar a porta. Francisco deu um passo para o lado e obstruiu a saída de maneira inesperada de modo que Cecilia bateu nele antes de parar de

andar. Francisco colocou a mão nas costas dela mantendo-a com o corpo encostado ao dele.

— Fique longe de mim, *signore* Francisco. *Io non* sou dessas que está acostumado a levar para sua cama.

— Nunca pensei que fosse — ele disse num tom doce e sedutor impossível de ser ignorado. Cecilia percebeu-se paralisada pelo magnetismo que ele exercia sobre ela.

— Então, por que *non* se afasta e me deixa passar?

— Honestamente? Quero muito beijá-la — Francisco sussurrou e Cecilia sentiu o hálito doce dele encostar em seus lábios. Ela também queria beijá-lo. A atração entre eles era inegável. A respiração de Cecilia se acelerou e ela repreendeu mentalmente o próprio coração por ter disparado. Deixar-se seduzir por Francisco era a única coisa que não poderia acontecer naquele momento. Mas como resistir àqueles olhos penetrantes que a fitavam como se a desnudasse deixando-a impotente e exposta? Francisco tocou-lhe o rosto acariciando o contorno do queixo. — Posso?

Sim, beije-me, foi a primeira resposta que lhe veio à mente. Contrariando a razão e os avisos de D. Joaquina, Cecilia estava prestes a sucumbir à fama de conquistador de Francisco. E ela teria fraquejado se vozes no corredor não a tivessem arrancado do transe momentâneo e a trazido de volta à realidade.

— *Non, signore*. Me deixe em paz! — Cecilia empurrou Francisco afastando-o. Ela saiu do quarto esquecendo-se dos lençóis recém passados sobre a cama. Passou correndo pelas arrumadeiras e quase derrubou os baldes

com água que elas traziam para limpar a casa.



Capítulo

26

Francisco preparava-se para viajar para a capital a fim de resolver as últimas pendências sobre o inventário. Mas a mente não parava de recordar do seu último encontro com Cecilia, há três dias. Inquieto, estava inconformado por não conseguir se despedir da linda italiana. Às vezes pegava-se pensando nela como “sua italiana”, denominação exagerada, ele sabia, afinal, não havia nada que o ligasse a ela, exceto o episódio em que ele a salvou de ser violentada por Otávio.

Terminou de fechar a valise que vinha arrumando e colocou-a na porta do quarto, enquanto tentava se convencer de que desejar Cecilia era entrar em um jogo arriscado. Minutos depois, um empregado apareceu para apanhar a bagagem que seria acomodada nas mulas onde já estavam as malas de Estela e Catarina.

Francisco voltou-se novamente para o interior de seus aposentos a fim de pegar o chapéu que melhor se encaixava em sua cabeça quando estava

montado. A viagem até a capital durou até o anoitecer. Catarina foi entregue aos cuidados de sua tia, D. Maria Espíndola, que agradeceu o carinho que Estela demonstrou com a sobrinha. Despediram-se rapidamente e Francisco sentiu-se aliviado por ir para casa. No dia seguinte, teria uma exaustiva reunião com o advogado que cuidava do inventário da fazenda. Logo em seguida, ele e Estela seguiriam para o banco, a fim de se inteirarem sobre as dívidas da fazenda. Durante a reunião, esperava não ter o desprazer de encontrar Otávio, já que ele era filho do gerente e pleiteava uma vaga na instituição bancária.

Nas primeiras horas da manhã, Francisco alugou um coche para levá-los até o escritório de advocacia *Irmãos Gomes*, o mais renomado da capital.

— Nunca vi um herdeiro relutar tanto para receber sua herança. — O Dr. Gomes declarou ao cumprimentar Francisco com um forte aperto de mão. — D. Estela. — Fez uma mesura cavalheiresca e puxou a cadeira para que ela se acomodasse.

— Assuntos mais urgentes me prenderam no Rio de Janeiro — Francisco justificou-se acomodando-se no assento ao lado de sua mãe.

O testamento do coronel Dias declarava Francisco seu único herdeiro. Embora Estela fosse uma mulher rica quando solteira, ao se casar, perdeu a posse de seus bens que foram todos transferidos para seu marido, em cumprimento do acordo pré-nupcial. Provavelmente, esse era um dos motivos que a fizeram desgostar do marido: seu inegável interesse pelo gordo dote da esposa.

Estela permaneceu impassível durante a leitura formal do testamento.

Assinaram os documentos necessários ao prosseguimento do inventário e partiram dali para o próximo compromisso.

A pequena carruagem atravessou a rua José Marcelino e Francisco notou um particular interesse de Estela no estabelecimento de um respeitado ouvires que fornecia peças feitas sob encomenda. Pensou em fazer um comentário sobre a inadequação daquele desejo de consumir joias, mas um forte sacolejo seguido de uma parada no transporte desviou sua atenção.

— O que houve? — perguntou para o condutor que parecia examinar a roda do coche.

— Caímos em um buraco, mas não houve danos. Podemos prosseguir, senhor. — O homem assegurou e voltou a se acomodar em seu posto.

Francisco abriu o jornal e correu os olhos sobre o texto aleatoriamente. Notícias políticas, apontamentos sobre os vapores que haviam chegado ao porto da capital, um anúncio informando sobre a necessidade de professoras de português e francês, uma nota de falecimento e algumas trivialidades, entre elas, a notícia de sua chegada. O fato não o surpreendeu, mas causou certo desconforto, pois, as palavras herdeiro, jovem e solteiro estavam associadas em uma mesma frase, o que certamente causaria um ligeiro alvoroço nas moças solteiras e esse não era o tipo de atenção que gostaria de atrair para si naquele momento. Já estava farto de uma única pretendente, imaginar outras jovens se candidatando ao posto de sua esposa e suas mães se associando a Estela para levá-lo ao altar era torturante. Fechou o jornal e colocou-o ao seu lado na poltrona do veículo, que parou minutos depois.

Francisco e Estela entraram no prédio da instituição bancária e foram recebidos pelo Sr. Joaquim Castro, pai de Otávio.

— Há quanto tempo, Francisco. — O homem cumprimentou-o e sorriu acentuando as dúzias de rugas espalhadas pelo seu rosto sexagenário.

Francisco retribuiu com o mesmo entusiasmo, sem, no entanto, deixar a cautela de lado. Estava diante de seu credor e do pai de Otávio, seu atual inimigo.

— D. Estela. A senhora, como sempre, esbanjando elegância.

Estela sorriu de forma discreta, porém satisfeita com o elogio. De fato, seu porte alto e esguio, além de suas vestimentas elegantes ornadas de joias e de um belo chapéu redondo, conferiam-lhe um ar monárquico digno das rainhas europeias.

Seguiram para o escritório do gerente onde lhes foi servido um café em xícaras de porcelana austríaca, que, é claro, faziam parte dos itens pessoais do Sr. Joaquim.

— O café estava ótimo, mas viemos para tratar das dívidas da Bela Vista.
— Francisco colocou a xícara na mesa que servia de apoio às louças. Em seguida, sentou-se ao lado de sua mãe.

O Sr. Joaquim, que já estava acomodado atrás de sua mesa, abriu uma gaveta e de lá retirou um livro de registros, algumas promissórias assinadas pelo coronel Dias e inúmeros documentos.

— Imagino que saiba que seu falecido pai deixou uma dívida considerável.

— Sim, estou ciente.

— Imagino, então, que trouxe algum valor para amortecer o empréstimo.

— Infelizmente, não. Vim para pleitear uma renegociação.

O gerente empertigou-se na cadeira como se, de repente, houvesse dezenas de espinhos lhe alfinetando.

— Sinto muito, Francisco, mas seu pai fez isso três vezes. Não há possibilidade de protelarmos esse problema. Se não houver uma amortização, teremos que executar a dívida e, como a Bela Vista é a garantia do empréstimo, haverá um leilão?

— A fazenda foi dada como garantia?

— Sim, pensei que soubessem. — O Sr. Joaquim pareceu extremamente desconfortável.

Francisco olhou para Estela imaginando que, talvez, ela estivesse escondendo essa informação, embora isso fosse uma atitude pouco inteligente. Ela, porém, mostrou-se tão surpresa quanto ele. A possibilidade de Bela Vista ir à leilão era a pior notícia que ele poderia receber. A dívida era muito alta, mas as terras valiam, pelo menos, o dobro da quantia tomada com o banco. Onde o seu pai estava com a cabeça que assinou um contrato daqueles? Eles tinham outros bens que serviriam de garantia. O imóvel na

capital era um deles. Não precisava ter sido a fazenda.

Pensou no dia em que chegou à propriedade. Estela falou dos problemas financeiros e ele os ignorou imaginado serem artifícios para o obrigar a se casar com uma moça rica. O que, na época, era verdade. Não supunha, no entanto, que o quadro de falência iminente se tornaria real.

Um casamento bem arranjado com a herdeira certa seria a nossa salvação. A voz de Estela ecoou na mente de Francisco. Sim, seria. Ele respondeu ao próprio pensamento. Mas era uma hipótese fora de cogitação, apesar de Catarina ser a opção perfeita: filha única e herdeira de muitas cabeças de gado leiteiro em Minas Gerais. Sentiu-se um crápula por deixar a ideia se aproximar de sua cabeça. Além de não almejar ser esposo de ninguém, outra mulher era dona de seus pensamentos e desejos, impossibilitando qualquer aproximação com Catarina, ainda que ela fosse o tipo de mulher que o atraísse. Como faria, então, para levantar o dinheiro em um prazo tão curto, se a instabilidade político-econômica do país e, especialmente do Espírito Santo, jogou o mercado imobiliário no chão? Como poderia desfazer-se da casa em Vitória se, provavelmente, não encontraria um comprador em um espaço curto de tempo?

— E por que não recebemos nenhum aviso quanto ao vencimento desses títulos? — Estela perguntou encarando o gerente com um ar de cobrança como se ele fosse o devedor e ela a credora.

— Mas eles foram enviados, senhora. Deixe-me conferir, mas acredito que todas foram entregues na sua residência aqui em Vitória. Isso, mesmo.

— Por que não foram para Bela Vista? — Ela se mostrou irritada.

— Esse era o endereço cadastrado aqui. Foi o próprio coronel quem nos instruiu a fazer dessa forma.

— Acontece que meu marido está morto há quase um ano! — Por um minuto Estela perdeu a frieza que lhe era característica e excedeu-se deixando a raiva dominá-la.

— Perdoe o descontrole de minha mãe, senhor Joaquim. Infelizmente, essa notícia nos tomou de assalto. — Francisco interveio enquanto o gerente pegava um copo de água para acalmar os ânimos de Estela.

— Eu compreendo.

— Talvez o senhor possa intervir junto ao conselho e protelar por, pelo menos, um mês esse iminente leilão. Sou apenas uma viúva, senhor Joaquim, se me tirarem a Bela Vista, estarei arruinada. — Estela bebeu um gole de água e olhou para o homem fazendo questão de que ele visse duas ou três lágrimas escorrerem em suas bochechas. Ela pousou o copo sobre a mesa e pegou o lenço em sua bolsa de seda. Enxugou o rosto esforçando-se para parecer digna da piedade alheia.

Surpreso, o gerente ficou vermelho e sem palavras, como se tivesse engasgado com o ar na garganta. Igualmente espantado estava Francisco, que só naquele momento compreendeu o estratagema de Estela: conseguir adiar o inadiável. Por ora, havia surtido efeito e saíram do banco com a promessa do Sr. Joaquim.



Capítulo

27

Depois que saíram do banco, Francisco e Estela foram almoçar em um restaurante que ficava na mesma rua da instituição bancária. Enquanto andava, ele pensava no prazo que haviam conseguido. Não era o ideal, mas, de qualquer forma, algumas semanas lhes dariam um tempo de planejamento quanto ao que fazer a seguir. Para impedir o leilão precisariam quitar, pelo menos, um quinto do valor total da dívida e renegociar o restante.

— Boa tarde, senhores. Onde desejam sentar? — O atendente, que exibia um sorriso desenhado pelo farto bigode, recebeu-os na porta do restaurante.

Sentaram-se em uma mesa coberta por uma toalha de linho branca ornada por uma discreta rosa vermelha depositada em uma minúscula jarra de vidro. Francisco pediu água e um vinho tinto português enquanto Estela examinava o cardápio. Ela decidiu-se pelo peixe que era especialidade da casa e Francisco assentiu. O homem trouxe a bebida e serviu-lhes em taças de cristal.

— Veja o legado que seu pai nos deixou: uma fazenda quebrada. Um péssimo administrador. Isso, sim, é o que ele era. Gastou minha herança sem aplicar nada que pudesse me dar uma boa renda. Tudo o que fez foi plantar e replantar aqueles malditos pés de café. — Estela tomou um farto gole do vinho, provavelmente para aliviar a tensão que saltava aos olhos.

— Imagino que ele não tenha gastado sozinho a fortuna que meu avô deixou. Suas viagens à Europa, joias, roupas e festas também contribuíram para esse fato.

— O dinheiro era meu por direito. O mínimo que poderia fazer era desfrutar dele antes que seu pai o jogasse fora.

— Não seja exagerada, Estela. Sempre teve uma vida de luxo. Muito acima da média das esposas dos fazendeiros da região.

— Olha quem fala. Você, meu filho, vivia como um nobre no Rio de Janeiro. Nunca soube o que significava trabalhar para pagar as próprias contas até agora.

— Imagino que o passado seja irrelevante para nós no momento. A questão é: como vamos levantar o dinheiro para saldarmos o quinto da dívida? Pelo que vi no inventário, não dispomos de reservas financeiras em espécie.

— Se aceitasse cortejar Catarina, conseguiríamos um empréstimo com o pai dela.

— Já disse que isso está fora de cogitação. Não sou um calhorda caçador

de dotes.

— Ora, Francisco, deixe de ser orgulhoso.

— Não é uma questão de orgulho, mas de caráter. — Francisco parou por um instante enquanto o garçom servia-lhes os pratos. — Encontraremos outra solução para a fazenda. Não estamos falidos, afinal. A senhora tem suas joias. Há os quadros, mas esses são mais difíceis de serem vendidos rapidamente — acrescentou após provar o peixe regado ao molho de camarão.

— O que vão dizer quando começarmos a oferecer nossos bens? Que estamos mendigando.

— Que digam! — Francisco irritou-se.

— Fale baixo. Ou daqui a pouco o restaurante inteiro vai saber que estamos perto da miséria. Talvez até o gerente apareça para garantir se teremos dinheiro para pagar a conta.

— Sem drama, Estela. — Francisco falou enquanto seus olhos se desviaram na direção da porta. Reconheceu a figura que havia acabado de entrar no restaurante e foi incapaz de evitar a expressão de desagrado que se formou em seu rosto.

— Que prazer vê-los aqui. — O tom de Otávio era cordial, mas os olhos fulminaram Francisco com visível animosidade.

— O prazer é todo nosso. Junte-se a nós. — Estela indicou a cadeira vaga ao lado de Francisco.

— Eu agradeço, senhora, mas tenho um almoço com alguns cavalheiros que já estão à minha espera.

— Quando o veremos novamente na Bela Vista? — Estela perguntou. Francisco empertigou-se na cadeira. Instintivamente, sua mão apertou o cabo da faca até os nós dos dedos ficarem brancos. Sua inquietação não passou despercebida por ela.

— Tenho muitos assuntos que me prendem aqui, por enquanto. Mas, assim que conseguir um tempo livre, irei visitá-los.

— Venha almoçar conosco aqui na capital, então, amanhã. Tenho certeza de que você e Francisco precisam colocar o assunto em dia. — Estela insistiu. Fez isso, muito provavelmente porque a aproximação com Otávio era vantajosa em função da posição que seu pai ocupava no banco. O que ela desconhecia, no entanto, era que a antiga amizade entre ele e Otávio já não existia mais.

— Verei o que posso fazer, senhora. Não prometo nada, mas até o fim do dia, envio um empregado para comunicar meus planos. Bom, vejo que já tomei demais o seu tempo. Desfrutem o almoço. Ah — Otávio voltou-se para a mesa depois de já ter dado um passo para afastar-se —, sinto muito pela situação da Bela Vista. Se as terras forem a leilão, será uma lástima. — Saiu para, então, sentar-se com os cavalheiros que o aguardavam.

Arrogante desgraçado!

Francisco considerou o quanto Otávio poderia prejudicar a negociação das dívidas da Bela Vista. Ele era filho do gerente, mas não era funcionário do

banco, fato que o impossibilitava de opinar sobre questões administrativas. Por outro lado, se Otávio comesse a espalhar boatos sobre uma iminente falência da Bela Vista, poderia influenciar o mercado e atrapalhar uma renegociação depois do pagamento do quinto da dívida. Se fosse esse o caso, Francisco precisava se certificar de que Otávio soubesse o que estaria em jogo. Estava disposto a tornar público o que houve na fazenda. Precisava conversar com Cecília sobre isso, explicá-la que o futuro da Bela Vista, e também de todos os italianos que eram seus colonos, dependiam de manterem Otávio de boca fechada.

Olhou novamente para seu desafeto que o encarou de volta. Sua expressão debochada e, ao mesmo tempo, desafiadora, deixava claro: Otávio buscava vingança.

— Francisco! Não está me ouvindo? — Estela o estava encarando ligeiramente aborrecida.

— Desculpe, o que disse?

— O que houve entre você e Otávio na Bela Vista? Qualquer um pode ver que estão de armas erguidas um para o outro. Sequer se cumprimentaram.

— Isso é um assunto particular.

— Espero que não haja nenhuma mulher envolvida nessa questão.

— Fique tranquila. Não se trata disso — Francisco mentiu.

— Espero também que se empenhe em reatar a amizade com Otávio. Sua

família tem muita influência na sociedade.

Francisco não respondeu, concentrou-se em terminar a refeição, embora o apetite tivesse desaparecido por completo.

Mais tarde, ao cair da noite, o empregado da família Castro apareceu na casa dos Dias trazendo uma curta mensagem de Otávio. Ele se desculpava por não poder atender ao convite de Estela para o almoço no dia seguinte.

Francisco aproveitou o mensageiro e escreveu uma rápida nota:

“Nem pense em tentar prejudicar a Bela Vista. Você sabe que também tem muito a perder. Não hesitarei em levar a público o que houve na fazenda.”

— Por favor, entregue isso ao seu patrão.

Francisco recostou-se na suntuosa estrutura de ferro que ornava a varanda da casa. Ficou ali observando o funcionário dos Castro desaparecer engolido pela escuridão da noite. Pensou em Cecília, nos colonos italianos, na fazenda, em suas enormes dívidas e em toda carga de responsabilidade que, de repente, caiu sobre os seus ombros.



Capítulo

28

Cecilia partiu dois fartos pedaços do pão assado no dia anterior e os colocou dentro do embornal de Angelo, onde já estava acomodada sua marmitta. Foi até a janela da cozinha que dava vista para o pátio da colônia. Viu os primeiros italianos que começavam a sair de suas casas para a lida no cafezal: a vizinha, que carregava um cesto de palha onde sua filha de poucos meses de vida ainda dormia, e Giustina, que amarrava o lenço sobre a cabeça acomodando os cachos louros sob a proteção do tecido.

— *Buongiorno*, Cecilia — Giustina acenou e juntou-se aos irmãos que também apareceram no pátio.

— Angelo! *Andiamo*. — Cecilia apressou o irmão. Ela, por sua vez, não precisava chegar tão cedo no casarão naquela manhã. Depois da excessiva carga de trabalho dos últimos dias, D. Joaquina havia concedido um turno de folga para Cecilia aproveitando-se do fato de Estela estar viajando.

Cecilia cortou um pedaço de pão e serviu-se do café que havia acabado de passar. Ajeitou uma mecha de cabelo que se desprende do coque e listou mentalmente as calças e camisas de Eustaquio que precisavam ser remendadas. Felizmente, D. Joaquina havia lhe dado algumas roupas velhas, a maioria rasgadas e sem condição de uso, mas que seriam muito bem aproveitadas como retalhos para pequenos consertos. Em breve, seria necessário comprar uma fazenda para costurar calças novas para o menino. Pelo menos duas, para substituir o par que estava curto. Alegrou-se, momentaneamente, pois, a perda da vestimenta significava que seu irmão mais novo voltou a crescer, algo que a escassez de alimentos da Itália havia lhe privado.

— Angelo! — Cecilia estranhou o atraso. Via de regra, o irmão era um dos primeiros a sair para o cafezal de manhã. Minutos depois, ele apareceu ocupando todo o espaço reservado ao batente da porta. — *Buongiorno* — Cecilia abriu-lhe um sorriso, porém, tudo o que teve em resposta foi uma expressão carrancuda. — O que passa?

— *Niente*.

— Como nada? *Io* te conheço, *mio* irmão.

— *Io* tô farto de promessa.

— Do que tá falando? — Cecilia ficou confusa.

— Da *nostra* terra. — Ele se aproximou da mesa e apoiou a mão em punho sobre a madeira.

— Já temos uma horta e plantamos milho.

— *Si*, mas *non* foi isso que *viemo* procurar na América. Essa *non* é a terra da esperança. *Noi* *somo* os *escravo* branco dessa gente!

— Calma, Angelo. Faz *poco* tempo que estamos aqui. Logo *nostra* dívida vai estar paga e, aí, a gente pensa no que fazer.

— *Non* preciso pensar.

— Como assim? — Cecilia ficou apreensiva com o tom de Angelo.

— Olha isso. — Retirou do bolso da calça de algodão cru um papel ligeiramente amassado que provavelmente havia sido manuseado várias vezes. — O irmão de Giustina recebeu essa carta de um primo deles.

— E?

— Eles *tão* no sul do Brasil. Numa colônia. Ganharam terra e começaram a plantar uva. *Podemo* fazer igual.

Cecilia precisou de alguns instantes para processar a informação. Angelo estava propondo que fossem embora? Assim, de repente? A fazenda não era o que esperavam, mas, pelo menos, tinham o que comer e um teto para dormir. O que seria dele se saíssem dali sem dinheiro algum? Além disso, a carta não havia sido remetida para eles e sim para a família de Giustina. Será que lá ganhariam mesmo as tão sonhadas terras? Cecilia sentia medo de deixar o contrato de trabalho na Bela Vista por algo duvidoso. Não queria passar fome de novo ou submeter o pai e Eustaquio a condições penosas. Precisava afastar

aquelas ideias da cabeça do irmão. Esquentado do jeito que ele era, Cecilia não duvidava de que estaria cogitando a hipótese de fugirem dali. Se isso acontecesse, seriam considerados criminosos. Poderiam até ser deportados do país.

— Perdeu o juízo? *Non* podemos viajar agora. E *nostra* dívida? Temos um contrato assinado. *Non* podemos fugir.

— *Io non* aguento mais ficar nesta fazenda.

— Mas tem que aguentar. Por mim, por Eustaquio e pelo *nostro* pai, que *non* pode ficar sem os remédios dele. *Non* quero passar fome de novo, Angelo.

O rosto do irmão se contraiu em uma careta à menção da dificuldade enfrentada na Itália.

— *Andiamo*. Vá para lavoura e esqueça o Sul. *Dopo* da colheita estaremos livres para ir embora daqui.

Visivelmente contrariado, Angelo desistiu de argumentar. Pegou o embornal, apoiou a alça do tecido no ombro e saiu. Cecilia sabia, no entanto, que a discussão não terminaria ali. Angelo era teimoso feito uma mula. Quando colocava uma ideia na cabeça não desistia dela com facilidade.



Capítulo

29

Cecilia segurava com cuidado a jarra contendo uma dúzia de rosas colhidas há pouco no jardim. Com o retorno da patroa, o casarão voltava ao ritmo habitual. Entrou na sala de estar. As janelas do cômodo estavam abertas e as cortinas de renda balançavam embaladas por uma brisa constante. Apoiou a louça sobre uma mesa redonda encimada por um centro de crochê branco. Estava ajeitando as flores quando o som de botas ecoou de algum ponto do corredor. O vento trouxe um odor que Cecilia reconheceu de imediato: o cheiro do perfume de Francisco. Ela concentrou-se nas pétalas de rosas pedindo mentalmente que ele passasse pelo cômodo e ignorasse sua presença ali. Na última vez que se viram ele tentou beijá-la e, por mais que tivesse ficado furiosa, não podia negar que não havia gostado de ser cortejada.

— Senti saudades — sussurrou com a voz suave depois de se aproximar dela. Cecilia estremeceu, mas conseguiu esconder sua reação.

Definitivamente ele não estava disposto a ignorá-la.

— Por que se esforça tanto para ser indiferente a mim? O que eu fiz para receber seu desprezo? — Havia um quê de mágoa em sua voz, o que era bom. Isso significava que ele ainda não havia percebido o efeito que exercia sobre ela.

— O *signore* é *mio* patrão. — Cecilia não alterou sua postura corporal. Francisco acariciou as mechas de cabelo que caíam por debaixo do lenço que cobria a parte da frente dos fios.

— Sim, eu sou. Mas nunca pensei em me aproveitar dessa condição. Preciso que saiba disso. — Ele segurou-lhe o braço e girou o corpo de Cecilia para que ficassem frente a frente.

Cecilia tentou olhar para as vigas do teto ou contar o número de teias de aranha que precisavam ser tiradas antes que Estela inspecionasse a sala, mas tudo que viu foi o rosto de Francisco e sua expressão carente e suplicante. Ele tinha um ar sedutor que contrastava com olhos doces e angelicais que o tornavam um verdadeiro perigo. Uma tentação ambulante. Que Deus a ajudasse a resistir àquele homem.

— *Scusa, signore...* Mas *io* tenho muita coisa pra fazer...

— Eu só queria que soubesse que eu gostaria muito de beijá-la, mas não farei isso até que permita. — Sua voz soou calma, porém, impactou pelo seu tom de determinação. Ele acariciou o rosto de Cecilia deixando os dedos percorrerem da bochecha ao maxilar. Em seguida, deu um passo para trás desobstruindo a passagem. — Pode ir. Não vou mais atrapalhar seu serviço.

Atordoadada, Cecilia afastou-se e saiu pela porta da frente que dava para a escadaria, em vez de percorrer seu caminho habitual pelo interior da casa. Desceu os degraus com tanta pressa que só notou o erro quando chegou ao fim da escada. Colocou a mão no peito ofegante e ficou parada durante alguns minutos para se recompor. Ia seguir seu trajeto para o pátio dos fundos quando avistou um cavalo vindo pela estrada. Esperou mais um pouco.

Um homem vestido de maneira elegante apeou da montaria. Embora sua calça de linho apresentasse uma generosa camada de poeira, especialmente da altura do joelho para baixo, sua pose distinta amenizava o efeito da sujeira adquirida na estrada.

— Bom dia — ele disse com uma voz muito fina. Seu vasto bigode moveu-se como se dançasse sobre a boca. Cecilia desejou rir diante do contraste que essa imagem representava em comparação ao aspecto formal e elegante do sujeito.

— *Buongiorno.*

— Gostaria de ver a Sra. Estela Dias. Ela está me aguardando.

Cecilia assentiu e fez um sinal para Zé, o moleque do leite que perambulava nas imediações.

— Leve o cavalo do *signore*...

— Alfredo dos Santos.

— Por aqui, *signore* Alfredo.

Cecilia levou-o pela escadaria e pediu que ele aguardasse na sala de estar. Saiu para comunicar a chegada do visitante à patroa e, pela janela, viu Francisco cavalgando na direção do cafezal. Provavelmente ficaria na roça até o entardecer. Ela tranquilizou-se por saber que estaria livre de suas investidas, porque estava cada vez mais difícil resistir a elas.

Estela recebeu o Sr. Alfredo no escritório e dispensou Cecilia pedindo apenas que Joaquina lhe trouxesse café, biscoitos e água.

— Não posso deixar a cozinha. O molho vai desandar — D. Joaquina falou parecendo transtornada quando Cecilia terminou de preparar a bandeja e lhe transmitiu a ordem da patroa.

— *Io* levo, então.

— Não sei. Se D. Estela mandou que eu levasse o lanche... Ah, não — D. Joaquina correu na direção do fogão onde o líquido de sua panela começava a borbulhar como se fosse um vulcão cuspidor de larvas. — Vá. Leve logo isso.

A porta de madeira maciça do escritório estava ligeiramente entreaberta. Cecilia equilibrava a bandeja com as duas mãos, por isso, apoiou o utensílio na arca que ficava perto das tapeçarias. Dessa maneira poderia bater na porta antes de entrar, conforme a cozinheira lhe havia orientado.

— Isso é uma afronta! Depois de todo ouro que já comprei com o senhor, é assim que me retribui? Não se esqueça de que foi meu falecido marido que o indicou para os fazendeiros da região, quando o senhor era um desconhecido qualquer. — Cecilia parou com a mão no ar avaliando se aquela seria a melhor hora para interromper o que parecia uma acalorada

discussão.

— Senhora, eu sou muito grato por tudo que o coronel fez por mim — o homem soou educado, porém inflexível. Ele estava posicionado na frente de Estela e de costas para a entrada, de modo que Cecilia não poderia ser notada pela fresta da porta.

— Então, me pague o que essa joia vale.

— Esse colar vale uma pequena fortuna. Não tenho capital suficiente para adquiri-lo. Sequer tenho comprador para tal peça.

— Então, consiga um.

— Não será fácil. Nem tão rápido quanto a senhora precisa. A pressa, sabe, altera o valor. Sabe quantos diamantes há aqui? Quatro! Talvez, se a incluíssemos em um leilão...

— Não quero nada público. Essa transação precisa ser discreta e não sair desta sala.

— Verei o que posso fazer, mas repito, não será simples. — Cecilia cogitou a hipótese de anunciar sua chegada, mas, nesse momento, o Sr. Alfredo ergueu o cordão alguns centímetros acima de sua cabeça, como se quisesse captar a luz que entrava pela janela atrás do conjunto de mesa e cadeira onde Estela estava sentada.

O sangue fugiu do rosto de Cecilia, suas pernas ficaram trêmulas, de repente. *Dio Santo! Não pode ser!* A joia que reluzia sob a luz do sol era

muito próxima ao colar que Cecilia perdeu no dia em que chegou ao Brasil. Do ponto onde estava, ela conseguia distinguir a medalha ovalada que pendia do colar entalhada com a figura de São Francisco de Assis e circundada por minúsculos pontos brilhantes. Será que era a mesma? Ou seus olhos a estavam enganando? Como o colar poderia ser dela se provavelmente o perdeu quando estava na carruagem do senhor que a socorreu?

Mil dúvidas pairavam em sua cabeça. Cecilia fez um esforço para se lembrar das feições do homem. Das primeiras horas no Brasil, pouca coisa ficou em sua memória, além do medo de se perder de sua família para sempre. Foi, então, que um lampejo lhe veio à mente. *Como pude non perceber antes? O sr. Luís Eugênio! Sì.* Ele havia levado Cecilia para a Hospedaria Pedra D'Água naquele dia. As coisas começaram a fazer sentido. Por isso ele a havia abordado na festa e feito tantas perguntas sobre o vapor que a trouxe da Itália. Ele queria confirmar sua identidade, e quando o fez, entregou o colar à Estela. A questão era: ele pediu que a patroa o devolvesse ou ele o deu a Estela para que o vendesse e ambos dividissem o dinheiro? Que, por sinal, era uma fortuna. Nunca pensou que o colar de sua mãe pudesse valer tanto. Cecilia sentiu a cabeça girar. Talvez, estivesse inventando coisas e nenhuma de suas suposições fossem reais. Talvez a joia fosse de Estela.... mas isso não fazia sentido. Precisava ver o colar de perto! Havia uma inscrição nele. Uma letra minúscula, na verdade quase imperceptível, porém, identificável por quem a conhecia. Era o único jeito de chegar a uma conclusão. Decidiu que era o momento de bater na porta e anunciar sua presença. Mas, antes, pegou a bandeja e apoiou-a no corpo para entrar tão logo se anunciasse.

Foi o que ela fez. E provocou uma súbita reação em cadeia. O sr. Alfredo abaixou o colar e devolveu-o rapidamente a uma caixa de veludo sobre a

mesa. Enquanto Estela encarou Cecilia como se quisesse devorá-la viva.

— O que está fazendo aqui?

— Vim trazer o café, *signora*.

— Sua imbecil! — Cecilia estremeceu com o grito. — Pedi que Joaquina trouxesse isso, não você. Deixe aí e volte para a cozinha.

Cecilia fez o que ela mandou. Suas pernas tremerem num misto de raiva e nervoso. Ao sair do escritório, escutou o som da chave dando uma volta na fechadura.

Voltou para o trabalho com um único pensamento: examinar o colar de perto.



Capítulo

30

Cecilia olhou-se no minúsculo espelho do quarto onde ela e Eustaquio dormiam. Estava bastante corada pelo sol. A colheita do café havia começado há oito dias, por isso, todos que tinham alguma familiaridade com a lavoura, incluindo até mesmo o moleque Zé, foram requisitados para o trabalho. Isso significou o afastamento de Cecilia do casarão, o que a perturbava. Depois que o misterioso Sr. Alfredo deixou a fazenda, há pouco mais de uma semana, Cecilia não teve oportunidade de confirmar se o colar oferecido ao comerciante pertencia mesmo a ela. O problema era que o tempo não corria a seu favor. Receava que o homem conseguisse um comprador para o cordão e ele se perdesse para sempre.

— *Andiamo*, Cecilia! — Do lado de fora da casa, Angelo, o Sr. Antonio e Eustaquio já esperavam por ela com os embornais nos ombros.

— *Io tô indo!* — terminou de calçar as botas, correu até o pátio da colônia e juntou-se aos outros.

Em procissão, seguiram para a lavoura embalados pela esperança da primeira colheita no Brasil. Cecilia olhou para Angelo que seguia conversando com os irmãos mais novos de Giustina. Mesmo sem estar perto deles, era capaz de adivinhar o assunto: a colônia no sul do Brasil. A ideia de ir embora da Bela Vista aumentava a cada dia, especialmente, depois que outra carta havia chegado. Trazia mais detalhes sobre a tal colônia e reforçava o chamado para que fossem para lá. Dessa vez, no entanto, os parentes de Giustina estendiam o convite a Angelo e sua família, o que alterava um pouco o rumo das coisas. Ainda que com ressalvas, Cecilia começou a pensar na possibilidade de mudança.

O ranger das rodas do carro de boi conduzido pelo encarregado da fazenda, o Sr. Mathias, chamou a atenção de Cecilia tirando-a de seus devaneios. Algumas mulheres subiram no transporte e se acomodaram dividindo espaço com as enxadas, rastelos, peneiras e sacos de estopa.

Giustina colocou-se ao lado de Cecilia e puxou uma canção que falava sobre amor. Era uma música folclórica bastante conhecida, por isso, logo, outras vozes se juntaram a ela. Cecilia notou que Giustina estava bastante feliz naquela manhã.

— Essa alegria toda *non* é só pela colheita, certo? — Cecilia encarou a amiga de maneira inquisitiva. Giustina respondeu com um suspiro revelador. — Você está apaixonada! — destacou.

— *Sì*. — Giustina pareceu um pouco acanhada.

— Posso saber quem é ele?

— Angelo. Seu *fratello* — confessou encarando o rastro deixado pelos veículos. — Mas *non* aconteceu *niente* ainda. Só *tamo* conversando — acrescentou em seguida.

— Nem um beijo?

— *Non*.

— Esse *non* me parece o Angelo. — As duas riram, cúmplices.

— *Io* sou moça de família. *Mio papà* é morto, mas *io* me dou o respeito como se ele estivesse aqui.

— Só quero ver quando ele começar a te beijar e te derrubar no meio daqueles *pé* de café. — Cecilia provocou-a com malícia.

— *Non* me tente, Cecilia. Tremo só de pensar naquelas *mão* grande me pegando. — Elas caíram na gargalhada.

Continuaram falando sobre Angelo até chegarem ao cafezal. As plantas ainda estavam molhadas pelo orvalho da madrugada quando chegaram à lavoura. O sol que despontava tímido atrás das montanhas ainda não havia esquentado o suficiente para dissipar as gotículas que tomavam as folhas dos arbustos. Cecilia começou o trabalho e se concentrou em arrancar os frutos maduros dos galhos que se multiplicavam à sua frente. Ouviu o relinchar de um cavalo e, para sua surpresa, seu coração deu uma cambalhota involuntária. Antes que olhasse para a direção do som, já sabia: Francisco havia chegado. Nos últimos dias, ele estava acompanhando a colheita de perto chegando ao ponto de derriçar alguns pés de café. A princípio, os

italianos ficaram receosos com a figura do patrão, mas ele dobrou-os com seu inegável carisma. Cecilia sorriu consigo mesma. Ele mal sabia segurar uma enxada, mas era teimoso feito uma mula, por isso, Mathias não conseguiu demovê-lo de seu intento.

Francisco caminhou em direção à Cecilia e, quando seus olhos se encontraram, acenou discretamente com a cabeça, mas ela não respondeu. Ela virou-se e enterrou o rosto corado entre os galhos de café.

— Não precisa fingir que não estava olhando para mim. — Francisco assumiu a derriça da planta ao lado de onde Cecilia trabalhava.

— *Non* acha presunção de parte do *signore* pensar isso?

— Não. Só estou constatando um fato, que você, por acaso, recusa admitir.

Cecilia bufou.

— Você fica linda quando está irritada.

— *Io num tô* zangada.

— Ah, está sim. Sempre que fica irritada arqueia a sobrancelha direita e a esquerda fica parada.

— Isso é ridículo. E... *io non* faço isso.

— Não é ridículo. É engraçado. Muitas pessoas têm um tique. O seu é esse.

Cecilia ignorou-o. *Ela arqueava a sobrancelha?* Será que ele estava dizendo aquilo na intenção de provocá-la? Bem, se era isso que ele desejava, conseguiu.

— Está fazendo de novo. — Francisco parecia divertir-se muito.

— Por que está aqui?

— No cafezal? Trabalhando? Bem, os grãos precisam ser colhidos.

— *Non* se faça de bobo. — Cecilia estava prestes a perder a paciência. — Por que o *signore* fica me cercando? Me provocando e rindo de mim?

— Não fico rindo *de você*, mas para você. — Francisco parou por um instante e aproximou-se. Escolheu um galho de café ao lado daquele que Cecilia estava derriçando. Então, sussurrou as palavras com uma intensidade de incendiar uma floresta: — Estou irremediavelmente atraído por você. Mas acho que já sabe disso, não é?

— *Sì, io* sei — disse, depois de relutar alguns instantes para responder. — Mas *non* quero *niente* com o *signore*.

— Não foi o que seus olhos me disseram quando cheguei aqui. — Seus braços se tocaram. Francisco abandonou os grãos de café para segurar a mão de Cecilia.

— O *signore* está louco?

— Estou.

— Alguém pode ver a gente.

— Só há mais cinco pessoas nessa rua e todas estão há, pelo menos, seis metros de distância de nós. Eu sei que você sente algo por mim. Não adianta negar. — Ele a puxou para si. Seus corpos ficaram colados. — Você é linda, italiana.

Cecilia ofegou.

— O *signore* diz isso para todas.

— Nunca chamei nenhuma mulher de italiana — provocou-a. Cecilia fechou a cara e debateu-se. Francisco achou graça. — Estou falando sério, Cecilia. Você mexe comigo de uma forma que nenhuma mulher conseguiu.

— O *signore* diz isso porque quer se deitar comigo como fez com todas as outras empregadas. — Cecilia tentou se afastar novamente, mas ele a impediu.

— Garanto que não. Por Deus, eu estou na lavoura apanhando café só para ficar perto de você. Sabe quantos calos eu ganhei? Minhas mãos ardem todas as noites.

— Bem feito! — Cecilia até que tentou, mas não conseguiu conter o riso. Francisco aproveitou a guarda baixa e deslizou a mão até alcançar a base de sua nuca. Acariciou-a. Cecilia sentiu o corpo se desmanchar sob o efeito do toque. *Dio!* Como ela queria que ele a beijasse naquele momento. Cecilia não percebeu quando seus olhos se fecharam, mas sentiu o calor da boca de Francisco a centímetros da sua.

— Eu quero beijá-la, mas falarei de novo... não o farei sem a sua autorização. Por isso, eu imploro: peça.

Cecilia sentiu-se zozza. Poderia beijá-lo, estava pronta para isso. Que mal haveria em um único beijo? Ela o desejava. Era impossível continuar negando esse fato. E Francisco parecia sincero. Talvez pudesse confiar nele. Seria somente um beijo, nada mais. Então, lembrou-se do aviso que D. Joaquina lhe deu no primeiro dia de trabalho na cozinha: *fique longe de Francisco*. Se Cecilia cedesse, acabaria do mesmo jeito que a outra empregada flagrada na cama dele: humilhada e expulsa da fazenda. Estela os jogaria na rua, sem dinheiro e sem ter para onde ir. Seu pai e seus irmãos nunca a perdoariam. Sobretudo, Angelo que seria afastado de Giustina. Além disso, havia o colar. Ela precisava se certificar se ele era seu. Se fosse embora da fazenda, quaisquer chances de reaver a joia de sua mãe seriam perdidas para sempre. Ela precisava resistir. Um desejo não poderia ser maior do que o seu senso de responsabilidade para com sua família.

— *Non! Noi sono* de mundos diferentes. O *signore* é rico e eu sou uma imigrante que *non* tem onde cair morta.

— Eu quero você. Você me quer. Isso é tudo o que importa.

— E sua mãe? Se ela descobre, me bota pra fora desta fazenda.

— Isso não vai acontecer. Eu garanto.

— Isso já aconteceu, *signore* Francisco. Esqueceu da cozinheira que D. Estela encontrou em seu quarto?

— Você é diferente.

— *Io non* quero pagar pra ver.

— Você não vai! O quer que eu diga para acreditar em mim?

Ele parecia sincero. A voz suplicante, o rosto vincado. As mãos enterradas nos seus cabelos numa atitude quase desesperadora demonstravam que ele estava sendo verdadeiro. Mas Cecilia sabia que, no mundo real, boas intenções não eram suficientes para romper barreiras tão intransponíveis quanto a que havia entre eles.

— *Per favore. Non* diga mais nada. Só me deixe trabalhar em paz.

Cecilia saiu correndo e só parou quando estava a algumas ruas de distância de Francisco. Embora sua vontade fosse de se jogar nos braços dele, ela manteria distância até o fim da colheita.

Se aguentasse.



Capítulo

31

*“Jammo, jammo
'Ncoppa jammo ja'
Jammo, jammo
'Ncoppa jammo ja'
Funiculí, funiculá
Funiculí, funiculá”*

(Funiculi Funiculà – composta por Giuseppe Turco e Luigi Denza)

Francisco abotoou o último botão da camisa e calçou as botas, pronto para ir até a colônia. Tinha expectativas. Apesar de Cecilia ainda se mostrar irredutível, estava convencido de que dobraria a italiana naquela noite.

Passou pelos fundos do casarão para encontrar o Zé e se certificar de que todos os itens destinados à festa dos italianos haviam sido entregues a contento.

— Sim, senhor. A leitoa, os queijo e o vinho já *tão* na colônia. Eu e o Mathias *levamo* logo depois do almoço.

— Ótimo.

Francisco sentiu uma lufada fria de vento soprar em seu rosto. Ajeitou seu paletó de lã e pediu mentalmente para que não chovesse. Isso atrapalharia a secagem do café que estava nos terreiros. As primeiras sacas estavam a caminho da capital para serem vendidas — esse, inclusive, era o motivo da comemoração —, mas ainda havia muitos grãos secando e outro tanto esperando nos pés.

A música que vinha da colônia podia ser ouvida a vários metros de distância, bem como os gritos de vivas dos italianos. Francisco pisou no pátio. A leitoa enviada mais cedo estava empalada em um enorme espeto e pairava sob uma fogueira vigiada de perto por uma dúzia de crianças. Havia mesas espalhadas sobre as quais via-se polenta frita, queijo e garrações de vinho.

— *Signore, Francesco!* — um italiano, cujo nome Francisco não se recordava, acenou e veio encontrá-lo. Pela maneira que o cumprimentou, com um abraço acompanhado de um vigoroso tapa nas costas, Francisco imaginou que o vinho começou a ser consumido tão logo chegou, após o almoço. Hipótese que se provou verdadeira, pois, a mesma saudação espontânea foi repetida por diversos imigrantes, inclusive, Angelo, que costumava ser o mais reticente entre todos. — *Benvenuti nella nostra colonia* — pronunciavam as boas-vindas em um italiano arrastado, ignorando completamente o português aprendido. Um copo de vinho e uma generosa lasca de queijo amarelo foram oferecidos a Francisco. Ele agradeceu e apoiou o cotovelo em uma das mesas

distribuídas pelo pátio.

Algumas mulheres dançavam formando um círculo perto de onde o Sr. Antonio tocava sanfona. Eustaquio, ao lado do pai, acompanhava-o com um triângulo. Perto deles, cinco vozes, duas masculinas e três femininas, cantavam uma canção alegre. O som emitido por eles era contagiante. Ele teria se distraído nessa observação, se ainda não faltasse encontrar a única pessoa que lhe interessava naquela noite: Cecilia.

A maioria das italianas estava dançando, cantando ou tomando vinho ao lado de seus maridos e namorados. Ao constatar isso, Francisco sentiu uma profunda irritação. Será que ela estava acompanhada? Sua mão livre se fechou em punho até os nós dos dedos ficarem brancos. *Maldição! Onde está você, Cecilia?* Esbravejou em pensamento. Quando finalmente a viu, seus medos se tornaram realidade. Ela estava conversando com alguém. Observou-a de modo avaliativo. As bochechas dela estavam coradas, o que poderia indicar que ela havia dançado ou bebido vinho. Sua postura era descontraída e ria, mais do que o normal, mostrando receptividade aos comentários que o seu acompanhante sussurrava no ouvido dela. Francisco trincou os dentes com tanta força que seu maxilar chegou a doer. Precisava afastar Cecilia daquele italiano metido a conquistador de qualquer jeito.

— Ei! — chamou uma garotinha que passava por ali agarrada a uma boneca de pano. — Conhece aquela italiana? — Apontou para Cecilia. A menina fez que sim. — Diga a ela que Angelo quer falar com ela. Ele está no armazém pegando mais vinho.

Francisco certificou-se de que sua intermediária entregaria o recado e saiu furtivamente para ir até a venda esperar por Cecilia.

— Angelo! — A voz dela ecoou na penumbra.

— Sou eu que quero falar com você. — Francisco saiu da sombra fornecida pelo marco da porta da mercearia que atendia a colônia. — Quem é aquele italiano com quem estava conversando? É seu namorado?

Cecilia encarou-o surpresa. De perto, as bochechas dela apresentavam-se ainda mais rosada.

— E se for? O que tem a ver com isso?

— Não me provoque, Cecilia. — Francisco cobriu o espaço entre eles com duas passadas largas. Cecilia tentou se afastar, porém, suas costas bateram na construção do armazém. Determinado a arrancar-lhe a verdade, sua mão se fechou ao redor do braço dela.

— O *signore non* é nada meu para me pedir satisfação.

— Quer me deixar maluco! É essa sua intenção? Porque se for, está conseguindo.

— Se o *signore* está perdendo o juízo, a culpa *non* é minha.

— Como não? Sabe perfeitamente que eu faria qualquer coisa para estar no lugar daquele italiano e, no entanto, você simplesmente insinua que pode estar namorando aquele... aquele... *homem* e não espera que eu reaja a isso? — Sua mão socou a parede de estuque que limitava os movimentos de Cecilia. Ela estremeceu. Eles ficaram em silêncio por alguns instantes, então, ele voltou a falar num tom mais comedido. — Por Deus, Cecilia. Você tem

algum compromisso com aquele italiano?

— *Non* — ela disse após alguns segundos. Ele respirou aliviado.

— Será que não vê que estou completamente apaixonado por você? — Francisco segurou o queixo de Cecilia erguendo-o um pouco de modo que seu olhar não lhe escapasse. Com a outra mão, segurou-lhe a cintura. Ela não se moveu. — É impossível que não sinta nada por mim.

— Isso *non* tá certo.

— Resposta errada. Quero que me diga: sente ou não sente algo por mim?

— O *signore* sabe que sim! — ela gritou, de repente, parecendo tão irritada quanto ele.

— Sei que prometi esperar sua autorização, mas não sou capaz de ficar nem mais um minuto sem beijá-la.

E foi o que fez. Ele tentou ser delicado, mas a boca de Cecilia tinha um irresistível gosto de uva, provavelmente em função do vinho que ela havia ingerido. Seus lábios moveram-se com vigor e ela respondeu a todos os movimentos de sua língua fazendo seu corpo queimar de maneira quase insuportável. Suas mãos deslizaram da cintura de Cecilia e alcançaram suas nádegas, que, mesmo sob o tecido grosso da saia, encaixavam-se perfeitamente na palma da mão dele. Cecilia arfou e sua boca começou a responder com urgência ao toque de Francisco. Ele pressionou-a com mais força contra a parede. Podia sentir cada veia do seu corpo drenando o sangue em direção à sua pélvis. Ele a queria. Deus! Como queria!

Então, quando Francisco pensou que aquele momento não iria terminar nunca, ela o afastou.

— Um beijo. É tudo o que vai acontecer entre *noi*. — Ela falou quase sem fôlego. Em seguida, saiu correndo, deixando-o furioso.

Francisco fez um esforço sobre-humano para se conter e não ir atrás dela. Queria arrastá-la de volta de qualquer maneira. Nenhuma mulher havia sido capaz de fazê-lo perder o controle daquela maneira. Conteve o impulso. *Deus! Eu não sou um maldito homem das cavernas.* Cecilia o estava enlouquecendo a ponto de fazê-lo pensar em ultrapassar todos os limites da compostura e do cavalheirismo. Era um homem honrado, afinal de contas. Nunca seria capaz de empregar a força para coagir ninguém. Embora a possibilidade de colocá-la nas costas e raptá-la da comemoração fosse tentadora.

Francisco precisou de vários minutos para se recompor e tentar apagar o fogo que lhe consumia por dentro. O que se provou inútil. Cecilia estava em todo lugar. Seu cheiro impregnado em seu paletó, seu gosto em sua boca, os suspiros em seus ouvidos. Tempo depois, voltou para a colônia e encontrou-a dançando a tarantela em uma enorme roda formada por homens e mulheres. Ele encheu um copo com vinho e bebeu-o de uma só vez. Sentiu o líquido escorrer através de sua garganta que, de repente, havia ficado muito seca. Limpou a boca com o dorso da mão quando alguém o puxou para o círculo da dança.

— Venha, *signore*.

Francisco aceitou o convite e inseriu-se no grupo, bem ao lado de Cecilia,

é claro. Por mais de cinco músicas eles trocaram olhares. Cecilia parecia disposta a envolvê-lo em um jogo de sedução. O que, ironicamente, era o que ele sempre havia feito com as mulheres. “*Se ela quer jogar, vou elevar o nível da partida*”. Esperaria o fim da festa e, então, daria a cartada final.



Capítulo

32

Do seu quarto, Cecilia era capaz de ouvir os roncossonoros de Angelo. Por sorte, seu pai e Eustaquio estavam cansados o bastante para não acordarem com o barulho produzido pelo irmão que havia abusado do vinho.

Cecilia pegou uma camisola no baú de roupas, mas sua intenção de se trocar foi interrompida por um som diferente daquele que vinha do interior da casa. Prestou atenção e ouviu novamente. Parecia um ruído na janela. A princípio pensou se tratar de um morcego. Mas o baque na madeira revelou-se uma batida cadenciada produzida por mãos humanas e não por um animal noturno. Aproximou-se. Abriu o trinco e empurrou uma das bandeiras da janela. Arregalou os olhos ao ver *quem* estava do lado de fora.

— O que o *signore* está fazendo aqui?

— Quero falar com você.

— Mas *noi non* temos nada para conversar.

— Tudo bem, se quiser posso começar a falar aqui mesmo. — Francisco estreitou os olhos de maneira suspeita. — O que foi aquilo no armazém?

— O beijo que o *signore* tanto queria.

— E você também! Não me lembro de ouvi-la reclamando em momento algum. Ao contrário, seus suspiros eram bem audíveis.

— *Non* disse que achei ruim.

— Então, por que parou daquela forma?

— Já disse. Um beijo é tudo o que *noi vamo* ter.

— Você é uma criatura muito teimosa.

— O *signore* também é.

— E irritante. — Ignorou o que ela disse e ainda aumentou o volume da voz. Parecia determinado a chamar atenção.

— Fale baixo. Vai acordar a colônia inteira.

— Você vem aqui, ou vou continuar falando alto até que todos os italianos se reúnam ao nosso redor e escute o que eu tenho para dizer.

— *Vá bene. Io* vou falar com o *signore*. Espere um instante. — Cecilia fechou a janela. E, por alguns segundos pensou no que estava prestes a fazer.

Se saísse, sabia que não seria capaz de resistir ao desejo de beijá-lo novamente. Talvez fosse melhor ficar e esperar que ele desistisse.

— Eu não estou brincando — A voz de Francisco atravessou as frestas da janela num tom de ameaça. Ele não recuaria.

Cecilia saiu do quarto e passou pela porta da cozinha até chegar onde ele estava.

— Pode falar.

— Não aqui.

Com três passadas largas, Francisco cobriu o espaço que havia entre eles e fez a única coisa que Cecilia jamais poderia antecipar. Pegou-a no colo e a jogou no ombro. Ela ficou pendurada de cabeça para baixo, com a cintura apoiada nos ossos dele. Uma das mãos de Francisco segurou sua cintura enquanto a outra agarrou-lhe as pernas impedindo-a de chutá-lo vigorosamente como era sua vontade. Com os pés inutilizados, ela armou os punhos e começou a acertar as costas de Francisco com socos desajeitados pelo balanço ininterrupto provocado pelos passos dele.

— Se não ficar quieta, vai acabar caindo — ele disse baixo, mas sua voz soou rouca como a de um animal enfurecido. Francisco estava determinado a levá-la dali e nada do que Cecilia fizesse poderia mudar seu objetivo. Mesmo assim, ela continuou protestando.

Afastaram-se um pouco saindo da colônia.

— Por Deus, mulher, pare de se contorcer feito uma cobra enfurecida.

— Queria que *io* estivesse calma? O *signore* está me carregando feito um saco de milho contra minha vontade!

— Tudo bem. Se eu colocá-la no chão, promete que não vai sair correndo. Eu só quero conversar com você, Cecilia.

— *Vá bene*. — De pé, Cecilia colocou as mãos na cintura encarando-o de maneira pouco amistosa. Não gostava de se sentir acuada, muito menos de ser chantageada.

— Por favor, poderia me acompanhar? — Francisco ofereceu o braço e mostrou o caminho.

Cecilia andou ao lado dele, mas dispensou o apoio do braço.

Saíram da colônia e se enveredaram por uma parte da propriedade onde as árvores da Mata Atlântica se condensavam de modo que ele andou em ziguezague por vários metros. Estava escuro e Cecilia conseguia distinguir muito pouco ao seu redor. Mais um pouco e a quantidade de árvores diminuiu até desaparecer por completo. Estavam em um vale que divisava com uma pequena cadeia de montanhas ao longe onde uma enorme lua cheia estava pousada, como se tivesse sido pintada à mão. Sobre o capim que cobria o solo havia alguns tocos secos de árvore. Em um desses pedaços de madeira estava pousado um lampião aceso e duas mantas dobradas. Cecilia cruzou os braços para demonstrar contrariedade, mas também para se proteger da brisa gelada que soprava ali.

Francisco pegou uma das cobertas, abriu-a e jogou nas costas dela.

— O que pretende com isso, *signore*? — perguntou sem se importar em agradecer o agasalho, afinal, a culpa era dele por ela estar com frio.

— O nome desse lugar é Vale da Lua. — Ele sentou-se no chão de costas para Cecilia e de frente para o luar. — É lindo, não? Foi minha ama de leite quem me trouxe aqui pela primeira vez. Ela driblava o feitor e eu podia brincar com as outras crianças negras sem sermos incomodados. Era o nosso segredo.

— Sei que todos têm segredos, mas *non* consigo imaginar quais seriam os seus... — Cecilia notou que as costas de Francisco se contraíram de tensão. Ele permaneceu em silêncio por alguns instantes. Depois, inspirou profundamente e soltou o ar com uma única lufada antes de voltar a falar.

— Eu me sentia mais feliz quando estava com eles do que no casarão cercado do luxo. Um dia, fiquei sabendo que seria mandado para um internato. Eu não queria ir, sabe. Então fugi para cá. Não entendia por que precisava morar longe de todas as pessoas que eu conhecia para poder me tornar um “*homem educado*”, como disse Estela. Só mais tarde eu compreendi. Ela não gostava de mim. Nunca gostou.

— Às vezes, as mães *non* sabem demonstrar o amor que sentem.

— Você conhece Estela. Acha mesmo que ela possui algum instinto maternal?

Momentaneamente, Cecilia esqueceu sua raiva e aproximou-se dele.

Francisco parecia desarmado e vulnerável. Ela sentou ao seu lado. Ele fitou-a com uma expressão de tristeza que ela nunca havia visto.

— Com vocês, italianos, é diferente. Vi isso essa noite. Minha vida no internato resumia-se a estudar e cumprir regras. Os únicos momentos de verdadeiro lazer era quando eu e Otávio, ele não era um monstro naquela época — apressou-se em dizer —, fugíamos. Nós roubávamos comida da cozinha e passávamos o dia inteiro fora da escola até sermos pegos e ganharmos um belo castigo: ficar ajoelhados no caroço de milho. Mas isso não diminuía nossa ânsia pela liberdade. Aos doze anos, aprendemos a sair e voltar sem sermos notados. Dessa forma, alternávamos dias de cativo e felicidade até alcançarmos os dezoito, quando entramos para a faculdade.

— *Per* que tá me falando tudo isso?

— Para provar que eu não sou um monstro. Nem um canalha. Ou um aproveitador de mulheres.

— Nunca pensei que fosse um monstro.

— Mas canalha...

— O *signore* tem fama...

— O Francisco que você está vendo agora, sem máscaras, nenhuma mulher viu. Talvez o que eu vá dizer soe falso, mas com você é diferente. Não me sinto obrigado a fingir ser o homem que todos esperam.

— E que homem seria esse?

— O herdeiro rico de uma próspera fazenda de café. Um homem influente. Um político em potencial.

— A Srta. Catarina *non* parece interessada no dinheiro. Ela é rica.

— Não, ela não quer meu dinheiro, que, para dizer a verdade, é muito menos do que a maioria acha que possuo. Catarina almeja o status que eu posso lhe proporcionar. Sabe que comigo nunca seria obrigada a ficar enterrada em uma fazenda. O que ela quer é um homem formado na capital, bem-apessoado e que a deixará livre para viajar para a Europa quantas vezes desejar. Ou seja, ela não quer a mim, mas a imagem que Estela vendeu para ela.

— Mas e você? Ela é uma boa candidata a esposa. Além disso, é muito bonita. Elegante. Fina. Qualquer homem cairia aos pés de uma *donna* assim.

— Pelo amor de Deus, Cecilia. Será que não ouviu nenhuma palavra do que eu disse? Não me interesse pela Catarina, ela é frívola, fútil e mimada. É você que eu quero!

Cecilia não soube o que dizer, porém, o silêncio não era incômodo. Na verdade, foi bem-vindo. Ela precisava processar o que estava acontecendo. Sem dúvida, ele estava sendo sincero. Tudo o que falou era condizente com as informações que D. Joaquina lhe dera sobre a infância de Francisco e a falta de amor com que foi criado. A questão era: por que ele estava dizendo tudo aquilo? Ela imaginou que ao chegarem ali, ele tentaria beijá-la ou agarrá-la. Jamais cogitou a possibilidade de ele estar interessado em se despir de sua máscara e revelar fraquezas e medos. Isso a desarmou por completo.

— E eu sei que também me quer. — Francisco falou depois de alguns minutos. — Não adianta negar — completou antes que ela protestasse. Segurou o queixo dela virando-o para o lado. Fitou-a de maneira intensa e desconcertante. — Nós dois sabemos o quanto aquele beijo mexeu conosco. — A mão que estava segurando o queixo de Cecilia deslizou sorrateiramente para seu pescoço deixando-a tonta como se estivesse sofrendo alguma vertigem inesperada. Ela lutou contra a sensação que, agora, chegava a suas pernas. Seus olhos se fecharam, denunciando-a. Cecilia sentiu sua boca tomada por um beijo urgente e faminto. Pensou em não corresponder, mas seus lábios se abriram, reconhecendo-o, querendo-o. Ela acolheu a língua que a invadiu fazendo com que seus sentidos ficassem ainda mais afetados.

A mãos de Francisco deixaram sua nuca e começaram a explorar suas costas. Cecilia escutou o próprio desejo se materializar em um gemido.

Incentivado, Francisco jogou o corpo sobre o dela.

Cecilia sentiu o peso dos músculos de Francisco pressionarem suas costelas. Ele era alto, porém, nunca imaginou que fosse também pesado. Quase ficou sem ar, mas não se importou. O contato fazia com que cada célula do seu corpo se agitasse.

Cecilia sabia que, se passassem daquele ponto, não haveria volta. Sabia que deveria empurrá-lo, rechaçá-lo e exigir que ele a levasse para a colônia. Mas, por Deus, ela não tinha forças para isso. Cada pedaço dela estava em chamas e ela ardia de desejo. Suas pernas se abriram automaticamente para acomodá-lo.

Os lábios de Francisco procuraram o pescoço de Cecilia, depois o colo,

até encontrarem o seio sobre o tecido da blusa, que rapidamente foi tirado dali.

Cecilia arqueou as costas quando ele acariciou seu mamilo entumecido. Sua carne estava incendiada e ela queria mais. Suas mãos agarraram a camisa dele tirando-a do cóis da calça. Seus dedos tocaram a pele de Francisco que respondeu com um som rouco e desconcertante.

Então, ele parou, deixando-as ofegante, insaciada e, surpreendentemente, irritada. Ergueu os olhos com o queixo levemente apoiado no diminuto espaço entre os dois seios.

— Tem certeza de que eu posso ir adiante? Não vou conseguir parar daqui para frente. — Ele estava tão sem ar quanto ela. Suas palavras saíram entrecortadas, porém, inflamadas pelo desejo quase incontrolável.

Cecilia mal era capaz de distinguir o que ele disse. Estava concentrado no fogo que começava em seu ventre e escorria para a parte interna de suas coxas.

Francisco apoiou os cotovelos na lateral do corpo de Cecilia de modo que apenas metade do seu peso a pressionava contra a grama.

— Eu a desejo desde o dia em que coloquei os olhos em você. Mas preciso ter certeza de que podemos continuar. Imagino que nunca tenha feito isso antes...

— *Non...* — Cecilia sussurrou num tom confessional. — *Per favore, non* faça que *io* me arrependa de deitar com o *signore*.

— Não me chame de senhor, diga apenas Francisco. Aqui somos um homem e uma mulher que desejam se amar. Não há padrões ou divisão de classe.

— *Vá bene*, Francisco.

— Nunca pensei que meu nome pudesse ser tão sensual. — Ela sorriu e ele beijou-a novamente. Dessa vez, porém, com menos urgência e mais delicadeza.

Cecilia teve cada centímetro de seu corpo explorado levando-a a um estado de entrega total. Não sentiu vergonha da nudez. Nem se esquivou quando Francisco ficou de pé e despiu-se de sua calça revelando-se por completo.

Francisco abriu a outra manta ao lado de onde ela estava e a trouxe para o conforto da lã. Segundos depois, ele estava em toda parte. Era impossível não o sentir se apoderando de sua carne, penetrando-a como se reclamasse para si a posse de uma terra. Cecilia sentiu-se embriagada e arfou quando ele chegou ao final.

— Doeu?

Ela fez que sim.

— Quer que eu pare?

— *Per favore, non*. Só... tente ir devagar.

Seus corpos estabeleceram um ritmo lento que evoluiu para rápido e

depois forte que os levou ao êxtase. Primeiro ela. E, depois, ele.

Cobriram-se com a outra manta e ficaram unidos por algum tempo. Separaram-se. Beijaram-se. E repetiram os movimentos por mais duas vezes antes de se entregarem à exaustão.



Capítulo

33

Cecilia ouviu o galo cantar e desejou que estivesse sonhando.

— *Madonna mia!* — Ela empurrou Francisco que estava com o braço enlaçado em sua cintura.

— Onde pensa que vai?

— Pra *mia* casa. Já amanheceu!

— Nem vai me dizer um bom dia? Assim, vou me sentir usado e descartável. — Ele ignorou a aflição de Cecilia e puxou-a para mais perto, encaixando-a em seu corpo. — É muito cedo, sua família ainda está dormindo.

— É por isso que tenho que ir... Ahhh... — A mão de Francisco acariciou seu seio e lhe arrancou um gemido que interrompeu a frase. Um calor

repentino tomou seu peito e, depois, com o crescimento da exploração, o fogo desceu e se instalou entre suas coxas. Antes, porém, que perdesse por completo a noção do tempo e se entregasse ao prazer reclamado por seu corpo, ela o afastou. — Se *mio papà* e *mio* irmão descubrem o que aconteceu...

— O que vão fazer? Me dar um corretivo?

— *Non* brinque com coisa séria. *Non* conhece um italiano quando quer defender a honra da família. — Levantou, ajeitou suas roupas amassadas e penteou os cabelos com os dedos tentando parecer apresentável.

— Como estou?

— Linda! — Francisco sorriu após vestir o paletó.

— Parece que eu acabei de acordar?

— Eu devo mentir ou dizer a verdade?

— *Io tô* falando sério!

— Está ótima. — Ele roubou-lhe mais um beijo.

Cecilia empurrou-o e foi para casa. Com o dia clareando, não foi difícil se orientar e atravessar as árvores que protegiam o vale. Sorrateiramente, passou pela porta da cozinha e foi preparar as marmitas da família. Abriu a tampa das panelas e percebeu a comida que havia deixado intacta no dia anterior, remexida. Suas mãos ficaram trêmulas diante da possibilidade de sua família ter acordado e notado sua ausência. Se imaginassem que ela já havia saído

para o trabalho, estaria salva. Do contrário, estaria em maus lençóis.

Foi até o quarto para ver se o pai ainda estava dormindo. Encontrou a cama vazia. Angelo, Sr. Antonio e Eustaquio já haviam saído para o cafezal.

— *Dio Santo!*

A maior preocupação de Cecilia era Angelo. Se o irmão achasse o sumiço de Cecilia suspeito, ele não descansaria até descobrir a verdade. E, se o fizesse, seria capaz de cobrar explicações de Francisco de uma maneira nem um pouco amistosa. Angelo tinha o sangue quente e poucas vezes refletia antes de agir quando estava com raiva. Precisava encontrar uma desculpa convincente para que Angelo não desconfiasse de nada. De qualquer forma, pensaria nisso mais tarde. Naquele momento precisava ir para o casarão, se não quisesse se atrasar.

Quando entrou na cozinha, Cecilia bem que tentou esconder o brilho nos olhos e o sorriso que vinha e voltava. Mas foi inútil. Sentia-se alegre, com vontade de cantar, rir e dançar, tudo ao mesmo tempo, o que, às vezes, parecia uma grande tolice. Flashes da noite de amor com Francisco surgiam em sua memória a todo instante. A lembrança de suas carícias provocava comichões como se ele ainda a estivesse tocando.

— Cecilia! O que deu em você, menina? Onde está com a cabeça? — D. Joaquina empurrou-a para o lado e afastou a leiteira do leite que havia acabado de entornar sobre a trempe do fogão. — Você voltou do cafezal muito esquisita. Aconteceu alguma coisa enquanto tava trabalhando na lavoura?

— *Non*.

— Hum... Você tá com cara de mulher apaixonada. Algum italiano roubou seu coração?

— *Non* diga bobagens. — Cecilia alterou o semblante tentando parecer mal-humorada ao invés de feliz.

— Isso não é bobagem. Você é uma moça nova e muito bonita. Achei que tivesse um namorado.

— Mas *io non* tenho. — Cecilia foi um pouco ríspida e se arrependeu em seguida. — *Io non* quero falar dessas coisas, D. Joaquina.

— Que seja. Não está mais aqui quem falou. — A cozinheira disse num tom descontraído. Em seguida, mudou de assunto, conforme Cecilia pediu. — Preciso que leve os vestidos da patroa que Joana está passando. D. Estela vai para a capital amanhã e precisa deles.

— Vai? Sozinha? — Cecilia mostrou-se mais interessada do que deveria.

— Não sei, a vida dos patrões não é da nossa conta, lembra? — D. Joaquina falou num tom ameno, mas estreitou os olhos e fitou Cecilia de maneira inquisitiva.

— *Io* só queria saber se o *signore* Francisco vai viajar com ela por causa do café. Estamos esperando ele ir receber para acertar *nostro* primeiro pagamento.

— Se é assim... Para dizer a verdade, não sei se o patrãozinho vai.

Aliviada por conseguir disfarçar seu interesse em relação a Francisco, Cecilia saiu para pegar os tais vestidos para levar ao quarto de Estela antes que se colocasse em uma posição difícil novamente. Equilibrou os cabides pesados em uma das mãos e bateu à porta esperando permissão para entrar. Como não obteve resposta, fez uma nova tentativa que igualmente ecoou no vazio. Girou a maçaneta e empurrou a madeira devagar.

— *Scusa, signora* — falou e, em seguida, entrou, fechou a porta atrás de si.

O cômodo estava vazio. Cecilia agradeceu mentalmente por não precisar encontrar com a patroa. Colocou as vestimentas dependuradas em um suporte esguio, composto de várias hastes, apropriado para comportar mais de um cabide e deixar as peças à mostra. Antes de sair, parou por alguns instantes para reparar no ambiente. Nunca havia entrado ali sozinha, só na companhia de uma arrumadeira ou da própria Estela. Constatar esse fato trouxe à memória algo que, momentaneamente, havia ficado em segundo plano devido aos acontecimentos da noite com Francisco: precisava procurar o colar que ela viu nas mãos de Estela no dia que o tal Alfredo dos Santos apareceu na fazenda.

Havia uma caixa de joias sobre a penteadeira. Foi o primeiro lugar que Cecilia olhou. Mas, ali, só estavam o colar de pérolas e brincos de uso diário. Abriu as gavetas do mesmo móvel. Nada. Olhou na cômoda. Nada. No guarda-roupa, procurou nas inúmeras caixas arredondadas e de formato retangular que ficavam empilhadas tomando um lado inteiro do móvel. Dentro dos objetos, no entanto, só encontrou chapéus, luvas e echarpes. Onde estavam as peças de ouro que Estela ostentou no dia da sua festa de

aniversário? Em um cofre, talvez? Precisava decidir se continuava ali ou tentava uma incursão em outro lugar da casa. O tempo não corria a seu favor. Poderia ser surpreendida a qualquer instante por outra empregada ou até mesmo por Estela. Tremeu só de pensar. Olhou ao redor, o único móvel que ainda não havia sido revistado era o baú onde ficavam as camisolas da patroa. Abriu-o sem muita expectativa. Explorou os tecidos até alcançar o fundo da arca. Seus dedos tocaram em uma superfície de veludo. Seu coração deu um salto no peito. Era uma caixa retangular do tamanho de um tijolo de barro. Pegou-a e abriu-a. Dentro dela encontrou embalagens menores contendo uma sorte de itens. A respiração de Cecilia alterou-se acelerando de maneira brusca quando viu entre as peças, o cordão com a medalha de São Francisco de Assis. Colocou a mão na boca para abafar um sussurro de surpresa que escapou involuntariamente de sua garganta. Lentamente, soltou o ar preso em seus pulmões e, com as mãos trêmulas, segurou a joia. Virou a medalha e olhou atrás examinando-a com cuidado. Seu dedo roçou uma ligeira ranhura. O fino traço formava a letra “L” de Luigia, sua falecida mãe. Lágrimas brotaram nos olhos de Cecilia e escorreram pelo seu rosto até pingarem no tecido de sua blusa. Sim, aquele era o colar que ela havia perdido no dia em que chegou ao Brasil. Fechou os dedos como se a palma de sua mão fosse uma concha protetora e encostou o braço junto ao peito. *Grazie a Dio, io achei.*

De repente, ouviu um ruído no corredor. O barulho disparou uma corrente de adrenalina e uma onda de choque percorreu seu corpo. Se alguém a pegasse naquela situação, estava perdida. Precisava tomar uma decisão. E rápido.

Talvez Francisco pudesse ajudá-la. Ele teria meios de confirmar a versão de Cecilia com o Sr. Luís Eugênio. E, nesse caso, somente Francisco teria

autoridade para enfrentar sua mãe e reclamar a peça. Sim, essa era sua última esperança. Contaria tudo a ele.

Recolocou os itens dentro do baú e organizou as roupas exatamente como estavam antes. Abriu a porta e saiu do quarto sem ser notada.

De volta à cozinha, Cecilia não conseguiu pensar em mais nada, além da necessidade de falar com Francisco, que, para desespero dela, passou o dia na cidade vizinha, onde o café estava sendo transportado das tropas de mulas para as embarcações que levariam as sacas até Vitória.



Capítulo

34

Francisco estava inspecionando as tulhas quando o Sr. Mathias informou que Estela desejava falar com ele.

— E onde ela está?

— No escritório de baixo.

— Obrigado.

Francisco deixou a prancheta, onde fazia suas anotações, acomodada sobre um saco de milho e foi ao encontro de Estela. O mencionado escritório localizava-se em um dos “Ls” do complexo do casarão. Um cômodo equipado com móveis rústicos em que ficavam os livros de contabilidade da fazenda e onde se faziam acertos com os fornecedores e, agora, com os colonos.

Francisco imaginou que sua mãe desejaria saber como havia sido o embarque do café no dia anterior. Eles não tiveram oportunidade de conversar sobre o assunto, já que ele havia chegado tarde da noite e não a encontrou na mesa do café naquela manhã. Surpreendeu-se, no entanto, ao vê-la em trajes de viagem. Imaginou que ambos tivessem algum compromisso na fazenda vizinha ou na cidade mais próxima. Havia uma grande chance de ele ter esquecido qualquer apontamento firmado antes da colheita.

— Temos algo marcado para essa manhã?

— Nós, não. Eu é que tenho. Estou indo para a capital.

— Assim? De repente?

— Tenho alguns assuntos a tratar. Além disso, há semanas que desejo voltar a Vitória. Devo algumas visitas às senhoras que estiveram hospedadas na fazenda por ocasião do meu aniversário.

— Espero que essa tal pendência não responda pelo nome de Catarina.

Estela deu de ombros ignorando o comentário do filho.

— Mathias me disse que os italianos estão se saindo muito bem na colheita.

— De fato. É um povo muito trabalhador.

— Que bom. De preguiçosos, bastavam aqueles negros.

Francisco trincou os dentes e cogitou a hipótese de não responder ao comentário escravagista, mas não resistiu e falou, muito embora soubesse de antemão que suas palavras não surtiriam efeito algum em Estela.

— Talvez, se não fossem escravos, nem vivessem como bichos ou, quem sabe, se tivessem um salário remunerado, mostrariam empenho para fazer o serviço.

— Bem, não estou aqui para discutir com você. Vim apenas informar sobre minha partida.

— E quando retorna?

— Dentro de quatro ou cinco dias, no máximo.

— Tenha uma boa viagem, então.

— Obrigada.

Francisco aproveitou que a maioria dos empregados auxiliava Estela com as bagagens e preparativos de última hora, e entrou sorrateiramente na cozinha. Cecilia lavava louça e cantarolava baixinho. Francisco abraçou-a por trás provocando um sobressalto. Visivelmente surpresa, ela se virou com as mãos sujas de sabão e o empurrou parecendo irritada.

— Estava com saudades.

— Ficou maluco? D. Joaquina pode aparecer!

— Ela está despachando Estela para capital.

— A patroa vai viajar? — Duas rugas de preocupação se formaram entre os lindos olhos verdes de Cecilia.

— O que foi?— *Io* preciso contar uma coisa para você.

— Você parece agitada, pode falar.

— Aqui, *non*.

Francisco e Cecilia foram para a despensa. Cecilia recusou-se a adiantar o assunto enquanto cobriam a distância entre os dois cômodos. Francisco cogitou inúmeras possibilidades para o comportamento incomum. Nenhuma delas era boa, pois, envolviam o fato de alguém ter descoberto sobre o relacionamento dos dois. Ela fechou a porta com a chave e, então, voltou-se para ele.

— Você está me matando de aflição. O que aconteceu? Descobriram sobre nós? Seu pai? Seu irmão?

— *Non* é nada disso. — Ela garantiu, mas a tensão era nítida em sua postura.

— Então, vá direto ao assunto.

— Quando cheguei ao Brasil, *io* me perdi do *mio papà* e quase fui atropelada por uma carruagem. O dono do carro me socorreu e me levou para Hospedaria dos imigrantes. Mas, no caminho, *mia* mala se abriu e *io* acabei perdendo o colar que foi da *mia mamma*. — As informações saltavam da boca de Cecilia como uma cachoeira de palavras deixando Francisco um

pouco confuso.

— Fale devagar. Não estou conseguindo assimilar sua história. Você estava usando uma joia e acabou perdendo a peça?

— *Non*, o cordão estava dentro da *mia* mala.

— E sua bagagem se abriu e caiu na rua?

— *Non*. Ela caiu no chão do veículo.

— E você, por acaso, lembra quem era o homem que a levou para a Hospedaria Pedra D'Água?

— *Sì*. É isso que *io tô* tentando dizer...

— Quem ele é, então?

— *Signore* Luís Eugênio.

— O primo do barão? O que esteve aqui na fazenda há cerca de dois meses? — Francisco ficou surpreso.

— *Sì*. Mas *io non* lembrei dele quando vi ele aqui. Até fiquei com raiva por me fazer pergunta sobre quando cheguei ao Brasil.

— De fato, ele estava muito interessado em saber em qual o vapor vocês vieram da Itália. Precisei recorrer aos livros de registro para lhe dar a certeza.

— Acho que ele queria confirmar *mia* identidade.

— E por que tanto interesse? Você acha que ele encontrou seu cordão? — Francisco deduziu em seguida.

— *Io* tenho certeza. Vi o colar aqui na fazenda.

— Viu? Por que não pediu de volta? Quero dizer, a peça estava na posse do Sr. Luís Eugênio?

— *Non*. Estava com outra pessoa.

— Quem?

— D. Estela.

— Não estou entendendo.

— *Io* achei minha joia no quarto da sua mãe.

Foi, então, que Francisco teve um lampejo. Ligou o relato de Cecília à cena que presenciou no dia do piquenique. O Sr. Luís Eugênio havia entregado um colar à Estela. A torção do tornozelo de Catarina o fez esquecer completamente o assunto, em especial, o fato de Estela não ter ostentado o presente em nenhuma ocasião posterior, coisa que não era de seu feitio, dadas as circunstâncias.

— O que *io non* entendo é como o cordão foi parar com sua mãe. Será que o Sr. Luís vendeu para ela?

— Não.

— Será que ele roubou *mio* colar e deu de presente para sua mãe?

— Ele jamais faria isso sabendo que a joia pertencia a você. A peça é muito valiosa?

— *Io* pensava que *non*. Mas um *signore* veio ver quanto ela custava. Ele disse que valia muito dinheiro.

— Estela chamou um avaliador? — Francisco ficou chocado ao imaginar as implicações desse ato. *Será que Estela desejava vender o colar?* Guardou a pergunta para si a fim de não alarmar Cecilia.

— *Sì*. Ele apareceu antes da colheita. Mas *io* ainda *non* tinha certeza se o cordão era *mio*. Só ontem consegui entrar no quarto de sua mãe e tirar a prova.

— Ele está com você, agora?

— *Non*. Seria acusada de roubo se pegasse.

— Tem razão. Seria sua palavra contra a dela.

— Você acredita em mim?

— Sim, claro — respondeu e puxou-a para si. — Vou ajudá-la a resolver isso. Confie em mim. — Acariciou seu rosto tentando desfazer as marcas de preocupação que haviam se formado em sua testa. Em seguida, com um olhar terno, olhou-a e declarou — Está insuportável ficar longe de você. — Não esperou que ela dissesse algo, apenas beijou-a desfrutando cada centímetro de seus lábios.

— Eu quero ver o seu colar. Ele vai ficar comigo até Estela voltar. Vai ser mais seguro assim. — Cecilia sorriu e seu rosto se iluminou. Quis beijá-la novamente, mas seria arriscado continuarem trancados na despensa.

Pegou Cecilia pelo braço e preocupou-se em olhar antes para saber se alguém estava no campo de visão. Subiram as escadas e entraram no quarto de Estela. Cecilia abriu o baú onde, no dia anterior, havia encontrado seu cordão. Cuidadosamente, tirou as camisolas e expôs o conteúdo que havia na caixa de veludo guardada no fundo da arca.

— O que foi? — Francisco a percebeu aflita.

— *Non* tá aqui.

— Tem certeza?

— *Sì*.

Subitamente, tudo fez sentido na cabeça de Francisco. A repentina e mal explicada viagem de Estela para a capital, estava, agora, esclarecida. Certamente ela havia recebido uma mensagem do joalheiro. Para não chamar atenção trazendo-o de novo à Bela Vista, ia ao seu encontro. Mas por que levar a peça? A resposta era clara, mas sórdida demais para ser pronunciada em voz alta. Tinha que haver outra explicação.

Francisco sentiu uma onda de raiva tomar conta de si. Pressionou as têmporas na tentativa de encontrar outro motivo que justificasse as atitudes de Estela em relação à joia. Mas não havia. O avaliador tinha achado um

comprador para a peça. Estela venderia o colar de Cecilia. Sentiu-se envergonhado, mas, sobretudo, revoltado. Como Estela era capaz de desfazer-se de algo que ela *sabia* a quem pertencia? Ele precisava impedi-la. Sem maiores explicações, saiu correndo do quarto e foi até a escadaria principal. Talvez Estela ainda estivesse ali.

— Minha mãe já foi? — um pouco ofegante, Francisco perguntou ao Zé que perambulava pelo quintal. O moleque fez que sim com a cabeça. — Merda!

Francisco socou o corrimão de madeira da escadaria provocando um sobressalto no menino que o observava. Depois, subiu os degraus que havia acabado de descer e encontrou Cecilia na sala. Ele a levou para um cômodo vazio e, então, revelou-lhe suas suspeitas sobre a joia.

— Ela *non* pode fazer isso! É a única coisa que tenho da *mia mamà*. — Cecilia desabou em lágrimas.

— Não permitirei que aconteça. — Francisco abraçou-a por vários minutos até que o choro de Cecilia cessasse por completo. Ele pegou um lenço no bolso e secou a pele avermelhada em torno dos olhos dela. — Vou para Vitória atrás de Estela. Vou impedir esse despropósito. Só preciso de dois dias para acertar tudo aqui. Os tropeiros chegam amanhã... Sabe que não posso sair antes de me certificar de que o café será transportado de maneira correta.

Cecilia não disse nada, mas abraçou-o novamente em resposta.



Capítulo

35

O cheiro do macarrão que Cecilia acabou de temperar espalhou-se na cozinha deixando um odor forte de alho no ambiente. Cecilia cortou os tomates cerejas colhidos na horta coletiva da colônia, colocou-os por cima da massa e finalizou com folhas de manjerição. Ela deixou a travessa sobre a mesa no mesmo instante que Angelo apareceu. Cecilia sorriu imaginando que ele tivesse sido atraído pelo cheiro do seu prato preferido. Não poderia estar mais enganada.

— Onde tava ontem de manhã? — seu irmão perguntou sem rodeios encarando-a de maneira severa.

Espantada com o questionamento agressivo, Cecilia piscou algumas vezes. Achava que sua ausência havia passado despercebida, já que o irmão não tocou no assunto na noite anterior.

— Você passou a noite fora no dia da *nostra* festa da colheita. *Non* falei

antes por causa do *nostro* pai. Mas ele *non* tá aqui agora... Quero saber com quem tava!

Angelo agarrou-a pelo braço parecendo um brutamontes. Seu hálito fedia a álcool destilado. Cecilia reagiu e empurrou-o para trás. Percebia-o mais transtornado do que esperava.

— *Io* fui pro casarão! D. Joaquina pediu que fosse bem cedo! *Non* tive tempo de fazer as *marmitta*!

— Se *io* descobrir que está se deitando com alguém, *io* acabo com o *maledetto*!

— *Non* é necessário acabar com ninguém, *va bene*? — Cecilia manteve-se firme. Falar a verdade estava fora de cogitação, sobretudo, naquele momento de raiva.

— *Io non* quero uma *puttana* em casa.

— Pare de me ofender desse jeito. — Cecilia sentiu o sangue ferver pela maneira desrespeitosa com que Angelo se dirigiu a ela. Sim, ela havia se deitado com Francisco, mas isso não a transformava em uma prostituta. — E que moral tem para me cobrar, Angelo? *Sì*, porque anda se deitando com a Giustina, ou pensa que *io non* sei? — Tomada pela raiva, Cecilia acusou-o, mas se arrependeu no minuto seguinte. Não deveria ter exposto algo que a amiga lhe confiou em segredo.

Angelo ficou lívido e, depois, vermelho. Uma veia em sua testa pulsou vigorosamente como se fosse explodir.

— Isso *non* é da sua conta — rosnou enquanto seu rosto assumia um indiscreto tom de escarlate.

— Ela é *mia* amiga. O italiano que se deitar comigo é *maledetto*, o que se deita com ela é o que, então?

— É diferente.

— Por que ela *non* tem pai, nem irmão mais velho pra xingar ela de *puttana*?

— *Non*!

— Então, qual é a diferença?

— Ela vai ser *mia moglie*. *Noi vamo* ficar noivo — ele admitiu num tom confessional, surpreendendo-a.

— Quando?

— Quando for embora dessa *maledetta* terra. Quando tiver alguma coisa pra oferecer pra ela. Quando deixar de ser um escravo dessa gente!

Angelo socou a mesa com os nós dos dedos. Cecilia sobressaltou e segurou o ar por alguns instantes. Quando conseguiu esvaziar os pulmões, percebeu que o próprio descontrole foi substituído pela compaixão. Pensou que o descontentamento de Angelo em relação à situação na fazenda houvesse diminuído. Imaginou que o namoro com Giustina e que a troca de correspondências com os primos dela haviam se encarregado de acalmá-lo um pouco. Pelo menos, Angelo não vinha se mostrando mal-humorado e

desiludido como estava antes. Mas Cecilia havia se enganado ao presumir isso. E a prova desse fato era o comportamento ofensivo do irmão. Por mais furioso que Angelo estivesse, nunca a chamaria de *puttana* em uma situação normal. Ele seria capaz de surrar qualquer homem que se deitasse com Cecilia, mas ofendê-la era algo que ele jamais faria se não estivesse transtornado. Percebeu que a estupidez de Angelo era, na verdade, reflexo de sua raiva e sofrimento contidos. Sentiu pena dele. Lembrou-se de quando ele era mais novo. E de como a frustração o afetava mais do que aos outros. Temia que a desilusão, ainda que momentânea, arrastasse Angelo para a bebida, como ela já viu acontecer em Treviso, sua terra natal, com muitos italianos que, sem perspectiva diante da falta de trabalho, entregavam-se ao alcoolismo.

Os medos de Cecilia se materializaram no momento seguinte. Angelo foi até a prateleira onde guardavam os mantimentos e pegou uma garrafa contendo um líquido de cor clara, que Cecilia reconheceu como sendo aguardente. Ela franziu a testa em desagrado. A pinga, como os brasileiros chamavam, era uma bebida destilada e muito forte, capaz de deixar um homem embriagado com algumas doses.

— Pra que isso?

— Pra esquecer.

Cecilia teve a certeza de que precisava agir rápido. Pensar em algo que trouxesse um novo ânimo para a vida de Angelo. Mas o quê? Cogitou falar com Giustina, mas, então, a solução lhe veio à mente. Agiria da mesma forma que sua mãe fazia quando ele ainda era um menino. Criaria uma situação que o desafiasse. Dessa forma, ele mudaria o foco por tempo suficiente até

terminar a colheita.

Com cautela, Cecilia aproximou-se do irmão, tocou o punho cerrado em torno da garrafa de aguardente e disse:

— *Non* é disso que precisa agora. Vamos embora daqui. Vamos plantar uva no Sul. Você vai ter a sua terra. Mas, agora, tem outro problema para resolver. Mais urgente do que beber.

— E o que é?

— *Io non* queria dizer, mas outro dia a Giustina tava chorando...

— E *per* quê? — Angelo resmungou soltando a garrafa a contragosto.

— Bom, parece que alguém falou que viu vocês no cafezal...

— Mas quem é que tá fazendo fofoca?

— *Io non* sei. E nem ela. Mas se *non* quer que Giustina fique falada, trate de ficar noivo dela — Cecilia concluiu como um ultimato.

Angelo ficou calado, mas Cecilia tinha certeza de que o irmão consideraria o assunto.



Capítulo

36

Francisco caminhou para a horta localizada atrás das tulhas à procura de Cecília. Lá estava ela: abaixada colhendo alguns ramos de alecrim. O sol incidia acentuando o tom rosado das maçãs do rosto dela. Sentiu um leve tremor percorrer a superfície de sua pele, como se uma fagulha elétrica tivesse atravessado seu corpo. A lembrança da noite que passaram juntos estava viva em sua memória e ele ansiava por repetir aquele momento de paixão. O coração de Francisco acelerou e seu sangue imediatamente migrou para a parte baixa do seu ventre. Parecia um adolescente que havia experimentado o amor pela primeira vez. Respirou fundo, tentou diminuir o ritmo cardíaco antes de se aproximar dela. Estavam em um local aberto. Não poderiam chamar atenção.

Cecília colocava ramos de alecrim na cesta de palha acomodada ao seu lado quando ele se aproximou. Em função da luz, os olhos dela, ligeiramente estreitados, assumiram uma coloração verde quase transparente,

diferentemente do tom habitual de esmeraldas. Ela não parou o que estava fazendo, mas sorriu ao vê-lo. Francisco abaixou ao seu lado e tentou tocar-lhe o rosto, mas ela se esquivou e concentrou-se novamente no canteiro. Começou a retirar algumas plantas daninhas que ameaçavam o crescimento das ervas aromáticas.

— Aqui *non*.

— Não há ninguém por perto. Já me certifiquei.

— Mesmo assim...

— Você está sendo exagerada.

— *Non* quero arriscar!

— *Sì, ragazza* — ele disse em resposta ao tom resolutivo de Cecilia. — Todos os italianos são assim?

— Assim como?

— Mandões?

— A maioria.

— Então, preciso dizer que os brasileiros são teimosos e persistentes. — Sem que ela esperasse, Francisco colocou a mão em sua nuca e a puxou para si. Roubou-lhe um beijo. Curto e rápido, mas ainda assim, um beijo delicioso.

— Você é louco?

— Só se for por você, minha italiana. — Cecilia não respondeu, mas seus olhos se iluminaram quando se voltaram para uma moita de hortelã à sua frente. — Depois de amanhã, vou para a capital. — Francisco anunciou mudando o foco da conversa. Cecilia parou o que estava fazendo para se concentrar nele. — Farei o impossível para ter o seu colar de volta.

— Acha que consegue?

— Se Estela não tiver efetuado a venda será mais fácil. Caso contrário, posso apelar para um desacordo comercial, devolver a quantia ao comprador e torcer para que ele aceite desfazer o negócio.

— Vou rezar para dar tudo certo.

— Reze também para eu conseguir um bom preço no café. Vou negociar com um exportador e pretendo voltar com um adiantamento para os colonos.

— *Grazie a Dio!* — Cecilia fechou os olhos e levou a mão ao peito.

Francisco estranhou a reação. Embora soubesse que os italianos estavam contando os dias para receberem a primeira parcela de seu acerto, não imaginava que a angústia em relação a isso fosse tão grande. Haveria a chance de a iminente falência da Bela Vista ter chegado ao ouvido deles? Precisava se certificar.

— Cecilia, por acaso estão com medo de não serem devidamente pagos?

— Por que diz isso?

— Pela sua reação quando falei da venda do café. Pareceu-me que estava

muito preocupada, além do normal, quero dizer.

— *Io* fiquei aliviada em saber do dinheiro por causa do Angelo.

— Seu irmão? O que tem ele?

— Ele quer ir embora daqui.

— Não está satisfeito com as condições de trabalho?

— *Io non* devia *tá* falando isso...

— É importante, Cecilia. Preciso saber o que está havendo. Não posso lidar com uma debandada de mão de obra. Os outros também pensam da mesma forma que seu irmão?

— Isso *io non* sei. Angelo *non* nasceu pra ser empregado. Ele quer ter a terra dele. É isso.

— E para onde ele quer ir?

— *Noi vamo* pro Sul do país. Lá tem uma colônia. Podemos plantar uva.

— Nós? Você vai também?

— Se *mia* família vai, *io* vou.

— Vocês não podem fazer isso! — Francisco tentou esconder a contrariedade, mas seu tom saiu mais irritado do que gostaria. A possibilidade de Cecilia partir da fazenda pegou-o de surpresa atingindo-o de

maneira implacável. Um inesperado medo de perdê-la tomou-lhe a mente como se fosse uma sombra. Sentiu-se vulnerável e impotente. Tudo o que conseguia pensar era que não poderia perdê-la. Estaria apaixonado por Cecilia? A ideia lhe pareceu tola, mas, ao mesmo tempo, real. Já havia se deitado com muitas mulheres, mas nenhuma conseguiu tirá-lo do prumo. Nenhuma o deixou carente de amor. Nenhuma ameaçou abandoná-lo deixando-o transtornado daquela maneira. Precisava fazer alguma coisa. Tentar esquecê-la ou assumir de uma vez por todas o relacionamento dos dois.

— Por que *non* podemos ir embora? — Cecilia perguntou trazendo-o de volta.

Francisco cogitou a hipótese de responder dizendo a verdade, mas acovardou-se no último instante e falou a primeira frase que lhe veio à cabeça. Fez uma grande bobagem!

— Têm um contrato a cumprir.

— Mas *noi vamo* fazer isso. Pode ficar tranquilo, *signore*. — Cecilia mostrou-se ofendida com a cobrança. Ergueu-se subitamente, apoiou sua cesta na cintura e colocou-se a caminho do casarão.

Descontrolado, Francisco percebeu o próprio erro e foi atrás dela. Estúpido! Não queria que ela ficasse pelo contrato.

— Espere! — Segurou em seu braço impedindo-a de continuar. — Desculpe.

— Cecilia! — a voz de Zé ecoou a alguns metros dali causando um leve sobressalto nos dois. Francisco soltou Cecilia que, no mesmo instante, saiu correndo em direção ao garoto. — D. Joaquina mandou ver por que tava demorando pra voltar com os tempero. — Francisco ouviu o menino dizer.

— *Io me distraí.*

— Sei... — O moleque Zé assentiu e olhou de soslaio para Francisco.

O menino ficou desconfiado. Francisco notou. Porém, lidaria com ele mais tarde, precisava primeiro desfazer o mal entendido com Cecilia.



Capítulo

37

Cecilia trancou a porta da cozinha e foi para o seu quarto. Estava irritada pelo modo como Francisco falou com ela mais cedo na horta. Foi estúpida a forma que ele cobrou o cumprimento do contrato. De repente, a ligação entre eles pareceu puramente mercantil. Respirou fundo na tentativa de afastá-lo de sua cabeça, muito embora isso fosse impossível. Ele estava presente em seu corpo. Involuntariamente, fechou os olhos e sentiu o hálito quente de Francisco percorrendo sua pele. Um calor se alojou em sua nuca e, em seguida, desceu e ativou todas as suas terminações nervosas até parar na parte interna de suas coxas.

Um ronco vindo do quarto de seu pai tirou-a do transe. Uma ligeira pontada de culpa a atingiu. Se o pai descobrisse o que ela fez, ficaria decepcionado. Eustaquio ressonou chamando sua atenção. Cecilia se abaixou para acariciar o volumoso cabelo castanho do irmão. Precisava cortá-lo, já formava um emaranhado disforme sobre o rosto na maior parte do tempo.

Beijou-lhe a bochecha e sussurrou um “*Deus te abençoe*”. Ergueu-se. Tirou o chinelo e deixaria o xale sobre a arca de roupas quando um inesperado barulho a interrompeu. O ruído era semelhante ao da noite da festa na colônia, quando Francisco apareceu de forma inesperada em sua janela. Ele não seria louco a esse ponto. Ou seria?

Cecilia destravou o trinco e moveu ligeiramente a madeira.

Sim, Francisco era maluco.

— O que tá fazendo aqui?

— Espero você no nosso lugar.

— De jeito nenhum! Alguém pode nos ver.

— Por favor, é importante. Preciso de detalhes sobre sua joia. Para reconhecê-la, sabe.

— *Io* já falei como é o *mio* colar. — Cecilia sabia que ele estava mentindo.

— Eu esqueci. Bom, você é quem sabe. Estarei esperando por cinco minutos.

Antes que Cecilia tivesse chance de contra argumentar, ele desapareceu envolvido pela escuridão da noite. Decidiu-se por atendê-lo antes que fosse tarde.

Pegou um lampião na cozinha e saiu deixando a porta apenas recostada. A

colônia estava silenciosa e banhada por uma neblina baixa que deixava a visão do espaço um pouco comprometida. Um arrepio percorreu sua espinha dorsal. Olhou para trás com a nítida sensação de ser observada. Permaneceu alguns instantes parada na intenção de se certificar de que estava, de fato, sozinha. Como não havia ninguém nas imediações, voltou a andar. Levou mais tempo do que o necessário para cobrir a distância até o local de encontro. Embora soubesse que ninguém ia ao seu encalço, a desagradável impressão de ser vigiada permanecia.

Quando finalmente chegou ao descampado, Francisco andava de um lado para o outro parecendo bastante inquieto. Só parou quando a viu se aproximar.

— Achei que não viesse mais. — Ele segurou o rosto dela em suas mãos e a beijou de modo urgente e impetuoso.

A princípio, ela não correspondeu. Manteve a boca fechada, porém, as investidas de Francisco eram intensas demais para serem ignoradas. Sua língua venceu a frágil resistência oferecida por ela e explorou cada centímetro da boca de Cecília.

Ela tentou manter o contato restrito ao beijo. Seu corpo, no entanto, traiu-a de maneira deliberada. Gemidos involuntários escaparam dela enquanto Francisco avançava em sua invasão. Os lábios dele desceram pelo pescoço e colo. A mão cobriu seu mamilo direito pressionando-o e ativando cada ponto sensível de sua carne.

Francisco ergueu-a nos braços e deitou-a sobre uma manta de lã previamente estendida. As mãos dele ergueram as saias de Cecília e,

habilidosas, arrastaram a roupa de baixo até a altura dos joelhos.

Cecilia sentiu o frio percorrer sua intimidade contrastando com o calor que emanava dali. Francisco livrou-se de suas incômodas calças e pressionou seu quadril sobre Cecilia.

— Eu quero tanto você.

Ela arfou quando ele mordiscou o lóbulo de sua orelha. O ar ficou preso no seu peito e só o soltou quando Francisco tomou sua carne. Sentiu-o em cada fibra do seu corpo, em cada canto de sua essência.

— O que você está fazendo comigo, pelo amor de Deus! — Francisco falou enquanto sua pélvis se movimentava faminta, sedenta.

Cecilia imaginou que fosse derreter embaixo dele. Ofegava, mas não queria que ele parasse. Queria que ele a possuísse até que não suportasse mais a queimação em seu ventre e seu desejo culminasse em um êxtase fulminante.

Foi o que aconteceu.

Ofegantes, os dois pararam de se mover. Francisco beijou-lhe a testa com um gesto casto e deixou o corpo descansar ao lado de Cecilia.

— Não consigo mais ficar longe de você — ele confessou, vacilante.

— Isso é ruim?

— Não era até saber que você quer ir embora daqui. — Ele se apoiou no

cotovelo esquerdo para observar a expressão no rosto de Cecilia. — Já pensou na hipótese de ficar?

— Abandonar *mia* família?

— Não digo abandonar, mas tomar um rumo diferente deles.

— E o que seria da *mia* vida se fizesse isso?

— Você ficaria aqui, comigo.

— E por que *io* ficaria? Para continuar sendo sua amante?

— Você não é minha amante. — Francisco pareceu irritado.

— Sou o quê então? — Cecilia cruzou os braços mostrando bem que a resposta não deveria vir dela.

— Você, Cecilia, é a mulher que eu amo.

— Ama? — Cecilia não escondeu sua surpresa.

— Sim, amo. Como nunca amei ninguém em toda minha vida.

Cecilia sentiu a cor fugir do seu rosto e percebeu que a palidez era evidente e causou a impressão errada, pois, Francisco perguntou:

— Não queria que eu dissesse isso?

— *Non!* *Io* queria. É só que... nunca pensei que diria.

— Ah, Cecilia, você é uma mulher maravilhosa. Só um idiota não seria capaz de se apaixonar por você. — Francisco beijou-a. Então, afastou-se alguns centímetros e perguntou — E, agora, se eu pedir para ficar, você fica?

Cecilia levou alguns segundos para responder. Ficar significaria afastar-se da família. Amava-o suficiente para sacrificar a convivência com seus entes queridos para ficar ao lado daquele homem? Amava-o a ponto de abrir mão de ver Eustaquio crescer e de estar perto do seu pai? Seria capaz de se sentir inteira se ficasse em Bela Vista?

A resposta era sim. Ela o amava e só estaria completa se ficasse ao lado dele.

— *Si. Io* ficaria.

— Pois bem, quando eu voltar da capital vamos resolver isso — ele disse num tom animado. — Vou pedir a permissão do Sr. Antonio para namorarmos. Vamos fazer tudo direito. E que Deus me ajude a convencer o Angelo de minhas intenções.



Capítulo

38

Cecilia ariava uma panela de ferro no tanque que ficava no pátio externo e D. Joaquina depenava uma galinha que deveria ser cozida para o jantar da noite. O sono de Cecilia foi inquieto durante toda a noite. Ainda era bem cedo quando se escondeu na primeira curva da estrada principal para esperar por Francisco. O ar estava frio e o chão coberto de orvalho que umedeceu a barra de suas saias. Escutou o som dos cascos do cavalo que apontou na via de chão batido que comportava, com folga, uma carroça robusta.

Francisco apeou e ela foi ao encontro dele. Ele acariciou seu rosto e olhou-a por vários minutos. Depois, foi conciso em dizer-lhe que moveria os céus e a terra para recuperar sua joia. Não sem antes as mãos dele percorrem os seus fios negros e ondulados que desciam pelas costas até sua cintura, e o beijo ardente.

Despediram-se e ela sentiu o coração apertado quando Francisco desapareceu do seu campo de visão. Não era dada a inquietações

inexplicáveis, mas, desde que havia tirado os pés da cama, naquela manhã, perturbou-se. Parecia que algo ruim estava para acontecer. Ficou com essa sensação até o início da tarde, quando ela pensou que seus temores haviam se justificado com a inesperada chegada de Estela.

— A *signora* sabe por que a D. Estela voltou mais cedo? — Cecilia perguntou à D. Joaquina.

— Não faço ideia. Ela só voltaria daqui a cinco dias. Só sei que está de ótimo humor, o que é bem estranho. Ainda não reclamou de nada e nem gritou com nenhuma das criadas, como costuma fazer.

As mãos de Cecilia se contraíram em torno da panela que ainda exibia vestígios de fuligem preta. O estado de espírito da patroa não lhe parecia um bom sinal. Se ela foi para a capital com intuito de vender seu colar, como Cecilia suspeitava, era bem provável que havia obtido sucesso. A felicidade de Estela também afastava a possibilidade de Francisco ter se encontrado com ela durante o trajeto de ida para a capital. Sentiu a esperança de reaver seu cordão, aos poucos, esvair-se.

— D. Estela pediu um café. — A voz de D. Joana, uma das arrumadeiras, soou no pátio, arrancando Cecilia de seus pensamentos.

— Faça isso, por favor. — A cozinheira meneou com a cabeça na direção de Cecilia. — Ah, e leve também uns biscoitos amanteigados, aqueles que assei ontem.

Cecilia assentiu, embora a última coisa que quisesse fazer no momento fosse encarar Estela. Lavou as mãos tomando o cuidado de tirar o vestígio

negro da fuligem que havia se acomodado embaixo de suas unhas. Em uma bandeja, arrumou o bule, uma xícara e os tais biscoitinhos. Subiu as escadas para o segundo andar lutando contra o tremor que se instalou em suas mãos. Atravessou o corredor e encontrou o Sr. Mathias, o administrador da fazenda. Cumprimentou-o enquanto ele parou para lhe dar passagem. Ele respondeu com um aceno de cabeça e nenhuma palavra. Cecília achou-o um pouco nervoso considerando o modo com que ele apertava o chapéu junto ao peito o fato de ele sequer ter erguido os olhos do chão quando ela passou. Isso somado à expressão tensa traduzida por inúmeros vincos na testa dele, fez Cecília concluir que, talvez, Estela não estivesse de tão bom humor quanto D. Joaquina havia deduzido.

Uma centelha de esperança se acendeu novamente em seu peito. Talvez a venda do seu cordão não tivesse sido efetuada.

Estela encontrava-se acomodada na cadeira de balanço que, em geral, era preterida entre os ocupantes da sala. Lia um livro cujo título Cecília foi capaz de identificar: “O Príncipe”. Ela parou de ler e baixou o objeto pousando-o em seu colo. Sua expressão era tranquila.

— Coloque aí. — Ela apontou o aparador. Cecília pousou a bandeja no móvel, encheu uma xícara com café e entregou-o à Estela. — Obrigada. — Instintivamente Cecília fitou a patroa como se para se certificar de que a palavra tinha sido proferida por ela mesmo. Os cantos de sua boca estavam ligeiramente erguidos formando um sorriso quase sinistro. Cecília sentiu um arrepio subir pelos pés e atravessar sua coluna vertebral. Estela tomou um gole de sua bebida e, em seguida, perguntou num tom estranhamente amigável — Conhece este livro?

Cecilia balançou a cabeça em negativa.

— Imaginei que não. É um dos meus preferidos. É de um pensador absolutista, Nicolau Maquiavel. “Os fins justificam os meios.” É uma citação do texto. — E mudando radicalmente de assunto, falou — Como vai seu pai, italiana? Seu Antonio, certo?

— *Mio papà?*

— Sim...

— Ele tá bem, *signora*.

— Soube que ele esteve um pouco adoentado.

— *Non tá* mais. Está colhendo café igual aos outros — apressou-se em esclarecer.

— Imagino que sua família seja algo muito importante para você. Estou certa?

— *Sì, signora*.

— Nesse ponto, acredito que sejamos parecidas. A minha família é o que tenho de mais caro nesse mundo. Nem consigo imaginar o que faria se soubesse que existe algo ou alguém atrapalhando o equilíbrio da minha casa. Acredito que você também perderia a cabeça se descobrisse qualquer ameaça ao seu povo, não é, italiana? — Estela olhou-a de um jeito estranho com um misto de ironia e especulação. Cecilia sentiu-se acuada. Confusa tentou compreender de que forma a conversa havia chegado àquele ponto. Parecia

improvável que Estela fizesse algum tipo de afirmativa comparando-a com Cecilia, se não estivesse mal-intencionada. Conhecia a patroa há pouco menos de seis meses, mas sabia o suficiente para ter certeza de que as palavras de Estela continham uma ameaça velada que ela ainda não havia conseguido decifrar. Um nó se formou na garganta de Cecilia e ela não conseguiu responder a pergunta com palavras. Apenas assentiu concordando com o que a patroa havia dito. Estela sorriu de maneira sinistra e dispensou-a em seguida.

A estranha conversa com Estela tirou o sossego de Cecilia ao longo da tarde. Havia repassado o diálogo mentalmente tantas vezes que sua cabeça começou a latejar reclamando acintosamente. Perto do anoitecer, no entanto, Cecilia viu-se obrigada a colocar o assunto de lado. Precisava ir mais cedo para casa e preparar uma comemoração: o noivado de Angelo e Giustina.



Capítulo

39

À noite, Giustina chegou à casa de Cecilia com um largo sorriso no rosto. Estava com os cabelos louros enfeitados com uma tiara de flores do campo nas cores branca e amarela. Seus irmãos, ao lado dela, esforçavam-se para parecerem mais velhos. Haviam, inclusive, colocado uma gravata. Mas, na verdade, não passavam de dois marmanjos desajeitados que mal haviam deixado a adolescência. Eles se sentaram nos bancos da cozinha e se fartaram com a polenta frita antes que o macarrão fosse servido.

Cecilia colocou a sopa de Capeletti sobre a mesa e arrancou um belo sorriso do seu pai. Aquele era seu o prato favorito e Cecilia sabia prepará-lo exatamente da mesma forma que sua mãe fazia na Itália.

Todos se sentaram e o Sr. Antonio deu as boas-vindas aos convidados.

— *Io tô* muito feliz por *noi* estarmos aqui para celebrar o noivado do *mio* filho Angelo com essa moça tão linda. Giustina, a partir de hoje, você

também é *mia* filha. *Nostra* casa é sua casa. Que você e Angelo sejam tão felizes quanto *io* e *mia* Luigia *fomo*. — Terminou o pequeno discurso com uma oração em que agradeceu a Deus e à Virgem Maria pela vida de todos, especialmente, pelo novo casal.

Mais tarde, depois que Angelo fez o pedido formal de casamento para o irmão de Giustina, Cecilia pegou a sanfona e entregou a seu pai encorajando-a a tocar algumas canções de sua terra.

— *Io* toco, mas, primeiro, vou contar como fiz para casar com *mia* Luigia.

Cecilia e os irmãos acharam graça. Sempre que o pai bebia mais que quatro copos de vinho, gostava de relembrar casos da juventude, especialmente, as que envolviam a falecida esposa. Cecilia já conhecia a narrativa de cor. Giustina e os irmãos, no entanto, sentaram-se perto do Sr. Antonio atentos à história.

O pai de Cecilia sentia-se um garoto quando relatava que precisou roubar a mulher da casa dos pais dela para que pudessem se casar. Eles conseguiram um padre para realizar a cerimônia e consumaram o casamento, antes de serem encontrados pelo pai da moça.

— Ele *non* podia fazer *niente*. Luigia já era *mia moglie* no sentido bíblico da palavra, se é que me entendem. — O Sr. Francisco deu uma risada indiscreta e cutucou as costelas de Angelo. Giustina ficou vermelha igual a um pimentão maduro.

— *Papà!* — Cecilia o repreendeu, mas ele não escutou, pois, já havia começado a cantar. Angelo tirou Giustina para dançar no diminuto espaço da

cozinha enquanto os mais novos foram jogar cartas do lado de fora.

Em determinado momento da noite, quando o Sr. Antonio tocava a oitava ou nona música, Cecilia percebeu o rosto do pai se contorcer em caretas. Deixou de lavar as louças e passou a observá-lo com mais atenção. Talvez estivesse com um desconforto qualquer, porém, quando o barulho da sanfona parou de maneira brusca e ele levou a mão direita na altura do peito, o sangue fugiu do rosto de Cecilia.

Tão logo caiu em si do que acontecia, Cecilia deixou cair o copo que estava em sua mão e não conteve o grito que escapuliu com a força do susto.

— *Dio santo! Papà!*

Com as mãos ainda molhadas, correu até onde o pai estava sentado. Angelo e Giustina fizeram o mesmo. De longe, os jovens olharam igualmente sobressaltados.

Encurvado sobre o instrumento musical, o Sr. Antonio respirava com dificuldades. Mas como? Cecilia achou que o pai estivesse bem. Desde que havia começado a tomar o remédio prescrito pelo médico, o cansaço e as dores no peito diminuíram e chegaram a desaparecer nos últimos tempos. Ela havia perguntado a ele inúmeras vezes como estava se sentindo. A resposta era sempre a mesma: *“Io tô bem. Non sinto mais dor”*. Na lavoura, mostrava-se tão saudável quanto os outros. Cecilia não entendia por que as dores reapareceram de uma hora para outra. A não ser que seu pai estivesse mentindo. Talvez estivesse escondendo os sintomas. Sim, havia essa possibilidade. Por várias vezes ele mostrou descontentamento com a própria condição. Detestava ficar doente, mas, sobretudo, odiava ser tratado como

um enfermo.

Precisava conseguir um tratamento adequado para seu pai. Mas como pagariam por isso? Mesmo sem ter a resposta, Cecilia faria o que fosse necessário para mantê-lo vivo. De repente, uma luz se acendeu dentro dela. Pensou em Francisco. Sim, ele poderia ajudá-la. Falaria com ele assim que voltasse da capital. Ainda que seu pai se opusesse, Cecilia estava disposta a obrigá-lo a se tratar de maneira correta.

— O *signore* precisa descansar! — Cecilia amparou o pai enquanto Angelo ajudou a erguê-lo.

— *Io non so* um velho doente. — Sr. Antonio tentou afastar os filhos. Mas Cecilia insistiu e tirou a sanfona do colo dele, colocando-a sobre a mesa da cozinha.

— *Io* sei, mas já é tarde.

— *Noi* também já *vamo* para casa, *signore Antonio*. — Giustina trocou um olhar cúmplice com a amiga. — *Grazie* por tudo.

O Sr. Antonio assentiu a contragosto, mas aceitou a ajuda da filha para ir para cama, ainda que sob protestos.



Capítulo

40

A carruagem parou em frente à casa do Sr. Luiz Eugênio. Francisco desceu do transporte e caminhou até o portão de bronze que cercava a propriedade. Abriu-o e seguiu por um pequeno jardim até alcançar o sino da porta. Uma empregada veio atendê-lo. Francisco entregou-lhe o chapéu e ela o conduziu até a sala de visitas.

— Aceita um café, senhor?

— Não, obrigado.

— O patrão não vai demorar.

Francisco acomodou-se em uma cadeira de braços. Enquanto esperava, pensou em Cecília. Riu consigo mesmo ao pensar na reviravolta do seu próprio destino. Se, há alguns meses, quando saiu do Rio de Janeiro, alguém tivesse lhe dito que ele não iria voltar porque se apaixonaria, Francisco

acharia graça. Depois de tantas mulheres que passaram por sua vida sem lhe despertar nada, além de desejo carnal, achava-se imune ao amor. Mas, então, Cecilia apareceu e as convicções de Francisco caíram por terra.

— A que devo a honra de uma visita tão ilustre — O Sr. Luiz Eugênio apareceu interrompendo as divagações de Francisco.

— Sr. Luiz Eugênio, bom dia. Obrigado por me receber tão cedo. Soube que chegou de viagem ontem.

— De fato. Estava no norte do Estado. E você, está na capital há alguns dias? — O Sr. Luiz Eugênio sentou próximo a Francisco.

— Não. Na verdade, cheguei ontem também.

— Mas, a que devo a honra de sua visita?

— Pretendo ser direito. Por favor, peço antecipadamente que perdoe minha franqueza, mas ela é necessária diante da situação.

— Imagino que o assunto seja sério.

— Demasiado. Bom, quando o senhor esteve na Bela Vista, fez-me algumas perguntas sobre a família da italiana Cecilia Agrizzi. Poderia me dizer qual era o motivo de tal interesse?

— Sim, é claro. Minha intenção era confirmar a identidade da moça, pois, no dia em que ela chegou ao Brasil, meu coche quase a atropelou. O infortúnio fez com que ela se perdesse de sua família e eu acabei por levá-la à hospedaria Pedra D'Água.

— Entendo.

— Acontece que a mala da pobre moça se abriu e uma joia acabou ficando perdida dentro da minha carruagem. Evidentemente, só tomei conhecimento do fato muito mais tarde e não pude restituir a peça, o que me frustrou. Passei a carregar o colar comigo na esperança de um dia encontrar a italiana. E, por uma dessas reviravoltas do destino, acabei encontrando-a na Bela Vista. Entreguei a joia à senhora sua mãe e pedi que ela restituísse à sua dona, no caso a italiana Cecilia. Houve algum problema em relação ao acontecido?

— Um mal-entendido, apenas. Nada que não possa ser reparado. — Francisco foi evasivo. Preferiu ocultar a verdade. E não foi para proteger Estela que optou pela discrição, mas para proteger a si mesmo da vergonha que a revelação o traria.

— Aceita juntar-se a mim para o café da manhã, Francisco?

— Não, obrigado. Na verdade, tenho outro compromisso e preciso ir andando.

— Há algo mais que eu possa fazer?

— O senhor já fez o bastante. Agradeceria, no entanto, se pudesse manter nossa conversa em sigilo.

— Tem a minha palavra.

Francisco despediu-se do Sr. Luiz Eugênio, que o acompanhou até a porta trocando trivialidades acerca da situação política do país.

Francisco subiu na carruagem de aluguel que o havia aguardado e rumou para a loja do Sr. Alfredo, o ourives responsável por avaliar o colar de Cecília. Enquanto o transporte o chacoalhava por ruas mal pavimentadas, Francisco repassava mentalmente as palavras do Sr. Luiz Eugênio. Atitude que só fazia aumentar o crescente desprezo que sentia por Estela.

O escritório do Sr. Alfredo ficava no segundo andar do sobrado onde funcionava sua joalheria. Era um cômodo atarracado de móveis, papéis e dois cofres. Não era dado à organização, Francisco concluiu ao notar três ou quatro pastas de arquivo deixadas de maneira descuidada sobre a mesa.

— Boa tarde, Sr. Francisco. Confesso que estou surpreso com sua visita. Sempre fiz negócios com seu falecido pai e, agora, com sua mãe. — O homem apontou a cadeira. Francisco sentou-se. Uma fina camada de poeira ergueu-se no ar com o movimento.

— É exatamente sobre isso que gostaria de lhe falar. Pretendo ser direto e franco. Espero o mesmo do senhor. Há algumas semanas, minha mãe solicitou que avaliasse um colar.

— Sim. — O Sr. Alfredo assentiu tentando parecer natural, mas empertigou-se na poltrona de maneira visível.

— Ela também pediu que encontrasse um comprador para a peça, correto?

— Imagino que saiba que mantenho sigilo sobre meus clientes. Mesmo que a cliente em questão seja sua mãe... — O comerciante tentou esquivar-se.

— Eu entendo, mas se eu lhe dissesse que o item em questão é um objeto furtado, o que o senhor diria?

O rosto do joalheiro assumiu um tom de escarlate e seus olhos se arregalaram como se estivesse sufocado.

— Nesse caso, eu diria que o negócio foi efetuado e que não há um único registro que prove que eu intermediei a negociação.

— A joia já foi vendida? — Surpreso, Francisco fechou as mãos em punho e sua expressão tornou-se ameaçadora.

— Sim — o homem respondeu vacilante.

— Eu quero saber o nome do comprador.

— Infelizmente...

— Agora!

Francisco socou a mesa e alguns papéis escorregaram caindo no chão. O Sr. Alfredo sobressaltou-se na cadeira e, assustado, moveu o corpo para trás colando suas costas no assento.

— Ou o senhor me fala o nome do comprador, ou serei obrigado a tomar medidas mais agressivas para conseguir essa informação. Começarei indo à polícia.

— O senhor não denunciaria a própria mãe!

— Se estiver disposto a arriscar sua reputação, fique à vontade. Pague para ver. — Francisco começou a se levantar para sair.

— Sr. Otávio Castro foi quem comprou a peça. — O Sr. Alfredo falou quase se atropelando com as palavras.

A menção do nome tomou Francisco de assalto. Se Otávio era o atual dono do colar, Francisco jamais o teria de volta. Considerando o ódio que havia entre os dois, Otávio era capaz de recusar-se a oferecer um copo de água para Francisco, quanto mais devolver um objeto que ele havia, teoricamente, comprado de maneira legítima. E não era tudo. Saber que a joia estava perdida, pelo menos por hora, não era o pior naquele instante. Os desdobramentos da informação recebida poderiam ser ainda mais terríveis. Otávio ter posse da joia de Cecília significava que ele e Estela haviam estado juntos. E Francisco sabia que as implicações desse encontro eram potencialmente destrutivas. Se Otávio houvesse revelado a Estela o que aconteceu na Bela Vista, ela descobriria o real motivo da briga entre os dois: Cecília. E, muito embora, ela fosse a vítima da história, Estela a tomaria como vilã. Afinal, a italiana havia afastado o filho de uma importante e rentável amizade.

Francisco conhecia o suficiente do caráter de sua mãe para saber que Cecília estava em apuros. Sentiu uma repentina urgência para retornar à Bela Vista. Precisava proteger Cecília antes que algo ruim acontecesse a ela ou à sua família.

— Agradeço a informação, Sr. Alfredo. Imagino que não seja necessário pedir sigilo sobre nossa conversa.

Francisco encarou o comerciante de maneira pouco amistosa. O homem assentiu. Francisco deixou o escritório, desceu as escadas, atravessou a joalheria e tomou o coche de aluguel. Seu desejo era voltar para a fazenda imediatamente, mas ainda precisava resolver duas pendências na capital relacionadas à venda do café da Bela Vista.



Capítulo

41

— Tá pronto.

— O quê?

— Já terminei de tirar o leite. — Zé cutucou o braço de Cecilia trazendo-a de volta a realidade. Ainda se preocupava com os acontecimentos da noite anterior. Tudo em que conseguia se concentrar era em seu pai e nas dores no peito que haviam retornado. Por isso, não percebeu que o moleque havia terminado de ordenhar a vaca e, conseqüentemente, de encher a leiteira que ela havia ido buscar no curral.

— Ah! *Grazie* — Cecilia sorriu de modo afetado e fechou o recipiente de metal onde estava o leite. Em seguida, pegou-o com cuidado para não balançar demais o líquido.

— Depois eu levo o resto. — Zé apontou para o balde posicionado

embaixo das tetas da vaca referindo-se ao leite que ele terminaria de tirar. Cecilia assentiu e saiu do curral. Caminhou para o casarão e entrou na cozinha deparando-se com Estela que dava algumas ordens à D. Joaquina.

— ... faça também um bolo de milho e uma carne assada para o jantar dessa noite.

Cecilia atravessou o ambiente com a cabeça baixa, evitando claramente olhar para Estela. Talvez, se fosse bem silenciosa, poderia passar despercebida pelos olhos da patroa. O que, infelizmente não ocorreu.

— Italiana, prepare um belo arranjo de flores e leve para o quarto de hóspedes. Certifique-se também de que a roupa de cama esteja perfumada com essência de capim limão.

Cecilia assentiu depois de colocar a leiteira em cima da mesa.

— Mais alguma coisa, senhora? — D. Joaquina perguntou.

— Ah, sim. Já ia me esquecendo. Faça aquele doce de coco de que Catarina gosta.

Cecilia gelou à menção do nome.

— Talvez eu possa fazer também o doce de abóbora que a tia dela tanto aprecia... — D. Joaquina sugeriu.

— Catarina não vem acompanhada de D. Maria Espíndola. Isso não é mais necessário agora que ela fará parte da família. — Estela sorriu de maneira afetada e olhou para Cecilia como se esperasse uma reação.

Cecilia empalideceu. Manteve, no entanto, a compostura concentrando-se na mandioca que havia começado a descascar, mas apertou o cabo da faca até os nós dos dedos ficarem brancos.

Tomada pela curiosidade, D. Joaquina perguntou:

— Parte da família? Então, ela e o senhor Francisco...

— Sim, eles estão noivos! — Estela respondeu como se esperasse a pergunta. — Não é maravilhoso? Também fiquei surpresa. Francisco não me disse que pretendia anunciar o compromisso agora, mas parece que o amor falou mais alto. Recebi um telegrama ontem em que Catarina me contou que Francisco foi procurá-la assim que chegou a Vitória. Imagina, deixou a colheita porque não suportou ficar longe da enamorada — explicou a situação com um estranho tom de informalidade, como se ela e D. Joaquina fossem confidentes de longa data.

— Ai! — Cecilia soltou um gemido de dor.

— O que foi, italiana? — Estela virou-se encarando-a de maneira desafiadora. — Machucou-se?

— *Non* foi nada, *signora*. — Cecilia fechou a mão em punho e rapidamente afastou-se das raízes dispostas sobre a pia. Uma gota de sangue escorreu por sua pele e pingou no chão.

— Você se cortou! — D. Joaquina constatou e correu para ajudá-la.

— Foi um corte pequeno. — Cecilia lutava para manter o equilíbrio

emocional.

— Vá cuidar disso. E tenha mais atenção no serviço. — Estela fitou-a com um ar severo.

Cecilia saiu correndo da cozinha. Assim que atravessou a porta, lágrimas tomaram seus olhos e despencaram através do seu rosto como uma tempestade não anunciada. Não se importou em cuidar do corte. Tudo o que desejava era ir para bem longe daquela mulher odiosa. Escondeu-se no paiol onde ficavam estocados os grãos. Recostou-se no canto mais escuro do cômodo e desabou no chão. Abraçou as pernas e entregou-se ao desespero. Francisco estava comprometido. Como ele pôde fazer isso com ela? Depois de tudo o que passaram. As palavras de carinho. As confidências. A cumplicidade. Ele disse que a amava! Cecilia confiou nele. Contou-lhe sobre o colar. Ele prometeu que ia a Vitória para resolver o assunto, e não para ficar noivo de Catarina. Ele mesmo a havia chamado de fútil e mimada. Cecilia viu como a desprezou quando estava com o pé machucado. Mais que isso, ele defendeu Cecilia quando Catarina a humilhou. Deus! Haveria chance de ele estar mentindo, de ter fingido o tempo inteiro só para se deitar com ela? Se as palavras de Estela fossem verdadeiras, Francisco era um monstro manipulador muito pior do que sua mãe.

Não! Francisco não era esse canalha. Ele não teria brigado com o melhor amigo para salvá-la se fosse um calhorda. Ele queria entregar Otávio à polícia! Por Deus, não. Ele era uma pessoa boa. D. Joaquina havia afirmado isso diversas vezes. Mas, se Francisco não a havia enganado, então, por que motivo Estela inventaria a história do noivado? Um súbito medo tomou sua mente. Estava perdida. Sem saber o que pensar ou em quem acreditar. De repente, o amor de Francisco pareceu algo distante e improvável. Como se

tudo que eles viveram não passasse de uma fantasia criada na mente de Cecilia.



Capítulo

42

O relógio da sala de estar soou onze horas quando Catarina chegou à fazenda. Cecilia estava terminando de acertar os lençóis da cama da hóspede quando o perfume açucarado de Catarina invadiu o corredor e entrou pela porta aberta do quarto. Uma forte e repentina náusea revirou seu estômago. Cecilia agradeceu mentalmente por ainda estar em jejum. Foi até a janela, respirou fundo e voltou-se para o cômodo no momento exato em que Estela e Catarina entraram.

— E, então, minha querida, conte-me tudo. — Estela acomodou-se em uma cadeira e Catarina tomou o assento ao seu lado.

— Mais alguma coisa, *signora*? — Cecilia perguntou à patroa na esperança de ser dispensada e desaparecer dali o mais breve possível.

— Sim, traga as malas de D. Catarina e arrume os vestidos dela no armário.

Cecilia saiu do quarto, mas, mesmo estando na sala, era capaz de ouvir as entusiasmadas risadinhas de Catarina. As mãos de Cecilia se fecharam nas alças das bagagens a ponto de perceber as unhas furarem a pele da palma de sua mão. Raiva e medo disputavam alternando-se em sua cabeça. Tentava manter o brio intacto, porém, a cada exclamação de Catarina, ficava mais difícil para Cecilia não se sentir uma roupa velha que havia acabado de ser descartada.

— Veja o anel que ele me deu — Catarina falou num tom mais alto do que deveria quando Cecilia entrou no quarto. Estela segurou a mão da futura nora e admirou a joia colocada no anelar direito. — Ele se ajoelhou aos meus pés e disse que não poderia viver longe de mim.

— Eu sabia que ele estava apaixonado por você.

— Ele me contou que andou se engraçando por umazinha qualquer...

— Não me diga. — Estela imprimiu um tom de ironia na voz.

— Mas a tal mulher não estava à altura dele. Deve ter sido mais uma que se jogou em cima dele, como aquela cozinheira que a senhora demitiu quando ele veio do Rio de Janeiro.

— Tenho certeza que sim. Francisco parece um ímã para oportunistas e vagabundas. Mas ainda bem que ele se deu conta disso e decidiu que é hora de sossegar com uma moça digna de receber o nosso sobrenome.

Cecilia respirou fundo tentando controlar o tremor nas mãos enquanto dependurava as vestimentas de Catarina no guarda-roupa. De soslaio,

percebeu que Catarina ergueu o tronco e empinou o queixo externando o próprio ego inflado.

— O importante agora é que estamos noivos.

— Exatamente.

— Ah, já ia me esquecendo. — Catarina falou num tom afetado e, em seguida, voltou-se para Cecilia com um sorriso perverso — Pegue o jornal que está em minha valise.

Cecilia abriu a pequena mala e retirou o exemplar cuidadosamente dobrado. Olhou fixamente para o papel para não ser obrigada a encarar a ironia estampada no rosto de Catarina. A data era do dia anterior.

Catarina abriu o exemplar do periódico e apontou uma nota.

— Aqui está. Já noticiaram o nosso noivado no Federalista:

“O Sr. Francisco Dias, advogado formado no Rio de Janeiro e herdeiro do saudoso Coronel Feliciano Dias, está noivo de Catarina de Andrade, filha de um dos maiores fazendeiros de Minas Gerais. Em breve as famílias se reunirão em um cerimônia íntima para celebrar o compromisso.”

— Como eles ficaram sabendo tão rápido? — Catarina simulou uma repentina timidez, mas, ainda assim, a postura esnobe sobressaía a máscara de inocência.

— Decerto Francisco fez questão de enviar a nota para o jornal. Naturalmente não queria que o anúncio do compromisso de vocês passasse

despercebido. — Estela virou-se para Cecilia e fitou-a como se quisesse esmagá-la com seu ar de triunfo.

Cecilia precisou de toda sua força de vontade e determinação para não sair correndo do quarto que, de repente, havia ficado sufocante. Terminou de organizar as vestimentas de Catarina esforçando-se para suportar o som da voz dela que parecia ter se transformado em agulhas de tortura. Cada vez que ela pronunciava o nome Francisco, Cecilia sentia uma pontada no peito.

— Mais alguma coisa, *signora*?

— Pode ir, italiana. — Estela dispensou-a como se enxotasse uma cadela de rua.

Humilhada e com vontade de desaparecer, Cecilia saiu do quarto e correu para longe do casarão. Queria afastar-se daquele ambiente sórdido e buscar um lugar com um pouco de paz. Mas a verdade era que esse refúgio não existia, a terra debaixo de seus pés e tudo o que havia sobre ela pertencia à família Dias.

Parou nas proximidades do pomar e escondeu-se debaixo da sombra de uma árvore. Então, Francisco estava noivo! A notícia do jornal era prova cabal do fato. As palavras, ainda vívidas em sua mente, apunhalavam-na como um açoite. Francisco era, de fato, o canalha que sempre despreveram. Pensou em todos os avisos que D. Joaquina havia lhe dado. “*Fique longe do patrão*”. Como pôde ser tão estúpida ao ponto de acreditar que com ela seria diferente? No fundo, Otávio e Francisco eram dois calhordas. O primeiro, sádico e violento. O segundo, um lobo em pele de cordeiro. Ela não sabia qual das duas alternativas era a pior. Se ser tomada à força e sentir uma

aversão mortal pelo seu agressor ou entregar-se de mão beijada e ter o mesmo ódio em relação a si mesma. Um enorme buraco se abriu em seu peito e ela foi tragada para esse lugar onde só havia dor e escuridão. Havia perdido tudo: o colar de sua mãe e, possivelmente, o teto sob o qual morava com sua família. E Catarina, muito pelo contrário, havia ganhado uma joia. A prova maior de que ela e Francisco estavam noivos.



Capítulo

43

— Onde você estava? — D. Joaquina pareceu aflita quando Cecilia entrou na cozinha. — Precisei servir o almoço sozinha. O que foi? Seus olhos, estão inchados. Estava chorando? — D. Joaquina encarou-a avaliando-a.

Cecilia esquivou-se. De fato, seu rosto inteiro deveria estar vermelho revelando sua total e irrestrita descompostura emocional.

— Algum problema em casa? — D. Joaquina ainda insistiu.

Não poderia contar a verdade e, estava a menor disposição para inventar uma desculpa, por isso concordou com a sugestão da cozinheira sem pensar duas vezes.

— É o seu pai?

Cecilia assentiu e seguiu para lavar a louça acumulada na pia.

— Posso ajudar em alguma coisa?

Cecilia balançou a cabeça em negativa.

— Bem, se mudar de ideia, estarei no galinheiro colhendo ovos.

Lágrimas voltaram a escorrer dos olhos de Cecilia depois que ela ficou sozinha. A dor se misturava com a raiva e o desespero de não saber o que seria dela dali em diante. Estava à mercê do ódio de Estela sem ninguém para salvá-la. Odiou a si mesma pela milésima vez em menos de algumas horas. Deus! Como pôde ser tão burra? Ter-se deixado seduzir por alguém cuja fama de canalha era tão conhecida por todos na fazenda.

Enxugou os olhos com as costas da mão. Precisava parar de chorar e se concentrar no que faria de sua vida.

Ariou todas as panelas de ferro e as colocou ao lado do fogão à lenha para que o calor ajudasse a secar. Quando virou para pegar o restante da louça, surpreendeu-se com Estela observando-a. Cecilia sobressaltou como se uma cobra fosse lhe dar o bote.

— Andou chorando, italiana? — A patroa perguntou num tom casual que contrastava com o inusitado da cena.

— *Non, signora*. Foi um cisco que caiu no *mio* olho.

— Não me diga! Tenho um trabalho para você. Imagino que se lembre do dia em que recebemos convidados para um piquenique aqui na fazenda. Na ocasião você fez um pão que foi muito elogiado pelo Sr. Luiz Eugênio.

— *Io* me recordo, *signora*.

— O fato é que a esposa do Sr. Fonseca, minha vizinha de propriedade, interessou-se em seus dotes culinários e pediu-me que você ensinasse a empregada dela a fazer o tal pão. Quero que você providencie. — Estela ordenou. Cecilia sentiu um formigamento nas pernas e um calafrio percorreu sua coluna vertebral, como se fosse um aviso de que algo ruim estava para acontecer.

— *Sì, signora* — Cecilia respondeu a pergunta da patroa.

— Ótimo. Mathias está com a charrete preparada e vai levá-la até a fazenda vizinha para que atenda ao pedido de minha amiga.

— *Io* pensei que ela vinha aqui...

— Não quero empregados de fora em minha cozinha. Além disso, a própria esposa do Sr. Fonseca deseja aprender a receita.

— Mas *io* preciso passar em casa antes. Deixar um aviso falando que vou chegar mais tarde.

— Não! — A mudança repentina no tom de voz de Estela foi suficiente para paralisar Cecilia que não moveu um único músculo por vários segundos. — Eu mesma pedirei a Joaquina que avise seus familiares sobre sua ausência. Vá. Mathias a aguarda.

Tudo em Estela indicava perigo. A formalidade envolvendo o pedido para que ela fosse até a fazenda vizinha não combinava com os trâmites da casa.

Estela não se daria ao trabalho de ir até a cozinha para dar aquele tipo de ordem. Ela simplesmente falaria com D. Joaquina que se encarregaria de arrumar tudo para que Cecilia atendesse ao pedido da dita senhora. Também ficou claro a alteração de Estela quando Cecilia mencionou a possibilidade de deixar um bilhete para os familiares informando sobre sua ausência, fato que sugeria ainda mais um comportamento suspeito. Cecilia cogitou a hipótese de se negar a obedecer a ordem. Olhou para sua mão procurando o corte que havia em sua pele. Talvez pudesse ser usado como desculpa. Mas o ferimento havia sido superficial, sem maiores danos. Nada que a impedisse de ensinar alguém a fazer um pão. Sem uma justificativa plausível seria impossível se negar a fazer o que estava sendo pedido. Estela poderia usar a negativa como desculpa para despedi-la sem levantar suspeitas quanto ao envolvimento dela com Francisco. Estava encurralada. Olhou para a porta da cozinha na esperança de ver D. Joanina voltando. Embora a cozinheira não pudesse mudar o rumo do que estava para acontecer, pelo menos, seria alguém que saberia para onde ela estava indo.

— Ande, italiana. — A voz de Estela provocou um leve tremor em Cecilia, que, sem alternativas, acatou a ordem.



Capítulo

44

Francisco subiu a escadaria do casarão da Bela Vista espalhando poeira por onde passava. Havia acabado de chegar de Vitória e não se preocupou em tirar a roupa suja de viagem. Sua raiva havia aumentado consideravelmente desde o dia anterior, quando soube que Estela havia negociado o colar de Cecília com Otávio. Durante todo o trajeto entre a capital e a fazenda, martirizou-se por não conseguir cumprir a promessa que havia feito a Cecília. Seria praticamente impossível desfazer o negócio. Furioso consigo mesmo, pretendia devolver a quantia levantada com a venda do colar para a família de Cecília. É claro que não teria dinheiro vivo para tal feito, mas poderia pagá-los com alguns bons hectares de terra, ferramentas, animais e mudas de café. Dessa forma, eles poderiam se estabilizar de vez no Brasil, conforme era o desejo de Angelo.

— Estela! — Francisco gritou a plenos pulmões. Uma arrumadeira que estava limpando os móveis da sala estremeceu quando Francisco parou ali

para pendurar o chapéu no cabide.

— A patroa está lá. — A empregada apontou na direção do alpendre que dava para o pomar.

Francisco foi até lá.

— Precisamos ter uma conversa! — Encarou Estela sem conseguir enxergar mais nada ao seu redor. Uma veia em sua testa pulsava como se fosse saltar para fora.

— Mas o que é isso? Por que está me gritando como se fosse um selvagem? — Estela fitou-o demonstrando seu aborrecimento.

— Porque isso é exatamente o que a senhora merece.

— Modere o tom! Estamos com visitas.

Foi só então que ele percebeu a presença de Catarina, recostada no parapeito da varanda. Ela parecia surpresa e, a considerar o olhar de espanto, um pouco temerosa também. Francisco respirou fundo. Catarina não tinha culpa dos atos criminosos de Estela. Não merecia assistir àquela cena desagradável. Além disso, ele não tinha intenção de expor a situação do colar roubado a mais ninguém.

— Perdoe-me os modos, Catarina.

Ela assentiu e fez menção de dizer alguma coisa, mas Francisco já havia voltado sua atenção para Estela.

— Quero falar com a senhora no escritório.

— Você acabou de chegar de viagem. Está fedendo a suor de cavalo e poeira. Vá se trocar primeiro e depois conversamos.

— Se preferir, posso começar aqui mesmo. Mas receio que nossa hóspede não apreciará o conteúdo do nosso diálogo. — Francisco manteve sua postura intimidadora deixando claro que não recuaria.

— Se é assim tão urgente... — Estela cedeu, mas manteve o tom e a expressão altiva inalterados.

Eles seguiram para o escritório. Francisco trancou a porta e, em seguida, virou-se para Estela e começou a falar:

— Estive com o Sr. Luiz Eugênio na capital.

— E?

— E ele me contou sobre o pedido que lhe fez quando estive na fazenda há meses.

— Ora, Francisco, seu pai já morreu há mais de um ano. É natural que eu seja cortejada...

— Não se faça de idiota!

— Está me ofendendo.

— Ele não a cortejou. E nós dois sabemos muito bem disso. Tudo o que

ele queria era que a senhora devolvesse um colar que havia sido perdido em sua carruagem.

— Ah, está falando sobre isso... Eu entregarei a joia ao dono, assim que tiver oportunidade. — Estela simulou uma falta de interesse no assunto.

Uma súbita onda de raiva tomou-lhe os sentidos. Estava prestes a explodir diante do cinismo.

— E pode me explicar como fará isso, se já vendeu a tal joia?

Estela empalideceu como se as palavras lhe tivessem atingido como uma rasteira inesperada.

— Então, você sabe.

— É claro que sei. Você vendeu a peça e usou o dinheiro para resgatar uma das promissórias no banco.

— Então, você conversou com o Sr. Joaquim de Castro também.

— Você é uma criminosa.

— Não, meu filho, sou uma sobrevivente. Garanti que essa fazenda, que é o seu patrimônio, não fosse a leilão.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Você roubou uma pessoa. Vendeu o colar de Cecília como se fosse seu!

— Não me venha com um discurso moralista. Você é igual ao seu pai:

excelente em fazer preleções, mas péssimo em resolver problemas. Essa aura de bom moço só existe porque nunca precisou sujar as mãos com nada nessa fazenda. Nós, eu e o palerma do seu pai, fizemos isso por você. Sempre criticou a escravidão, mas viveu no Rio de Janeiro gastando o dinheiro produzido pelo trabalho escravo. Nunca se dignou a abrir mão da boa vida em favor dos seus ideais. Criticar é fácil, mas trocar de lugar conosco, você nunca quis.

— Foram vocês que me mandaram para o internato. Como ousa reclamar de minha ausência?

— Não estou cobrando, estou apenas mostrando a verdade. É dura, não? Aliás, quanto você apurou com a venda das sacas de café? Imagino que tenha conseguido apenas a metade do que era necessário para impedir o leilão. Estou certa?

— Isso não vem ao caso.

— Ah, vem sim. Se a Bela Vista fosse leiloada, meu filho, não apenas nós, mas todos aqueles italianos seriam jogados na rua. É isso que você desejava?

— Podíamos ter vendido suas joias, Estela, que são tão valiosas quanto o colar de Cecilia.

— Ah, sim... voltamos ao ponto. A italiana Cecilia. A vagabunda que anda se deitando com você. — Estela acusou-o colocando as cartas da mesa.

— Dobre a língua para falar dela — Francisco reagiu.

— E o que é uma mulher que se deita ao relento com um homem como se fosse uma cadela no cio? Santa é que não pode ser.

— Cale a boca! — Já estava aos berros. — Fique sabendo que Cecilia vai ser minha esposa. Com ou sem a sua aprovação.

— Então, você pensa mesmo que vai se casar com a italiana? Que vai misturar o sangue da minha família com o dessa gente? — Estela encarou-a com uma expressão de uma fera assassina.

— Vou. E a senhora não tem poder algum sobre mim para me impedir de fazer isso.

— Não seja ingênuo, Francisco. Meu poder nessa família é infinitamente maior do que possa imaginar.

— Isso é uma ameaça?

— Não, meu filho é uma afirmação. Você não se casará com aquela italiana vagabunda porque eu já cuidei desse assunto.

— Como assim, cuidou? — Um súbito pavor tomou conta de Francisco.
— O que você fez com ela?

— O mesmo que fazia com as amantes de seu pai. Mande para bem longe.

Francisco sentiu o ódio lhe invadir o corpo. Precisou de todo o autocontrole que possuía para não se esquecer de que estava diante da mulher que o carregou no ventre. Muito embora estivesse longe de ser mãe no

sentido afetuoso da palavra, ainda assim ela lhe dera a vida. Esse fato era o único que o impedia de cometer um desatino.

— Como você pôde? — Francisco sibilou entre os dentes.

Estela não respondeu. Sustentou o nariz empinado e manteve o queixo projetado para frente como quando fazia para demonstrar desprezo.

Francisco estava diante de um monstro. Uma terrível visão da infância lhe veio à mente. Uma escrava, uma entre tantas amantes de seu pai, sendo açoitada durante a noite, quando o coronel estava dormindo e não era capaz de escutar o grito da negra. Sentiu-se nauseado pela lembrança. Sacudiu ligeiramente a cabeça afastando a ideia. Estela não seria capaz de agredir Cecilia como fazia com as pretas. Ou seria?



Capítulo

45

Cecilia chegou à fazenda vizinha um pouco depois das três da tarde. Seus quadris doíam reclamando pelo sacolejo ininterrupto de quase duas horas. Os últimos quilômetros da estrada estavam malconservadas e atrasaram consideravelmente o desempenho da carroça. Cecilia fez contas mentais e concluiu que não conseguiria ir embora dali antes que a noite caísse, o que a preocupou. Perguntou-se se a mula que conduzia seu transporte seria capaz de fazer o trajeto de volta no escuro.

Mathias parou a pequena charrete perto de uma enorme porteira. Dali, era possível ver a casa da sede distante apenas algumas centenas de metros. Muito embora a construção estivesse circundada por inúmeros tufo de capim indicando um certo desleixo da parte do proprietário, o casario era quase tão bonito quanto o que havia em Bela Vista.

Cecilia desceu do transporte, ajeitou o xale nas costas e preparou-se para abrir passagem para a carroça.

— Não é necessário — Mathias interrompeu-a.

— O *signore non* prefere parar a charrete no pátio da casa enquanto me espera?

— Eu não vou esperar por você, italiana.

— Como *non?* *Io non* sei voltar sozinha.

— D. Estela mandou que a deixasse aqui e voltasse imediatamente para Bela Vista.

— Mas por quê? O *signore* não terá tempo de voltar e *io non* quero dormir aqui.

— Ordens são ordens. — Mathias pareceu perturbado. Suas mãos apertavam com tanta força a corda do arreio que a tensão subia por seus braços até atingir seu rosto. O que deixou Cecilia apreensiva. Confusa, ela aproximou-se, parando ao lado dele. Mesmo com a diferença de altura, ele estava no banco condutor da carroça e ela, do chão, encarou-o.

— O que está acontecendo?

— Nada. — Evitou uma troca de olhares com Cecilia. Gotículas de suor se formavam em sua testa e escorriam do ponto onde o chapéu tocava sua cabeça.

— Por favor, *signore* Mathias, o que *io* fiz para ser deixada aqui feito um bicho abandonado?

— Ora, italiana, você sabe muito bem o que fez — respondeu, embora sua voz vacilasse um pouco.

— *Io non* fiz nada de errado.

— Eu não diria que se deitar com o filho da patroa é certo...

Cecilia sentiu as maçãs do rosto ficarem vermelhas feito tomates maduros.

— Como o *signore* sabe disso?

— Não me leve a mal, garota. Eu só tava cumprindo minhas ordens.

— O que o *signore* fez, pelo amor de *Dio*?

— A patroa me mandou ficar de olho no Sr. Francisco. Foi o que eu fiz. Eu não queria contar... Mas ela ia acabar descobrindo. Se isso acontecesse, eu é que ia ser enxotado da fazenda.

— Por que fez isso! *Io tô* perdida agora.

— Desculpe, italiana, mas eu preciso ir embora.

— *Io non* vou ficar aqui!

— Se não ficar por bem, eu vou precisar usar a força para te manter aqui.

O rosto enrugado de Mathias ganhou uma expressão endurecida como se estivesse sólido feito barro endurecido. Ele moveu as rédeas e a mula começou a andar. Cecilia tentou subir na charrete, mas o encarregado usou de

sua bota para chutá-la à altura do tórax e ela caiu batendo com as costas no chão de terra.

— Diabo, italiana! Se fizer isso outra vez, não serei tão paciente com você.

Cecilia não acreditava no que ouvia. Existia maldade que o homem poderia produzir maior do que aquela? Mesmo assim, ela não desistiu.

— Vou segui-lo. — Cecilia ergueu-se, mas foi imediatamente detida. Com o chicote que usava na mula, Mathias acertou-lhe os tornozelos produzindo um corte. Cecilia caiu novamente. O encarregado desceu da carroça e foi até ela. Cecilia encolheu-se preparando-se para receber um novo golpe. O empregado, no entanto, não a chicoteou novamente. Mas tirou-lhe as botas deixando-a descalça.

— Quero ver me seguir agora! — Ele girou nos calcanhares e deu partida na mula.

A poeira liberada pelas rodas e os cascos do animal invadiram os pulmões de Cecilia, sufocando-a. Tossiu tentando liberar os pulmões para conseguir respirar direito. Os olhos lacrimejavam por conta do pó que os atingiu.

Cambaleante, ergueu-se e viu a condução desaparecer na curva da estrada. Um súbito pavor tomou conta de Cecilia. Ela se lembrou dos filhos bastardos do coronel Dias. Das escravas que eram suas amantes e da maneira que Estela se vingava delas. Cecilia temeu pela própria vida. Apavorada, olhou ao entorno. Talvez alguém estivesse à espreita esperando para matá-la.

Seu coração socou as costelas com violência, mas não viu nada além das árvores ou os pássaros que voavam por ali. A fazenda parecia estranhamente vazia. Pensou em voltar andando para Bela Vista, mas seria incapaz de encontrar o caminho de volta considerando a quantidade de bifurcações que havia na estrada até a fazenda. Recriminou-se por não ter sido mais atenta durante o deslocamento entre as duas propriedades. Além disso, estava descalça e com os tornozelos feridos, não conseguiria caminhar por muito tempo. Não lhe restou alternativas, além de tentar conseguir ajuda com algum empregado da casa.

Andou em direção à construção. Seguiu com cautela na direção da entrada dos fundos. Não queria anunciar sua presença para a esposa do Sr. Fonseca. A mulher, provavelmente, teria recebido ordens para mantê-la nas redondezas.

Ou, quem sabe, fazer algo pior.



Capítulo

46

Cecilia atravessou o pátio que dava acesso à parte de trás do enorme casarão. Incapaz de dominar seu desespero, o choro brotava em seus olhos e escorria por sua face suja de poeira marcando seu rosto desde os cílios inferiores até o queixo. Ela estranhou a falta de movimento. Mais que isso, estranhou a ausência de indícios de pessoas. A área estava vazia. Deserta, para ser fiel à descrição. Não viu nenhum latão de leite ou cesto de verduras. Também não havia roupa no varal ou botas secando nas proximidades do tanque. A porta da cozinha, no entanto, estava aberta.

— Olá. — Sua voz saiu vacilante. Caminhou para a entrada na esperança de encontrar ajuda. Mas, para seu espanto, tudo o que viu foi a materialização do seu pior pesadelo.

Ele surgiu de repente. Saiu do interior escuro da casa e parou bem no limite entre a cozinha e o pátio. Tinha uma expressão que poderia defini-lo como a encarnação do mal na terra. Um diabo emoldurado pela madeira do

batente da porta.

Otávio.

Ele a encarou e o sangue fugiu do rosto de Cecilia. Por dois ou três segundos que pareceram durar uma eternidade, ela ficou paralisada pelo choque. Um grito de medo sufocou-se em sua garganta. Então, todos os seus instintos gritaram ao mesmo tempo: fuja! E foi o que ela fez. Correu na direção oposta a de Otávio. Ergueu as saias na altura dos joelhos e alcançou o fim do pátio mais rápido do que esperava. Dali, rumou para a estrada principal. Perder-se no caminho de volta para Bela Vista ou ficar com os pés sangrando durante a travessia da mata, de repente, pareceu-lhe uma alternativa muito melhor a estar à mercê de Otávio.

Mesmo com os tornozelos machucados, ela pôs-se a correr e não ousou olhar para trás, poderia perder segundos preciosos de sua corrida fazendo isso. A garganta secou devido a quantidade de ar que passava por ali para alimentar seus pulmões. Olhou para o chão para não tropeçar e viu as marcas deixadas pelas rodas da charrete. Talvez pudesse seguir o rastro até Bela Vista. Um fio de esperança se acendeu. Porém, da mesma forma que a fugaz expectativa lhe apareceu, foi levada embora.

Otávio alcançou-a. Os dedos dele roçarem em seu braço e ela se projetou para frente na tentativa de escapar. Mas foi inútil. Otávio agarrou algumas mechas do cabelo dela e puxou sua cabeça para trás com força.

Desequilibrada, Cecilia caiu. Primeiro bateu os quadris no chão e depois as costas num baque seco e intenso. Quando recuperou o fôlego, gritou a plenos pulmões, pedindo socorro.

— Alguém me ajude! *Per favore. Aiuto!*

Otávio deu a volta e encarou-a de cima para baixo. Em seguida, abaixou-se apoiando os joelhos no chão comprimindo as coxas de Cecilia entre suas pernas. Ela tentou inutilmente rastejar de costas para longe dele. Porém, tudo o que fez foi desequilibrá-lo e jogá-lo para cima dela.

Otávio quase caiu com todo seu peso sobre ela. Cecilia arfou apavorada. Ele riu provavelmente cogitando a possibilidade de permanecer naquela posição. O estômago de Cecilia debateu-se de maneira violenta. Mas ela não poderia se dar ao luxo de prestar atenção nas reclamações de seu corpo. Precisava lutar para escapar daquele monstro.

Com a mão livre, agarrou um punhado de terra e jogou em Otávio. A areia atingiu-lhe os olhos e provocou o efeito esperado. Ele se contorceu e Cecilia conseguiu libertar suas pernas. Arrastou-se para trás e preparou-se para levantar. Porém, Otávio agarrou seu tornozelo e a puxou furiosamente para o chão.

— Vagabunda! — Ele colocou o joelho na base das suas costas achatando-a na terra. — Você vai pagar por isso. Aliás, vai pagar por tudo o que me fez.

— Por favor, alguém! Socorro! — a voz de Cecilia saiu esganiçada e comprimida pelas costelas socadas no chão. Embora tivesse pouca esperança de ser ouvida, continuava tentando pedir ajuda. Sentiu um solavanco na cabeça. Otávio enterrou a mão na base de seus cabelos e os puxou para trás obrigando-a a erguer o tronco. Suas costas doeram. Os olhos arderam. Com a boca próxima ao ouvido de Cecilia, ele disse:

— Não há ninguém nessa fazenda. Estamos sozinhos, italiana! — Ele colocou-se de pé e puxou Cecilia levantando-a com brutalidade. Em seguida, começou a caminhar em direção à casa.

— Pra onde tá me levando?

— Você vai ver quando chegarmos lá. — O tom perverso da voz dele fez Cecilia estremecer dos pés à cabeça. Ela tentou esparnear, jogar-se de novo no chão, mas ele a acertou com uma bofetada do rosto. O impacto quase lhe arrancou os sentidos. Seu rosto ardeu de maneira acintosa. Atordoada, ficou impotente.

Enquanto era arrastada para o casarão, Cecilia se perguntou o que Otávio estava fazendo ali? Seria coincidência? Impossível! Mathias foi bem claro: deveria deixar Cecilia ali e retornar imediatamente para a fazenda. Estela não diria aquilo se não tivesse alguém esperando por Cecilia. Mas, por que envolver Otávio? A patroa poderia simplesmente tê-la mandado embora de Bela Vista como fez com a outra empregada que se envolveu com Francisco. A não ser que... Que mandar Cecilia desaparecer da fazenda não fosse suficiente. Será que Otávio iria matá-la?

— Sabia que o soco de Francisco ainda dói no meu rosto? Está na hora de você pagar por ele. — Otávio trovejou como se respondesse a pergunta que Cecilia havia acabado de fazer a si mesma.

— Por favor...

Mas antes de terminar a frase, uma pancada na parte de trás da cabeça de Cecilia ressoou para dentro de seu cérebro. Foi impossível manter os olhos

abertos. E Cecilia mergulhou de vez no seu destino negro.



Capítulo

47

Francisco escancarou a porta do escritório de maneira intempestiva. Catarina e D. Joana, a arrumadeira, sobressaltaram quando ele passou socando as botas no chão. Por uma fração de segundo, Francisco pensou em parar e dar explicações a Catarina. Certamente ela o havia escutado dizer que amava Cecília. No instante seguinte, entretanto, a urgência em encontrar Mathias imperou. Além disso, não devia esclarecimentos à Catarina. Nunca a encorajou ou a iludiu quanto a firmarem algum tipo de compromisso. Sequer a havia convidado para voltar à Bela Vista. Portanto, simplesmente ignorou a expressão furiosa que viu no rosto dela enquanto ela ditava ordens à arrumadeira:

— Arrume minhas malas. Vou partir ainda hoje.

— Mas, D. Catarina, terá que pernoitar na vila.

— Não pedi sua opinião. Vá fazer o que mandei! — Catarina não se

preocupou em esconder o tom autoritário e irritado.

Francisco pegou o chapéu que estava no cabide da antessala e saiu disposto a encontrar Mathias. Percorreu as tulhas e, como não viu nenhum sinal do encarregado, foi atrás do moleque Zé para interrogá-lo. Encontrou-o no curral das vacas leiteiras. Ele puxava o esterco acumulado no chão com uma enxada de lâmina larga.

— Eu num sei onde ele foi, não senhor. — Zé enxugou o suor da testa.

— Que horas ele saiu?

— Logo depois do almoço.

— Estava a cavalo?

— Não. Ele tava de charrete.

— Sozinho?

— A italiana Cecilia tava com ele.

— Maldição! — Francisco berrou e chutou para longe um balde de metal vazio que estava por ali. Zé estremeceu e deu um passo para trás. Seu pé descalço acabou estacionando em um monte avantajado de estrume, mas ele não se moveu. Pelo menos não até que Francisco girasse nos calcanhares e desaparecesse dali.

— Para onde aquele infeliz levou Cecilia? — Andava em círculos macerando os tufo de capim embaixo de sua bota. Pensou em voltar para o

casarão e arrancar a informação de Estela. Usaria de violência, se preciso fosse. Muito embora, de antemão, essa atitude lhe provocasse repulsa.

Foi quando viu a charrete passar na estrada.

Saiu em disparada. Interpelou Mathias antes mesmo que ele tivesse a oportunidade de parar completamente a mula que puxava a carroça. O animal assustou-se com o berro e ameaçou agitar-se. Com uma fúria quase sobre-humana, Francisco agarrou a camisa de Mathias na altura que seus punhos alcançaram. Desajeitado, o homem curvou-se de lado. Francisco encarou-o com uma expressão feroz.

— Onde ela está?

— Não sei do que o senhor está falando, patrão. — Os olhos de Mathias saltaram das órbitas. Ele tossiu parecendo engasgado com o próprio ar. Seu rosto ficou pálido e os vincos ao redor dos seus olhos tornaram-se ainda mais evidentes.

Francisco bufou e suas narinas se dilataram. Agia como um touro ensandecido. Agarrou Mathias pela gola da camisa e o puxou para baixo. As mãos dele ainda seguravam as rédeas da carroça. O movimento brusco tirou o arreio de suas mãos e assustou definitivamente a mula que, sem comando, disparou a ermo. No chão, Mathias ofegava. Francisco assomou-se sobre ele mantendo-o preso pelo colarinho da camisa puída que ameaçava se desfazer a qualquer instante.

— Não se faça de desentendido.

— Eu... eu... — Mathias vacilou.

— Diga o que fez! — Francisco socou a terra fazendo questão de deixar o punho a centímetros do rosto do empregado. Mathias encolheu-se. O suor dele escorria pelo cabelo ralo amassado pelo chapéu que havia caído de sua cabeça com o tombo da carroça.

— Eu só tava cumprindo ordens. D. Estela me mandou vigiar o senhor. Eu tive que contar pra ela que o senhor tava se enrabichando pela italiana.

— Você não tinha esse direito.

— Sua mãe ia me expulsar da fazenda se não fizesse o que ela mandou.

— Pois, agora, quem vai te mandar embora de Bela Vista sou eu!

— Por favor, patrão, eu num tenho pra onde ir. Minha mulher é doente. Nenhum fazendeiro vai dar emprego para gente velha. — Mathias suplicou. Sua voz tremia tanto quanto seu próprio corpo.

— Há quanto tempo Estela sabe sobre meu envolvimento com Cecilia? — O encarregado hesitou. Francisco ordenou — Fale, homem!

— Desde que o senhor começou a ir para o cafezal.

— Eu não tinha nada com ela nessa época.

— Só porque a italiana num deu trela pro senhor.... Desculpe a franqueza... O senhor pediu a verdade.

— Por que Estela não me confrontou se sabia do meu interesse?

— Isso eu num sei dizer, não senhor. Mas quando vocês se deitaram, a patroa disse que tava na hora de fazer alguma coisa.

— E onde Cecilia está agora? Pense bem no que vai me dizer. Se falar alguma mentira, vai se arrepender pelo resto dos seus dias.

— Se eu falar mentira ou verdade, vou me arrepender. D. Estela vai me expulsar daqui de qualquer jeito.

— Essas terras são minhas, agora. Então, se não quer passar o resto de seus dias como um mendigo, seja leal a mim a partir de hoje. Vou perguntar só mais uma vez: Para onde levou Cecilia?

— Para fazenda do Sr. Fonseca.

— Mas as terras foram vendidas e a casa está vazia. Está mentindo para mim?

— Não. Eu juro por tudo o que é mais sagrado.

— Então, por que deixar Cecilia sozinha naquele lugar?

— Alguém tava esperando a italiana...

— Quem?

— O Sr. Otávio.

— Otávio? — Incrédulo, Francisco não percebeu que seus punhos pressionavam com força a garganta do encarregado.

— Por favor, senhor, está me sufocando! — Mathias segurou os punhos de Francisco tentando afastá-los de seu pescoço.

Francisco ergueu-se enquanto Mathias esfregava o pescoço marcado por pontos avermelhados.

Estela havia se juntado a Otávio. Por isso o ar de arrogância quando garantiu que o poder dela sobre a família era muito maior do que Francisco imaginava. Percebeu naquele instante o erro que havia cometido: subestimou sua mãe e sua habilidade natural e maquiavélica para planejar uma vingança.

— O que Otávio vai fazer com Cecilia? — Voltou-se novamente para o empregado com uma fúria assassina.

— Vai levar ela embora.

— Para onde?

— Eu não sei, senhor. Juro pela minha vida.

Francisco levou as mãos à cabeça em um ato de desespero. Seu corpo tremeu convulsivamente deixando-o ainda mais agitado. Cecilia estava sozinha, desprotegida, vulnerável e, sobretudo, à mercê de Otávio. Ele poderia fazer o que quisesse. Violentá-la. Surrá-la. Ou as duas opções. Essa constatação atingiu-lhe como um golpe semelhante a um coice de cavalo. Visões de Cecilia ensanguentada apareceram em sua cabeça como uma cena

de terror implacável. Xingou e amaldiçoou Otávio lembrando-se do dia em que expulsou o patife de Bela Vista. Na ocasião, Otávio jurou vingança. Juramento, que Francisco imaginou, que nunca se concretizaria até saber que Cecília estava nas mãos do canalha. Desejou matá-lo. Sim, faria isso se encontrasse Cecília machucada. Isso se ela ainda estivesse viva, afinal, estavam a duas horas de distância da outra propriedade.

O pensamento inesperado surgiu-lhe como uma expressão de mau agouro. Livrou-se dele e ordenou que Mathias selasse um cavalo descansado e levasse para ele perto das tulhas. Depois, rumou para o antigo escritório do seu pai que ficava na parte baixa da casa. Entrou no cômodo, abriu o cofre e retirou uma caixa retangular de dentro. Pegou o revólver que pertencia ao coronel e colocou-o sobre a mesa. Em seguida, carregou a arma, colocou-a na cintura e saiu do ambiente.

Mathias apareceu com o cavalo selado em tempo recorde.

— Não diga uma palavra sobre nossa conversa à Estela.

Mathias assentiu parecendo um camundongo encolhido.

Francisco bateu com o chicote nas ancas do animal que disparou arrancando pedaços de terra do chão.



Capítulo

48

Quando voltou a si, Cecilia estava com o rosto colado ao chão de uma despensa vazia. Sua cabeça doía com uma intensidade cruel. Mal abriu os olhos, distinguiu as botas de Otávio a centímetros dela. Com algum esforço, ergueu-se apoiando-se nos cotovelos.

— Já era tempo. — Otávio sorriu de maneira irônica.

Apavorada, Cecilia encolheu-se e agarrou-se aos joelhos como se eles pudessem formar uma barreira entre ela e seu agressor. Otávio riu e ela suspeitou que fosse da forma inútil como tentava se proteger.

Otávio olhou para a minúscula janela incrustada no alto da parede do cômodo como se sua mente divagasse por alguns instantes. O céu tinha a cor alaranjada do crepúsculo e logo anoiteceria. Cecilia queria perguntar o que ele faria com ela. Sua garganta, porém, estava fechada para reprimir o desespero que ameaçava explodir em forma de um choro convulsivo.

— Fiquei surpreso quando recebi a carta de D. Estela me contando que o precioso filho, que deveria casar-se com uma herdeira rica, estava se deitando com uma imigrante. Nem precisei adiantar-me na leitura para saber a qual das italianas ela se referia. Seu nome me veio à cabeça de antemão. Então, toda a cena que você fez aquela noite no depósito de Bela Vista foi para que Francisco pensasse que era uma donzela indefesa. Quero lhe dar os parabéns por fazer aquele sujeito de idiota.

Otávio bateu palmas. Seu cinismo era aviltante. Cecilia estremeceu. Espantada com a revelação, olhou-o de soslaio. Então, ele sabia sobre ela e Francisco. Ela quis reagir. Defender-se de alguma forma, mas sabia que só pioraria a própria situação.

Ele prosseguiu:

— O que me surpreende é o fato de Francisco ter caído nas suas garras depois de ter escapado de tantas iguais a você. Ah, sim, não pense que foram poucas. Com algumas ele se deitou enquanto outras, apenas descartou. O mesmo aconteceu e ainda acontece comigo. Mulheres da sua laia, no entanto, só servem para esquentar nossa cama como amantes. Aliás, eu a teria feito minha amante. Levado-a para a capital. Dado-lhe uma casa, boas roupas e dinheiro para manter pequenos luxos.

— *Io non* sou uma *puttana* — Cecilia não se conteve diante do monólogo humilhante.

Otávio soltou uma gargalhada sinistra e ruidosa.

— E o que você é? Uma donzela? Garanto que não. E nem preciso abrir

suas pernas para comprovar isso. O seu erro, minha querida, foi ter sido descuidada. É claro que preciso dar-lhe o crédito de ter se deitado com ele no meio do mato, bem longe do casarão. Mas não foi o bastante. Imagino que deva estar se perguntando por que Estela não a expulsou da fazenda como fez com a outra empregadinha. Bem, porque você se mostrou bem mais inteligente que as outras: fez o idiota do filho dela se apaixonar. E, para ser conciso, é por isso que estou aqui.

— Ele *non* me ama. Vai casar com outra. Pelo amor de *Dio*, me deixa ir embora — Cecilia suplicou.

— Ah, então, você acreditou. Pelo menos meu trabalho foi recompensado. Plantar aquela notícia no jornal exigiu-me algum dinheiro. Convencer a Catarina a encenar um noivado fictício foi igualmente penoso. Por sorte, ela a odeia quase tanto quanto eu. Acho que ela não assimilou bem o fato de ter perdido Francisco para você. Ficou com o orgulho ferido.

— Por que tá me contando isso?

— Não é óbvio? Para que saiba o quanto Francisco vai sofrer quando tomar conhecimento de que você desapareceu.

— Mas *io non* desapareci!

— Isso me leva à segunda parte da nossa conversa. Amanhã, vamos partir bem cedo. Eu a colocarei em um vapor de volta para Itália.

— *Non! Io* tenho *mia* família.

— Você deveria ter pensado nisso antes de se deitar com Francisco. Por falar em família — Otávio estalou os dedos num gesto casual como se lembrasse de uma informação que havia passado despercebida. Colocou a mão no bolso direito do paletó, tirou um colar de dentro dele e, deliberadamente, mostrou-a a Cecília —, permita-me perguntar por que tendo uma pequena fortuna em mãos sua família chegou como um bando de indigente ao Brasil? Vocês poderiam ter vendido essa joia e começado a vida aqui de uma maneira completamente diferente. A não ser, é claro, que não soubessem o quanto ela era valiosa.

— Desgraçado! — Cega pelo ódio que imediatamente substituiu o medo, Cecília avançou na direção da joia. Habilmente, Otávio desviou-se e o salto de Cecília foi no espaço vazio.

— Nem pense nisso! Paguei um bom dinheiro por ele. Talvez eu o dê de presente à Catarina. É claro que não contarei que o objeto pertencia a você.

Otávio fechou a porta do cômodo.

No inferno, foi assim que Cecília definiu sua situação. Presa em um cubículo escuro e prestes a ser deportada do Brasil sem ao menos poder se despedir de sua família. Havia perdido tudo: os irmãos, o pai e a última lembrança de sua mãe. Seu corpo tremeu impulsionado pela raiva. Saber que seu colar acabaria no pescoço de Catarina era torturante. Pensou em Francisco. Então, o amor deles não era uma mentira. Pelo menos isso a consolou um pouco, muito embora esse conforto de nada adiantava diante de sua situação desesperadora.

Gritou. Xingou Otávio até ficar rouca. Achou que enlouqueceria se ficasse

calada. Foi só quando a garganta começou a arder de maneira acintosa que sua voz foi desaparecendo até se transformar em um sussurro inaudível.

Com a chegada da noite, o frio fez com que os músculos de Cecilia contabilizassem todas as pancadas que havia recebido ao longo do dia. Seu rosto, agredido pela bofetada, começava a inchar e a doer num latejado constante. Exausta, entregou-se ao cansaço e encolheu-se no canto da despensa.



Capítulo

49

Cecilia estremeceu ao ouvir a chave girar na fechadura da porta. Havia pouco mais de uma hora que estava sozinha e não esperava ver Otávio tão rápido, especialmente no estado de embriaguez.

Ele atravessou o batente da porta ziguezagueando. Sem dizer uma única palavra, agarrou-a pelo braço direito e puxou-a para cima.

Cecilia ergueu-se impulsionada pela força do solavanco. Seu braço reclamou como se estivesse comprimido por uma morsa.

Otávio arrastou-a até a sala de estar. A chama ondulante de algumas velas iluminava parcamente o cômodo. Os móveis estavam protegidos por lençóis, exceto por uma mesa de centro e uma poltrona onde, provavelmente, Otávio estivera sentado na última hora. A atenção de Cecilia voltou-se completamente para a mesa sobre a qual estavam uma garrafa contendo um líquido de cor âmbar e um revólver. O vislumbre da própria morte passou em

sua cabeça como um lampejo de um relâmpago proveniente de uma tempestade. Todos os seus sentidos ficaram em alerta.

Otávio empurrou-a no chão e ela aterrissou sobre um tapete empoeirado.

— Está na hora de pagar o que me deve. — A voz de Otávio soou arrastada, visivelmente afetada pela embriaguez. Mesmo assim, causou arrepios.

Em uma vã tentativa de fuga, Cecilia rastejou afastando-se dele até suas costas baterem em um armário de madeira maciça. Depois, engatinhou passando por trás de uma poltrona de três lugares.

Otávio se aproximou lentamente como se a visão aterrorizada de Cecilia aumentasse ainda mais seu prazer.

— Não adianta tentar escapar. Você está encurralada, italiana — alertou, embora o tom de suas palavras revelasse um ligeiro prazer naquele sádico jogo de esconder.

Cecilia tentou passar por debaixo da mesa. Ele, porém agarrou-a de maneira inesperada pela parte de trás do cabelo. Então, abaixou-se, encaixou o tronco de Cecilia entre seus joelhos, enfiou a mão por dentro da blusa dela e apertou-lhe o seio como se amassasse um papel com os dedos.

Cecilia arfou de dor e, no mesmo instante, atacou-o mordendo o braço dele. Cravou os dentes no músculo com toda força desejando arrancar um pedaço. O sangue da pele perfurada de Otávio escorreu pelo seu queixo.

Ele a soltou e emitiu um grunhido de dor.

— Vadia! Aposto que não fazia isso com o seu amante.

Cecilia escapou. Não se entregaria. Lutaria até o fim. Morreria tentando se fosse preciso, mas não permitiria que as mãos sujas de Otávio percorressem seu corpo impunemente.

Correu na direção da saída. Otávio, no entanto, foi mais rápido. Chegou primeiro e obstruiu a passagem. Ela deu a volta deixando dois sofás entre eles, como em um jogo de pegar. Concluiu que seria impossível passar por ele. Embora Otávio estivesse bêbado e o seu tempo de reação mais lento, ainda assim era mais forte do que ela. Além disso, o corte no pé de Cecilia e as pancadas que haviam pelo seu corpo doíam mais a cada instante.

Olhou ao entorno. A arma que ela viu quando entrou na sala estava do outro lado do cômodo. Se pudesse alcançá-la, talvez existisse uma chance de fugir.

A mão de Otávio roçou em sua blusa e ela conseguiu desviar por pouco. Felizmente, o movimento a levou para mais perto da mesa onde se encontrava o revólver que poderia salvá-la daquele monstro. Mais um pouco e Cecilia alcançou o objeto metálico. Era a primeira vez que segurava algo daquela natureza. Sentiu uma certa repulsa, porém, ergueu-o tentando manter o punho firme e apontou-o para Otávio.

— Abaixa essa arma, italiana.

— *Non!* — Cecilia tentou parecer confiante em sua ameaça, embora a

mão que segurasse o revólver estivesse trêmula.

Otávio percebeu sua postura hesitante e avançou um pouco, aproximando-se de maneira perigosa de Cecilia.

— Se chegar mais perto, *io* atiro!

— Você não teria coragem. — Otávio encarou-a de maneira desafiadora. No instante seguinte, avançou sobre ela.

Por puro reflexo, Cecilia apertou o gatilho. O disparo ressoou no ouvido dela como se fosse o som de uma trombeta infernal.

Otávio encurvou-se. Cecilia recuou alguns passos e, assustada com a própria atitude, jogou o revólver para longe dela.

— Sua puta, desgraçada! — ele berrou. O sangue começava a brotar na manga da camisa de linho.

Cecilia foi tomada por dois sentimentos díspares. Agradeceu a Deus por não ter cometido um assassinato. E, em seguida, lamentou pelo tiro ter sido insuficiente para livrá-la da perseguição.

Mesmo abatido pelo ferimento, recuperou-se com uma rapidez inesperada e jogou-a no chão com um golpe brusco.

Cecilia arrependeu-se de ter soltado a arma, que, agora, estava fora de alcance.

— Vou fazer com que sofra! — ameaçou Otávio.

Cecilia debateu-se para escapar novamente. Por mais que soasse improvável, Otávio parecia ter recuperado parte de sua sobriedade. Talvez a adrenalina injetada em seu sistema em virtude do tiro que o acertou fosse responsável pela mudança, mas o fato era que Cecilia precisava se livrar dele de qualquer maneira.

Tentou conseguir apoio na mesa de centro e sua mão esbarrou na garrafa onde estava a bebida consumida por Otávio. Ela agarrou a peça e, sem pensar duas vezes, bateu-a com vigor na cabeça dele. O vidro partiu-se com o impacto e provocou um corte profundo na testa de Otávio, que desabou inerte. Imediatamente, o sangue começou a escorrer tomando seu rosto por completo.

Cecilia rastejou para trás na tentativa de evitar que aquele borrão vermelho chegasse às suas roupas. O coração disparado e o nervosismo, no entanto, deixaram-na apavorada e desajeitada. Sua saia prendeu-se embaixo da cabeça dele e acabou manchada de escarlate.

Após se livrar do corpo que pendia sobre ela, Cecilia entregou-se ao desespero. Sacudia tão convulsivamente que mal conseguia manter as pernas eretas. Encarou Otávio caído como um moribundo. O rosto ensanguentado, os braços flácidos e a respiração indefinível. Ele poderia estar morto. A possibilidade atingiu-a como um golpe. Odiava-o, sim, com todas as suas forças. Desejou vê-lo morto, pelo menos, uma dezena de vezes na última hora. Mas encará-lo como um cadáver assassinado pelas mãos dela foi um choque. Culpa pelo ato cometido e alívio pelo livramento da violência misturam-se provocando uma confusão de sentimentos que beirava a um ataque de pânico. De repente, a histeria completa tomou-lhe a razão e Cecilia começou a rir como alguém que acaba de cruzar o limiar entre a loucura e a

sanidade.

Seus joelhos desabaram e bateram com violência contra o piso de madeira. A dor do impacto trouxe-a de volta à realidade. Precisava saber se ele ainda estava respirando. Na tentativa de reunir a coragem necessária para obter a resposta, Cecilia inspirou profundamente. Hesitou por alguns segundos. A mão no ar, a meio caminho entre ela e o rosto de Otávio, insistia em tremer como se estivesse sob a ação do frio produzido por uma nevasca.

Então, um som vindo do lado de fora da casa paralisou-a novamente. Parecia o barulho de um cavalo. Se alguém a visse ali, ela estaria perdida. Seria acusada de assassinato e jogada em uma cela de prisão para o resto de sua vida.

Saber se Otávio ainda estava vivo perdeu completamente a importância. Precisava fugir. Respirou para controlar a nova onda de desespero que se abateu sobre ela quebrando-a ao meio como um raio faz ao atingir uma árvore. Com muito esforço, levantou e virou-se em direção à porta. Mas já era tarde.

Uma figura assomava-se parcamente iluminada pela luz bruxuleante das velas.



Capítulo

50

Francisco assustou-se ao ver Cecilia. Mesmo na penumbra, ele percebeu que havia uma enorme mancha de sangue na saia dela, os cabelos estavam desgrenhados e sua face machucada. E, se essa avaliação prévia não fosse suficiente para alarmá-lo, a expressão do rosto dela oscilava entre o choque e o desespero. Ele percebeu que ela não o reconheceu de imediato enquanto caminhava em sua direção. Somente quando estavam a poucos passos, foi que as feições de Cecilia tornaram-se um pouco mais leves. Ela correu para seus braços e se entregou ao choro.

Francisco apertou-a junto ao peito. Queria perguntar se ela estava ferida, embora isso parecesse óbvio considerando o estado geral dela, mas a vontade de mantê-la junto a ele era imperativa. O medo de não a encontrar viva, que o acompanhou no trajeto entre as duas propriedades, ainda não havia desaparecido por completo, muito embora o fato de Cecilia estar em seus braços fosse prova cabal de que ela havia sobrevivido àquelas horas de

cativeiro.

— Como você está? Tive tanto medo de perdê-la. Achei que pudesse estar morta, Cecilia. Deus! Como pedi para que nada de mal tivesse acontecido. — Afastou-a um pouco e fitou-a. Seu coração ficou dilacerado ao ver a expressão de angústia no olhar assustado de Cecilia. — Otávio? Onde está aquele canalha? — perguntou em seguida, temendo ser surpreendido por ele.

— Acho que matei ele — a voz de Cecilia era um sussurro quase inaudível. Ela apontou para um espaço entre a mesa de centro e a poltrona, onde Francisco notou as pernas de Otávio esticadas no chão.

Foi até onde ele estava caído. Colocou o dedo indicador na base do pescoço dele para conferir a pulsação.

— Ele está vivo.

Parecendo aliviada, Cecilia levou a mão ao peito.

— *Grazie a Dio.*

— Não teria culpa se ele estivesse morto. Ele teria feito por merecer. — Francisco voltou-se para Cecilia e segurou suas mãos. — Você só estava se defendendo desse monstro.

— *Io sei.* Mas *non* queria carregar a culpa de matar um homem para o resto dos *mios* dias.

— Eu compreendo. — Francisco abaixou-se novamente para analisar melhor o estado de Otávio. Havia um corte grande no couro cabeludo que,

provavelmente, era a causa de tanto sangue. Viu os estilhaços de vidro e entendeu que Cecília havia quebrado uma garrafa na cabeça dele. O sangramento precisava ser estancado. Notou também que o braço dele estava com um ferimento à bala! — Você atirou nele?

Cecília fez que sim e apontou para o revólver que ainda estava caído no chão.

— Quantos tiros?

— Só esse.

Francisco rasgou o tecido da camisa de Otávio e constatou que a bala havia atingido-o quase de raspão.

— Você foi muito corajosa. Poucas mulheres conseguiriam escapar de algo assim. Espere aqui.

Francisco carregou Otávio para um dos quartos da casa e colocou-o sobre um colchão desprovido de lençol. Procurou por algo que servisse para estancar-lhe o sangramento da cabeça. Achou algumas arcaes de madeira onde estavam guardados pertences da família Fonseca que ainda não haviam sido levados para a nova residência deles na capital. Pegou um tecido de algodão, rasgou uma tira comprida e voltou para onde havia deixado Otávio. Enrolou a faixa improvisada na cabeça de Otávio fazendo o sangramento parar por completo. Em algum momento durante essa tarefa, Otávio ficou semiconsciente e tentou se livrar da ajuda, sem, de fato, dar-se conta de que Francisco estava ali. A atitude se mostrou inútil devido ao alto grau de embriaguez de Otávio que proferiu alguns xingamentos antes de voltar à

inconsciência. Ao menos, parecia fora de risco de morte.

Francisco trancou a porta do quarto depois que saiu. Ele e Cecilia precisariam pernoitar na casa. Não queria ser surpreendido, caso Otávio acordasse.

Antes de retornar para a sala para, enfim, concentrar toda sua atenção em Cecilia, Francisco passou na cozinha. Procurou entre os poucos utensílios deixados para trás e encontrou uma chaleira de ferro. Foi até o fogão e, por sorte, encontrou lenha depositada na abertura onde se costuma colocar a madeira de uso diário. Acendeu o fogo e colocou a vasilha de metal com água para esquentar. Encontrou também uma velha lamparina que ainda continha um pouco de óleo em seu interior e acendeu-a.

— Você estava demorando... — Cecilia apareceu na cozinha, provavelmente, atraída pelo barulho. Francisco foi até ela e, finalmente, pôde perguntar se ela estava bem, considerando-se as circunstâncias, é claro. — *Io* vou ficar bem. Tudo o que quero é voltar para casa.

— Não poderemos voltar hoje. Está um breu lá fora e seria arriscado cavalgar nessas condições.

— Mas *mio papà* deve estar preocupado. — Cecilia agitou-se e Francisco acariciou-lhe o rosto desejando eliminar cada lembrança ruim daquele dia.

— Eu sei, meu amor. Mas é perigoso. — Francisco podia sentir seus músculos tensos, embora conservasse a leveza nas mãos para tocá-la. Um pequeno tremor percorreu sua garganta antes que voltasse a falar. — Eu sei que fiz você sofrer. E ver o seu estado... ah, Cecilia, se eu pudesse voltar no

tempo, faria tudo diferente. Nunca pensei que Estela pudesse chegar a esse ponto... Sei que cometi um erro ao subestimá-la. E quem acabou pagando por isso foi você. Preciso saber: será que é capaz de me perdoar?

— A culpa *non* foi sua.

— Obrigado por ser essa mulher corajosa. Sei que não é o melhor momento, e pretendo fazer isso de novo, de forma apropriada e com o consentimento de seu pai, mas não posso esperar. — Francisco apoiou um joelho no chão assumindo uma postura cavalheiresca e segurou a mão de Cecilia. — Você aceita ser minha mulher e passar o resto dos seus dias ao meu lado?

— Você está me pedindo...

— Em casamento? Sim, estou.

Os olhos de Cecilia ficaram molhados e duas lágrimas despontaram encharcando os cílios antes de rolares por sua face. Ela fitou-o por alguns instantes que duraram uma eternidade na visão ansiosa de Francisco.

— Pelo amor de Deus, mulher, acabe com minha dúvida. Quer se casar comigo? — Francisco estava inseguro e não via nenhuma vergonha em demonstrar isso para a pessoa que havia atravessado o inferno por causa do amor dele.

— *Sì, io* aceito.

Ele beijou-a sentindo-se o homem mais feliz do mundo.

— Deixe-me agir como um bom noivo e cuidar de você com o carinho que merece. — Francisco pegou-a no colo e levou-a ao banheiro onde encontrou uma tina adequada para uso. Depois, voltou com a água fervente e despejou ali. Temperou-a, em seguida, com água fria até conseguir uma temperatura agradável.

Lentamente, despiu Cecilia. Primeiro, desabotoou a blusa fazendo o tecido deslizar nos ombros dela com a delicadeza de uma pluma. Havia pontos roxos que contrastavam com a pele branca. Ele beijou cada marca com um leve toque dos lábios. Cecilia estremecia a cada carícia. E muito embora Francisco a desejasse naquele instante, talvez mais do que da primeira vez, ele se conteve. Ele a cobriria de carinho primeiro e, depois, se ela o quisesse e dissesse isso em voz alta, ele a tomaria como mulher. Tirou a saia dela e, surpreso, notou que ela estava descalça e com os pés cortados pelo que talvez fosse uma chicotada. Preferiu não perguntar o que eram os riscos vermelhos. Em vez disso, beijou-os também. Cecilia arfou em resposta.

Nua, ela entrou na tina. Francisco deleitou-se ao ver que ela relaxou ao contato com a água morna. Esfregou-a com um sabonete perfumado, que encontrou nos baús da mudança dos Fonseca, e uma bucha improvisada com um pedaço do lençol que ele havia rasgado para usar em Otávio.

— Você não merecia isso. — O tecido escorregava pelo seio de Cecilia que apresentava sinais de ter sido comprimido com estupidez. — Vou compensá-la desse sofrimento até o fim dos meus dias. Farei de você a mulher mais feliz, a mais amada, a mais desejada...

Cecilia inclinou o pescoço para trás e o beijou. No início com cautela, mas, depois, com a mesma paixão que demonstrou na última noite em que

estiveram juntos.

— Você me quer? — ele perguntou.

Ela meneou a cabeça em sinal positivo.

— Agora?

Ela repetiu o movimento.

— Então diga — ele insistiu. — Eu preciso ouvir que me quer tanto quanto eu a quero.

— *Io* quero que me faça sua mulher, agora, Francisco.

Ele não teve pressa. Continuou acariciando cada centímetro do corpo de Cecilia tocando em locais onde ainda não havia explorado de maneira apropriada. Ela não fez objeção. Ao contrário, Cecilia entregou-se inteiramente. Sem reservas ou pudores.

— Você é minha e eu sou seu... pelo resto das nossas vidas — Francisco sussurrou mordiscando de leve a ponta da orelha dela. Cecilia gemeu baixinho.

— *Sì, io* sou sua, *amore mio*.

Francisco amou-a lentamente entregando-a, não apenas seu corpo, mas sua alma. E quando os dois chegaram juntos ao prazer, teve certeza de que não viveria mais um único minuto sem aquela mulher.

Mais tarde, Francisco arrumou uma cama e colocou Cecília para dormir. Exausta, ela pegou no sono sobre o lençol sobre o qual se amaram no chão do banheiro. Francisco observou-a por vários momentos antes de deitar ao lado dela. Agradeceu mentalmente por ela ter sido capaz de se defender e pensou no que faria no dia seguinte. Não pretendia ter o desprazer de olhar para a cara de Otávio, por isso, depois que chegasse à Bela Vista, mandaria que Mathias voltasse ali e providenciasse para que Otávio retornasse à capital. Acertar as contas com Estela era outra pendência delicada. Só faria isso, no entanto, após conversar com o pai de Cecília. Desculpar-se por tudo o que houve com a filha dele e, enfim, pedir a mão dela em casamento.

Francisco adormeceu ensaiando um pequeno discurso para se dirigir ao Sr. Antonio. Surpreendeu-se ao notar que o assunto havia lhe causado um certo nervosismo. Sorriu consigo mesmo ao imaginar o burburinho que a notícia causaria na colônia e na própria capital do Estado.

De manhã bem cedo, Francisco acordou com o barulho vindo de algum cômodo da casa. Seu primeiro impulso foi erguer-se num salto, até que uma desagradável sensação de asco deu lugar ao susto de ser acordado pelo som alto. Otávio esmurrava a porta do quarto gritando. Xingava utilizando um vasto repertório de palavrões que despertou ódio em Francisco, especialmente, quando as palavras de baixo calão se referiam à Cecília. Quis ir até ele e obrigá-lo a engolir os impropérios, mas desistiu ao perceber que Cecília também havia acordado. Foi até ela e acariciou-lhe de leve a face com as costas da mão.

— Dormiu bem, meu amor?

— *Sì, mi amore.*

— Então vamos para casa.

Nas arcas onde estavam os pertences dos Fonseca ainda não despachados para sua nova residência, Cecilia encontrou um vestido e sapatos que substituíram suas roupas sujas de sangue e poeira. Embora os berros de Otávio fossem difíceis de se ignorar, ela evitou o nome dele até que estivessem montados e prontos para partir.

— Mathias voltará aqui para libertá-lo e garantir que retorne para Vitória
— Francisco falou com cautela enquanto avaliava a expressão misteriosa que, de repente, tomou o rosto de Cecilia.

— Nunca pensei que um dia fosse capaz de odiar alguém, mas *io* odeio ele com todas as minhas forças.

— Eu também, meu amor. — Francisco deu partida no cavalo que marchou num ritmo constante levando-os para Bela Vista.

Chegaram à propriedade assim que o sol nasceu. Seguiram direto para a colônia. Cecilia estava preocupada com sua família e Francisco ansioso para conversar com o pai dela.

Desceram do cavalo e a primeira coisa que notaram foi a movimentação ao redor da casa de Cecilia.

— Tem alguma coisa errada. — Ela empalideceu ao ver Giustina que correu ao encontro dela.

— Cecilia, por *Dio*! Onde estava? — Giustina perguntou e, com olhos

vermelhos e circundados por uma olheira proeminente, fitou Francisco de soslaio. — Por que está machucada. O que aconteceu com você? — A expressão da italiana tornou-se severa.

— *Io tô* bem agora.

— *Non* é uma boa hora *pra* ele ficar aqui. — Giustina fez um sinal na direção de Francisco. No mesmo momento, Angelo apareceu saindo de dentro da casa. Parecia abalado, mas, sobretudo, enfurecido.

— Sua *puttana*! — Angelo xingou Cecilia atraindo bastante atenção. De repente, um pequeno grupo apareceu vindo também de dentro da casa dele. — E você, seu desgraçado... — Angelo transferiu sua raiva para Francisco e teria partido para cima dele se não fosse contido por seus amigos.

— Eu posso explicar — Francisco começou. — Minhas intenções com Cecilia são legítimas. Estou aqui para conversar com seu pai sobre... — o choro repentino de Giustina chamou a atenção dele interrompendo-lhe a fala por alguns segundos.

— *Non* precisa. Sua mãe fez isso ontem. — As palavras de Angelo saíram num tom de revolta.

— Estela veio aqui?

— A *maledetta* veio pra falar que a filha dele tava se deitando com o filho dela — Angelo respondeu e precisou ser novamente contido para não avançar em Francisco. Depois voltou-se para Cecilia com um ar de desprezo: — A culpa é sua e desse amaldiçoado.

— Culpa? — Confusa, Cecilia encarou Giustina em busca de uma resposta.

— É *tuo* pai. O coração dele *non* aguentou... Ele passou mal depois que a D. Estela foi embora... — Giustina hesitou entre os soluços e as lágrimas.

— Ele tá morto! — Angelo berrou. — Você matou *nostro* pai.

Francisco voltou-se imediatamente para Cecilia. A cor havia fugido do rosto dela, o que acentuou os machucados sofridos no dia anterior conferindo a sua pele um contraste preocupante.

— Como assim, morto? — Cecilia pressionou Giustina como se não acreditasse na acusação de Angelo. Francisco percebeu que as mãos dela tremiam vigorosamente.

— É verdade, Cecilia. Sinto muito — Giustina declarou, abraçou-a rapidamente e saiu para tentar acalmar os ânimos de Angelo que parecia prestes a romper a barreira que os amigos formaram entre ele e Francisco.

Com esforço, Giustina arrastou Angelo de volta para dentro de casa, onde, aparentemente o corpo do Sr. Antonio ainda estava.

Sem dizer uma palavra, Cecilia seguiu-a a passos vacilantes. Sozinho entre os italianos que o avaliavam exibindo ora feições de desaprovação, ora de indignação, Francisco ficou inerte. Queria entrar, consolar Cecilia. Oferecer-lhe carinho e conforto. Mas receou que sua atitude elevasse consideravelmente os ânimos de Angelo. Por outro lado, Cecilia estava sofrendo e precisava dele. Não poderia se furtar de estar com ela naquele

momento de dor. Além disso, se alguém deveria ser incriminado pelo que havia acontecido, essa pessoa era ele. Todo aquele sofrimento poderia ter sido evitado se ele tivesse assumido o romance desde o princípio. Se tivesse pedido permissão para cortejá-la, Estela não teria tido a chance de acusar Cecilia injustamente diante do Sr. Antonio.

Seus punhos se fecharam e ele teve vontade de socar a parede em penitência. Não o fez para evitar ainda mais atenção para si. Giustina apareceu nesse momento, quando ele cogitava a possibilidade de ir atrás de Cecilia.

— Por favor, *signore* Francisco, vai embora.

— Não posso. Preciso ficar com Cecilia.

— Ela pediu para o *signore* ir para o casarão. Ficar longe daqui. Angelo está muito nervoso. Pode fazer uma besteira.

Ainda que hesitante, Francisco fez o que a italiana pediu. Foi embora.



Capítulo

51

Cecilia encontrou o pai deitado sobre a cama. Vestia um terno e as mãos haviam sido postas juntas sobre a parte inferior do tronco. Achou-o menor do que realmente era. Será que a morte tinha esse poder? De diminuir as pessoas transformando-as em um amontoado de ossos e músculos frios? Os joelhos dela dobraram-se involuntariamente e se chocaram contra o piso. Um nó se formou em sua garganta comprimindo a traqueia como se quisesse sufocá-la. Lágrimas silenciosas inundaram seus olhos e pingaram sobre o lençol branco da cama. Ela abraçou o cadáver enquanto imagens do último momento em que esteve com o Sr. Antonio ainda com vida vieram à sua mente. Eram da manhã do dia anterior. Cecilia havia lhe entregado a marmita e pedido a bênção. Sr. Antonio deu-lhe um beijo na testa, abençoou-a com um sorriso terno e a abraçou por vários instantes como se pressentisse a despedida.

A lembrança misturou-se ao barulho de vozes indistintas vindas da sala sobre as quais sobressaía a de Angelo que continuava esbravejando

acusando-a pela morte do pai. A cabeça dela girou e pontos pretos surgiram em seu campo de visão. Fraca, sem se alimentar por mais de doze horas, estava prestes a perder os sentidos.

Eustaquio apareceu em seguida e Cecilia tentou abraçá-lo. O menino, no entanto, esquivou-se de maneira brusca.

— O que foi? — Cecilia ficou assustada com a reação inesperada.

— A culpa é sua — acusou-a. Os cílios ainda molhados pelo choro e o rosto contraído de dor quebraram Cecilia ao meio. Que Angelo a culpasse pelo que aconteceu era de se esperar, mas Eustaquio? Os dois sempre foram mais do que irmãos. Depois da morte de sua mãe, Cecilia assumiu a criação do menino tornando-se sua segunda mãe. Encarar a raiva do pequeno doeu mais do que o tapa na cara desferido por Otávio no dia anterior. Precisava explicar o que havia acontecido. Eustaquio e Angelo eram a única família que lhe havia restado. Não suportaria que os dois se voltassem contra ela.

— *Non* foi bem assim... — Eustaquio recusou-se a ouvir, deu as costas e correu para fora de casa.

— Deixa — Giustina impediu que Cecilia fosse atrás do irmão. — Vai passar. O *bambino* só tá revoltado. — Em seguida, colocou-se ao lado da amiga segurou as mãos dela num gesto de conforto e assustou-se com sua temperatura corporal — Está gelada. Vem, eu vou cuidar de você.

— *Non*, quero ficar aqui.

— *Io* preciso cuidar do seu rosto. Você está machucada — Giustina

hesitou por alguns instantes e, então, embora parecesse constrangida, perguntou — Onde esteve? O que aconteceu? Você e Francisco...

— *Sì*, estamos juntos e a mãe dele descobriu. — A voz de Cecilia soou ligeiramente esganiçada pelo choro e pela pressa em responder.

Giustina tocou o rosto dela com a ponta dos dedos.

— Ah, Cecilia. Foi ela quem fez isso?

— A história é muito longa para eu perder tempo contando agora. — Cecilia respondeu num sussurro e, em seguida, perguntou — Como foi que tudo aconteceu?

— Seu *papà non* tava bem. Ele passou mal na lavoura... Como você ainda *non* tinha aparecido, *io* trouxe a janta. *Dopo* que comeram, o *signore* Antonio teve mais daquela dor no peito e, de repente, ficou muito pálido. Foi quando a patroa apareceu. Ela falou tanta coisa ruim...

— O que ela disse?

— Que você tinha se deitado com o filho dela. Que era uma *puttana* e... bem, que você tinha aceitado dinheiro para ir embora. Angelo ficou nervoso. Eles brigaram feio. E ela deu um prazo para sua família deixar a fazenda. *Dopo* que a patroa foi embora, a dor do seu *papà* piorou e o pior aconteceu.

Então, Cecilia compreendeu qual era o plano de Estela desde o começo: livrar-se da mulher que havia se colocado no caminho entre Francisco e uma esposa rica e, ao mesmo tempo, vingar-se dos familiares de Cecilia. A

primeira atitude motivada pela ganância e preconceito de classe; a segunda, impulsionada exclusivamente pela perversidade. Cecilia sentiu-se tonta, mas se manteve firme. Estela queria arruinar a reputação de Cecilia diante de seu pai e irmãos destruindo qualquer possibilidade de eles procurarem por ela. Essa era a garantia de que Cecilia seria separada definitivamente de todos que amava. Constatar esse fato provocou-lhe uma ebulição de sentimentos que gravitaram em torno da raiva, do desespero, mas, sobretudo, da vontade de revidar a injustiça sofrida. Estela não poderia ficar impune. Alguém precisava enfrentá-la de alguma forma e fazê-la pagar por sua crueldade.

Cecilia pensou em seu colar roubado e decidiu que, pelo menos, essa dívida ela poderia cobrar.

— Aquela *maledetta* vai devolver tudo que é *mio*. — Cecilia apertou a mão do pai morto e não tirou os olhos do seu rosto pálido ao dizer isso.

— Do que tá falando, Cecilia? — Giustina perguntou num tom cauteloso. Cecilia percebeu que ela a observava com uma expressão de dúvida. Como se tentasse decidir se Cecilia estava dizendo coisas sem sentido ou não.

— Do *mio* colar que ela roubou.

Apesar de Giustina desconhecer história da joia que Cecilia havia perdido quando chegou ao Brasil, ela ignorou mais explicações. Apenas se ergueu em um silêncio quase cerimonioso, enxugou as lágrimas com as costas das mãos e saiu de casa sem se importar com o protesto de Giustina que tentou impedi-la de deixar a colônia.



Capítulo

52

Cecilia ignorou os gritos de Giustina que soavam às suas costas. Movida pela raiva e pela dor que devorava seu coração como se fosse um animal dilacerando a carne fresca, Cecilia subiu as escadas do casarão.

Havia muitas acusações a serem feitas a Estela. Porém, a palavra que queimava na garganta de Cecilia era: assassina! Sim, esse era o termo correto para se referir àquela maldita mulher.

Entrou na casa pela porta principal. A sala estava vazia e silenciosa. Ainda era muito cedo e a movimentação de criados concentrava-se no piso inferior. Viu algumas marcas de botas no chão, provavelmente deixadas por Francisco que deveria estar no quarto dele naquele momento. Desprezou o pensamento. Sua intenção era encontrar Estela. E ela teria feito isso imediatamente se não fosse contida por uma voz masculina que ecoou atrás dela. Seu corpo gelou instintivamente. Virou-se e encarou Mathias, o homem que a havia entregado nas mãos de Otávio.

— O que está fazendo aqui, Cecilia?

— Surpreso? Achou que tinha se livrado de mim?

— Eu só estava cumprindo ordens. Já expliquei tudo para o patrão.

— Explicação *non* muda o que aconteceu.

— Eu sei, italiana. Estou arrependido do que eu fiz.

— *Io non* acredito! — Cecilia desejou esbofetear o encarregado. Machucá-lo fisicamente para que, de alguma forma, pudesse dar vasão, se não a toda, mas pelo menos a uma parte da raiva que queimava em seu peito. Contudo, faltavam-lhe forças para realizar tal ação. Além disso, a conversa a estava distraíndo do seu objetivo principal que era encontrar Estela, a maldita mulher que havia desgraçado sua vida.

No momento em que ela ia sair, no entanto, Francisco materializou-se na sala. Ao se deparar com Cecilia o semblante dele se iluminou, contudo, ao perceber que Mathias também estava ali, franziu a testa em desagrado.

— O que está acontecendo aqui? — Encarou o empregado com uma expressão séria. Mathias encolheu os ombros.

— Nada não, patrão.

Francisco olhou para Cecilia claramente em busca de uma confirmação para a afirmativa e ela assentiu concordando.

— Pode ir, Mathias.

— Sim, senhor.

— Foi isso mesmo que aconteceu? Quero dizer, ele a ofendeu de alguma forma? — perguntou em um tom gentil e cauteloso, embora parecesse agitado internamente.

— *Non*.

— Você veio falar comigo? Precisa de alguma coisa? — Francisco tentou abraçá-la, mas Cecilia esquivou-se deixando-o visivelmente apreensivo.

— *Io* quero falar com aquela *maledetta*.

— Com Estela? — Perguntou, surpreso.

— *Sì*.

— Meu amor, acredito que não seja o momento para isso.

— *Non* tem o direito de me impedir.

— É verdade, não tenho. Mas tenho a obrigação de proteger minha noiva. Mesmo que dela mesma — Francisco pareceu resolutos. Então, num tom mais suave, acrescentou — Você está abalada. Não vale a pena confrontar Estela nesse momento. Vai acabar se magoando ainda mais. Tudo a seu tempo. Infelizmente, agora, você precisa se concentrar no velório do seu pai.

Por alguns instantes, Cecilia pensou em ignorar a argumentação de Francisco e invadir o quarto de Estela, que, provavelmente, ainda estava dormindo. Queria xingá-la. Chamá-la de assassina. Sequestradora e mais um

milhão de coisas que estavam presas em sua garganta. Nada disso, entretanto, mudaria os fatos. Seu pai estava morto. Nenhuma discussão seria capaz de trazer o Sr. Antonio de volta. Além do mais, no fundo, Cecilia sabia que a verdadeira culpada pela morte não era Estela, mas a própria Cecilia. Se ela tivesse resistido ao amor de Francisco, toda aquela tragédia teria sido evitada. Por mais que não quisesse enxergar, a verdade era que, não poderia culpar Estela, sem, por tabela, acusar a si mesma.

— Deixe-me confortá-la de alguma maneira — Francisco tentou se aproximar trazendo-a de volta à realidade.

— Vou para *mia* casa. — Cecilia rejeitou o carinho.

Francisco segurou-a pelo braço impedindo-a de partir.

— Eu entendo sua mágoa. Mas, apesar de tudo, será que posso fazer algo para ajudar com o sepultamento?

— Um padre. Quero um padre para enterrar *mio papà*.

— Providenciarei. — Em seguida, acrescentou quase num tom de súplica — Meu amor, venha comigo. Permita-me cuidar um pouco de você.

— *Non* quero. Vou voltar para a colônia. *Mia* família precisa de mim. — Cecilia recusou em um tom seco. Depois, virou-se de costas e, sem olhar para trás, seguiu para junto dos seus.



Capítulo

53

Horas mais tarde, Cecilia seguia o cortejo para enterrar seu pai. Suas pernas moviam-se quase que involuntariamente, como se estivesse anestesiada participava dos acontecimentos sem assimilá-los em sua total realidade. Recebia os pêsames e balançava a cabeça em gratidão, porém, sequer ouvia o que seus amigos diziam. Estranhou a ausência de Eustaquio ao seu lado. O irmão mais novo preferiu aconchegar-se no ombro de Giustina para chorar. Ainda que um pouco ressentida, Cecilia aceitou a escolha. A verdade era que não estava em condições de consolar ninguém. Mal era capaz de lidar com os próprios sentimentos que variavam entre a tristeza e o ódio por Estela. Não viu Francisco, embora, no fundo, soubesse que ele acompanhava o cortejo à distância.

Quando voltou para casa, ao entardecer, Cecilia encarou o quarto vazio de seu pai e desabou. A ausência havia se tornado real e palpável depois do enterro. Refez-se, saiu do quarto e foi até a cozinha beber um copo de água.

Angelo estava sentado na cadeira onde o pai costumava se acomodar enquanto esperava a polenta ficar pronta. Ela tentou chegar perto do irmão, mas ele a afastou. Seus músculos estavam tensos sob a camisa. Sem levantar e sem se virar para ela, Angelo disse:

— Você tem que escolher: ou *noi* ou ele.

— *Io* sei. — Cecilia deixou as palavras saírem de sua boca como se fosse um suspiro de dor. Já esperava por esse ultimato. Em seguida, bebeu a água e atravessou a porta da cozinha saindo no pátio da colônia. Por quê? Por que ela era obrigada a escolher entre o amor de sua vida e seus irmãos? Por um segundo, pensou em voltar atrás. Não poderia. Seus irmãos eram a única família que lhe restava. Sentiu-se injustiçada pela vida. Tantas perdas e nenhum ganho.

Ajeitou o xale sobre a blusa preta protegendo o pescoço do vento frio da noite. Andou por alguns minutos e parou em um ponto que ficava entre a colônia e o pomar da fazenda. Sapos coaxavam a certa distância e ela se concentrou no som que associou com uma canção fúnebre de sua terra. A mesma que havia sido tocada na sanfona de seu pai no dia em que eles enterraram a mãe, D. Luigia.

O som de passos macerando o capim da relva tirou-a de seus pensamentos.

Francisco aproximou-se e abraçou-a.

Cecilia sentiu-se aquecida. De repente, o frio em seu coração tornou-se menos doloroso. Fechou os olhos por alguns instantes na tentativa de manter

aquela sensação de conforto em sua memória. Respirou fundo e precisou de todo autocontrole para não retribuir. Seu coração contraiu-se novamente e voltou a ficar tão pequeno e sem vida quanto uma fruta seca.

— O que foi, meu amor? — Francisco notou a indiferença. A tensão percorreu-lhe o corpo fazendo a veia em sua testa pulsar. Cecilia afastou-se alguns passos evitando prestar atenção no temor que percorreu o rosto dele.

— *Io non* posso ficar com você. *Non* depois do que houve.

— A culpa não foi sua. — Francisco tentou tocá-la, mas ela chegou para trás.

Cecilia teve vontade de desistir e esquecer que precisava se afastar dele. Amava-o demais e a separação a destruiria também. Levaria para longe um pedaço de seu coração e nunca mais o traria de volta. Mas, então, lembrou-se do ultimato que havia recebido. Angelo não lhe deixou escolha. Ficar com Francisco significaria perder o contato com sua família ou, pelo menos, o que restava dela. Cecilia não estava preparada para abrir mão deles. Com esforço quase sobre-humano, manteve-se impassível. E Ela, no entanto, seria capaz de viver com a própria infelicidade, porém, o inverso era impensável. Seus irmãos precisariam dela para reconstruir a vida. Cecilia não poderia se furtar dessa obrigação.

— *Non* vamos ficar juntos.

— Por quê?

— *Io non* posso suportar a ideia de que sua mãe matou o *mio* pai. Toda

vez que olhar para você, vou me lembrar que *mio* pai morreu por causa do *nostro amore*.

— Você está sendo injusta conosco, com o nosso amor. — Francisco, de repente, parecia atônito e sem chão. Virou-se de costas com as mãos na cabeça em sinal de desespero. Voltou-se novamente para ela. Uma sombra havia tomado sua fisionomia como se uma nuvem carregada de chuva pairasse sobre a cabeça dele. A testa vincada e a expressão de dor em seu semblante deixou tudo ainda mais difícil de suportar. Cecilia teve vontade de chorar. Em vez de fazer isso, no entanto, apenas declarou em um tom frio:

— *Io e mia* família vamos embora daqui.

— Você está sendo precipitada.

— Já está decidido.

— Entendo que esteja com raiva. Olha, amanhã mesmo vou mandar Estela embora daqui. Assim terá um tempo para pensar. Afinal de contas, você ainda está de luto.

— *Io non* vou esquecer o que aconteceu, nem que viva cem anos.

— Cecilia, por favor — Francisco tentou tocá-la novamente. Os olhos dele estavam suplicantes, mas ela os ignorou.

— *Non* encosta em mim — Repreendeu-o num tom áspero.

— Tem certeza de que quer acabar tudo?

— *Si*.

— Não posso obrigá-la a mudar sua decisão. Tudo que posso fazer é dizer que te amo. O que vivemos não é algo que eu possa apagar da noite para o dia. Sinceramente, depois de você, acho que não serei capaz de amar mais ninguém. — Francisco começou a se afastar, mas a voz de Cecilia o trouxe de volta.

— Quero *mio* colar de volta. Ele está com Otávio.

— Eu sei. Com essa tragédia, não tive tempo de contar que apurei toda a história... Isso não vem ao caso agora. A questão é que ele não vai aceitar desfazer o negócio... Ainda mais depois de tudo o que houve.

— Então, *io* quero o dinheiro.

— Cecilia, eu não tenho esse valor. Preciso de alguns dias para conseguir.

— Nesse caso, quero um adiantamento. Depois me manda o resto.

Francisco mostrou-se chocado. Ela, no entanto, manteve-se impassível e gelada como uma pedra. Por fim, parecendo bastante magoado e, de certa forma, traído, Francisco declarou:

— Tudo bem. Amanhã eu lhe entregarei uma parcela do valor.

— *Io* agradeço.

— Tem certeza de que é isso que quer?

— *Si*.

E Cecilia partiu para a colônia, arrastando a pior decisão da vida dela como uma sombra.



Capítulo

54

Francisco passou a madrugada em claro. Caminhou até a janela do quarto. O dia estava amanhecendo. Ainda não havia decidido o que faria. Precisava pensar em uma forma de conseguir o dinheiro exigido por Cecilia e, ao mesmo tempo, acertar as contas com o italiano Angelo. O contrato de trabalho precisava ser encerrado e o recibo da quitação do valor das passagens deveria ser entregue a ele. Outra preocupação era como a colônia reagiria à morte do Sr. Antonio. Haveria uma debandada dos imigrantes? Se isso acontecesse, Bela Vista estaria arruinada.

Francisco trocou de roupa, vestiu as botas de montaria, colocou o chapéu na cabeça e decidiu que precisava ir até o cafezal para se reunir com os imigrantes. Quanto mais protelasse o encontro, mais fofocas sobre o envolvimento dele com a família Agrizzi se propagaria o que poderia ter consequências desastrosas. Além disso, gostaria de convocá-los pessoalmente para receberem o primeiro pagamento, o que, certamente acalmaria os

ânimos.

Procurou Mathias para que o encarregado aprontasse tudo para acomodar os italianos no antigo escritório do coronel Dias.

— O senhor tem certeza de que vai até o cafezal sozinho?

— Algum problema?

— Depois do que houve, quero dizer, o problema com os Agrizzi... Tá certo que o italiano Antonio já chegou aqui meio doente. Mas o povo dele me pareceu revoltado... Encontrei com o tal Angelo ontem na venda. Ele tava bebendo além da conta e disse... — Mathias hesitou visivelmente embaraçado e um pouco temeroso.

— Desembucha logo, homem!

— Bem, ele disse que tinha vontade de matar o senhor.

— Acha que ele seria capaz de fazer isso?

— Aí, eu não sei... O italiano tava bêbado, mas nunca se sabe.

— Tomarei cuidado. De qualquer forma, duvido que ele estará na lavoura hoje. Devem estar se preparando para ir embora.

— A italiana Cecilia também vai deixar a fazenda?

— Acredito que isso não seja da sua conta.

— Tá certo, patrão. Desculpe a minha falta de jeito.

— Espero que não tenha se esquecido de que, agora, sou eu que mando na fazenda. Não quero que diga nada sobre meus assuntos a Estela. Se não eu o colocarei na rua. Estamos, entendidos? — O tom de voz de Francisco saiu mais duro do que gostaria. Acabou descontando no encarregado a aspereza que carregava dentro de si desde que Cecilia terminou com ele.

— Sim, patrão — Visivelmente assustado, Mathias baixou a cabeça em sinal de reverência.

— Só mais uma coisa. Você disse que o Sr. Antonio Agrizzi já estava doente?

— Bem, ele passou mal logo que chegou na fazenda. Ficou sem trabalhar alguns dias. Falei com D. Estela, mas por conta da festa de aniversário, ela não levou o assunto adiante. Depois o homem melhorou e eu mesmo esqueci a questão.

— É só isso, Mathias. Pode dar prosseguimento ao seu serviço. — Francisco deu as costas para o encarregado, montou no cavalo e partiu para o cafezal.

Havia vestígios de ferramentas nas proximidades de uma rua cujos pés de café ainda não haviam sido colhidos. Os frutos amarelos e vermelhos que se misturavam ao verde das folhas lembravam Francisco de que eles precisariam ser colhidos imediatamente, caso contrário apodreceriam. Ele desceu do cavalo e prendeu o animal em um toco de árvore.

Caminhou em direção às fileiras de café na tentativa de encontrar algum de seus colonos. Sentiu falta de ouvir a cantoria das italianas que costumavam embalar o trabalho com canções folclóricas da Itália. Apesar do silêncio, ele prosseguiu imaginando que a quietude era em função do luto. Enganou-se totalmente.

Algumas centenas de metros adiante encontrou os colonos aglomerados. Formavam um semicírculo ao entorno de um italiano que gesticulava e falava sem parar.

— *Io* vou embora dessa fazenda. E vocês deveriam fazer o mesmo. Tem terra para *noi* no Sul do Brasil. Lá vamos ser dono do *nostro* chão. Ninguém vai tratar a gente como escravo.

— Vocês nunca foram tratados dessa forma aqui, em Bela Vista, Angelo. Pelo menos, não por mim. — Francisco interrompeu o discurso inflamado do italiano surpreendendo-o com sua chegada. Um ligeiro burburinho se propagou entre os presentes, mas Francisco não se mostrou intimidado. Ao contrário, encarou seu adversário e esperou sua resposta.

— Ah, *non*, seu *maledetto*? Enganou *mia* irmã só para se deitar com ela. — As mãos de Angelo se fecharam em punhos na lateral do corpo. Seu rosto assumiu um tom de vermelho como se estivesse prestes a explodir.

— Nunca enganei Cecilia. Eu a amo e ia pedir a mão dela em casamento para o Sr. Antonio. — Francisco manteve o tom firme, mas esforçou-se para não parecer hostil como se provocasse uma briga. Com o canto dos olhos, no entanto, viu alguns três homens corpulentos se aproximarem de Angelo. Lembrou-se do aviso de Mathias. Haveria chance de ser atacado por quatro

homens? Arrependeu-se por estar sozinho e desarmado.

— *Non* fale o nome do *mio* pai, desgraçado — Angelo partiu para cima de Francisco, mas foi contido pelas figuras que haviam se aproximado dele.

— *Non* seja estúpido, Angelo — um deles falou.

— Não vim para brigar. Estou aqui apenas para informar que todos receberão a primeira parte do pagamento pela venda das sacas de café ainda hoje. Peço que me deem um voto de confiança. A colheita foi boa e ainda temos muito café para ser apanhado. Preciso de vocês.

— Mas *noi* também *queremo nostra* terra — um dos presentes se manifestou.

— Eu sei. Andei pensando a esse respeito e tenho uma proposta, que garanto, vai agradar a todos.

— Mentira! Ele tá tentando ganhar tempo. — Angelo bradou e balançou vigorosamente os braços na tentativa de se livrar das mãos que o detinham.

Francisco, por sua vez, ignorou a acusação e continuou.

— Quanto à sua família, Angelo, farei a suspensão do contrato. Vocês estão livres para partir quando desejarem.

— Vamos, assim que eu tiver com *mio* dinheiro. E a família de Giustina vai com *noi*.

Francisco assentiu. Já esperava que a noiva de Angelo e seus irmãos

fossem embora com os Agrizzi.

— Bem, se estamos de acordo, espero todos no casarão ao fim do dia para o acerto. Peço que voltem ao trabalho.

Um a um, os colonos retomaram as enxadas, peneiras e rastelos que estavam por ali, entre outras ferramentas utilizadas no cafezal.

Os rapazes que seguravam Angelo murmuraram alguma coisa com ele e o soltaram depois que o italiano garantiu que não faria nenhuma besteira.

Francisco esperou um pouco para se certificar de que não haveria mais nenhum tipo de incitação ao abandono da fazenda. Já estava prestes a ir embora quando Angelo o interpelou.

— Agora, somo só *noi due, maledetto* assassino.

— Essa é uma acusação injusta. Sabe que seu pai já estava doente. Aliás, Cecilia também sabia disso e, mesmo assim, terminou comigo.

— Aquela *puttana*. Mal o pai foi enterrado e já foi se esfregar com o amante — Angelo parecia prestes a perder o pouco controle que havia recuperado quando os amigos o libertaram. Com quatro passadas largas, Angelo se colocou perto de Francisco parando a apenas alguns centímetros de distância. Os dois se encararam bufando.

— Ficou surdo, italiano? Cecilia terminou comigo. E, por favor, não a ofenda. Não permitirei que isso se repita. — Os ânimos de Francisco também se exaltaram.

— *Io* falo do jeito que quiser.

— Não na minha frente.

— E vai fazer o que pra me impedir? — Sem esperar pela resposta, Angelo empurrou Francisco batendo as palmas da mão no peito dele com força suficiente para fazê-lo cambalear para trás e quase cair.

— Eu não quero brigar.

— Mas *io* quero.

Pego de surpresa, Francisco recebeu um soco no queixo. Seu ouvido zuniu com a força do impacto. O sangue escorreu pelo canto interno da boca. Ficou tonto por alguns segundos. Tempo suficiente para receber outro golpe. Esse, no estômago, deixou-o quase sem ar. Angelo era forte como um cavalo dando um coice. Precisava reagir, se levasse outra pancada na cabeça corria o risco de perder os sentidos.

Aprumou-se e conseguiu revidar.

— Então, sabe bater — Angelo cuspiu e sua saliva estava salpicada por pontos vermelhos. E partiu para cima de Francisco com o ódio renovado. Os dois caíram no chão e alternaram-se trocando murros. Depois de alguns minutos daquela briga, Francisco percebeu-se levando uma surra. Tinha que parar Angelo. Pensou em gritar por socorro, mas seu orgulho masculino o impediu. Em vez disso. Encheu a mão livre com um punhado de terra e o jogou em Angelo. O italiano berrou e Francisco conseguiu levantar.

— Vamos encerrar isso. — Francisco ofegou e apoiou as mãos na coxa em sinal de cansaço. Percebeu que a algazarra da briga havia atraído a atenção dos colonos. Respirou aliviado ao ver dois homens fortes a distância de alguns metros. Antes, porém que o pequeno grupo se aproximasse, Angelo se aprumou. Os olhos avermelhados pelos grãos de areia pareciam ligeiramente desfocados e ainda mais enfurecidos do que antes. Francisco arrependeu-se por não ter pedido ajuda. A expressão de Angelo sugeria que suas ações dali em diante poderiam ultrapassar os limites da luta corporal e rumar para um terreno perigoso.

— *Io* vou acabar com você, *maledetto*. — Angelo pegou uma foice que estava entre as ferramentas deixadas ali.

— Não precisa ser assim, italiano. — Francisco olhou ao entorno em busca de uma algo que pudesse ser usado para se defender. Mas não havia um único utensílio da lavoura perto dele. Nem mesmo um cabo de enxada.

— Isso é pelo *mio* pai. — Angelo avançou e desferiu um golpe com a lâmina da foice.

Por breves segundos Francisco não sentiu nada, além do choque. Ouviu vozes gritando o nome de Angelo e alguns apelos para que ele parasse. O que não aconteceu até que o metal frio da arma improvisada terminasse sua trajetória e estivesse banhada em sangue. Assim que o choque se desfez, a primeira sensação de Francisco foi de que seu peito havia se rasgado ao meio. Depois, veio a dor excruciante. Suas pernas ficaram sem forças. Ele caiu de joelhos e tombou para trás. Sua mente foi tomada por inúmeros pensamentos. Cogitou a hipótese de estar morrendo. Isso seria possível levando-se em conta o latejar vigoroso que começava no ombro e ia até a cintura. Levou a

mão até o corte. Parecia profundo. De repente, a luz do sol se tornou intensa demais. Sua cabeça doeu. A possibilidade da morte veio quase como uma certeza. Pensou em Deus. Embora não fosse um assíduo frequentador de igreja, sempre foi um homem de fé que acreditava na clemência do Pai. Pediu perdão por seus pecados, que eram muitos, ele admitia. E agradeceu por muitas coisas, especialmente por ter conhecido o amor. De todos os seus arrependimentos, o único em relação à Cecilia era não ter feito o certo desde o princípio. Se tivesse sido honesto consigo mesmo e acreditado na intensidade de seus sentimentos por ela, não teria se acovardado e começado um relacionamento escondido. Sim, esse era seu único pesar. Não se arrependia de tê-la desejado, de tê-la amado, lamentava-se por não ter admitido isso desde o princípio. Agora, estava à beira da morte e jamais veria o rosto dela novamente. Aliás, se tivesse direito a um último desejo seria esse: olhar para Cecilia uma última vez. Não apenas olhar, corrigiu-se. Beijá-la uma última vez. Sua visão ficou obscurecida, mas sua audição permaneceu intacta, o que lhe pareceu inapropriado já que estava perto do seu fim.

— Você ficou maluco?

— Tira a foice da mão dele!

— Angelo o que fez?

— Ele tá morto?

— *Non*, acho que ainda tá vivo.

As vozes ao redor de Francisco se multiplicavam e, às vezes, soavam como zumbido de abelhas. Ele não tinha a real noção da extensão do corte em

seu tórax. Porém, a dor e o sangue que encharcava sua camisa lhe davam uma única certeza: o ferimento era grave.

Perdeu os sentidos por algum tempo e foi trazido de volta à realidade dolorosa por mãos que o ergueram e o carregaram por vários metros até depositarem seu corpo flácido sobre uma superfície plana de madeira. O som de rodas se movendo indicaram que ele estava no carro de boi. Talvez a caminho de casa ou do céu. Mais provável, no entanto, que fosse direto para o purgatório, ou, quem sabe, para o inferno.



Capítulo

55

Na manhã seguinte ao enterro, Cecilia acordou na cama de seu pai. Havia se refugiado ali depois da briga com Francisco. Sentia-se frágil, mas, sobretudo, desprotegida. Sua vida havia se partido em mil pedaços. Há menos de uma semana tinha a promessa de um amor verdadeiro. Agora, não tinha nada. Como as coisas podiam ruir daquela forma tão rápida e inesperada? Parecia injusto. Sentou-se no colchão de palha e obrigou-se a ficar de pé. Embora soubesse que, metaforicamente falando, talvez nunca mais conseguisse se erguer novamente.

Foi até o pequeno baú que guardava as poucas mudas de roupa do Sr. Antonio e alguns objetos que ele havia trazido com ele da Itália, como a Bíblia que ele lia todas as noites antes de se deitar. Abriu-a e surpreendeu-se quando de dentro caiu uma folha dobrada em formato retangular. Pegou o papel já gasto pelo tempo e desdobrou-o. Era uma carta escrita há mais de quarenta anos. Seus olhos se encheram de lágrimas ao reconhecer a letra. Era

de sua mãe. Correu a ponta do dedo indicador pelas formas, miúdas e levemente arredondada, como se isso pudesse, de alguma forma, aproximá-la de D. Luigia.

Nunca havia visto aquela correspondência. Seu pai, provavelmente, escondeu depois da morte da mulher. Talvez não queria que fosse encontrada pelos filhos. Cecilia hesitou antes de decidir se leria ou não o texto. Embora quisesse muito fazê-lo, pareceu-lhe que isso seria uma invasão de privacidade. A necessidade de sentir-se conectada com sua mãe, no entanto, venceu a dúvida inicial.

Seu coração se contraiu dolorosamente ao começar. O texto datava de antes do casamento deles. Logo percebeu que não havia promessas de amor eterno, como imaginou inicialmente. Era uma mensagem de término de namoro. Embora D. Luigia reafirmasse sua paixão pelo pai de Cecilia, dizia que eles deveriam romper o relacionamento. Sem justificativas, ela terminava a pequena carta com um “adeus” e mais nada.

Muitas perguntas passaram pela cabeça de Cecilia. O motivo pelo qual seu pai havia guardado aquela lembrança. Ou, o que mudou depois daquela despedida já que eles ficaram juntos? Sabia que a mãe havia fugido para se casar. O que a encorajou, no entanto? O que deu a ela a certeza de que, se abandonasse sua família, seria feliz ao lado do pai de Cecilia? Será que, em nenhum momento sentiu-se culpada? Provavelmente ela nunca teria a resposta exata para seus questionamentos. Mas foi inevitável não comparar a situação com a que estava vivendo com Francisco. Cecilia desejou ter a determinação de sua mãe e ser capaz de largar tudo para viver seu amor. Talvez, com o tempo, da mesma forma como aconteceu no passado com D. Luigia, Angelo e Eustaquio aceitassem sua escolha.

Cecilia foi tirada de seus pensamentos pelos gritos vindos do pátio da colônia. Parecia a voz de Giustina. Cecilia ergueu-se sobressaltada.

— Cecilia! — Giustina entrou correndo na sala. Seu semblante parecia aterrorizado e sua voz tomada de pavor. Ela estava ofegante e pálida. As palavras começaram a sair de sua boca de maneira rápida e entrecortada como se fossem uma avalanche — Uma tragédia. O Angelo... Francisco... No cafezal... brigaram... Angelo *non* se controlou... Cortou Francisco com uma foice...

— O que você está dizendo? Francisco e Angelo? *Dio Santo!* Francisco está bem?

— *Non*. Ah, Cecília, ele tá morrendo.

Tomada por uma forte vertigem, Cecilia percebeu as pernas cederem como se fossem feitas de maria-mole. Agarrou-se a uma cadeira para não cair no chão.

— Onde Francisco está?

— Deve estar chegando no casarão.

Sem perguntar mais nada, Cecilia colocou-se em movimento. Correu até a casa e encontrou o carro de boi que trazia Francisco estacionando no pátio interno que dava para os fundos da construção. Foi até ele. Havia sangue por toda parte. Especialmente em sua camisa. Instintivamente, tocou o tecido manchado de vermelho escuro. A viscosidade do fluido corporal grudou-se em seus dedos espalhando um ondo de terror em Cecilia.

— *Amore mio* — As palavras saíram como um sussurro quase inaudível.

O rosto pálido de Francisco contorceu-se e seus olhos abriram-se por breves instantes. Tempo suficiente para que Cecilia tivesse esperança de que ele a reconhecesse. O que não aconteceu. Francisco voltou à inconsciência como quem anda em direção à morte.

Um solavanco em seu corpo trouxe-a de volta. Alguém a havia puxado para abrir espaço. Alguns homens tiraram o corpo de Francisco de cima do transporte e começaram a carregá-lo para dentro da casa. D. Joaquina apareceu em seguida. Falava e gesticulava, mas suas frases não passavam de ecos de palavras que Cecilia não era capaz de distinguir. Em seguida, viu-se levada para longe dali. Ela não queria. Desejava ficar ao lado de Francisco até o fim. E, se Deus tivesse misericórdia dela, esperava mais que isso. Esperava que Ele a aliviasse de seu sofrimento e a levasse também. Somente assim, a dor dilacerante que a consumia iria passar.

— Vamos embora daqui! — Giustina materializou-se ao lado de Cecilia e sacudiu-a vigorosamente puxando-a para a realidade.

— *Io non* quero.

— Eu vou cuidar dele. — D. Joaquina também apareceu ao lado de Cecilia. — Quando a patroa ficar sabendo o que aconteceu, ela vai querer matar seu irmão, italiana. — Cecilia surpreendeu-se com o fato de D. Joaquina já saber o que havia acontecido, mas não se preocupou em perguntar de que maneira isso aconteceu.

— Angelo precisa de você, Cecilia — Giustina suplicou.

Cecilia obrigou-se a pensar no que iria fazer. D. Joaquina estava certa. Estela ficaria enlouquecida de raiva e não hesitaria em se vingar da pior maneira possível. Precisava agir. Deveria esconder encontrar Angelo e providenciar para que ele ficasse escondido. Da mesma forma, precisaria proteger Eustaquio e Giustina.

— Cuide dele para mim, D. Joaquina.

— Vou fazer isso, italiana. Agora, vá embora.

Mesmo que seu coração quisesse ficar, Cecilia deixou Francisco e foi procurar o irmão no cafezal. Guiada pela cunhada, encontrou Angelo no mesmo lugar onde a briga havia acontecido.



Capítulo

56

— *Io non* queria matar ele — foi tudo que Angelo disse ao vê-la.

— Você tem que se esconder! — Cecilia obrigou Angelo a prestar atenção no que ela dizia. O choque o havia deixado desnortado.

— E onde *io* vou ficar?

— No mato. Por enquanto. Até pensar em alguma coisa. A patroa *non* pode te achar, Angelo. Você me entendeu?

Ele assentiu e fez o que Cecilia mandou. Embrenhou-se no meio da lavoura de café e desapareceu entre as folhas verdes que cobriam muitos hectares de terra.

Cecilia voltou para o casarão. Pensou que fosse acordar em algum momento. O que não aconteceu. Seu pai estava morto, seu irmão havia

acabado de cometer um crime e o homem que ela amava encontrava-se entre a vida e a morte. Era tudo verdade. Cada parte dolorosa do enredo era real e imutável.

Suas pernas moveram-se mecanicamente atravessando a estrada de terra até alcançar o pátio onde Francisco foi retirado do carro de boi. Havia marcas de sangue no piso de pedra. As manchas, de repente, pareceram um mau agouro. Ela tentou se livrar da sensação ruim que se intensificou dentro dela, mas foi impossível. O desespero havia se espalhado no ar e se misturado ao oxigênio de modo que a cada respiração ela tragava uma boa dose de pânico para dentro de si mesma.

— O que está fazendo aqui? — D. Joaquina espantou-se ao ver Cecilia atravessar a porta da cozinha. A cozinheira preparava uma infusão de ervas no fogão. Havia uma pilha de tecidos limpos sobre a enorme mesa de madeira, que, provavelmente, deveriam ser para os cuidados de Francisco.

— Como ele está?

— Italiana, eu já disse para ir embora. A patroa já tá sabendo que foi o seu irmão que atacou o filho dela.

— Eles brigaram... Angelo *non* queria matar Francisco.

— Se não queria, devia ter pensado antes de acertar o patrãozinho com uma foice. — D. Joaquina assumiu uma postura agressiva surpreendendo Cecilia.

— A senhora *non* conhece a história toda. *Mio* irmão *non* é um assassino.

A culpa disso tudo é daquela *maledetta*. Ela tentou me botar num navio de volta para a Itália. Queria me mandar embora daqui porque Francisco ia se casar comigo. Ela foi até *mia* casa e me xingou. Falou pro *mio* pai que *io* era uma *puttana*. O coração dele *non* aguentou....

D. Joaquina pareceu surpresa com a revelação. A raiva em rosto suavizou-se cedendo espaço para uma expressão de pesar.

— *Io* preciso ver *mio* Francisco.

— Se D. Estela te pegar aqui, nem sei o que pode acontecer.

— *Io non* me importo. Só quero ver o rosto dele. Nem que seja pela última vez. Onde ele está?

— No quarto dele. Mas você não vai conseguir entrar. A patroa tá lá dentro — D. Joaquina enfatizou o tom alarmado em sua última frase. O alerta, no entanto, soou distante. Cecilia já estava a caminho dos aposentos de Francisco.

Passou por D. Joana no corredor e recebeu um olhar que era um misto de censura e espanto. Cecilia ignorou solenemente a desaprovação implícita no semblante da arrumadeira e entrou no quarto de Francisco.

Ele estava deitado sobre a cama. Um lençol fino cobria seu corpo da altura dos quadris para baixo. O peito desnudo estava com uma coloração branca quase do mesmo tom das ataduras que foram colocadas para estancar o sangramento do corte transversal que pegava do ombro até a cintura dele. As faixas pareciam fazer um bom trabalho na contenção do sangue.

Cecilia conseguiu observá-lo em segredo por mais alguns instantes até ser descoberta por Estela.

— Mas o que você está fazendo aqui? — Uma centelha de ódio brilhou no rosto de Estela, que se levantou imediatamente da cadeira em que estava sentada. Parou a centímetros de Cecilia. O ódio entre elas, de repente, deixou a atmosfera carregada.

— Vim ver Francisco.

— Isso tudo é culpa sua, italiana dos infernos.

— *Mia* culpa? Se a senhora *non* tivesse matado o *mio* pai, nada disso teria acontecido.

— Ora veja só. Quem você acha que é para me acusar dessa forma? Seu pai sofria do coração. Não posso fazer nada se não suportou saber que a filha dele era uma vagabunda. Eu só estava defendendo minha família de gente da sua laia!

— O que a senhora chama de defender, *io* chamo de manipular, usar e oprimir.

— Como ousa! O que sabe sobre mim para fazer essa acusação?

— Sei o que Francisco me contou. Que sempre foi uma mulher cruel. Egoísta. Que nunca amou ninguém. Só a você mesma.

— Cale a boca!

— Mandou seu próprio *bambino* para um internato. Que tipo de mãe se livra do filho dessa maneira?

— Já mandei ficar calada!

— A verdade dói, *non*? — Cecilia não se deixou intimidar pela altura da voz de Estela e, muito menos, por seu tom agressivo.

— Saia daqui.

— *Non*!

— Já mandei sair. — Estela agarrou o braço de Cecilia e tentou empurrá-la para fora. Cecilia, no entanto, não permitiu a agressão. Sacudiu o corpo. Livrou-se da mão que tentava machucá-la e disse num tom de ameaça:

— *Non* encosta em mim.

— Pois muito bem. Você vai se arrepender por ter me desafiado.

Estela saiu do quarto e Cecilia sabia que quando ela voltasse, não estaria sozinha. Provavelmente traria empregados para arrancá-la dali à força. Ainda assim, não fugiu. Ao contrário. Ignorou a própria segurança, foi até Francisco e se ajoelhou ao lado dele.

— *Amore mio* — Cecilia acariciou-lhe o rosto com a ponta dos dedos. Percebeu que sua pele estava mais quente do que deveria.

— Cecilia — a voz dele soou como um ruído grave.

— *Io* estou aqui.

— Cecilia — ele repetiu parecendo não compreender o que se passava ao seu redor. Cecilia segurou a mão dele apertando-a para que ele sentisse a presença dela. O que se mostrou inútil.

— Por favor, fique vivo — Cecilia suplicou e beijou-lhe levemente os lábios. Foi nesse momento que Estela voltou.

— Tirem essa mulherzinha de perto do meu filho.

Dois empregados da fazenda, entre eles, Mathias, agarraram Cecilia pelo braço e a arrastaram para fora do quarto. Pararam na sala. Provavelmente aguardando novas ordens. Estela apareceu em seguida.

— Pra onde vamos levar a moça? — Mathias perguntou.

— Tranquem-na em algum lugar. Na tulha que serve de depósito para os grãos. Esperem! — Estela adiantou-se, parou em frente à Cecilia, ergueu o braço e deu-lhe uma bofetada no rosto. — Isso é somente o começo do que vai lhe acontecer. Não pense que vou ter algum tipo de clemência em relação à sua família. Tenho gente caçando o seu maldito irmão e logo a polícia vai estar aqui. Providenciarei para que ele seja trancado em uma cela até o fim da vida.

Cecilia se agitou, mas foi contida pelos dois homens que apertaram o braço dela com uma intensidade dolorosa.

— Mas eu não me preocuparia com ele nesse momento — Estela

prosseguiu de maneira desdenhosa. — Seu destino será pior. Vou dá-la de presente a Otávio, deixar que ele decida o que vai fazer com você. Quanto a seu irmão mais novo, Eustaquio o nome dele? Esse ficará sob minha tutela. Não será difícil conseguir algo assim na justiça. Farei da vida do garoto um inferno.

— Francisco *non* vai permitir.

— Isso é o que nós vamos ver. Ou você acha que ele ainda vai ficar com você depois que seu irmão tentou matá-lo? Levem-na daqui, agora.

Do alto da escada, com uma expressão de arrogância e desdém, Estela observou Cecilia ser carregada escada abaixo por seus capangas.

Cecilia esperneou. Gritou. Mas seus esforços foram inúteis. Mathias e o outro homem trancaram-na no interior da tulha mais distante do casarão. A única coisa que a confortou foi saber que Angelo estava fora do alcance de Estela. Eustaquio, no entanto, ainda estava desprotegido. Precisava alertar Giustina. Ela e o menino também deveriam ficar escondidos até que Francisco melhorasse... Ou não. Será que Estela havia mandado buscar um médico? De repente, a possibilidade de o ódio dela ser maior do que a vontade de salvar a vida de Francisco tomou a mente de Cecilia de assalto. Estela poderia deixar o próprio filho definhando por falta de um tratamento adequado somente para se vingar? Seria horrível demais. Até mesmo para alguém como Estela. Cecilia afastou o pensamento ruim da cabeça. Precisava de toda a clareza possível para decidir o que faria. A primeira providência era escapar do cativeiro. Não ficaria ali esperando para cair nas garras de Otávio outra vez. Forçou a porta atirando-se contra ela. Bateu com a lateral do braço na madeira maciça e a pancada reverberou pelo seu corpo. Seria impossível

arrombar a estrutura. Talvez se ela conseguisse algo para quebrar a madeira. Quem sabe um machado esquecido ali. Percorreu o ambiente olhando cuidadosamente entre os sacos de grãos que formavam diferentes pilhas. Nenhuma ferramenta. Precisava de outra alternativa. Quando pensou nisso ouviu o barulho de uma chave girar na fechadura. Pegou um pedaço de lenha que estava jogado e preparou-se para se defender e acertar quem quer que tentasse machucá-la.

— Abaixa isso, italiana. Eu não vou te fazer mal. — Mathias murmurou num tom baixo e seco. Parecia tenso.

— *Non* sei se posso confiar na sua palavra.

— Eu vim te libertar.

— Por quê?

— Porque num tá certo o que a patroa tá fazendo.

— Também era errado me levar daqui e me deixar naquela fazenda.

— Eu já me arrependi disso. — Ele se mostrou desconfortável. — Vai aceitar minha ajuda ou não? Se demorar a decidir, D. Estela vai acabar descobrindo que eu te ajudei a fugir. Olha, italiana, já fiz muita coisa errada nessa minha vida. Já vi muita violência acontecer nessa fazenda. Não quero somar mais um pecado à minha lista. Acredita em mim ou prefere ficar trancada?

— *Vá bene.*

— Não volte aqui pelo amor que tem à sua vida — Mathias alertou Cecilia enquanto atravessavam o pátio da casa em direção à colônia.

— *Non* posso fazer isso. Preciso ficar perto de Francisco. O *signore* tem que me ajudar.

— Já estou fazendo demais.

— Se quiser realmente se redimir dos seus pecados, tem que me ajudar, *signore* Mathias. — O encarregado hesitou, mas, por fim, acabou cedendo ao apelo.

— Fique escondida na colônia. Depois que o médico chegar e as coisas se acalmarem, eu te ajudo a entrar no casarão.

— *Grazie*.



Capítulo

57

Giustina tentava acalmar Eustaquio quando Cecilia entrou em casa. Aterrorizado, o menino voltou-se para Cecilia. Seu semblante estava carregado pela sombra do sofrimento precoce, como se ele tivesse envelhecido alguns anos em apenas dois dias. A imagem contrastava com o Eustaquio que se mostrava sempre alegre e cheio de energia. Cecilia estendeu os braços para o irmão na esperança de que ele houvesse superado a raiva que o distanciou dela nas últimas quarenta e oito horas.

Eustaquio hesitou por um momento, porém, cedeu a necessidade de ser amparado. Cecilia acolheu-o e, embora o mundo desmoronasse ao seu redor, ficou aliviada por perceber que o rancor dele havia desaparecido.

— O que vai acontecer com a gente? — A voz de Eustaquio tremeu ao fazer a pergunta.

— Ah, *bambino*, vai ficar tudo bem. Prometo que vou te proteger.

— Mas Angelo matou o *signore* Francisco.

— *Non* diga bobagem. Francisco vai sobreviver. — Apesar de não ter tanta certeza sobre isso, Cecilia mostrou confiança para acalmar o irmão. Trocou um olhar preocupado com Giustina que parecia esforçar-se bastante para não desabar. Depois, voltou-se para Eustaquio e, na tentativa de amenizar a atmosfera pesada que havia se instalado no ambiente, perguntou — Já comeu hoje? — Ele balançou a cabeça fazendo que não.

— *Io* acabei de fazer uma polenta, mas ele *non* quis. — Giustina informou.

— Por que *non* vai até a cozinha e faz um prato?

— Você *non* vem? — Os olhos desprotegidos fitaram-na ansiosos.

— Daqui a pouco.

Assim que Eustaquio se afastou, Cecilia e Giustina foram até o quarto.

— Onde tá o Angelo? *Mio* irmão disse que ele se meteu no mato. Ah, Cecilia, *io tô* com muito medo. — Giustina perguntou incapaz de esconder a aflição. Suas mãos tremiam sem parar.

— Ele está escondido porque tem gente procurando por ele e, logo, a polícia vai chegar.

— *Dio Santo*. O que vai ser de *noi*?

— Se Francisco *non* melhorar, vamos ter que fugir.

— Mas ele vai mesmo sobreviver?

— *Io* tenho fé que sim. Giustina, preste atenção. Eustaquio também está em perigo. Ele precisa ficar escondido na sua casa.

— E você, o que vai fazer?

— A *maledetta* pensa que *io* estou presa.

— Como assim?

— Ela mandou me trancarem na tulha onde ficam os grãos. Mathias me tirou de lá e vai me ajudar a ver Francisco depois que o médico cuidar dele.

— É arriscado.

— *Io* sei, mas amo aquele homem, Giustina. *Non* posso ficar longe dele agora.

— *Io* entendo. Também *non* vou abandonar *mio* Angelo.

— Cecilia, você *non* vem? — Eustaquio gritou da cozinha.

— Estamos indo, *bambino*.

— Vocês também precisam comer — Eustaquio ponderou assim que Giustina e Cecilia apareceram na cozinha. E apesar de sentir um nó ocupar boa parte de seu estômago, Cecilia obrigou-se a comer um pouco de polenta e uma grossa fatia de queijo. Precisava de energia para se manter firme e, dessa forma, ser capaz de cuidar de sua família. Insistiu para que Giustina fizesse o

mesmo.

Já era noite quando Mathias apareceu na colônia trazendo notícias do casarão. Cecilia tentava conter sua agonia rezando o rosário. Embora só repetisse a ladainha automaticamente sem, de fato, conseguir prestar muita atenção nas palavras, esperava que Deus escutasse sua prece.

— Como ele está? O que o médico disse? — Cecilia deu um pulo da cadeira ao ver Mathias atravessar a porta de sua casa.

— Calma, italiana. Não vai ser dessa vez que o Sr. Francisco vai passar dessa para uma melhor. Bem, pelo menos foi isso que o doutor falou.

— Mas ele só falou isso?

— Não, disse um monte de coisa que eu não entendi.

— O que o médico falou sobre o corte? Francisco perdeu muito sangue.

— Bom, parece que a foice não afundou muito na carne do Sr. Francisco. Ele está muito fraco por causa da sangueira toda que perdeu. Ah, ele falou também que ele não pode ter febre.

— Por quê?

— Acho que é por causa de infecção.

— Se der febre é porque o ferimento infeccionou. É isso.

— É, foi isso.

— Quero ir para o casarão.

— O pessoal que tá procurando o seu irmão ainda tá no mato, então, você pode ir. Já avisei pra D. Joaquina. Ela vai te ajudar.

O coração de Cecilia deveria estar leve quando ela atravessou a estrada que conduzia até a casa. Mas, apesar de as notícias trazidas por Mathias terem sido animadoras, ainda se sentia inquieta. Enquanto não visse Francisco, continuaria com aquela sensação de morte iminente dentro de si.

— Entra logo. — D. Joaquina gesticulou com a mão apressando Cecilia enquanto ela se aproximava da porta dos fundos.

— É verdade, D. Joaquina? Ele vai ficar bem, mesmo? — com a respiração entrecortada, Cecilia perguntou ao se abrigar em um canto mais escuro da cozinha.

— Com a graça de Deus, sim. Mas a ferida não pode infeccionar.

— Preciso ver Francisco — Cecilia declarou num tom de urgência.

— A patroa tá lá no quarto agora, mas de madrugada, eu vou cuidar dele. Você pode vir comigo.

Era pouco menos de meia-noite quando Estela deixou Francisco sob os cuidados de D. Joaquina. Passou uma extensa lista de recomendações. Embora parecesse abalada pela fragilidade da saúde de Francisco, sua arrogância permanecia intacta. Igualmente inalterado estava o desejo de se vingar de Angelo. Escondida no corredor, Cecilia ouviu Estela reclamar da

incompetência dos empregados em encontrar o “*italiano desgraçado*”.

— Pode vir. — D. Joaquina chamou Cecilia depois de se certificar que a patroa já havia pegado no sono. Cecilia entrou nos aposentos de Francisco sem produzir um único ruído. Porém, foi traída por sua expressão de espanto:

— Virgem Santa!

— *Shhhhh!* — D. Joaquina advertiu-a.

Cecilia aproximou-se de Francisco e sentou ao seu lado. Sua respiração parecia fraca, quase imperceptível. Seu rosto ainda pálido, talvez mais do que antes, estava inexpressivo, como se restasse pouco mais que um fio de vida mantendo a pulsação em suas veias.

— Me perdoa, *amore mio* — Lágrimas brotaram em seus olhos enquanto se abaixou para beijar a testa dele. Seus lábios tocaram a pele de Francisco e, no mesmo instante, Cecilia notou que havia algo errado na quantidade de calor que emanava do corpo dele. Tocou-lhe com as costas da mão para ter certeza de sua suspeita. Sim, ele estava com febre.

— O que foi? — D. Joaquina percebeu a aflição tomar o semblante de Cecilia.

— Ele tá quente.

— Será possível? D. Estela não disse nada.

— Acho que ela *non* percebeu.

— Você tem razão, italiana — D. Joaquina constatou ao tocar em vários pontos do corpo de Francisco. — Ele está ardendo em febre. Tenho que chamar a mãe dele.

— *Non! Io* vou cuidar dele — Cecilia segurou no braço de D. Joaquina impedindo-a de sair do quarto.

— Não seja tola. Tenho que chamar D. Estela. Ela vai saber dar o remédio certo que o médico mandou.

Cecilia irritou-se com a sugestão. Estela havia acabado de deixar o posto de cuidadora de Francisco e sequer havia notado que o filho estava ardendo em febre. O que expunha uma grande inabilidade em cuidar de um doente. Conferir a temperatura de alguém naquelas condições era o básico a ser feito, sobretudo, após as recomendações médicas acerca desse cuidado. A raiva de Cecilia aumentou e ela mesma desejou ir até o quarto de Estela, acordá-la e arrastá-la até ali para que visse o quanto havia sido negligente. Se ela estivesse menos preocupada com sua vingança e mais atenta às alterações do corpo de Francisco, teria notado a febre se aproximando de maneira traiçoeira. Cecilia inspirou fundo para se acalmar. Uma cena daquelas só pioraria a situação dela e de Francisco. Aprumou-se e dirigiu-se a D. Joaquina num tom sério e resolutivo.

— *Io* vou cuidar melhor de Francisco do que ela. Já curei muitas doenças do *mio* irmão.

— Mandando ele mijar em baldes e colocar o pé de molho? — D. Joaquina pareceu cética em relação às habilidades de Cecilia.

— Também. Mas *io* conheço as plantas e sei o que fazer quando um corte começa a inflamar.

— Se alguma coisa acontecer, sabe que a culpa vai ser sua, não é?

— *Sì, io* sei.

— Que a Virgem Santíssima nos ajude, então.



Capítulo

58

Nos dias que sucederam a madrugada em que Francisco ardeu em febre, Cecilia dividiu-se entre cuidar dele e driblar Estela. Administrou chás, infusões e aplicou raízes maceradas no ferimento seguindo um rígido esquema de cura estabelecido pelo conhecimento centenário de sua família. Para que tudo ocorresse de maneira perfeita, contou com o companheirismo de D. Joaquina que se rendeu à sabedoria empírica demonstrada por Cecilia. Quanto à Estela, embora alardeasse que seu sofrimento era imensurável, pouco demonstrava esse sentimento ao lado do filho. Em vez de prostrar-se ao pé de sua cama como faria todas as mães que Cecilia conhecia, ela preferiu fracionar o seu tempo entre algumas horas nos aposentos de Francisco e outras tantas percorrendo a fazenda a cavalo, na companhia de seus capangas e de dois policiais, em busca de Angelo. Atitude que, de certa forma, facilitou a vida de Cecilia. Ela conseguiu passar mais tempo no quarto de Francisco. E foi em um desses momentos em que estava sozinha no cômodo, que lhe ocorreu uma hipótese que poderia impedir o irmão de ser

capturado. No mesmo instante em que teve a ideia, no entanto, sentiu-se maculada pelo próprio plano.

Cecilia olhou para Francisco. O rosto dele estava um pouco menos pálido do que nos dias anteriores, porém, a febre ainda persistia como uma ameaça constante. Aproximou-se da cama e, com o coração dividido entre culpa e resignação, pediu desculpas pelo que faria a seguir. Não havia outra alternativa, além daquela para salvar Angelo. Foi até a escrivaninha, onde vários objetos estavam dispostos, entre eles, dois livros, folhas de anotações pessoais e uma caneta tinteiro. Abriu uma gaveta e encontrou o que procurava: a carteira de Francisco. Com as mãos trêmulas, abriu-a e pegou todo o dinheiro que havia ali. Em seguida, guardou-a novamente e saiu do quarto.

Com a ajuda dos amigos, Cecilia conseguiu localizar o esconderijo de Angelo no cafezal. Encontrou-o com uma aparência suja e maltrapilha. Estava faminto. Deu-lhe um pão recheado com linguiça, pedaços de queijo e vinho que havia conseguido pegar da cozinha do casarão.

Angelo devorou a comida emitindo apenas alguns grunhidos. Cecilia observou-o fazendo um inventário silencioso. O abalo físico e emocional era visível em sua testa vincada, nas unhas sujas de terra, no rosto endurecido e na musculatura tensa e em constante alerta. Depois que ele acabou de se alimentar, Angelo perguntou por Francisco.

— Ele vai viver.

— *Io non* queria que ele morresse. Acabei com a *nostra* vida, *non* foi?

— *Sì* — Cecilia respondeu simplesmente. Estava com os nervos em frangalhos e cansada demais para se expressar de outra forma, com uma palavra menos fatalista. A verdade era aquela. Angelo seria um criminoso foragido da polícia e, provavelmente, nunca se casaria com Giustina. O sonho dele de “*fazer a América*” havia acabado no momento em que desferiu o golpe de foice em Francisco.

— A *polizia* tá me procurando... Com dois cachorros. Quase me pegaram ontem.

— *Io* sei. Por isso estou aqui. Trouxe um dinheiro. — Cecilia retirou um maço de notas do bolso da saia.

— Onde conseguiu isso?

— Roubei de Francisco. Era o único jeito.

Angelo pegou a quantia da mão de Cecilia. Não era preciso maiores explicações. Ele sabia que deveria usar o dinheiro para fugir.

— Fala para Giustina que a gente ainda vai se casar um dia.

Cecilia assentiu, embora não acreditasse que aquilo aconteceria.

— *Addio*, Angelo. — Por vários instantes, eles se abraçaram em silêncio. Foi um adeus doloroso que se somava ao vazio deixado pela ausência de seu pai.

Dois dias depois de se despedir do seu irmão mais velho, o pesar de Cecilia diminuiu um pouco com os sinais claros da melhora de Francisco. A

febre havia desaparecido nas últimas vinte e quatro horas, mas foi apenas no meio da tarde do segundo dia de melhora que Francisco ficou consciente por completo.

Cecilia recebeu a notícia por meio de D. Joaquina, já que, naquele momento, Estela estava no quarto com o filho.

— Ele acordou! — D. Joaquina declarou ao entrar no esconderijo de Cecilia, que ficava nas proximidades da cozinha. Evidentemente, não era a primeira vez que ele acordava durante todo o tempo em que esteve febril. Antes, porém, Francisco mostrava-se confuso e alheio ao que acontecia ao seu redor. Cecilia levou a mão ao peito e sussurrou uma curta oração em agradecimento.

— Como ele está?

— Tá um pouco perdido. Perguntou o que aconteceu com ele.

— O que a mãe dele disse?

— Que seu irmão tentou matar ele... e, que, bem... que os italianos deixaram ele no cafezal pra morrer...

— Isso é mentira!

— Eu sei... Quando ela sair de lá, você entra e conta a verdade pra ele.

— Será que Francisco vai querer me ouvir?

— Isso eu não sei, mas você tem que tentar. Bem, a patroa me mandou

fazer uma canja de galinha e levar para o menino Francisco. Mais tarde eu volto.

Muitas horas se passaram até que D. Joaquina voltasse para falar novamente com Cecília. A noite já se aproximava da madrugada quando ela apareceu para dizer que Estela havia se recolhido em seus aposentos.

Cecília caminhou lentamente até o quarto de Francisco. Embora ansiasse por aquele momento nos últimos dias, sobretudo, na última hora quando soube que ele estava consciente, ela temeu o que viria a seguir.

Da última vez em que estiveram juntos, Cecília havia partido o coração de Francisco em mil pedaços. Fria e irredutível, ela havia olhado dentro dos olhos dele e afirmado que o amor dos dois não era maior do que o rancor remanescente da morte do Sr. Antonio. Como se arrependia... Seu amor por Francisco sempre foi maior do que qualquer ódio, mas precisou dizer exatamente o contrário por exigência de Angelo que a mandou escolher entre Francisco e a família. Diria isso a ele. Porém, não havia garantias de que ele acreditaria nela. Poderia expulsá-la do quarto no momento em que a visse. Não sabia exatamente que tipo de mentiras Estela havia contado sobre o tempo em que ele esteve inconsciente. Por outro lado, Francisco conhecia muito bem o caráter de sua mãe para acreditar piamente em suas palavras.

Cecília parou a alguns passos do quarto de Francisco. A porta estava entreaberta. A chama bruxuleante de uma lamparina iluminava parcamente o cômodo. Ela hesitou. Deu um passo para trás. Voltou às suas ponderações mentais. Ele também poderia pensar que ela o estava procurando apenas por interesse, para pedir clemência e livrar Angelo da acusação de uma tentativa de assassinato. Sim, ele poderia supor isso. Mas precisava enfrentar o

juízo dele. Saber qual seria a reação de Francisco ao vê-la era melhor do que a hesitação que a consumia por dentro. Qualquer que fosse o veredito de Francisco, precisava enfrentá-lo de uma vez por todas.

Entrou no quarto e fechou a porta atrás de si.

Francisco estava virado para o lado oposto da porta. Cecilia pensou que estivesse dormindo, mas, então, ele virou-se lentamente na direção dela.

— Cecilia? O que está fazendo aqui?



Capítulo

59

Cecilia quis dizer primeiro que o amava. Mas, em vez disso, respondeu que estava ali porque precisava vê-lo. Pediu mentalmente para que ele não a mandasse embora sem ouvir tudo o que ela tinha para dizer.

— Achei que tivesse ido embora — ele disse, finalmente, depois do que pareceu uma eternidade para Cecilia.

— Por que pensaria isso?

— Estela me disse.

— E acredita em tudo que ela diz?

— Não, mas como você mesma havia dito que me abandonaria, então, pensei que, talvez, tivesse mesmo partido.

Cecilia se aproximou de Francisco. O subir e descer da respiração dele era constante, porém, seu rosto se mostrava ansioso e ligeiramente agitado.

— Fui uma estúpida em terminar com você.

— Eu sei. — Ele riu sem humor. — Mas por que fez aquilo? E não adianta dizer que o nosso amor não era suficiente, porque sei que era. Você passou pelo inferno com Otávio e, em nenhum momento, pensou em me culpar por isso.

— Angelo me mandou escolher... Entre você e a *nostra* família.

— E você escolheu eles...

— *Sì*, porque *io non* merecia ser feliz. *Non* ia conseguir viver sabendo que fui culpada pela infelicidade dos meus irmãos.

— E agora, voltou por remorso? Se foi por isso, não precisa se preocupar. Estou vivo e pretendo continuar assim por muitos anos. — Francisco fitou-a, duas manchas escuras circundavam seus olhos que estavam pesados pela fraqueza. Entretanto, esforçava-se para manter sua expressão ativa, provavelmente protegendo seu orgulho ferido. Cecilia pensou que talvez ele não fosse capaz de perdoá-la, ainda que ela o convencesse da verdade.

— *Non* estou aqui por pena.

— O que é, então?

— Estou aqui porque *io* te amo. Porque quando eu te vi no carro de boi e achei que você fosse morrer, desejei estar no seu lugar. Porque o amor que

tenho por você é maior do que qualquer coisa. *Io* me arrisquei para cuidar de você. Sua *maledetta* mãe me trancou em uma tulha e disse que ia me dar de presente para Otávio. E *io* cheguei a achar que merecia mesmo isso... — A voz de Cecilia quis falhar, mas ela continuou. — Mesmo assim, *io non* fui embora. Cuidei de você todas as madrugadas. E estou aqui para... bem, para perguntar se me perdoa... E... se ainda quer ficar comigo, mesmo depois de tudo o que Angelo fez.

— Por Deus, Cecilia, eu só precisava ouvir que ficou porque me amava. Achei que estivesse aqui pela culpa ou para pedir clemência por seu irmão. — A expressão dele se alterou iluminando-se por um sorriso terno e apaixonado que surgiu em lugar da carranca de mágoa. — Eu não posso ir até você, então, por piedade, acabe logo com meu sofrimento e venha me beijar.

Cecilia fez o que ele pediu. Seu coração parecia prestes a sucumbir de felicidade.

— Senti tanto a sua falta — Francisco tocou-lhe o rosto acariciando-o demoradamente.

— *Io* sei.

— Como assim, sabe?

— Chamou *mio* nome enquanto delirava em febre.

— Chamei, é? Aliás, você mencionou que Estela a prendeu em uma tulha? Como conseguiu escapar?

— O *signore* Mathias me ajudou.

— É mesmo?

— *Sì*. Parece que sentiu remorso por tudo que fez comigo.

— É bom que tenha sentido mesmo. Como conseguiu cuidar de mim todo esse tempo? Quero dizer, Estela disse que ficava vinte e quatro horas ao meu lado... Embora eu não tenha acreditado em tamanho zelo...

— D. Joaquina me ajudou. E, bem, sua mãe também contribuiu muito. Passou mais tempo caçando o *mio* irmão do que cuidando do filho... — Cecilia não escondeu o tom de reprovação.

— Já que voltamos a falar de Angelo, eu me lembro que nós discutimos e brigamos feio. Recordo da foice e, depois, tudo desapareceu da minha memória, exceto por algumas imagens distorcidas e de vozes indistintas, não me lembro de mais nada.

— O pessoal da colônia te trouxe para o casarão em um carro de boi.

— E o seu irmão?

— *Io* mandei Angelo se esconder — Cecilia engoliu em seco. Teve medo de que Francisco a rejeitasse depois de saber que ela acobertou o crime cometido pelo irmão. — *Dopo, io* consegui um dinheiro para ele fugir da fazenda.

— Conseguiu? Como?

— Roubei.

— De quem?

— De você. Peguei ali. — Envergonhada, Cecilia apontou para a escrivaninha onde havia encontrado a carteira de Francisco. — Sinto muito.

— Imagino que sim — Os músculos que antes envolviam Cecilia em um abraço suave e gentil, tornaram-se tensos.

— Você está arrependido de ter me perdoado?

— Não. Só estou com muita raiva.

— De Angelo?

— Sim, Cecilia. Ele é seu irmão, mas não vou esquecer o que me fez. Da mesma forma que eu sei que sempre lembrará o mal que Estela causou a você e sua família.

— Você vai mandar a polícia ir atrás dele?

— Ainda não pensei a respeito. Mas existe uma chance real de eu colocar seu irmão na cadeia por tentativa de assassinato. Nosso amor poderá sobreviver a isso?

— *Non* ficarei feliz em ver *mio* irmão preso, mas também *non* poderei te culpar por isso. Só peço que ele seja julgado com justiça.

— Quanto a isso, fique tranquila. Você sabe que sou um homem justo.

— *Sì, io sei.*

— Agora, vem aqui. Deita comigo.

Francisco abriu o braço estendendo-o sobre o colchão. Em seguida, meneou com a cabeça para o ombro que não estava ferido. Cecilia se aconchegou e, lentamente, permitiu que seu corpo relaxasse. Os dois ficaram em silêncio por vários minutos. Cecilia concentrou-se nos batimentos cardíacos de Francisco. Um som rítmico e constante que lhe trouxe uma sensação de segurança e paz.

— Em que está pensando? — Francisco rompeu a quietude depois de algum tempo.

— Em nada. E você?

— Prometa que não vai rir se eu disser.

— *Vá bene. Io prometo.*

— Estou pensando que a cabeça do homem funciona de baixo para cima. Eu estou com o peito rasgado do ombro até a cintura. E, mesmo assim, necessito de todo meu autocontrole para não arrancar sua roupa e fazer amor com você nesse exato momento. E só não faço isso porque acho que poderia não sobreviver ao término do ato. — Cecilia riu. Ele a repreendeu. — Quebrando sua promessa? Não deveria rir do seu futuro marido, é uma grande falta de respeito. — Ela o ignorou e continuou achando graça.

— *Mia nonna* dizia que um homem só rejeita uma *donna* quando acha que

vai morrer se se deitar com ela.

— Sua avó era uma verdadeira sábia, Cecília. — Francisco riu e soltou um leve gemido.

— O que foi?

— O ferimento dói quando me mexo muito.

— Então, fique quieto e tente dormir. Precisa descansar.

— Dormir parece uma perda de tempo com você ao meu lado.

— Se quiser, posso ir embora.

— Não, por favor, fique.

— Então, descanse.

— *Sì, amore* — Francisco respondeu carregando em um sotaque italiano arrastado.

Pouco depois, eles adormeceram ao mesmo tempo. Não se deram conta de que havia amanhecido até escutarem vozes vinda do corredor.

Cecília levantou-se num sobressalto.

— *Dio Santo!*

— Ei, onde você está indo? — Francisco puxou-a novamente para junto

dele.

— Tem gente vindo.

— E?

— Podem me ver aqui.

— Que vejam. Eu não tenho nada a esconder. Você vai ser minha mulher. Não me importo com que vão pensar.

— Mas a voz é da sua mãe. — Cecilia ficou tensa. — *Non* sei se consigo olhar para ela e *non* dizer tudo que está engasgado na *mia* garganta.

— Tente ficar calma. Está mais do que na hora de Estela aceitar sua presença nessa casa.

Nesse momento a porta se abriu. Estela estava acompanhada de um policial. Distraída com a conversa, não percebeu de pronto a presença de Cecilia no quarto.

— Como eu ia dizendo, meu filho foi emboscado pelo tal italiano. O senhor poderá confirmar isso no depoimento... Mas o que você está fazendo aqui? — Estela interrompeu bruscamente sua conversa com o homem fardado e ficou lívida ao ver Cecilia sentada ao lado da cama de Francisco. O rosto dela contorceu-se transformando-se em uma máscara de fúria. Seus olhos se estreitaram encarando Cecilia como se quisesse fulminá-la com a força do seu ódio.

— Talvez seja melhor voltar mais tarde — o policial sugeriu depois de

fitar a cena de maneira especulativo.

— De modo algum. Essa italiana, delegado, é a irmã do tal sujeito que tentou matar meu filho. Ela deve estar acobertando o irmão assassino. — Claramente confuso, o homem voltou para Cecília e depois, para Francisco.

— Essa italiana, Estela, tem nome. Chama-se Cecília. E não é uma qualquer, senhor delegado. Trata-se da minha noiva. — Com alguma dificuldade, Francisco sentou-se recostado na cama. Cecília o ajudou. Depois de se acomodar, Francisco segurou-lhe a mão entrelaçando seus dedos com os dela.

— Mas? — O policial não foi capaz de esconder sua falta de entendimento, contudo, foi prontamente ignorado por uma explosão de raiva vinda de Estela.

— Você perdeu o juízo, Francisco? Como pôde cair na conversa dessa... dessa... italiana. Ela só está aqui para convencê-lo a livrar o irmão dela da cadeia. É uma interesseira. — Cecília se empertigou. Não tinha certeza se era capaz de continuar calada diante de tantos desaforos.

— Como já disse, Cecília é minha noiva e exijo que a respeite como tal.

— Ora, faça-me o favor. Não seja estúpido! Essa italiana não está à altura de nossa família. Não passa de uma imigrante imunda que quer dar o golpe em um fazendeiro rico.

— *Io* dei um golpe? — Cecília soltou a mão de Francisco e ergueu-se da cadeira. — Você roubou *mio* colar para pagar as dívidas da fazenda e me

acusa de ser interesseira?

— Houve um roubo também? — O policial perguntou alarmado, mas Cecília e Estela sequer viraram-se para dar atenção ao que ele disse.

— Você me acusa, mas não tem provas.

— Aí é que você se engana, Estela. Nós podemos provar tudo o que você fez contra Cecília. O roubo e, até mesmo, o sequestro — Francisco surpreendeu-as ao se meter na discussão. Estela encarou-o como se não acreditasse que as palavras haviam saído da boca dele.

Cecília também o fitou, incrédula. Havia um policial no cômodo. Então, Francisco estava disposto a entregar a própria mãe em nome da justiça e do amor. Subitamente, sentiu-se envergonhada. Ela não teve a coragem de fazer o mesmo por ele. Ao contrário, ajudou Angelo a escapar, mesmo sabendo que ele era culpado de tentar matar Francisco. Ainda que Estela e Angelo fossem pessoas de caráter distinto, isso não mudava o fato de que ambos cometeram erros graves que trouxeram consequências desastrosas.

O delegado pigarreou chamando a atenção para sua presença no quarto. Pareceu um pouco hesitante.

— Sr. Francisco, essas acusações, roubo e sequestro são graves. Tem certeza de que a senhora sua mãe seria capaz de tais atos?

— Sim, eu tenho. E, se minha noiva, Cecília Agrizzi, desejar prestar queixa, gostaria que o senhor a ouvisse.

— Senhorita?

Aquele era o momento. Cecilia olhou para Francisco e depois para Estela. Sim, ela merecia pagar por todo o mal que havia causado. Mas será que o desgaste valeria a pena? Por mais que Estela fosse uma megera, ainda assim, era mãe de Francisco. E um filho testemunhar contra a mãe em um tribunal seria motivo de escândalo. Embora, as convenções sociais estivessem distantes do mundo de Cecilia, elas não estavam longe do meio em que Francisco frequentava. Seria desgastante para ele e mancharia seu nome de maneira irreversível. A briga entre Cecilia e Estela acabaria se tornando uma guerra sem fim. Talvez fosse melhor acabar com aquilo de uma vez.

— Senhorita, quer prestar um depoimento? — o delegado insistiu.

— *Non.*

— Tem certeza, Cecilia? — Francisco mostrou-se surpreso. Seu estranhamento, entretanto, não se comparava ao choque estampado no rosto de Estela.

— *Sì.*

— Quanto ao senhor — o policial voltou-se para Francisco —, fui informado de que sofreu uma tentativa de homicídio. Gostaria de tomar sua declaração.

— A informação é improcedente, delegado. Tudo não passou de uma briga com nervos exaltados.

— Mas o italiano o feriu.

— Sim. Contudo, não quero prestar queixa contra ele.

— Se é assim, vejo que desperdicei o meu tempo e dos meus homens em uma caçada inútil — O delegado estava visivelmente contrariado.

— Peço que me perdoe por esse contratempo. Assim que me recuperar, irei até a delegacia e conversaremos sobre uma maneira de recompensá-lo quanto ao tempo perdido.

— Eu o acompanharei até a porta — Estela apressou-se em dizer.

— Imagino que sim, senhora. — O delegado imprimiu uma leve ironia em seu tom. Provavelmente, compreendeu o que havia se passado. Cecilia desistiu de acusar a futura sogra e, em retribuição, Francisco omitiu-se de prestar queixa contra o futuro cunhado.

— *Non* precisava ter feito isso — Cecilia virou-se para Francisco depois que ficaram sozinhos.

— Você também poderia ter acusado Estela, no entanto, não o fez. Imagino que tenha tomado essa decisão por mim. Tudo o que fiz foi retribuir o gesto de amor. Para dizer a verdade, sinto-me mais leve agora. Como se tivéssemos zerado tudo. Acho que agora seremos capazes de começar uma nova vida em paz. O que me diz?

— Leu meus pensamentos.



Capítulo

60

Francisco recuperou-se e, quatro semanas após a visita do delegado, preparava-se para encerrar a última contenda antes de seu casamento: a mudança de Estela para Vitória. Naquele momento, as malas dela acumulavam-se na sala principal do casarão. Francisco e Cecília evitavam o espaço, pois, Estela havia se prostrado ali como se estivesse prestes a ser enviada ao purgatório. Francisco, no entanto, sabia que a encenação dramática tinha o objetivo de despertar-lhe um sentimento de culpa. Atitude que, obviamente, mostrou-se infrutífera.

— Lembre-se de que deve depositar meu espólio todos os meses. — Estela declarou depois de colocar o chapéu violeta sobre a cabeça. Sua bagagem já estava devidamente alocada no transporte e ela se preparava para, finalmente, deixar a fazenda.

— Não se preocupe, o valor será depositado. Espero também que tenha se lembrado de deixar as peças que combinamos para que sejam vendidas.

— Sinto-me roubada pelo meu próprio filho. As joias que pretende vender são bens de família.

— O colar de Cecilia também era e a senhora não hesitou antes de se desfazer dele.

— Não. E faria tudo de novo se fosse preciso. De qualquer forma, o dinheiro fica como dote pelo casamento de vocês. Aliás, não se deem ao trabalho de me enviar convite. Eu não comparecerei. — Estela encarou Cecilia com uma expressão de desafio. Cecilia, por sua vez, não pareceu intimidada. Ergueu o queixo e devolveu com a mesma postura provocativa.

— Fique tranquila, D. Estela, *non* estava em meus planos enviar um convite para a senhora, de qualquer forma. — Francisco ocultou um sorriso. Gostava de saber que Cecilia, aos poucos, assumia seu lugar na vida dele, mas, sobretudo naquela família. Estela engoliu em seco.

— Vejo que já está colocando as unhas de fora, italiana. Felizmente, serei poupada de conviver com você e sua gente. — Estela virou-se e desceu as escadas do casarão deixando manifesto seu desejo de nunca mais voltar à fazenda Bela Vista.

Francisco sentiu-se libertado de uma carga de uma tonelada ao observar Estela dobrar a última curva da estrada.

— Aliviada? — Ele voltou-se para Cecilia.

— Muito.

— Quanto àquela questão do dote que Estela mencionou há pouco, sabe que isso não passou pela minha cabeça, certo?

— Claro, *amore*.

— Pois bem, andei pensando que deveria, de certa forma, compensar sua perda. Para isso quero passar o valor em terras correspondente à joia para o seu nome. O que acha?

— *Non* sei o que dizer.

— Por favor, aceite minha oferta.

— Se é assim, *io* aceito, mas... posso pedir algo a mais?

— O que quiser.

— Pode me dar essa terra no Sul do Brasil? — Cecilia pareceu hesitante, como se o questionamento, talvez, escondesse uma intenção oculta.

— Pode demorar alguns meses a mais, porém, acho que é possível, sim. Por que tão longe? — No mesmo instante que fez a pergunta, Francisco deduziu a resposta. Angelo deveria estar lá. Cecilia queria que o irmão cuidasse das terras. Uma situação inesperada. Francisco não havia cogitado essa possibilidade. Se isso acontecesse, fatalmente teria que rever o italiano. Não sabia se estava disposto a ter algum tipo de convivência com alguém que havia tentado matá-lo. Por outro lado, o dinheiro pertencia à família de Cecilia, se estivesse realmente disposto a ser justo precisaria superar as diferenças com Angelo. Talvez fosse melhor assim. Prover os meios para que

Angelo refizesse sua vida e construísse uma família. Isso colocaria um ponto final definitivo não apenas na situação do colar, mas também na fatídica morte do Sr. Antonio. — Angelo está no Sul, não é? — Francisco disse por fim.

— Giustina recebeu uma carta dele. Ele disse que estava indo para lá e que quando conseguisse juntar dinheiro, mandaria para ela ir embora também.

— Bem, se é isso que você quer, providenciarei.

— *Grazie*. Você é um homem maravilhoso.

— Eu sei — Francisco sorriu e deliberadamente fez sua melhor expressão de sedutor.

— Convencido — Cecilia deu-lhe um tapa no ombro que não havia sido ferido.

— Então, é assim que agradece? — Francisco puxou-a pela cintura e roubou-lhe um beijo. Ela não ofereceu resistência.



Capítulo

61

*“já não preciso nem dizer
o quanto eu me apaixonei
não, não me deixe mais
nunca me deixe
e vou dizer porque”*
(Inesquecível – Laura Pausini)

A festa de casamento aconteceu ao término da colheita de café. Arranjos de murtas e copos de leite haviam sido dispostos no altar da pequena capela da fazenda onde Francisco estava naquele momento. Ele andava de um lado para outro e, de vez em quando, tropeçava nas plantas, o que o deixava ainda mais irritado. Vez ou outra, o Sr. Luiz Eugênio, padrinho de casamento de Francisco, tentava inutilmente acalmá-lo.

— Contenha-se, homem. Vai acabar fazendo um buraco no piso de tanto

andar para lá e para cá.

— Por que ela está demorando tanto?

— Nunca ouviu dizer que as noivas sempre atrasam para chegarem ao casamento? Faz parte da tradição. — O Sr. Luiz Eugênio riu, mas Francisco continuou tenso.

Os poucos bancos da diminuta Igreja já haviam sido tomados pelos convidados, em sua maioria formada pelos italianos da colônia. Entre os assentos e no corredor, o burburinho ficava por conta das crianças que, incapazes de se conterem quietas, saltitavam feitos bezerros soltos no pasto.

— Ela já vem — Giustina, que havia ficado em casa para ajudar Cecília a se arrumar, apareceu na porta da capela e fez o anúncio.

Francisco se empertigou no altar. O suor escorria por debaixo dos seus braços ocultos pelo traje de gala. De repente, o colarinho do terno pareceu apertado demais. Ele engoliu em seco. Segundos depois, a música começou a tocar, e ela apareceu na porta da Igreja. O sol da manhã incidiu sobre seu vestido branco conferindo-lhe um aspecto resplandecente como se Cecília fosse uma criatura etérea que havia pousado ali quase que por um milagre. Ao lado dela, Eustaquio mantinha o peito inflado esforçando-se para parecer mais velho e mais alto.

Trajando vestidos lilases, duas simpáticas meninas baixinhas e rechonchudas caminharam na frente da noiva espalhando pétalas de rosas no trajeto. A música se alternou e, então, veio Cecília carregando um buquê de lírios e com uma coroa de flores do campo na cabeça que lhe dava um ar

angelical. Ela sorriu para Francisco e ele pensou que fosse morrer de felicidade.

Eustaquio cumprimentou-o antes de lhe entregar a irmã. Aos poucos, Francisco venciu a resistência de Eustaquio, que ainda se mostrava reticente em conviver de maneira mais próxima do cunhado.

Francisco beijou a mão de Cecília e ambos se viraram para o padre.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Caros irmãos... — O ministro começou e um filme também se iniciou na mente de Francisco. Desde o momento em que viu Cecília pela primeira vez até àquele instante. O jeito arredio com que ela o tratou, o modo como fugia dele, a maneira de sorrir quando estava feliz, a forma como erguia a sobrancelha direita quando estava irritada, mas, sobretudo, a maneira que ela se entregou a ele. Embora muitas mulheres tivessem passado pela cama de Francisco, Cecília foi a única com quem se sentiu verdadeiramente unido. Talvez o trecho do Evangelho: *“E os dois formarão uma só carne...”* fosse subestimado, afinal. Somente depois de Cecília, Francisco compreendeu que o verdadeiro significado de ser uma única carne era muito mais que um encontro de corpos, mas de almas que haviam sido criadas para ficarem juntas na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separassem nessa vida para uni-los em outra.

— Sim, eu aceito — Cecília disse quando o padre fez a clássica pergunta. Francisco colocou a aliança no dedo esquerdo da mão dela.

— Minha para sempre — ele sussurrou ao dar-lhe um beijo casto nos lábios.

— Meu, eternamente. — Ela moveu os lábios em resposta.



Epílogo

*“Ora e per sempre resterai
Dentro i miei occhi
Incancellabile!”*

(Incancellabile – Laura Pausini)

— Seu moleque, volte aqui! — A babá de Antonio passou correndo pela varanda tentando arrastá-lo para o banho.

Preocupado em apenas fugir da perseguição, o menino não olhou para frente e acabou batendo com tudo nas pernas de sua mãe. Atraída pelos gritos, Cecilia materializou-se na frente do filho.

— Desculpe, D. Cecilia, eu me distraí pegando o sabonete e ele escapou da tina. — a babá declarou um pouco ofegante.

Antonio encarou a mãe com os olhos miúdos e suplicantes. Estava sem

roupas e como o corpo parcialmente molhado.

— *Io* já tomei banho hoje, *mammà*.

— *Sì*, tomou. Mas depois disso, foi se meter no chiqueiro para ver a ninhada de leitões que acabaram de nascer, *non* foi?

— Mas...

— Sem discussão. Quer que seu *papà* chegue da capital e o encontre fedendo como um leitãozinho recém parido?

— *Non*. — O menino encolheu os ombros e, sem alternativa, seguiu a babá.

Eustaquio apareceu em seguida.

— Você tinha que emporcalhar o *mio* filho? — Cecilia tentou parecer irritada, mas suas palavras saíram de forma bem-humorada. Deu um beijo no rosto do irmão. E observou-o analisando as mudanças que, na visão dela, haviam sido rápidas demais. Eustaquio já tinha mais de dezoito anos, músculos vigorosos, estatura alta e uma voz grossa de tenor.

— Só estou fazendo *mio* papel de tio. *Non* quer que seu *bambino* cresça como esses “almofadinhas” da cidade, *non* é? Antonio tem que aprender a lidar com a terra e com os bichos. — Cecilia achou graça. Em seguida, ele perguntou — E Francisco? Que horas chega?

— A qualquer momento.

— Vou esperar por ele no pátio. Tenho que separar os livros de registros.

Cecilia assentiu e acomodou-se novamente na cadeira onde estava antes da algazarra do filho mais velho, Antonio. Abriu a carta que deixou ali e continuou a leitura. Era de Giustina. Havia chegado há dois dias, mas, só naquele momento, Cecilia teve oportunidade de lê-la. A segunda filha de Giustina havia acabado de completar três meses e Angelo se preparava para colher a primeira safra de uva da fazenda, cuja propriedade ele dividia com Cecilia. Giustina reclamou que o marido dava mais atenção para as uvas do que para ela. Um dia, ele chegou a dormir no parreiral. Cecilia divertiu-se muito ao imaginar a cena. Depois, respirou fundo agradecida por Angelo ter conseguido realizar o sonho: fazer a América. Pensou em Eustaquio que havia se tornado o braço direito de Francisco e, por fim, nela mesma. Havia se casado com o homem que amava e tinha três filhos lindos que só faziam aumentar sua felicidade. Às vezes pensava em seu pai, porém, agora, não existia mais culpa, apenas resignação.

O som dos cascos do cavalo trouxe-a de volta. Francisco tirou o chapéu da cabeça e acenou ainda da estrada. O coração de Cecilia deu uma cambalhota. Era assim todas as vezes que ele chegava de alguma viagem, mesmo as mais curtas.

Ele apeou do animal e subiu correndo as escadas. Coberto de poeira, dos pés à cabeça, abraçou-a e girou-a no ar parecendo não se importar em deixar manchas na roupa de Cecilia.

— O que foi? — Estranhou a euforia desmedida. — Conseguiu exportar nosso café?

— Sim e por um preço extraordinário. Foi ótimo ter guardado nossas sacas para a entressafra. O rateio com os colonos vai ser melhor do que esperávamos.

— Isso é maravilhoso!

— Sim, é, mas não é por isso que estou desse jeito...

— Ah, *non*? Então, qual é o motivo desse sorriso de *bambino* travesso no seu rosto.

— É porque posso fazer isso. — Ele a beijou com paixão e apertou-lhe o traseiro. Cecilia deu um leve sobressalto.

— As criadas!

— A maioria delas já me viu apertando seu traseiro e nunca disse nada.

— Devasso! Por isso elas ficam coradas quando chegam perto de você. O que devem imaginar, *Dio Santo*?

— Que somos apaixonados. — Francisco a abraçou e Cecilia sussurrou em seu ouvido:

— Sua para sempre.

— Seu, eternamente.